

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

Flávio Lins Rodrigues

TV Mariano Procópio:

Cariocas do brejo entrando no ar

Juiz de Fora

2010

Flávio Lins Rodrigues

TV Mariano Procópio:

Cariocas do brejo entrando no ar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Brandão de Faria

Juiz de Fora

2010

Flávio Lins Rodrigues

TV Mariano Procópio:

Cariocas do brejo entrando no ar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Aprovado em 05/04/2010

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Maria Cristina Brandão de Faria – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª. Dra. Christina Ferraz Musse
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª. Dra. Ana Paula Goulart Ribeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

A Deus, presença constante em todas as minhas buscas e projetos;

À minha querida mãe, Áurea, exemplo incansável de trabalho e de ternura, que sempre acreditou, colaborou e vibrou em todas as minhas empreitadas, a quem eu devo tudo;

Ao meu querido pai Francisco, que agora está no céu, pelo exemplo, incentivo e compreensão;

À minha irmã Fernanda, por acreditar nesta aventura;

Ao meu avô Isaac, operário que se empenhou na luta pela preservação da memória da cidade;

Aos meus queridos avós Gabriela, Tônico e Lilita, e tios Regina e Paulinho, que certamente estão vibrando com esta conquista;

A Maria Luiza, Maria da Conceição, Maria Tereza e José Kneip exemplos de preservação e respeito pela memória, que muito colaboraram para que eu me encantasse pela pesquisa histórica;

À minha orientadora, professora e amiga, Cristina Brandão, que acreditou neste trabalho e desde o início contribuiu, com extrema dedicação, para que ele se tornasse possível, sem jamais perder o ótimo humor;

À intelectual, professora e amiga, Christina Musse, exemplo de profissionalismo e amizade, que não permitiu que eu desistisse no meio caminho;

À professora Ana Paula Goulart Ribeiro, pela paciência e disponibilidade;

A minha grande amiga Aline Maia, exemplo de esforço e de conquista, que no transcurso do trabalho converteu-se em uma revisora cheia de atenção e de cuidado, a quem eu devo muito;

Ao amigo Chico Brinati, que com sua tranquilidade e bom senso dividiu comigo o estresse do mestrado;

A um dos grandes nomes do jornalismo brasileiro, que muito colaborou com este trabalho, Wilson Cid;

Às maiores jornalistas da cidade, Regina Gaio, Andréa Andrade, Rita Pena Cortes, Regina Campos e aquela que, tal qual um cometa, passou por aqui deixando um rastro brilhante, Ana Viana;

Aos amigos e pioneiros da televisão em Juiz de Fora: Jorge Couri, Mário Manzolilo de Moraes, Luiz Antônio Horta Colucci, Geraldo Magela Tavares, Rubens Furtado, Roberto Larcher, Renato Dias Filho, Décio Cataldi, José Carlos de Lery Guimarães, Sérgio Mendes; em Belo Horizonte: Víctor Purri Neto, Carlos Fabiano Braga (BH);

Aos geniais João Gonçalves Carriço e Olavo Bastos Freire, que realizaram as imagens mais importantes do século XX para Juiz de Fora;

Ao grande amigo e empresário da comunicação Josino Andrade de Aragão Filho e ao sempre gentil Geraldo Mendes;

À incansável Heliane Casarin, que zela atentamente pela memória da cidade;

À diretora da Faculdade de Comunicação Marise Mendes e ao professor Márcio Guerra, que colaboraram diretamente para que este sonho se tornasse realidade;

Aos grandes mestres Paulo Roberto Figueira Leal, Aluizio Ramos Trinta, Tereza Neves, Boanerges Lopes, Nilson Alvarenga, Wedencley Alves e Francisco Paoliello Pimenta;

À professora Iuska Coutinho, que com seu dinamismo e disposição ímpar, desde o curso de especialização fortaleceu em mim o desejo pela pesquisa;

À professora Cláudia Lahni, que com suas reflexões sobre direitos e cidadania, fomenta em nós o desejo, a prática e a luta pelo respeito a todos e a todas;

Ao amigo e intelectual Fernando Fábio Fiorese Furtado;

Aos funcionários da Faculdade de Comunicação Cida, Míriam, Rosane, Lúcia e Gilmar;

À amiga Ana Cristina, secretária da Pós-Graduação;

Às queridas colegas do mestrado Bianca Alvim e Livia Oliveira;

À amiga Camila Maia, pela colaboração;

A todos os colegas da TV Panorama, em especial aos técnicos Henrique Corbelli, Marciano Palmeira e Gilberto de Paula;

A todos que, de uma forma direta ou não, contribuíram para superar essa difícil etapa;

Muito obrigado!

PRECE DE MINEIRO NO RIO

*Espírito de Minas, me visita,
e sobre a confusão desta cidade,
onde voz e buzina se confundem,
lança teu claro raio ordenador.
Conserva em mim ao menos a metade
do que fui de nascença e a vida esgarça:
não quero ser um móvel num imóvel,
quero firme e discreto o meu amor,
meu gesto seja sempre natural,
mesmo brusco ou pesado, e só me punja
a saudade da pátria imaginária.
Essa mesma, não muito. Balançando
entre o real e o irreal, quero viver
como é de tua essência e nos segredas,
capaz de dedicar-me em corpo e alma,
sem apego servil ainda o mais brando.
Por vezes, emudeces. Não te sinto
a soprar da azulada serra
onde galopam sombras e memórias
de gente que, de humilde, era orgulhosa
e fazia da crosta mineral
um solo humano em seu despojamento.
Outras vezes te invocam, mas negando-te,
como se colhe e se espezinha a rosa.
os que zombam de ti não te conhecem
a força com que, esquivo, te retrais
e mais límpido quedas, como ausente,
quanto mais te penetra a realidade.
Desprendido de imagens que se rompem
a um capricho dos deuses, tu regressas
ao que, fora do tempo, é tempo infindo,
no secreto semblante da verdade.*

*Espírito mineiro, circunspecto
talvez, mas encerrando uma partícula
de fogo embriagador, que lavra súbito,
e, se cabe, a ser doidos nos inclinas:
não me fujas no Rio de Janeiro,
como a nuvem se afasta e a ave se alonga,
mas abre um pouquinho ante meus olhos
que a teu profundo mar conduza, Minas,
Minas além do som. Minas Gerais.*

*ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade.
Prece de Mineiro no Rio. In: **Obra completa**.
Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.*

RESUMO

Esta pesquisa analisa como Juiz de Fora e os juizforanos foram retratados na produção jornalística da TV Mariano Procópio (afiliada dos Diários Associados na cidade) veiculada pela TV Tupi do Rio de Janeiro. Além de traçar um histórico da primeira emissora de TV do interior na América Latina, a partir de informações em jornais, revistas, livros e história oral, aborda especialmente o material jornalístico produzido entre 1966 e 1968, do qual só existem vestígios. As reportagens deste período foram elaboradas por uma equipe de telejornalismo na cidade e enviadas para o Rio de Janeiro, de onde eram veiculadas, para o estado do Rio e parte de Minas Gerais. O trabalho realiza investigação documental e entrevistas com profissionais pioneiros na televisão em Minas, propondo um resgate da memória audiovisual de Juiz de Fora e o reconhecimento do papel da TV Mariano Procópio na formação da identidade do chamado “carioca do brejo”.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Identidade. Televisão. TV Mariano Procópio. Juiz de Fora.

ABSTRACT

This research examines how the Juiz de Fora citizens and their city were featured in the news production of TV Mariano Procopio (subsidiary of Diários Associados in Juiz de Fora - MG) conveyed by TV Tupi in Rio de Janeiro. Besides tracing a historical path of the first television station in the interior of Latin America, from information in newspapers, magazines, books and oral history, our discussion will be centered in the journalistic material produced between 1966 and 1968, of which there are only traces. The reports from this period were prepared by a team of television journalism in the city and sent to Rio de Janeiro city, from where they were conveyed to Rio de Janeiro state and parts of Minas Gerais. The work carried out documental research and interviews with pioneers of professional television in Minas, proposing a rescue of the audiovisual memory of Juiz de Fora and a recognition of the role of TV Mariano Procopio on identity formation of the so called "Carioca of the swamp."

KEYWORDS: Communication. Identity. Television. TV Mariano Procopio. Juiz de Fora.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MEIOS DE COMUNICAÇÃO, IDENTIDADE E HISTÓRIA	17
2.1 IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO	18
2.2 O CARIOCA DO BREJO E SUA HISTORICIDADE	23
2.2.1 O Rio de Janeiro	24
2.3 O SURGIMENTO DA CIDADE DOS PÂNTANOS NO CONTEXTO DO BARROCO MINEIRO	31
2.4 PROXIMIDADES GEOGRÁFICAS E CULTURAIS	38
2.5 A RUPTURA COM A MINEIRIDADE	43
3 TELEVISÃO ENQUANTO MODO DE OPERACIONALIZAÇÃO	50
3.1 A CONSTRUÇÃO DE UMA REDE	51
3.2 A LUTA PIONEIRA DA TUPI	54
3.2.1 TV Tupi – O empreendimento	56
3.3 A EXPANSÃO DAS AFILIADAS	61
3.3.1 A TV Itacolomi – Um braço das Associadas	70
4 A TELEVISÃO CHEGA A JUIZ DE FORA	80
4.1 A SOCIEDADE JUIZFORANA NOS ANOS 1960	82
4.2 A ORIGEM – UM TEMPO DE AMOR E ENTUSIASMO	90
4.2.1 As experiências da TV Continental	99
4.2.2 TV Mariano Procópio – Os primeiros passos	102
4.2.3 As primeiras negociações para o canal	103
4.2.4 A luta pela legalização da emissora	106
5 TV MARIANO PROCÓPIO	110
5.1 A PRODUÇÃO LOCAL – DA GRAVAÇÃO À VEICULAÇÃO	110
5.1.1 O primeiro programa – Boa Vizinhança	112
5.1.2 O primeiro telejornal da cidade	115
5.1.3 Os programas episódicos	120
5.1.4 Filmando Juiz de Fora	125
5.2 FIM DA EMISSORA – UMA ILUSÃO PERDIDA NO AR	130
6 ANÁLISE FÍLMICA	133
6.1 FILME NÚMERO UM – CARNAVAL DE 1968	136

6.2 FILME NÚMERO DOIS – ESPECIAL INDÚSTRIA E COMÉRCIO	138
6.3 FILME NÚMERO TRÊS – ESPECIAL INDÚSTRIA E COMÉRCIO	140
6.4 FILME NÚMERO QUATRO – ESPECIAL INDÚSTRIA E COMÉRCIO	142
6.5 FILME NÚMERO CINCO – ESPECIAL INDÚSTRIA E COMÉRCIO	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS	150
ANEXOS	161

1 INTRODUÇÃO

O jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, mais conhecido como Assis Chateaubriand, foi pioneiro em inúmeras frentes. Introduziu novas espécies bovinas no país, lutou pela multiplicação dos aeroclubes e teve participação fundamental na formação do Museu de Arte de São Paulo, uma das principais instituições culturais brasileiras. Mas através do seu império jornalístico, iniciado em 1924 com a compra de O Jornal no Rio de Janeiro, o conglomerado Diários Associados – composto de agência de notícias, jornais, revistas e emissoras de rádio e TV espalhadas por todo o país – criou janelas para que as pessoas pudessem conhecer outros mundos. Se Chateaubriand utilizou métodos pouco ortodoxos para montar as suas empresas movido por interesses diversos, também o fez para dar visibilidade internacional e interferir no destino político e econômico do Brasil. O empreendedor visionário, logo que foi apresentado à tecnologia televisiva, percebeu que ali se abriam inúmeras possibilidades para a mercadoria preciosa com que se ocupava, a informação. A partir daí se empenhou em trazer a novidade para o Brasil.

A emissora de televisão criada pelo jornalista em 1950, que recebeu o nome de TV Tupi, foi extinta trinta anos depois sem usufruir dos avanços tecnológicos que possibilitaram a outros canais se constituírem grandes redes de comunicação com penetração internacional, ainda no transcurso do século XX. Mas a televisão, que se estabeleceu inicialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, foi levada também ao interior do país.

Em função das limitações técnicas, funcionando cada um como uma empresa independente, estes canais, como as emissoras de Rio e São Paulo, enfrentaram dificuldades durante a maior parte do tempo, pois mesmo antes da morte de Chateaubriand, em 1968, a administração do grupo foi tumultuada e sujeita a sobressaltos, motivados por crises financeiras, políticas, interesses e vaidades, o que não impediu a realização de programas de TV de grande sucesso.

Artesanais, improvisadas, experimentais, todos estes adjetivos cabem quando falamos da televisão feita à *Chateaubriand* nos anos 1950 e 1960. O sonho do jornalista de unir o país em rede não se torna realidade, mas graças a ele floresceram experiências únicas de televisão, como aconteceu em Juiz de Fora.

Acreditamos que o prestígio que Juiz de Fora ainda possuía – por ter sido o porto seco por onde passaram o ouro e o café em direção a capital do Império, e a terceira cidade mais industrializada do Brasil na passagem do século XIX para o XX – colaborou para que o

município se tornasse sede de quatro empresas dos Diários Associados: a Rádio PRB-3, os Diários Mercantil e da Tarde e a TV Mariano Procópio que, entre 1966 e 1967, produzia filmes e eslaides na cidade e enviava para serem exibidos pela TV Tupi do Rio de Janeiro para todo o Estado e parte de Minas Gerais.

Em nosso trabalho objetivamos analisar como o juizforano e a cidade foram retratados na produção jornalística da TV Mariano Procópio, e como esta representação reforçou a identidade de um mineiro atípico, ou “de fronteira”, apelidado de carioca do brejo. Partimos da concepção de um juizforano que, à época, já se identificava com o estilo de vida dos moradores do Rio de Janeiro, estilo este idealizado na cidade mineira a partir do convívio com o cosmopolitismo carioca. Nossa questão é entender se e de que forma as imagens de televisão podem interferir no complexo processo de construção e manutenção das identidades, em um período que este veículo de comunicação estava ainda em processo de popularização.

Hoje, certos do grande impacto da televisão no cotidiano das pessoas, sabendo que é por meio da TV, principalmente, que a população toma ciência do mundo que a cerca, verificamos que a televisão pode modificar hábitos e inserir uma nova forma de organizar e de pensar a sociedade. Assim, a partir desta relevância que a televisão assume nas três décadas que sucederam à Segunda Guerra Mundial, optamos pelo estudo da TV Mariano Procópio, que surgida neste contexto e ainda não devidamente pesquisada, chama nossa atenção por ter sido a primeira emissora de televisão do interior da América Latina, embora pela falta de registros precisos, a TV Bauru do interior de São Paulo também tome para si o título.

Para o filósofo Pierre Bourdieu, “por intermédio dos sistemas simbólicos, um grupo assegura a dominação sobre o outro” (1989, p.11), desta forma, Juiz de Fora ter sido escolhida pelos Associados como a primeira cidade do interior do país a possuir uma emissora de televisão, chama a nossa atenção para as possibilidades que se abriram e se extinguíram, já que foi ampliada, a partir do sinal da TV Tupi do Rio de Janeiro que chegava à cidade, a oferta de outros modelos identitários possíveis.

No capítulo dois fazemos uma abordagem sobre os meios de comunicação e sua relação com identidade. Traçamos ainda o contexto sociocultural do Rio de Janeiro e sua influência em Juiz de Fora, principalmente nos séculos XIX e XX. Julgamos necessário tal resgate histórico para ilustrar a relação entre a cidade carioca e a mineira. Buscamos indícios do momento em que ocorreu o rompimento com a mineiridade e o surgimento do carioca do brejo.

A chegada da televisão ao país e a instalação da pioneira Tupi são analisadas no capítulo três. Verificamos as dificuldades enfrentadas pelos Diários Associados para instalar

as emissoras e as características peculiares que assumem as primeiras estações no país, em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, que desde o início travaram uma batalha simbólica, onde as realidades mediadas pela televisão ampliavam a capitalidade (AZEVEDO, 2002, p.45) da cidade carioca.

Contextualizamos no capítulo quatro o período em que surge a TV Mariano Procópio em Juiz de Fora. Além dos livros que contam a história da cidade, os depoimentos foram fundamentais para que pudéssemos reconstruir o mosaico cultural e político que envolveu a instalação da TV Associada no município. Neste momento de nossa pesquisa, colhemos e tivemos acesso a depoimentos com histórias inéditas de pioneiros das transmissões de televisão e a notícias publicadas em periódicos, especialmente anúncios e notas em colunas sociais, que até então não haviam sido analisados em outros trabalhos, mas que somadas aos depoimentos possibilitaram que obtivéssemos um retrato da sociedade juizforana e das empresas Associadas nos anos 1960 em Juiz de Fora.

Para a redação do capítulo cinco, além de pesquisa bibliográfica, reunimos um grande número de periódicos onde são feitas referências à TV Tupi do Rio de Janeiro. Assim, colaboramos com a construção desta página da história da televisão brasileira, ainda pouca explorada, já que as pesquisas sobre o tema são escassas. Verificamos que os silêncios que existem sobre a emissora carioca também ocorrem quando tratamos da TV Mariano Procópio. Nesta etapa da pesquisa ainda abordamos os programas produzidos pela emissora em Juiz de Fora, especialmente os veiculados pela TV Tupi do Rio.

Quando nos aproximávamos da conclusão desta dissertação, cujo levantamento fora iniciado anos antes, tivemos acesso a fragmentos de filmes que restaram de reportagens produzidas pela TV Mariano Procópio, o que ensejou a análise que realizamos no capítulo seis. Já não acreditávamos mais que fosse possível encontrar fragmentos desta programação, pois os arquivos de audiovisual do país não têm qualquer registro da produção da TV de Juiz de Fora. Assim, acreditamos que a análise dos fragmentos filmicos, que realizamos neste capítulo, passa a ser um dos registros mais importantes sobre a história da televisão Associada no interior do país.

A observação de trechos dos programas da TV Mariano Procópio possibilitou-nos comprovar a tentativa de aproximação entre as sociedades juizforana e carioca. A retratação da cidade mineira e de seu povo revela-se um ensaio para a reprodução do que seria o estilo vida carioca. Neste cenário introduzimos a reflexão sobre os meios de comunicação na construção e manutenção de uma identidade: a do carioca do brejo. O resultado desta análise corrobora para o pressuposto de que o sentido que damos à nossa experiência e àquilo que

somos parte dos significados que produzimos através das representações, como aquelas que começaram a ser ofertadas pela televisão.

Na conclusão, verificamos que as representações elaboradas pela TV Mariano Procópio – mais que fazer a marcação da diferença entre o que era ser juizforano, mineiro ou carioca – fomentaram uma produção filmica original. As reportagens feitas na época serviram como suporte para a manifestação da identidade híbrida dos moradores de Juiz de Fora, estabelecida desde o início da formação do núcleo urbano. A primeira emissora de televisão da cidade transformou-se na plataforma ideal para mostrar o espaço e as identidades idealizadas naquele período, ainda que a partir da narrativa dos Diários Associados.

Acreditamos que as imagens nunca foram gratuitas e nem estiveram sozinhas. Desta forma, o estudo dos programas da TV Mariano Procópio, exibidos pela TV Tupi, mais que analisar o papel que exerceu o novo veículo de comunicação nos anos 1960, amplia as possibilidades para que possamos compreender as características que marcaram o imaginário da sociedade juizforana neste contexto, elaborado também a partir de imagens de televisão.

2 MEIOS DE COMUNICAÇÃO, IDENTIDADE E HISTÓRIA

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida. O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos pelos outros.

Craig Calhoun, 1994.

Estudar a história de um meio de comunicação não é apenas refazer a trajetória institucional de um veículo. A partir dos vestígios que restaram, estejam eles em quaisquer suportes, ou ainda, se não existindo sinais materiais do passado, que tenhamos que recorrer à frágil memória dos pioneiros, vale a pena. Mesmo que estas lembranças estejam maculadas pelas memórias do próprio narrador, cremos que este fato só enriquecerá a pesquisa. Sabemos que não é possível narrar a realidade sem interpretá-la pelo nosso ponto de vista encharcado de informações. Ainda assim, acreditamos que vale a pena.

Poderosos difusores de ideias e imagens, os meios de comunicação exercem papel fundamental no desenvolvimento de orientações culturais, na fabricação de sentidos atribuídos aos indivíduos, bem como na criação de visões de mundo e identidades. Cada vez mais presentes entre os seres humanos, consolidam-se como mediadores da realidade.

Sendo assim, nos indagamos: o que é identidade? Qual o papel da mídia, especificamente da televisão – e do material jornalístico – na construção identitária dos indivíduos? É a partir destes questionamentos que buscamos construir uma reflexão, neste capítulo.

Nosso ponto de partida é uma revisão bibliográfica sobre identidade e mídia. Em sequência, refletiremos sobre a construção identitária do juizforano e abordaremos, neste contexto, a historicidade do carioca do brejo (maneira pejorativa como os mineiros do interior chamavam os moradores de Juiz de Fora), as origens do município de Juiz de Fora e as proximidades geográficas e culturais com o Rio de Janeiro. Fecharemos com uma explanação sobre o rompimento dos juizforanos com a mineiridade, especificamente em que momento este teria ocorrido e sob quais motivações.

Percorrer tal caminho de pesquisa justifica-se no objetivo desta dissertação: partindo de vestígios da extinta TV Mariano Procópio, historiografar a criação e produção de seu material telejornalístico, veiculado pela emissora líder de audiência no Rio de Janeiro.

Concebemos a hipótese de que estas primeiras aparições do juizforano, em cenas nos telejornais e programas da TV Tupi do Rio de Janeiro, reforçaram a identidade de um mineiro atípico, ou “de fronteira”, e seu pertencimento a uma cidade que ultrapassava a simples limitação geográfica ou territorial de Minas, mas se estendia até o mar.

Ao tratarmos das influências produzidas pela TV Mariano Procópio na cidade e fora dela, acreditamos que possuímos uma oportunidade singular de verificar a participação de um veículo de comunicação nas construções e conformações identitárias ainda no nascimento da TV no país, com a peculiaridade de este sinal ter ultrapassado as fronteiras de Minas.

2.1 IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO

Para Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004), identidade seriam “os caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc.”, segundo o dicionário Houaiss (2006), temos “conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa e graças às quais é possível individualizá-la”, já o Michaelis (2007) acrescenta: “consciência que uma pessoa tem de si mesma”. Estes dicionários têm em comum que o conjunto de caracteres próprios e exclusivos das coisas e pessoas constituiria a sua identidade. Conceituando de maneira simples e objetiva, podemos considerar identidade como aquilo que se é (jovem/velho, branco/negro, brasileiro/estrangeiro, pobre/rico). Mas diante da complexidade do sujeito, facilmente observamos que o conceito de identidade é muito mais amplo.

Etimologicamente, segundo o pesquisador Aluizio Ramos Trinta, há uma menção à identidade na língua grega antiga, *tautóteta*, designando algo autorreferente, relativo a si próprio, algo que a si mesmo remete. A alusão a esta afirmação da diferença dava-se o nome de *ídiós* (próprio de, semelhante), donde surgem os substantivos *idiotés* (propriedade ou natureza particular de alguém; característica inerente a alguém); *idiosis* (especificação, individuação); *idiosincrasia* (temperamento próprio a cada um). Na Idade Média *identitas*, derivada do latim *idem* (o mesmo; a mesma coisa), vai servir à tradução do grego *tautóteta* (TRINTA, 2009).

Estas definições estão corretas, mas dão uma ideia de conclusão, de fechamento do conceito. O que não cabe quando falamos modernamente de identidade e da *crise de identidade*, tema de discussão nos mais diversos meios de comunicação e na academia, sendo

abordada como parte de um processo de mudança que estaria modificando a estrutura da sociedade moderna e abalando o referencial que daria ao sujeito a base para se reconhecer como parte de um universo social. O filósofo Jünger Habermas (1982) destaca que a modernidade carrega consigo o ônus do desmoronamento da razão, e, com ela, a crise do sujeito.

Para Stuart Hall (2000, p.112), as identidades são posições que o sujeito é obrigado a assumir na interação com o outro, sabendo sempre que elas são representações fabricadas por meio da marcação da diferença, que ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por formas de exclusão social, a identidade para existir depende da diferença. As identidades adquirem sentidos através da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. Para que uma identidade exista, torna-se fundamental a marcação da diferença em relação ao outro. Uma afirmação de que se *é* faz parte de uma longa cadeia de negações.

Na pós-modernidade – apresentada como modernidade líquida por Bauman (2005) – a decadência de instituições sociais que até então se prestavam como referência para a construção da sociedade provoca o que Woodward (2000) intitula de crise da identidade. Paisagens culturais de classe, gênero e etnia, que no passado forneciam os alicerces para a localização dos indivíduos, estão sendo fragmentadas. A identidade do sujeito pós-moderno já não é mais taxada como fixa ou permanente, como acontecia no Iluminismo.

Passa-se a compreender que o indivíduo pode assumir diferentes posições, conforme o papel que está representando, gerando um processo de identificação que não é automático, mas pode ser ganho ou perdido ao longo de sua trajetória. A complexidade da vida cotidiana, atravessada pela globalização que encurta distâncias e conecta comunidades em novas estruturas de espaço-tempo, impõe que assumamos distintas identidades que podem ser conflitantes entre si. Posicionamo-nos frente ao outro de acordo com as expectativas lançadas sobre nós. Neste contexto, temos novas construções identitárias que “flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta”. Existe uma ampla probabilidade de desentendimento, “e o resultado da negociação permanece eternamente pendente” (BAUMAN, 2005, p.19).

Identidade e diferença são, portanto, criações culturais e sociais, muito dependentes da representação e por meio da qual passam a existir, adquirir sentido.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por

meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2000, p.17).

Mas estes processos de representação atuam em dois sentidos: o de fixar e estabilizar as identidades e o de subvertê-las e desestabilizá-las.

Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis (WOODWARD, 2000, p.18-19).

Nos anos 1960, período em que investigaremos a identidade do juizforano representado na TV Mariano Procópio, a família, a escola e a igreja dividiam ainda sozinhas a responsabilidade pela formação dos indivíduos, mas os meios de comunicação, jornais, revistas, cinema e o rádio já haviam começado a ofertar outras identidades possíveis.

Não existiam ainda redes de comunicação alcançando todo o país, mas havia os Diários Associados, com suas empresas presentes em várias cidades brasileiras, que segundo Renato Ortiz (1988), não constituíam uma rede, devido às limitações técnicas, conforme analisaremos no capítulo três. Não era possível se falar em indústria cultural no país, a homogeneização do pensamento das mais diversas camadas da população era ainda um projeto no Brasil.

Segundo a pesquisadora Aline Maia (2009), o Estado ainda significava o elemento de unidade nacional – tinha um passado compartilhado por seus indivíduos – definia, classificava e segregava tradições e modos de vida, por exemplo. Uma vez nascido em determinado país, o indivíduo recebia a identidade daquela nação. A “ficção da natividade do conhecimento” era o instrumento de coerção dos indivíduos e a noção de identidade era agonística, prolongando o pertencimento devido à ameaça da exclusão. Assim o Estado controlava as identidades (p.15-16).

Acreditamos que a TV Mariano Procópio, que surgiu nos anos 1960, atuou construindo e conformando identidades, mesmo inserida num contexto de limitações técnicas para a televisão. O então novo veículo de comunicação aos poucos chegava aos lares juizforanos e a partir de 1970 já se consolidava como um poderoso colaborador do intrincado processo de construção identitária dos sujeitos, fabricando em grande escala modelos para projeção e pronta identificação (MAIA, 2009).

Concordamos com o escritor Manuel Castells (1999) que a construção das identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e

reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Além de elencar os elementos que participam da elaboração das identidades, o autor enumera três formas de construção de identidades, que consideramos ser relevantes em nosso trabalho. Para Castells, as identidades seriam construídas como de projeto, de resistência e legitimadoras, podendo transitar entre estas categorias, como acreditamos que aconteceu em Juiz de Fora. Localidade onde surgiu um perfil identitário que teria se valido da resistência – como trincheira – para não se enquadrar no perfil dominante da mineiridade, se legitimando a partir da dominação política e cultural oriunda do Rio de Janeiro e se tornado um projeto ao se redefinir, a partir do material cultural disponível.

Para a pesquisadora Lúcia Santaella (2001), os meios de comunicação têm suas implicações sócio-antropológicas, a dimensão da cultura, na qual os meios encontram uma lógica de desenvolvimento que lhes é própria, mas ao mesmo tempo inseparável das injunções culturais.

Quaisquer mídias, em função dos processos de comunicação que propiciam, são inseparáveis das formas de socialização e cultura que são capazes de criar, de modo que o advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio e que fica impregnado de todas as contradições que caracterizam o modo de produção econômica e as consequentes injunções políticas em que um tal ciclo cultural toma corpo (SANTAELLA, 2003, p.64).

Investigamos o material jornalístico produzido pela TV Mariano Procópio nos anos 1960, valendo-nos de fragmentos¹ encontrados em jornais, revistas e depoimentos orais, dos pioneiros da televisão na cidade e nos debruçamos sobre as representações construídas pela emissora.

Ao pesquisarmos essas representações elaboradas pela emissora juizforana, encontramos no trabalho dos pesquisadores de João Freire Filho e Paulo Vaz (2006) referências sobre a matéria-prima a partir da qual os indivíduos pensam sobre si mesmos e o mundo que, segundo os autores, é formada através das representações midiáticas de indivíduos, grupos, instituições e acontecimentos. Passamos parte de nossas vidas imaginando o que podemos ser, sonhamos com um estado de ser individual e coletivo. Acreditamos, portanto, como esses autores, que os meios de comunicação no país, mesmo incipientes, já eram capazes de fornecer descrições daquilo que era conveniente em termos de personalidade, aparência, conduta moral e cívica, postura política, relacionamento afetivo e comportamento sexual.

¹ O material jornalístico feito pela TV Mariano Procópio foi, segundo Jorge Couri (2007), produzido em película e eslaides, tendo sido perdido em função do descaso com história das Associadas.

Modelos e recursos simbólicos a partir dos quais o público pode construir o seu senso do que significa ser, neste exato momento, “moderno”, “civilizado”, “cidadão”, “vitorioso”, “responsável”, “belo”, “atraente”... A avaliação que os indivíduos fazem de si mesmos e de seus interesses, sob o influxo crescente dos referenciais midiáticos, interfere substancialmente, por sua vez, nas demandas políticas que expressam ou deixam de pleitear, com consequências bastante concretas no tocante à distribuição de riquezas, prestígio e oportunidades de educação, emprego e participação na vida pública (FREIRE FILHO, 2006, p.8).

Os discursos produzidos pela mídia configuram-se como instância de saber sobre o sujeito, construindo os lugares a partir dos quais nos posicionamos como indivíduos e podemos falar. A TV Mariano Procópio, com textos, imagens e escolhas, feitos por juizforanos, não poderia interferir no imaginário dos telespectadores, espelhando a cultura e o perfil identitário da cidade, que se reconheceu no veículo?

Reforçando a proposta de nossa pesquisa utilizamos também as ideias do pesquisador Douglas Kellner (2001), para quem a cultura da mídia, sobretudo as mensagens televisivas, coloca à disposição do público, imagens e figuras com as quais os indivíduos possam identificar-se. Assim, a televisão exerceria efeitos socializantes e culturais por meio de seus modelos, papéis e “posições de sujeito” que valorizam certas formas de comportamento no lugar de outras. Por isso, é relevante o estudo sobre a cultura da mídia para a compreensão de comportamentos e valores de determinada sociedade.

A representação de Juiz de Fora na tevê era fundamental para a construção da imagem da própria emissora, na luta pela garantia de uma concessão governamental. Procurava-se, então, seduzir os anunciantes, patrocinadores e o público, além de conquistar possíveis acionistas e consolidar o sonho de Chateaubriand, anexando uma emissora na cidade às suas Associadas, antes que outro o fizesse.

O viés histórico, que permeia toda a nossa pesquisa, encontra fundamento ainda nos textos da historiadora Marialva Carlos Barbosa (2007). Para a pesquisadora, não se trata apenas de dizer que a mídia pode determinar “como pensar ou sobre o que pensar”, mas por que isso acontece em um espaço social considerado com determinadas especificidades – Juiz de Fora, cidade próxima ao Rio de Janeiro – que difere fundamentalmente do que ocorre em outro espaço – Belo Horizonte, interior do estado – por exemplo. A estudiosa destaca como razão para a importância da aproximação dos estudos de jornalismo da teoria da história, o fato de tanto o produto da história como o do jornalismo, em certo sentido, serem os mesmos: a narrativa, pois o Jornalismo e a História contam histórias. Os meios de comunicação ao classificarem o mundo para o público, selecionando e ordenando a realidade social, se tornam, segundo Barbosa, “senhores da memória” da sociedade (BARBOSA, 2007, p.133).

E por que a memória é importante? Segundo o pesquisador José Antônio Martinuzzo (2008), por ser a principal referência para a constituição de nossa identidade, tomando-se identidade como o autoconhecimento e a diferenciação em relação ao outro, a memória é o que nos dá elementos para nos conhecermos e demarcarmos nossas peculiaridades no mundo, individual e coletivamente, para o autor, “identidade é memória em ato”.

O historiador Jacques Le Goff afirma que a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, “cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (1992, p.476). Já Pollak (1992) por sua vez, vincula memória a identidade, sendo que esta se estabelece acerca de três elementos fundamentais: o lugar, o tempo e a percepção de coerência dos elementos que formam o indivíduo. Ou seja, de pronto, parece-nos que identidade liga-se, em essência, à memória e, como esta, seja um dado histórico, datado e socialmente estabelecido, de maneira dinâmica e sempre aberta.

2.2 O *CARIOCA DO BREJO* E SUA HISTORICIDADE

Os moradores de Juiz de Fora, desde o alvorecer do século XX, foram chamados, pelos mineiros do interior do estado, de *cariocas do brejo*. O fato de Juiz de Fora não querer ser mineira² e se identificar mais com o espírito da cidade do Rio de Janeiro, distanciou o município da Minas barroca.

A fim de compreendermos a identidade híbrida do carioca do brejo e os elementos que atuaram na sua formação, estudaremos inicialmente o capital simbólico existente nas palavras que compõem o termo carioca do brejo.

Na verificação do sentido que carrega a palavra carioca, analisaremos como era a cidade do Rio de Janeiro e o que representava ser carioca, na passagem do século XIX para o XX. Além disso, verificaremos também que brejo era este, capaz de dar nome à jovem cidade industrial.

Torna-se necessária, portanto, uma imersão no contexto da passagem do século XIX, onde encontramos as cidades do Rio de Janeiro e Juiz de Fora em ebulição econômica,

² Segundo a pesquisadora da UFJF Maraliz Christo, Juiz de Fora não participou da cultura colonial mineira, tendo se caracterizado por um forte anti-barroquismo, como forma de vida (CHRISTO, 1994, p.10).

cultural e social, compartilhando grandes transformações. A *Manchester Mineira*³ descolava-se do tecido social mineiro.

2.2.1 O Rio de Janeiro

*Cariocas são bonitos
Cariocas são bacanas
[...] Cariocas são modernos
Adriana Calcanhoto, 1994*

Juiz de Fora fica a 180 km da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que foi fundada em 1º de março de 1565 por Estácio de Sá. A região que a localidade ocupa hoje foi descoberta no dia 1º de *janeiro* de 1502, por um navio português comandado por Gaspar de Lemos. O navegador, acreditando ter chegado naquela data à desembocadura de um grande rio, batizou a baía com o nome de *Rio de Janeiro*.

Segundo o pesquisador Francisco Rodrigues Júnior (2008), no século XVI foi construída uma casa de pedra na selvagem baía da Guanabara ao lado de um rio que desaguava no mar. Embora não se tenha certeza se foi edificada pelo navegador Gonçalo Coelho na segunda missão exploradora da costa do Brasil, em 1503, ou por Martim Afonso de Souza, em 1531, este lugar passou a ser chamado pelos índios de *kari oca*, que na língua indígena quer dizer “casa de branco”. O termo criado pelos tamoios, naturais da terra, deu nome ao rio e aos nascidos na cidade do Rio de Janeiro, os *cariocas* (RODRIGUES JÚNIOR, 2008).

A visão dos europeus que chegaram em terras brasileiras e que até hoje marca fortemente o imaginário nacional é a da descoberta do paraíso, ou de se estar muito próximo dele. É farta a documentação registrando a visão edênica destes desbravadores. Desde a carta escrita pelo escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, Pero Vaz de Caminha, até os escritos de outros cronistas dos séculos seguintes, fica claro o encantamento exercido pela natureza do novo território. Em 1792, o viajante Lorde Macartney chamou atenção para a importância que a natureza do Rio de Janeiro tinha e que viria a ter para o processo de colonização e desenvolvimento da região.

³ A cidade de Juiz de Fora chegou a ser chamada de Manchester Mineira devido à pujança da sua indústria no final do século XIX e pelo fato de suas fábricas possuírem as fachadas feitas com tijolos aparentes, como as da cidade de Manchester, na Inglaterra (OLIVEIRA, 1952, p.209).

Independentemente do destino que o Rio de Janeiro venha a ter, graças à natureza, essa cidade será sempre digna de atenção. Pode se dizer que os seus contornos estão fortemente desenhados. Seu porto, suas montanhas, seus bosques e seus rochedos são grandes e majestosos. Suas produções crescem com vigor e a frescura da juventude, nada aí é pobre, árido ou decadente (FRANÇA, 1999, p.211).

O Rio de Janeiro se desenvolveu, mas a natureza esteve sempre presente na organização do espaço. Durante a colonização, ao lado da beleza de sua paisagem, a população convivía com grandes dificuldades para drenar os pântanos, conseguir água potável e encontrar caminhos para o interior do estado. Vencer a serra, para que se criassem caminhos até o ouro das minas, era um grande desafio.

No fim do século XVII e início do século XVIII, a descoberta de metais, especialmente ouro, em Minas Gerais, fez com que o Rio de Janeiro se transformasse numa ponte entre as Minas e a Europa. Graças também ao ouro e ao consequente desenvolvimento que atinge a região sudeste, em 1776 o Marquês de Pombal eleva a cidade a sede do Vice-Reino do Brasil e capital da colônia. Segundo o pesquisador André Nunes Azevedo (2002), a função portuária do Rio de Janeiro aumenta proporcionalmente à reafirmação do seu status hegemônico. Para o autor, a cidade não possuía apenas o título de capital, mas também capitalidade:

A capitalidade é um fenômeno urbano que se caracteriza pela constituição de uma certa esfera simbólica originada de uma maior abertura às novas ideias por parte de uma determinada cidade, que confere a esta um maior cosmopolitismo relativo às suas congêneres e uma maior capacidade de operar sínteses a partir das diversas idéias que recepciona. Este conjunto simbólico que se desenvolve nas vicissitudes das experiências históricas vividas por esta urbe, identifica a cidade como espaço de consagração dos acontecimentos políticos e culturais de uma região ou país, tornando-a uma referência para as demais cidades e regiões que recebem a sua influência. Esta esfera simbólica evolui, sendo redimensionada ao sorver novas experiências, constituídas e constituidoras da tradição da urbe (AZEVEDO, 2002, p.45).

Mas a região só vai passar por reformas urbanas expressivas com a chegada da família real portuguesa em 1808, que fugia da ameaça do imperador Napoleão Bonaparte de invadir Portugal.

A partir daí, a cidade tornou-se a capital do império português e foi influenciada não somente pelas mudanças⁴ ocorridas devido à chegada da Família Real, mas também pela presença de artistas europeus que foram contratados para registrar a sociedade e a natureza brasileiras. Os hábitos culturais se modificavam, uma vez que era necessário satisfazer a

⁴ Dentre as transformações ocorridas com a chegada da Família Real destacamos a abertura dos portos às nações amigas e a criação da Biblioteca Nacional, do Jardim Botânico, do Teatro São João (atual João Caetano), da Imprensa Nacional, do Museu Nacional, da Escola Real de Ciências Artes e Ofícios e do Banco do Brasil.

demanda de uma aristocracia que valorizava muito a cultura europeia. Segundo a professora Kirsten Schultz:

[...] a transferência da corte enfraquecia a dicotomia de metrópole/colônia e, portanto, a transformação do Rio de Janeiro em uma corte real obrigatoriamente pressupunha uma *marginalização da estética e das práticas que não conseguissem refletir esta mudança*. Foi uma tarefa que antecipou o paradoxo da América Latina pós-independência. Não mais ser colônia significava abraçar um projeto colonial: “civilizar” (SCHULTZ, 2007, p.7, grifo nosso).

A cidade do Rio de Janeiro, adquirindo um novo status como capital do Império Português, projeta-se internacionalmente, abrindo possibilidade de contato com os cinco continentes. Além dos fatores externos, D. João dota a cidade de uma nova significação ajustando-a à presença da corte e dando início a novas instituições, sobretudo culturais, como a Biblioteca Nacional, a Imprensa Régia e o Jardim Botânico. Neste período, chama a nossa atenção o que podemos considerar como a primeira tentativa de inserção de hábitos e ideais europeus de civilização no país, já que nos primeiros anos da chegada dos portugueses objetivava-se apenas o domínio e a exploração.

Com o fim do ciclo do ouro, a lavoura cafeeira torna-se responsável pela prosperidade da região fluminense, surgem novos centros urbanos e as fazendas dos barões do café alcançam grande esplendor. Nesse período, a riqueza proporcionada pelo “ouro verde” se reflete também no desenvolvimento da educação e várias escolas são construídas no Rio de Janeiro. A província se torna a mais rica e poderosa no país e a principal exportadora.

No trabalho escravo estava a base de sustentação da sociedade cafeeicultora fluminense⁵. Mas em 1888, com a abolição da escravatura, a situação se modifica e a aristocracia empobrece. Além da perda de sua mão-de-obra, o solo mostrava-se esgotado pelas colheitas sucessivas ano a ano.

Findo o império, em 1889, a cidade iria tornar-se a capital da nova República⁶, acreditando que o novo regime traria progresso social. Mas iniciado o século XX, mesmo com as mudanças políticas, persistiam os graves problemas sociais decorrentes, em grande parte, de seu rápido e desordenado crescimento, alavancado pela imigração europeia e pela transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Segundo o escritor Paulo César Garcez Marins, “o Rio de Janeiro ingressava no rol das capitais republicanas do Ocidente, sob o escárnio e o horror de viajantes estrangeiros, negociantes e imigrantes” (1998, p.139).

⁵ Fluminense é o adjetivo pátrio dado aos nascidos no estado do Rio de Janeiro.

⁶ A cidade permaneceu como capital da República até a década de 1960, quando Brasília foi inaugurada.

A escritora Raquel Paiva (2004), ao tratar do século XIX na capital da República, afirma que:

Espremido entre mar e montanha, com péssima circulação de ventos e eventuais erupções do que se costumava chamar “miasmas”, o Rio de Janeiro cresceu, roubando espaço às águas e subindo os morros. [...] Nada se fez durante todo o século que, no final, se deparava com um Rio de Janeiro caótico, superpovoado (cerca de 500 mil habitantes) diante da precariedade dos serviços de água, esgotos, iluminação e transportes coletivos (PAIVA, 2004, p.78).

De acordo com Adriana Sardinha Ribeiro, na ocasião em que o engenheiro Pereira Passos, que havia presenciado a reforma urbana de Paris, assume a Prefeitura da cidade (1902 a 1906), o Rio de Janeiro, com sua estrutura de cidade colonial, já possuía quase um milhão de habitantes carentes de transporte, abastecimento e escoamento de água, programas de saúde e segurança (RIBEIRO, 2008, p.16).

Pereira Passos realiza no Rio de Janeiro, inspirado na reformulação realizada na capital francesa pelo Barão de Haussmann, uma reforma urbana mas, apesar das melhorias sanitárias e urbanísticas, o projeto de Pereira Passos implicou em um alto custo social, com o início das formações das favelas na cidade, já que a população pobre foi expulsa das áreas centrais que habitava, restando apenas as encostas dos morros para serem ocupadas (RIBEIRO, 2008, p.16). Mesmo com as graves consequências sociais, as reformas de Pereira Passos e o trabalho do sanitarista Oswaldo Cruz colaboraram para que o Rio de Janeiro deixasse de ser chamado de Cidade da Morte⁷ para se tornar a Cidade Maravilhosa. Era preciso “parecer” uma cidade moderna, apagar o passado e os hábitos arcaicos da colônia portuguesa.

Criado o cenário de uma cidade moderna, passou-se a combater no plano cultural os resquícios da colônia. Segundo pesquisas de Adriana Sardinha Ribeiro (2008), os hábitos e tradições populares passaram a ser perseguidos para eliminação da memória colonial, pois o desaparecimento dos elementos e tradições populares da área central da cidade, facilitaria ainda mais a assimilação dos costumes “modernos” pela população mais abastada.

Sevcenko (1983, p.40) chama atenção para a febre de consumo que tomou conta da cidade. Desejava-se desesperadamente a novidade, a última moda. Segundo o autor, a

⁷ Dentre as constantes epidemias que assolavam o Rio de Janeiro, a de febre amarela que se instala entre 1849 e 1850 foi uma das mais terríveis e assustadoras já que, ao contrário das outras, fez vítimas em todas as classes sociais, exterminando também grande parte das tripulações das embarcações que atracaram aqui no período. Segundo artigo da pesquisadora Cláudia Rodrigues, dos 266 mil habitantes, a doença atingiu 90.658 pessoas, causando 4.160 mortes, sem contar as não registradas. Devido às constantes epidemias, muitos dos viajantes que passavam por aqui, chamavam o Rio de Janeiro de *Cidade da Morte* (RODRIGUES, 1999, p.6).

reurbanização teria sido a parte final da importação dos hábitos e modismos franceses pela burguesia carioca, iniciada ainda no século XIX, que pretendia incluir o Rio de Janeiro no cenário internacional como uma capital moderna. As camadas sociais mais elevadas ganhavam uma cidade onde poderiam exibir a sua elegância e cosmopolitismo adquirido por meio de viagens à Europa, através do teatro e imprensa, enquanto os pobres eram expulsos.

O significado simbólico da modernização ocorrida na sociedade carioca na passagem do século XIX para XX se refletiu também na literatura, nos jornais e revistas, colaborando na construção do ideário da Cidade Maravilhosa *não só no Estado do Rio de Janeiro*.

Assim, uma atmosfera ansiosa por cosmopolitismo, gerada no Rio de Janeiro, autêntica capital cultural do Brasil na Belle Époque, percorre o país, num desejo sôfrego da europeização e da modernização. Se a sua difusão foi, com efeito, pouco abrangente e limitada às incipientes manchas urbanas no Brasil de fin de siècle, seu efeito desconcertante foi, por isso mesmo, maior e mais profundo. Se durante a independência essa mesma ansiedade expressava-se, culturalmente, pela atração e busca de raízes nativistas pelo “desejo de ser brasileiros” – na expressão de Antônio Cândido, - nesse momento manifesta-se, paradoxalmente, quase um “desejo de ser estrangeiro” (SALIBA, 2003, p.292, grifo nosso).

Embora a atitude ansiosa de cosmopolitismo já existisse durante o império, na República se amplia, numa ânsia por “máquinas, invenções, inglesias, francesias, ianquices que acelerassem entre eles o ritmo do progresso: industrial, técnico, mecânico e também, por coerência, político e social” (SALIBA, 2003, p.292).

A República e os efeitos combinados da revolução tecnológica acentuam na imaginação brasileira, aquela atitude de desprezo ao passado e desejo de superar, mas rapidamente que mediante os métodos um tanto lentos da administração e da política imperial, os problemas sociais e culturais [...] (SALIBA, 2003, p.292).

A pesquisadora Marialva Carlos Barbosa ao tratar das novidades que invadem a passagem do século XIX para o século XX, destaca:

O cinematógrafo, o fonógrafo, o gramofone, os daguerrótipos, a linotipo, as Marinonis são algumas das tecnologias que invadem a cena urbana e o imaginário social na virada do século XIX para o século XX, *introduzindo amplas transformações no cenário urbano e nos periódicos que circulam na cidade* (BARBOSA, 2007, p.21, grifo nosso).

Ainda segundo Barbosa, rapidez torna-se a palavra de ordem e os periódicos – como por exemplo o Jornal do Brasil – foram obrigados a implantar “de maneira compulsória novos artefatos tecnológicos, permitindo maior tiragem, maior qualidade e rapidez na impressão. É preciso também diminuir as distâncias entre o acontecimento e o público” (BARBOSA, 2007,

p.23). O Rio de Janeiro entra no século XX com ferramentas poderosas para se fortalecer como polo construtor e conformador de realidades.

E é nesta cidade em ritmo de transformações, iniciadas pelo prefeito Pereira Passos, que tem início a construção dos dois maiores cartões postais da capital que oferecem uma vista panorâmica do Rio de Janeiro, “exibindo sua natureza singular” (VIEIRA, 2006, p.5). O Pão de Açúcar, que se tornou marca registrada com a construção do teleférico em 1912, e o Cristo Redentor, na montanha do Corcovado em 1931.

O ideário da *Cidade Maravilhosa* começa a se consolidar junto à população. O termo, que aparece pela primeira vez em 1908, no jornal A Notícia, em texto do jornalista e escritor Coelho Neto⁸, se populariza com a música “Cidade Maravilhosa”, composta em 1932 por André Filho, enaltecendo as belezas da cidade.

Para a pesquisadora Cláudia Oliveira (2004) a representação da cidade e do indivíduo tem sido um dos temas mais significativos na tradição da arte e da estética no Ocidente:

Com a modernização de suas capitais desde o século XIX, o espaço urbano torna-se objeto teórico e poético, e um dos temas centrais das representações no mundo moderno. Para o filósofo Michel de Certeau, a cidade torna-se um “vasto texto humano”: uma construção se impacta sobre a outra em um processo de acumulação, de condensação e de concentração econômica, política e cultural. Os novos espaços urbanos tornam-se lugares e objetos de uma composição visual que articula e é articulada por novas experiências objetivas e subjetivas. Divertimento e alienação, prazer e medo, mobilidade e confinamento, expansão e fragmentação passaram a constituir as principais características da cidade metrópole do século XX (OLIVEIRA, 2004).

Além dos cartões postais já citados, acreditamos que a praia tenha sido outro elemento a fortalecer o maravilhamento com a cidade, mas séculos depois do descobrimento. Segundo o escritor Alain Corbin (1989, p.65) somente entre 1750 e 1840, com a evolução da oceanografia, a praia e o mar deixam de ser lugares de medo e repulsa e impulsionam na Europa o irresistível despertar do desejo coletivo das praias. No Brasil, a passagem do século XIX para o XX mostrava homens de chapéu de palha e mulheres se protegendo do sol com sombrinhas. Praia e sol era uma combinação que não atraía os moradores.

Os ricos não queriam morar na beira da praia e, mesmo quando o túnel da Real Grandeza foi inaugurado em 1892, as pessoas importantes não pensavam em morar à beira-mar, para chegar lá era preciso usar um precário serviço de diligências. Isso começou a mudar quando foi inaugurado em 1906 o Túnel do Leme e criou-se uma linha de bondes para o bairro. [...] Mas certamente o que elevou o status do bairro, e das suas praias, como decorrência disso, foi a construção do Hotel Copacabana Palace

⁸ DA COSTA E SILVA; CARVALHO, Myrthes de; TOLEDO, Caio Alves de. *Dicionário universal de curiosidades*. São Paulo: CIL S.A., 1966.

em 1923, um prédio imponente [...] projetado pelo arquiteto francês Joseph Gire (FONSECA, 2005).

Segundo artigo do escritor Rubem Fonseca (2005), o mar continuava traiçoeiro e ameaçador. De acordo com o autor, a primeira pessoa que tomou banho em frente ao hotel, possivelmente um hóspede, entrou no mar com uma corda amarrada na cintura, segurada por quatro homens fortes. Acreditamos que este banho tenha ocorrido após 1923, já que o autor faz referência à existência do Hotel Copacabana Palace.

Entre 1920 e 1930, em um processo já mais acelerado da globalização cultural, possibilitado pelas novidades tecnológicas surgidas na passagem do século, os hábitos começam a mudar. Começava-se a falar dos benefícios do sol para o organismo. “Os homens abandonaram seus chapéus de palhinha e as mulheres atiram no lixo as suas sombrinhas de sol” (FONSECA, 2005). A praia começava a atrair os moradores do Rio Janeiro e segundo Corbin (1989), ao deixar de ser um espaço de medo e repulsa, passou a atuar também como representação da Cidade Maravilhosa.

Criado o cenário, acreditamos que na construção do imaginário sobre a cidade maravilhosa dentro e fora do Rio de Janeiro – mesmo para a vizinha Juiz de Fora, em Minas – a imprensa foi fundamental. O estudioso Luiz Felipe de Alencastro destaca que todos os grandes escritores brasileiros moravam na corte e ali escreviam seus romances, muitos editados pelas cariocas Laemmert e Garnier “que publicavam ‘livros de algibeira’ a baixo preço e os vendiam por correspondência em todas as províncias do império” (ALENCASTRO, 1997, p. 35).

Para o escritor Benedict Anderson (1989, p.73), o jornal e o romance tiveram lugar de destaque na elaboração do imaginário sobre a nação e a comunidade no desabrochar do pensamento liberal, sendo mais tarde acompanhados por outros veículos de comunicação, como o rádio, a televisão e a Internet.

As invenções, como a máquina a vapor, possibilitam um novo ritmo de produção às fábricas e diminuem o tempo das viagens entre as localidades. Beneficiada pelo mesmo processo, a imprensa também acelera a circulação e difusão de informações. A pesquisadora Christina Ferraz Musse (2006) chama atenção para o fato de que o território começava a perder importância como espaço físico de convívio, pois na contemporaneidade inauguram-se novas formas de pertencimento, “em que a tecnologia e os meios de comunicação reorganizam o social, transformando-se na principal argamassa para as cartografias pós-nacionais” (MUSSE, 2006, p. 42).

A pesquisadora Raquel Paiva (2004) destaca que desde 1831, quando se assinou um tratado com a Inglaterra equiparando o tráfico de escravos à pirataria, a ordem era: “sanear, embelezar e organizar para inglês ver”. Anos mais tarde, no governo de Rodrigues Alves (1902-1906), a proposta era melhorar a imagem da cidade para fazer parte do contexto capitalista internacional. Segundo o escritor Lima Barreto em seu romance “Os Bruzundangas”, de 1923, “de uma hora para outra, a antiga cidade do Rio de Janeiro desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na coisa muito de cenografia” (BARRETO, 1923, p.106 apud SEVCENKO, 1983, p.36).

2.3 O SURGIMENTO DA *CIDADE DOS PÂNTANOS* NO CONTEXTO DO BARROCO MINEIRO

*Em toda cidade, vive-se o que ela mostra,
mas também o que esconde.
Raquel Paiva, 2004*

Embora o Rio de Janeiro remetesse à visão edênica, o eldorado brasileiro só foi encontrado em terrenos mais distantes do litoral, na capitania das Minas Gerais, que se tornou a mais importante do século XVIII. Segundo a professora Maria do Nascimento Arruda:

Foi o ouro das Minas Gerais que permitiu aos portugueses transformar uma criação mítica em realidade. Através dele, puderam os lusitanos recuperar um entre os fios que os conduziam ao paraíso e que foram perdidos nos primeiros séculos após o descobrimento. O achado, não obstante, dá-se após longa demora, encontrando já os portugueses conspurcados pelas imagens do inferno. Poderíamos, talvez, dizer que a descoberta do ouro, no final do século XVII, teve o condão de refazer em parte as visões edênicas. Nesses termos, *as minas nasceram diferenciadas no conjunto da colônia. Vieram ao mundo envolvidas pela mística de Midas* (ARRUDA, 1999, p. 55, grifo nosso).

O estudioso Jairo Mendes (2005) afirma que 40% da população portuguesa se deslocaram para o Brasil, no século XVIII, depois da descoberta de ouro e diamante nas Minas Gerais. Anos mais tarde, começou a decadência do ouro, mas a capitania já tinha uma sociedade bem estruturada. Ainda segundo Mendes, "o ouro de Minas Gerais introduziu a civilização e a cultura num Brasil semibárbaro, pela disseminação e isolamento das populações”.

O Brasil foi colonizado durante a vigência do Barroco espanhol e português:

[...] os valores preponderantes na colonização do Brasil descendiam diretamente do mundo medieval. Mas não era só a ideologia da contra-reforma, sustentando a reafirmação do religiosismo medievo e suas conseqüências de toda ordem, que marcava essa defasagem, mas a própria organização política e administrativa, instaurada sob os modelos feudais, com a divisão do território em capitânicas hereditárias, *subdivididas estas em sesmarias imensas*, de que os latifúndios são em pleno século XX ainda [...] sobrevivências. *Uma sociedade surgida sob tais designios haveria forçosamente de absorver em sua nascente cultura, ou melhor, no processo de adaptação da cultura que se transplantava com o colonizador para o Novo Mundo, todas as heranças de procedência medieval. O barroco revalorizava e sintetizava como filosofia, como estilo de vida, como concepção estética, o quadro dessas heranças e natural, portanto, que ele impusesse suas formas à nova civilização* (ÁVILA, 1969, p.22, grifo nosso).

O barroco que floresceu em Minas no século XVIII, durante o ciclo do ouro, surgiu quando já havia sido superado na Europa. A religiosidade que veio de Portugal (cheia de pompa, reafirmava a fé católica contra o crescente protestantismo), o fascínio pelo ouro e o desejo de afirmação e autonomia são a base para explicar o vigor do movimento artístico mineiro, que não se restringia apenas às artes, mas se estendia ao estilo de vida do *homem barroco*, que preocupado com a efemeridade da vida sente o desejo de aproveitá-la, mas teme pela salvação espiritual, resultando no sentimento contraditório característico desse estilo.

Para atingir as regiões auríferas da Minas barroca utilizava-se o Caminho Velho⁹, que saía de São Paulo até atingir a Serra da Mantiqueira. Às margens do Caminho Velho surgiram vários povoados que vieram a se transformar em freguesias, vilas e cidades como Passa Quatro, Baependi, dentre outras (OLIVEIRA, 2004). O intenso comércio e o fluxo de viajantes dinamizavam as áreas em torno dos caminhos que levavam às minas, intensificando também a produção agrícola. A viagem através do Caminho Velho durava três meses, mas em 1708, com a abertura do Caminho Novo por Garcia Rodrigues Paes, a travessia passou a ser feita em 15 dias, diminuindo o perigo dos “descaminhos do ouro”. Segundo pesquisas de Carlos Inácio Pinto:

O Caminho Novo, aberto por Garcia Rodrigues Paes, transferiu para as cidades fluminenses os proveitos usufruídos até aquele momento, quase que somente por São Paulo. Os Paulistas ainda tentaram o fechamento do Caminho Novo, mas não obtiveram resultado, pois, além de mais curto, e com a nova rota buscava-se também dificultar o contrabando. O porto do Rio de Janeiro, tornou-se o mais importante porto de escoamento do ouro mineiro e o principal porto de entrada de produtos europeus e dos escravos vindos da África (PINTO, 2002).

⁹ Três eram os caminhos paulistas que conduziam às regiões mineradoras, sendo o principal deles, o que passava pela garganta do Embu, mais conhecido como Caminho velho. O segundo seguia por Atibaia, Bragança e Extrema transpondo a serra da Mantiqueira por Camanducaia e o terceiro, o caminho dos Guaianases, que passava pelo vale do Mogi-Guaçu e o Morro do Gravi que constituiu o traçado inicial do Caminho de Goiás (PINTO, Carlos Inácio. O Caminho das Minas de Goiás. São Paulo: USP, 2002).

Não mais como estrada exclusiva de transporte de ouro, o Caminho Novo, sendo uma estrada mais larga e segura da Capitania, foi o responsável pela maior entrada de escravos para o interior e proporcionou grande dinamização e integração dos mercados regionais. Mônica Ribeiro de Oliveira (2004) investigou as relações sociais e as práticas econômicas que se estabeleceram e a política fundiária que regulou o assentamento formal e de importante elite agrária às margens do Caminho Novo. Segundo a pesquisadora, a concessão de sesmarias às margens do Caminho Novo fez parte da política da corte de concessão de benefícios a fim de facilitar o acesso dos membros da decadente elite mineradora a terras com potencial agrícola (OLIVEIRA, 2004, p.4).

O memorialista juizforano Pedro Nava chama atenção para as características do movimento *intenso* do Caminho Novo:

O Caminho Novo das Minas, além de caminho comercial, econômico, estratégico e político, é a estrada violenta e dolosa do ouro, do quinto, da capitação, dos registros, do fisco, dos moedeiros falsos, dos cunhadores ilegais, dos contrabandistas que passavam ouro engolido, enfiado no rabo, incrustado na pele e enchendo os santos-de-pau oco; a estrada social e gregária da testada das sesmarias, das vendas, dos sítios, das roças que fixavam no solo seus primeiros proprietários; a estrada sangrenta e bruta do crime e da repressão, das tocaias, dos bandidos da Mantiqueira dos Dragões d'El-Rey; a estrada conciliabular e tortuosa dos conspiradores e denunciantes; a que viu descerem os Inconfidentes em ferros, passar para o Rio o Alferes Joaquim José da Silva Xavier... (NAVA, 1984, p.144).

Diversos povoados surgiram às margens da picada que ligava o Rio de Janeiro a Vila Rica (mais tarde chamada de Ouro Preto), estimulados pelo movimento das tropas que ali transitavam, e como postos de fiscalização do ouro que por ali passava. Dentre eles, o arraial de Santo Antônio do Paraibuna (que mais tarde deu origem a cidade de Juiz de Fora). Povoado por volta de 1713, fazia parte da região da Mata Mineira, que até a abertura do Caminho Novo era ocupada apenas por indígenas bravios, expulsos do litoral pelos colonizadores europeus.

Grande parte do terreno onde, hoje, encontramos a cidade de Juiz de Fora, era alagadiça. As cheias do Rio Paraibuna, que corta a cidade e ao redor do qual o povoado se desenvolveu, inundavam seus arredores e o escoamento era lento. Segundo o Anuario Historico-Chorographico de Minas Geraes de 1909, Juiz de Fora na época “não passava de uma povoação modesta, cujas construções eram levantadas sobre um vasto pântano” (p.569–570). Segundo o historiador Paulino de Oliveira (1959), já em 1880 era considerado de urgência o dessecamento dos pântanos existentes na cidade, mas somente em 1937 deu-se

início ao aterro da baixada do Paraibuna, que era o grande brejo existente próximo ao centro da cidade.

De acordo com o historiador Albino Esteves (1919), o engenheiro alemão Henrique Guilherme Fernando Halfeld, considerado oficialmente como o fundador da cidade – embora segundo a pesquisadora Wanda Arantes (2006), ele tenha apenas organizado o espaço urbano¹⁰ – era alvo de piadas na capital Ouro Preto, como o construtor da *Cidade dos Pântanos*.

Conta-se que, na capital da província, algumas pessoas, gracejando, costumavam perguntar-lhe, quando levantaria a Cidade dos Pântanos, e elle, em palavras revestidas de sotaque estrangeiro com que fallava, manifestava sempre esperanças firmes, de que em realidade se tornariam os seus sonhos (ESTEVEES, 1919, p.1).

Inicialmente como arraial, mais tarde como vila, em 31 de maio de 1850 o povoado de Santo Antônio do Paraibuna é elevado a categoria de cidade. Em 1865 recebe o nome atual de Juiz de Fora, em homenagem ao magistrado que ainda no período colonial foi nomeado pela coroa portuguesa para atuar na região e que ali se instalou (ainda que de passagem) numa fazenda próxima, ficando conhecida como a fazenda do juiz de fora¹¹.

Paulino de Oliveira (1953) observa que nada contribuiu mais para o progresso de Juiz de Fora nos primeiros anos da formação da cidade, do que a estrada União e Indústria, considerada na época uma das melhores do mundo. Construída pelo engenheiro Mariano Procópio Ferreira Lage para encurtar a viagem entre a Corte e a Província de Minas Gerais, era ampla e macadamizada¹², a tecnologia mais avançada do período.

Para a construção da estrada e constituição de uma colônia agrícola, Mariano Procópio, valendo-se de recursos disponibilizados pelo imperador (seu amigo pessoal), trouxe

¹⁰A pesquisadora Wanda Arantes, considera que Halfeld, ao abrir a Av. Rio Branco, modificou e direcionou o eixo de desenvolvimento da cidade (ARANTES, 2006).

¹¹ Segundo Oswaldo Pereira, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora e pesquisador sobre a origem do nome da cidade, afirma que o juiz de fora foi o alcaide-mor Tomé Corrêa Vasques, que se instalou na região em 1704: “Tomé Corrêa Vasques levantara em 1704 o prédio de sede da autêntica ‘Fazenda do Juiz de Fora’, onde arrecadava ele os Direitos devidos à Fazenda Pública (do Real Erário) e onde, na qualidade de preposto legal do autêntico ‘Juiz de Fora’, exercia as funções de juiz, civil e militar, subordinado, então, ao Juiz de Fora da Capital da Colônia na Repartição do Sul, à época em que ainda não se extremara da do Rio de Janeiro, e nem mesmo da de São Paulo, a Capitania das Minas”. Mas há divergência entre autores quanto a quem seria o juiz de fora. O pesquisador Luiz José Stehling, por exemplo, considera que foi João Carlos Ribeiro e Silva. Já Alexandre de Miranda Delgado indica Luiz Fortes Bustamante. (Disponível em: <<http://www.ihgjf.com.br>>. Acesso em: 20 jul. 2009).

¹² O macadame (do inglês *Macadam*) é um tipo de pavimento para pistas de rodagem, desenvolvido pelo engenheiro escocês John Loudon McAdam por volta de 1820. Embora o método demandasse um pesado trabalho manual, uma vez que eram utilizadas diversas camadas de pedras compactadas, resultavam num pavimento forte e drenado.

no período de 1856 - 1858, mais de mil imigrantes da Alemanha. Os germânicos se instalaram na cidade, trazendo uma outra visão de mundo que, acreditamos, atuaria acentuando as diferenças com as demais cidades mineiras:

Agricultores e artesãos-operários formavam um conjunto imigrado para Juiz de Fora, que decisivamente influenciou para a incorporação de *hábitos e objetivos de vida, diversos da tradição dominante*, colaborando para que a cidade interiorana, não ficasse apenas impregnada por um sistema patriarcal agrário (PASSAGLIA, 1982, p.23, grifo nosso).

Juiz de Fora, que não participou da cultura colonial mineira, não conheceu as riquezas do ciclo do ouro. Mas nas últimas décadas do século XIX, a Zona da Mata se destaca como a principal região produtora de café em Minas Gerais. O ouro verde transforma a cidade em polo econômico.

Em 1861, o município já era o terceiro em arrecadação da Província, estando à sua frente apenas os de Ouro Preto e São João Del Rei. Já no final de 1879, somado à rodovia União e Indústria, o desenvolvimento das ferrovias na Zona da Mata causa grande impacto na diminuição dos custos da produção cafeeira e na ampliação do volume de exportações. Juiz de Fora se torna o principal eixo de entroncamento do sistema viário entre a capital e o interior do país. A produção de café em Minas vai se concentrar na Zona da Mata até as três primeiras décadas do século XX (BARROS, 2008, p.38-39).

Em 1887, cafeicultores e industriais fundam em Juiz de Fora a Sociedade Promotora da Imigração com intuito de introduzir imigrantes na província, a fim de substituir a mão-de-obra escrava. De 1894 a 1901, 52.582 imigrantes de diversos países da Europa entraram no país pela sociedade juizforana. Mas a maior parte não fica em Juiz de Fora. Embora tivesse vindo para trabalhar na produção agrícola, devido às péssimas condições para o exercício da atividade e às baixas remunerações, acabaram por se dirigir para outras cidades (GIROLETTI, 1988, p. 67).

Junto com os imigrantes, vieram também para a cidade outros hábitos, gostos, religiões e visões de mundo. O mosaico cultural que vai se formando em Juiz de Fora é acentuado também pela diversidade religiosa que se vive aqui. Escravos africanos, católicos, espíritas e muitos protestantes (principalmente entre os imigrantes alemães). O catolicismo, mesmo sendo forte entre os moradores da cidade, tem que competir não só com outros credos que se instalavam aqui, mas com os ventos cosmopolitas que sopravam da capital do império. A pesquisadora Maraliz Christo (1994) chama atenção para o fato de que Juiz de Fora era alvo constante de preocupação por parte da Igreja, pois ao contrário das demais cidades

mineiras, era lugar de pouca reza: “Próxima ao anti-clericalismo, Juiz de Fora, ainda no final do século XIX é alvo de constante preocupação eclesiástica” (CHRISTO, 1994, p.12).

O vigor econômico e cultural que se manifesta no município durante os últimos anos do século XIX e no início do século XX foi possível graças ao capital acumulado do café. O armazenamento, escoamento e venda do café que eram feitos na cidade (CHRISTO, 1994, p.11), possibilitaram uma acumulação de capital, facilitada pela abertura de um banco, que iria financiar a industrialização.

O pesquisador Ricardo Zimbrão Affonso de Paula, em sua tese sobre a industrialização em Juiz de Fora, destaca a concentração de atividade industrial bem diversificada na cidade, “que no primeiro momento liga-se a uma atividade manufatureira propriamente dita, mas que no final do século XIX se consubstancia num verdadeiro processo de industrialização” (PAULA, 2006, p.20). Juiz de Fora foi a primeira cidade a se industrializar em Minas Gerais e junto com o Rio de Janeiro e São Paulo, foram as principais cidades industrializadas do país entre as duas últimas décadas do século XIX e as três primeiras do século XX.

Com as transformações econômicas, políticas e sociais no Brasil na década de 1930, o país se engaja de vez numa economia política industrializante; desta vez sob o comando do próprio capital industrial. Esta nova etapa da industrialização pós-1930 em Minas Gerais “deslocará o centro dinâmico da economia do estado, da Zona da Mata cafeeira para Belo Horizonte e seu entorno, região esta provida de jazidas minerais e prontas para abastecer de insumos o conjunto da indústria nacional” (PAULA, 2006, p. 20). É dentro desse contexto que Juiz de Fora perde a condição primaz que havia alcançado na indústria mineira.

O autor acredita que a mudança do eixo industrial em Minas de Juiz de Fora para Belo Horizonte ensejou na memória popular e no discurso dos formadores de opinião locais, bem como nos estudos sobre a indústria juizforana, o *sentimento de estagnação e desindustrialização*. Mas em nosso estudo, acreditamos que apesar da pujança industrial do município não ter sido a mesma depois de 1930, o *sentimento* da estagnação seria um contraponto exagerado ao ideário da cidade industrial, já que os estudos recentes reunidos na tese do professor Ricardo Zimbrão Affonso de Paula, de 2006, demonstram que Juiz de Fora não parou no tempo em 1930.

[...] se tomarmos como base apenas os dados estatísticos da indústria de Juiz de Fora comparando sua estrutura industrial ao longo do processo de industrialização nacional, verificaremos que não ocorreu estagnação daquele respectivo parque industrial, e sim, que ele está inserido numa nova dinâmica da economia brasileira,

recebendo até mesmo estímulos para sua diversificação, o que não tira o seu caráter de industrialização periférica (PAULA, 2006, p.276).

Já na década de 1940, a escritora juizforana Rachel Jardim destaca que ainda eram perceptíveis sinais do perfil industrial da cidade, embora o núcleo urbano fosse se distanciando do padrão industrial: “Juiz de Fora tinha muitas casas e fábricas de tijolo vermelho. Era chamada a Manchester Mineira. Anos depois fui parar na Manchester verdadeira e reconheci ali as casas e as fábricas tão familiares à minha juventude (JARDIM, 2003, p. 57).

Para a escritora Christina Musse (2006), ao contrário da década anterior, os anos 1950 são recordados como anos de sonho, provavelmente devido a “aura” desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek, com a conquista da Copa do Mundo, na Suécia, com a bossa nova e o Cinema Novo. Ainda segundo Musse, é nessa década que a cidade deixa de ser industrial para transformar-se em centro prestador de serviços. A fim de sustentar sua proposta, a professora enumera o grande aumento de estabelecimentos de ensino.

Nesta década, se acirra a disputa entre o cinema e o rádio junto ao público. O rádio em Juiz de Fora apresentava grande diversidade e criatividade nos programas. Novelas, programas esportivos, orquestras e cantores ao vivo, que neste período começam a dar lugar aos discos gravados. O cinema também vai ter uma importância muito grande na formação dessa geração, não só pelo número expressivo de salas (quatorze ao todo), mas também por se tornar uma febre entre a elite e a massa de trabalhadores, que tinham no Cine Popular, do juizforano João Carriço, acesso não só às produções nacionais e estrangeiras, mas à própria representação da cidade nas telas, através dos cinejornais produzidos por Carriço (RODRIGUES, 2009).

Na década em que surge a TV Mariano Procópio (1960), o jornalista Wilson Cid (2006) e o pesquisador José Paulo Netto (2004) chamam atenção para o fato de que Juiz de Fora deixava de ser a Manchester Mineira e voltava a ser uma cidade de passagem – como acontecia ainda na abertura do Caminho Novo – com a inauguração da UFJF, que começa a exportar profissionais e intelectuais. São desativados também no período vários ramais ferroviários que interligavam a cidade a outros municípios, interferindo na sua importância como polo regional. Ocorre ainda a ascensão de uma nova elite que, segundo Netto (2004), realizaria, mas não valorizaria a cultura da mesma forma que os pioneiros. A emissora de televisão que chega nos anos 1960 vai ser mais um elemento a participar deste quadro de transformações que se processavam no município, como verificaremos mais detalhadamente nos próximos capítulos.

2.4 PROXIMIDADES GEOGRÁFICAS E CULTURAIS

Para destacar a afinidade entre a Manchester Mineira e a cidade do Rio de Janeiro, a pesquisadora Maraliz Christo (2004) relata que em Juiz de Fora, ao contrário das Minas Gerais, as festas barrocas foram esquecidas.

Enquanto os trabalhadores iam aos circos de cavalinhos, cervejarias e piqueniques do 1º de maio, a elite se divertia nos teatros e saraus, em visitas às fazendas, jogando florete [...] caçando macuco, de paletó e boné de veludo, [...] atirando aos pratos, aos pombos ou em viagens frequentes ao Rio de Janeiro – onde muito se podia (CHRISTO, 2004, p.14).

A proximidade geográfica entre Juiz de Fora e Rio de Janeiro facilita o contato com a cidade carioca, que desde a chegada da Família Real, em 1808, estava empenhada em um projeto civilizador de apagar os traços da colônia e se tornar uma *capital europeia*.

Inicialmente no lombo de cavalos e burros ou em carroças puxadas por muares, através da picada aberta chamada Caminho Novo, mais tarde em carruagens pela União e Indústria ou em vagões pela Ferrovia D. Pedro II, até que chegassem as estradas asfaltadas e o transporte aéreo, o contato de Juiz de Fora com a efervescência cultural do Rio de Janeiro sempre existiu e acreditamos que aqui sempre ecoou. Desde que se tornou sede da Coroa Portuguesa, e assim, centro de atenções para todo o país, o Rio de Janeiro - que estava ainda longe de ser a *cidade maravilhosa* - passou a influir no comportamento e a interferir no imaginário *brasileiro*. Afinal era a sede de um "reino", com rei, rainha, príncipes e princesas, além de a partir de 1808 ter entrado num redemoinho de transformações, a fim de fazer parte das grandes metrópoles do mundo.

Raquel Paiva e Muniz Sodré, ao tratarem da trama simbólica construída a partir das representações que são feitas da cidade do Rio de Janeiro, explicam em texto de 2004 o que acreditamos possa nos ajudar a esclarecer a influência exercida por esta cidade desde o século XVIII:

Mais do que qualquer outra cidade brasileira, possivelmente pela promiscuidade algo perversa de sua geografia, *por sua memória coletiva da Corte Imperial, arauto de transformações culturais e caixa de ressonância de questões nacionais-populares*, [...] o Rio de Janeiro é fortemente investido em suas relações sociais e em seu imaginário por efeitos de mídia e marketing (PAIVA, 2004, p.19, grifo nosso).

Nicolau Sevcenko (1983) ao tratar da criação cultural na primeira república chama atenção para o fato de que os homens cultos de todo o país, já naquele período se prendiam ao litoral. Acreditamos que em Juiz de Fora não era diferente.

[...] desde praticamente o início da campanha abolicionista até o início da década de 1920, quase toda a produção literária nacional se fazia no Rio de Janeiro, *voltada para aquela cidade ou com vistas a ela* (SEVCENKO, 1983, p.93, grifo nosso).

Os viajantes e escravos que passavam pelo Caminho Novo, trazendo e levando mercadorias e suprimentos, não interferiam apenas na realidade material, mas na construção do imaginário que era feita às margens da picada aberta por Garcia Rodrigues Paes e do ideário que se moldava externamente ao caminho que levava até o eldorado mineiro. Desde o início, manifestando sua vocação como entreposto comercial e pousada de viajantes – em função do comércio do ouro – acreditamos que o povoado de *Juiz de Fora* foi se encantando pelas histórias contadas pelos viajantes sobre a corte e as modernidades da capital e se decepcionando com as histórias de miséria dos *desclassificados* do ouro, que provinham das regiões mineradoras em decadência no século XIX.

O viajante que narra algo nunca tem em mente apenas as situações experimentadas somente na viagem mencionada. Pelo contrário: o viajante tem sempre consigo uma multidão de seres invisíveis, pontos de referência culturais apreendidos em determinado convívio social, que contrastam diretamente com a novidade que se manifesta diante dos seus olhos (CARVALHO, 2005, p.6).

O estudioso Francismar Alex Lopes de Carvalho ao destacar o papel dos viajantes na potencialização da realidade que se fazia na descoberta do Novo Mundo afirma:

Desenhar o mundo e redesenhar-se a si mesmo: isso pode ter potencializado ao máximo o épico das narrativas, [...]. *Nos séculos XVI e XVII, fundamentalmente, os relatos de viajantes primam por uma “geografia fantástica” que dê conta das “descobertas”*. O conhecimento acumula-se, as forças produtivas da história desenvolvem-se (2005, p.2, grifo nosso).

Em nossa pesquisa, consideramos que o fascínio exercido pelas histórias da corte e da *natureza fantástica* do Rio de Janeiro relatadas pelos viajantes foram fundamentais na construção identitária do juizforano. A ascensão da cultura do café que atinge seu ápice na passagem do século XIX para o XX, faz com que a região da *Minas barroca* permaneça não despertando o interesse da Zona da Mata Mineira, que enriquecia e via os laços com a capital do império se intensificarem.

Além do intercâmbio cultural feito através das histórias contadas por viajantes e *escravos*, começam a chegar em Juiz de Fora no século XIX os jornais (inicialmente trazidos pelos próprios viajantes), que mesmo até o início da década de 1910, segundo Nélson Werneck Sodré (1977), permaneciam “sem a consagração de um público leitor – pois se restrito na capital federal, o que dizer no interior”.

De acordo com o pesquisador Djalma Alves de Azevedo (2000), autor do livro *A Imprensa Brasileira Nasceu em Minas Gerais*, a implantação da imprensa no Brasil foi tardia. Tendo saído o primeiro número da *Gazeta do Rio de Janeiro* em 10 de setembro de 1808. No estado de Minas Gerais apareceu em 1823, quando a 13 de outubro em Ouro Preto, publicou-se o *Compilador Mineiro*. Segundo a professora Christina Ferraz Musse:

Na imprensa do século XIX e do início do século XX, foi desenhada a imagem da Nação idealizada, construída sob um clima de intenso conflito. Nas páginas dos jornais, os relatos possibilitaram a criação do sentimento de pertencimento entre o homem e o território (MUSSE, 2007, p.2).

Mas, no caso da Zona da Mata, perguntamos: pertencimento a qual território?

Em nossa investigação sobre a imprensa e sua expansão, acreditamos que a partir da segunda metade do século XIX começaram a se multiplicar os impressos em Juiz de Fora. De acordo com o historiador Albino Esteves (1915), *O Constituinte* teria sido o primeiro jornal da cidade em 1870, e o número de publicações contando revistas, jornais e almanaques, foi mais de 100 até 1900. Segundo Musse (2007), a cidade chegou a contar com dez publicações diárias e muitas semanais, várias delas, como *O Commercial*, *O Progresso e Comercio de Juiz de Fora*, deixaram visível o projeto mercantil que envolvia a cidade no final do século XIX.

Nesses jornais, pode-se perceber claramente a presença de um ideal de construção de lugar. Observa-se o tom ufanista, quando se trata de falar das possibilidades da cidade. Juiz de Fora não era mais apenas uma nova fronteira, mas um “Eldorado”, que acenava com possibilidades para todos (MUSSE, 2007. p.3).

Muitos dos jornais de Juiz de Fora possuíam anúncios do comércio do Rio de Janeiro, segundo Musse “especialmente da Rua do Ouvidor” (2006, p.82). Mais um fator a interferir no sentimento de pertença construído na localidade que se entretinha com o cinema e com as companhias de teatro cariocas e europeias ainda no século XIX.

No mesmo período continuam surgindo novas publicações na cidade, muitas de curta duração, mas mesmo assim até 1930, Juiz de Fora é considerada “uma espécie de centro

jornalístico do estado” (MUSSE, 2007, p.10). A autora considera também que somente a partir da década de 1940, com uma maior influência do rádio e do cinema, a imprensa comece a perder importância, embora permanecendo como referência para a população alfabetizada.

Mas o processo de modernização patrocinado por fazendeiros e industriais, os jornais, as escolas, os teatros, as instituições culturais que florescem no município “têm o papel de, além de formar os trabalhadores e quadros burocráticos, incutir na opinião pública o desejo de civilizar-se” (CHRISTO, 1994, p.12).

Mas o que era civilizar-se na Juiz de Fora do fim do século XIX? Segundo a escritora Maraliz Christo, na passagem do século “civilizar-se significava estar próximo à vida mundana do Rio de Janeiro, quem não podia ir ao Rio assistia aos espetáculos das companhias de teatro do Rio que chegavam a cidade” (1994, p.12).

A pesquisadora Marialva Carlos Barbosa chama atenção para as características que assume a modernização no Rio de Janeiro no nascer do séc. XX:

O Rio de Janeiro abre o século XX modernizando seu centro urbano. No caos da cidade, a iluminação elétrica, a adoção da tração elétrica nos bondes e a circulação dos primeiros automóveis nas ruas causam sensação e dão o tom da modernização, símbolo do novo século (2007, p.22).

Respeitando-se as diferenças entre o processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro e Juiz de Fora, Maraliz Christo destaca:

A Belle-Époque surpreende a ambas com problemas que em muito se assemelham: as deficiências sanitárias – a cidade era assolada por epidemias periódicas de varíola, cólera, tifo, febre amarela – a falta de habitações populares e a carestia de vida, o analfabetismo. Embora estes problemas não estivessem ausentes do discurso do poder e merecessem mesmo projetos especiais, eles permaneciam presos ao homólogo da civilização – se transforma na obsessão coletiva da nova burguesia. Cultuava-se a iniciativa privada, a inovação, a civilização (CHRISTO, 1994, p.12, grifo nosso).

Juiz de Fora que chegou a ter uma relação de interdependência econômica com o Rio de Janeiro no ir e vir do ouro, do café e dos escravos, vai perdendo a preferência nas relações com a capital, devido a ampliação e modernização do parque industrial no país e do surgimento de novas áreas agrícolas. Mas no imaginário nada mudou.

Convém destacar ainda, segundo o escritor Fernando Fábio Fiorese Furtado¹³ (2009), que não era só Juiz de Fora que olhava para o Rio, mas o Rio também não ignorava a

¹³ Informação obtida em conversa informal com o prof. Dr. Fernando Fábio Fiorese Furtado. 23 mar. 2009.

existência da Manchester Mineira. Segundo o professor, chama atenção o grande número de vezes em que a cidade é citada nas obras literárias de autores cariocas em fins do século XIX.

No segundo parágrafo da obra *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, publicada em 1890, lemos:

A comida arranjava-lha, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em *Juiz de Fora* e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade (AZEVEDO, 1890, grifo nosso).

Nos contos de Machado de Assis, escritos entre 1873 e 1884, encontramos algumas vezes referências à cidade mineira. No texto “Quem conta um conto...”, o autor escreveu:

No fim de cinco minutos, o Major Gouveia continuou: — Ouvi toda a sua narração e diverti-me com ela. Minha sobrinha não podia fugir hoje de minha casa, visto que há quinze dias se acha em *Juiz de Fora* (ASSIS, 1873, grifo nosso).

No conto “O Caso do Romualdo”, publicado originalmente em *A Estação*, de 15/9/1884 a 15/11/1884, em um diálogo entre os personagens Carlota e Romualdo, temos o seguinte trecho:

— Mas, então, vem jantar comigo uma vez? Hoje, por exemplo...
 — Hoje estou comprometido.
 — E amanhã?
 — Amanhã vou a Juiz de Fora (ASSIS, 1884).

O juizforano, ao se misturar com o Rio de Janeiro até mesmo na ficção, civiliza-se a partir da capitalidade da Cidade Maravilhosa. Mas Minas não perdoa a cidade que botava as manguinhas de fora (BRAGA, 2009), os moradores de Juiz de Fora são apelidados pelos mineiros do interior do estado de cariocas do brejo. O termo brejo deixa visível o viés pejorativo que assume a alcunha. De acordo com o dicionário Michaelis (2009), é a definição de um lugar perigoso, frio, úmido, infecundo, temido pelos que por ali passavam, já que oferecia risco de vida, quer fosse pela possibilidade de afogamento quer fosse pelas criaturas perigosas que ali se escondiam.

2.4 A RUPTURA COM A MINEIRIDADE

Tenho até agora acentuado os aspectos sociais da profunda transformação por que estão passando as cidades mineiras sob a ação dos dois grandes focos – o horizontino e o carioca. Quanto aos materiais desta transformação, a situação é diversa. Há cidades que se transformam – como Juiz de Fora, que é quase uma miniatura do Rio senão um subúrbio dele; mas, há outras que mantêm o seu tipo tradicional, insensíveis à influência urbanizadora daqueles dois centros. É o caso de Ouro Preto. Esta cidade é a mais característica da Minas da Tradição.

Tancredo Neves, 1979.

Se partimos da proposta que em um dado momento da história, o juizforano separou-se da tessitura da mineiridade, é relevante entendermos o que é mineiridade. Acreditamos, como a pesquisadora Simone Maria Rocha, que torna-se um discurso mítico, na medida em que o mito não é uma expressão ou explicação lógica, mas sim, “uma explicação do mundo construída pelas representações coletivas que são transmitidas através das gerações” (ROCHA, 2003, p.71). A formação de um discurso sobre mineiridade não tem origem natural:

[...] muitas vezes, o nível administrativo/político nem sempre corresponde ao cultural. Em muitos casos, como já assinalamos no processo de construção dos estados-nações, o que ocorre é uma divisão arbitrária, fruto dos acordos políticos que estavam em vigência na gestão política dos Estados nacionais. Essa divisão quase nunca estabelece compromisso com a região enquanto espaço produzido socialmente (ROCHA, 2003, p.47, grifo nosso).

Para a escritora Iná Elias de Castro (1992), pensar a região como algo socialmente construído, vivido e vivenciado significa pensar formas de representação e ideologia que lhe deem sustentação. A autora destaca ainda o papel das elites que procuram forjar discursos e representações que atendam seus interesses. Segundo ela, “o pacto estabelecido entre as elites e o Estado garante a permanência do poder de ambos, inclusive no que diz respeito à construção da identidade regional” (CASTRO, 1992, p.39). Castro na sua pesquisa sobre regionalismo vale-se ainda da opinião do estudioso Bryan Roberts.

Uma região e sua identidade são forjados através das imposições de uma classe dominante local, na procura de expandir sua própria base material [...] e no uso do controle sobre a administração local para alcançar seus fins (portanto), as classes econômicas (e de poder), tanto que uma região toma um aspecto político peculiar quando comparada com outras (ROBERTS apud CASTRO, 1992, p.39).

Diante da fluidez dos limites geográficos convém destacar que Minas Gerais está dividido em diversas sub-regiões, tanto em nível político-administrativo como cultural. Para a pesquisadora Maria do Nascimento Arruda, no processo de formação social de Minas “diversas influências foram se fazendo presentes nas regiões do estado, o que deu origem a características específicas em cada uma delas, tais como o modo de falar e de se comportar” (1999, p.112). O escritor Guimarães Rosa, ao tratar da pluralidade encontrada nas regiões de Minas, chama atenção para a disparidade:

É a mata, cismontana, *molhada ainda de marinhos ventos*, agrícola ou madeira, espessamente fértil. É o Sul, cafeeiro, assentado na terra roxa de declives ou em clímas que européias se arrumam, quem sabe uma das mais tranqüilas jurisdições da felicidade neste mundo. É o Triângulo saliente, avançado, forte, franco. É o Oeste, calado e curto nos modos, mas fazendeiro e político, abastado de habilidades. É o Norte Sertanejo, quente, pastoril, um tanto baiano em trechos, ora nordestino na intratabilidade da caatinga, e recebendo em si o Polígono das Secas. É o Centro Geográfico, do vale do rio das Velhas, ameno, claro, aberto à alegria de todas as vozes novas. É o Noroeste, dos chapadões, dos campos-gerais que se emendam com os de Goiás e da Bahia esquerda e vão até o Piauí e ao Maranhão ondeantes (ROSA apud ARRUDA, 1999, p.116-117).

Acreditamos que o discurso da “mineiridade” passa por dois momentos distintos, o primeiro elaborado ainda no “século do ouro”, quando o apogeu da mineração possibilitou o surgimento de uma intensa vida urbana, que atraiu grandes contingentes dando início aos arraiais que congregavam indivíduos de várias origens, etnias e credos, possibilitando neste momento a constituição de um quadro de múltiplas influências. O escritor Waldemar de Almeida Barbosa ressalta que o mineiro do século do ouro “era um tipo alegre, expansivo e barulhento, apreciador da música” (1979, p.355). Como nesta capitania foi possível uma circulação maior de riquezas, ao contrário do que encontramos nas demais, essencialmente agrícolas, onde só havia os senhores e os escravos, em Minas encontrávamos uma maior diversificação das atividades e a possibilidade de ascensão social, complexificando a vida social. A pesquisadora Simone Maria Rocha observa que apesar das inúmeras possibilidades deste ambiente criado pela extração do ouro, “não se observou um desenvolvimento econômico, político e social que favorecesse Minas Gerais. Pelo contrário, justamente por ser um estado abundante em riquezas minerais” (2003, p.60), permanecia sobre extrema vigilância e impedido de desenvolver sua autonomia. Nem mesmo escolas se podia construir.

Com os extratos sociais surgidos em Minas que não existiam em outras capitanias, e mesmo sob o olhar atento da coroa portuguesa, ali nasceram novas ideias e opiniões. Simone Maria Rocha (2003) destaca que entre os mineiros, motivados principalmente pelos pesados

tributos, cada vez mais difíceis de serem honrados, já que o ouro escasseava, nasceu um espírito nacionalista e um forte desejo pela independência política e econômica. Neste contexto acontece a Inconfidência Mineira e surge o mito de Tiradentes, que passa a significar para os mineiros o sentimento do homem libertário, preocupado com a ordem e de espírito independente. O fato de Tiradentes ter origem nas camadas populares passou a representar para o povo um líder e herói, representante de “todos”, dando ao movimento da Inconfidência promovido pelas elites um caráter popular.

Com a decadência das minas já não encontramos mais registros do “espírito alegre e expansivo do mineiro” (ROCHA, 2003, p.67), mas com o comércio sendo praticamente interrompido com as capitânicas vizinhas, o mineiro foi obrigado a partir ou a trocar os instrumentos da mineração pelos da lavoura, em pleno sertão, onde eram raros os contatos com estrangeiros, ele foi se fechando dentro de si mesmo.

Segundo Joaquim Felício do Santos, “o minerador é alegre, pródigo, descuidado, indiscreto, só vê o presente; o agricultor é severo, econômico, amante da riqueza, desconfiado, circunspecto e inimigo dos prazeres ruidosos” (SANTOS apud BARBOSA, 1979, p.355). Desta forma acreditamos que juntamente com o período de ruralização veio o isolamento, e a gênese de um novo tipo de mineiro. Autores como Arruda (1999) destacam que “uma coisa é caminhar da vida rural para a vida urbana e outra é recuar para o universo do campo, tendo já passado pela urbe”. Acentuava-se a contradição, a luta pela liberdade dava lugar ao servilismo. Simone Maria Rocha (2003) destaca ainda a importância que a geografia de Minas terá na construção do papel de mediadora dos conflitos, pois o fato de estar no centro do país facilita seu contato mais contínuo com as demais regiões.

[...] centralidade geográfica de Minas lhe confere um papel de destaque e lhe atribui uma vocação natural de mediadora dos conflitos e divergências, sempre procurando o consenso, o apaziguamento, as soluções moderadas. Daí surge a imagem e o papel de Minas no cenário político nacional: o de buscar o equilíbrio, de construir a unidade e a estabilidade (ROCHA, 2003, p.69).

Para a escritora Maria do Nascimento Arruda (1999), a necessidade da construção de um discurso que produzisse uma visão regional integrada foi exigida pela fragmentação e diversificação que ocorreu ainda no processo de formação do Estado. O fantasma do separatismo que rondava por aqui com “Sul e Triângulo ligados a São Paulo; Leste e Zona da Mata ligados ao Rio de Janeiro e o Norte mais o sertão vinculados ao nordeste do Brasil” (ROCHA, p.74) foi solucionado com a construção de um discurso que forjasse a unidade, ignorando os conflitos.

Otávio Soares Dulci (1984) destaca que a construção da mineiridade como um discurso mítico se fez a partir da região central, das montanhas, do ouro e do diamante. Restringindo o sentimento do ser mineiro apenas à região central, àquela vinculada à mineração. Simone Maria Rocha (2003) chama atenção para o equívoco que assume este discurso, pois ao adotarmos o paradigma da mineiridade estaremos estendendo-o por igual aos diversos grupos e classes que compõem a estrutura social de Minas.

Foi então, a partir dos elementos como posição geográfica, riquezas minerais, múltiplas influências culturais, uma vida rural modesta e provinciana, que os escritores começaram a construir a imagem dos mineiros, seu estilo de vida, sua personalidade, seu comportamento, enfim, seu estereótipo. Essa imagem ganhou força, foi apropriada e utilizada em vários momentos, perdeu os vínculos com suas origens históricas e sociais, ganhou espaço no terreno da cultura (sobretudo na literatura) e deu forma (a forma mítica) ao discurso que se tornou o “tradutor”, a síntese e essência do mineiro e de sua identidade, o discurso da “mineiridade” (ROCHA, 2003, p.77).

Dentro deste contexto, acreditamos que o juizforano, tal qual a heroína do romance *Madame Bovary*, de Flaubert, desejando evadir-se da condição de mineiridade em que encontrava, empresta a si mesmo uma personalidade fictícia ou sofisticada¹⁴, que se aparta da sua verdadeira natureza, inspirada na dimensão mítica incorporada à identidade do Rio de Janeiro. Acreditamos que as histórias contadas pelos viajantes e escravos que passavam pelo Caminho Novo tiveram duas fases, e a segunda teve maior participação na construção identitária da Juiz de Fora que se formava. Na primeira fase, de 1708 até que a Família Real chegasse ao país, acreditamos que a *natureza fantástica* do Rio de Janeiro e o eldorado mineiro fossem os principais temas das histórias contadas às margens da estrada. Com a decadência das minas e a chegada da Família Real em 1808, reconhecemos que a realeza e as

¹⁴ Segundo a estudiosa da UFRJ, Paula Glenadel Leal, o bovarismo seria um “termo cunhado em 1892 por Jules de Gaultier a partir do romance de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*, cuja heroína, saturada de leituras romanescas, mede a sua própria vida pelos parâmetros provenientes da sua experiência de leitora. O bovarismo consiste, assim, numa insatisfação romanesca com a realidade, numa inversão do olhar, e demonstra a incapacidade de assumir uma posição crítica em relação à ficção. O abismo que se abre entre as duas experiências, a da realidade e a do imaginário, confere uma dimensão ao mesmo tempo trágica e irônica ao bovarismo. A noção inicial de bovarismo estendeu-se e passou a frequentar outros contextos. Assim, a psicologia apropriou-se do termo para referir-se a certos tipos de atitude neurótica em que o indivíduo, desprovido de autocrítica, imagina-se diferente do que ele é, idealizando a sua personalidade, especialmente no campo sentimental. Além disso, na América Latina, o termo vem sendo empregado também com o sentido da alienação intelectual que precede a construção de uma identidade cultural própria; o teórico haitiano Jean Price-Mars é o primeiro a utilizá-lo neste sentido. Se a noção de bovarismo implica alguma positividade, esta reside no facto de a perpétua insatisfação e o contínuo trabalho da imaginação prefigurarem o desejo de escrita do qual o personagem de Emma Bovary fornece um modelo, embora ingênuo. Assim, a análise do bovarismo proposta por Alain de Lattre descobre, na forma da tolice de Emma e na forma da inteligência criadora de Flaubert, um mesmo princípio: a distância invencível entre o mundo e si, entre si e si mesmo” (Disponível em: <<http://www2.fcsb.unl.pt/edtl/verbetes/B/bovarismo.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2009, grifo nosso).

transformações que tomam conta do Rio de Janeiro passam a ser a tônica do discurso, só que agora, além das histórias contadas oralmente, começam a se somar os impressos, como jornais, almanaques e livros.

Toda esta informação que passava a circular logo após a formação do povoado criou nos habitantes da região aquilo que o pesquisador de geografia Yi-Fu Tuan (1980) define como topofilia, ou seja, todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente, mas distorcidos, já que a realidade carioca era distante. Mas não sendo a causa direta da topofilia “fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais” (p.107).

Ao tratarmos da construção identitária do juizforano, cremos não apenas na sedução dos apelos materiais do Rio de Janeiro com suas construções em estilo europeu e na praia, mas também no estilo de vida, ao contrário do que acontecia com a capital mineira, Belo Horizonte, que nos anos 40 ainda era considerada provinciana. A escritora juizforana Rachel Jardim, ao relatar suas impressões sobre as visitas que fazia a Belo Horizonte, demonstra o sentimento dos cariocas do brejo em relação à cidade:

Belo Horizonte era uma cidade estranha. Mentalidade totalmente provinciana [...] Heloísa Faria e Heloísa Aleixo eram nossas amigas. Tinham todo o lado provinciano da cidade (Laura e eu, de Juiz de Fora, tínhamos menos) mas, também, uma civilização interior vinda não sei de onde, de ancestrais remotos. Porque, se a cidade era nova, o povo tinha vindo de longe, de outras cidades, de muitas gerações. Naquele tempo não havia mineiro *nouveau riche*. Esse tipo apareceu anos depois, produto do cruzamento de mineiro com outras raças. E se faltavam hábitos civilizados, se comiam na copa, apesar de suas casas grandes, se vestiam errado, havia aquela propensão para a cultura, para a inteligência e aquela sobriedade no ser, *tão próxima da civilização*. A capela de Niemeyer com seus murais de Portinari, estava na Pampulha, sem maiores impactos para o povo local. Não era nem considerada uma atração turística [...] (JARDIM, 2003, p.107, grifo nosso).

O escritor juizforano Murilo Mendes, que viveu sua infância em Juiz de Fora e aos 20 anos, em 1921, se mudou para o Rio de Janeiro, publicou no jornal A Tarde, em 1920, diversas crônicas, cada uma delas intitulada Chronica Mundana e numeradas de 1 a 36. A pesquisadora Teresinha V. Zimbrão da Silva, que se debruça sobre as Chronicas Mundanas, faz referência a uma delas, que destaca as proximidades entre Juiz de Fora e Rio.

Na sua Chronica Mundana de 15 de outubro de 1920, Murilo Mendes registra que Juiz de Fora se pensa então como uma “cidade onde há espíritos cultos que estão em contato permanente com os grandes centros”, ou ainda como uma “cidade elegante” que a exemplo da capital nacional e das capitais europeias se caracteriza pelas “diversas ocupações amáveis que a gente fina tanto aprecia”, tais como literatura, música, artes plásticas, teatro e cinema (SILVA, 2004, p.136).

A escritora Terezinha V. Zimbrão da Silva destaca ainda:

De fato, distinguindo-se do resto do contexto mineiro e de sua tradição barroca, Juiz de Fora ingressou eufórica nos tempos modernos. No lugar dos conservadores sinos das catedrais chamando o católico às rezas, os apitos das progressistas fábricas convocando-o para trabalhar (SILVA, 2004, p.136).

Juiz de Fora, às margens do Caminho Novo, inicialmente através das histórias contadas pelos viajantes e mais tarde, pelos jornais, revistas, almanaques, livros e panfletos, ficou de fora do projeto da construção da mineiridade. No final do século XIX, os intelectuais produzidos na cidade, quase todos com um pé em Juiz de Fora e outro no Rio – já que sem passagem pela Europa ou pelo Rio de Janeiro não seria possível tornar-se notável, como Murilo Mendes, Pedro Nava, Belmiro Braga e mais tarde o cineasta João Carriço – tornam fácil observar o que é ser carioca do brejo. João Carriço mostra nos cinejornais que produz, uma cidade que se mistura ao Rio de Janeiro, imagens que imprimem à Manchester Mineira um ritmo acelerado como o da capital da República.

Entender os vários papéis que os meios de comunicação têm assumido em diferentes lugares e momentos da história é fundamental para a compreensão do processo de construção das identidades na contemporaneidade, e em Juiz de Fora não é diferente. A revolução proporcionada pela prensa de Gutenberg, com a possibilidade da difusão de ideias em grande escala, através da mediação do impresso, foi apenas o início da transformação de mundo que os meios de comunicação puderam realizar. A partir daí, os impressos, juntamente com o cinema, o rádio e a televisão, assumiram um papel fundamental como mediadores da realidade, interferindo na construção identitária dos indivíduos.

A identidade do carioca do brejo vai sendo construída, transformada e conformada ao longo do século XX, pois as novas tecnologias atuam diminuindo mais ainda as barreiras de espaço e tempo que separam as duas cidades. A partir das ideias dos estudiosos Peter Berger (1985) e Erving Goffman (1985), nós acreditamos que a identidade é um elemento construído a partir da cultura em que se vive e socialmente outorgado, sustentado e transformado. Assim, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, capital cultural do país, sede das maiores empresas de comunicação, mesmo deixando de ser a capital em 1960, através dos poderosos sistemas de representação que é detentora compreendidos como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas. E os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia, constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Por ter origem popular e por falta de bibliografia que trate sobre a denominação carioca do brejo, não é possível localizar precisamente a data em que foi utilizada pela primeira vez. Millôr Fernandes escreveu (1978, p.5) que ser carioca é um estado de espírito, e acreditamos que ser carioca do brejo não é diferente. Fora do projeto da mineiridade, restou ao juizforano construir uma realidade em que mesmo não sendo protagonista – papel reservado ao Rio de Janeiro e a Belo Horizonte – se constituisse como um território diferenciado, já que não conseguiu se livrar dos mitos fundadores do imaginário mineiro como a prudência, conciliação, equilíbrio e a unidade mineira (BOMENY, 1994), mas também não ficou imune aos ecos trazidos pela brisa do mar.

O juizforano, apelidado carioca do brejo, construiu uma identidade híbrida (CANCLINI, 2006) que não pode ser definida com facilidade e precisão, somente podendo ser estudada, através da tradução dos hábitos e tradições que se desenvolveram na cidade.

3 TELEVISÃO ENQUANTO MODO DE OPERACIONALIZAÇÃO

Falar de televisão é falar do Brasil.

Eugênio Bucci, 2000.

O Brasil, com a inauguração da TV Tupi em 1950, foi um dos cinco primeiros países do mundo a ter televisão e o primeiro da América Latina. O invento, que se tornou uma paixão nacional¹⁵, mesmo restrito inicialmente às classes mais altas, desde o começo demonstrará seu caráter popular. A televisão foi montada por uma elite técnica que terá acesso aos complexos manuais e equipamentos, que *falavam* inglês. Exibindo clássicos da cultura erudita através dos teleteatros, balé e orquestras, a televisão, ainda que assistida e ouvida à distância pelos *televizinhos e televisitas*, em pouco tempo encantará as massas e consequentemente os anunciantes. As escolhas feitas pelos telespectadores, cujo número não parava de crescer, optando entre este ou aquele programa, elegendo os que demonstravam a verve popular dentro da caixa mágica, irão moldar uma programação voltada ao gosto popular.

As emissoras de televisão filiadas ao grupo dos Diários Associados¹⁶ nasciam sempre regionais, a diversidade cultural que se manifesta nas diversas emissoras espalhadas pelo país, com programação unicamente local e estruturas minúsculas, fará da televisão um grande laboratório, que experimentará as mais diversas técnicas de produção e transmissão em televisão, mas muito mais que isso, será um laboratório de pessoas, onde se verificará se este ou aquele teriam a disposição e a paixão necessárias para manter no ar uma TV romântica, onde se podia improvisar e sonhar sem preocupação. O amor que os pioneiros dedicaram à televisão não resultava dos salários, que muitas vezes não existiam ou não eram pagos, mas do encantamento por um veículo que só se popularizará no final dos anos 1960. Portanto, podemos considerar que as duas primeiras décadas da televisão foram de sonho e romance com a telinha, e o vaticínio de que aquele era o objeto pelo qual um país se apaixonaria. As

¹⁵ Diversos fatores contribuíram para a centralidade da televisão entre os meios de comunicação no Brasil, como a concentração da propriedade das emissoras, a má distribuição de renda da população, o regime totalitário das décadas de 1960 e 1970, entre outros aspectos. É interessante destacar que até 1988 a legislação que regulamentava as concessões de rádio e TV no país atribuía poder absoluto ao Presidente da República, conforme Ivete Cardoso Roldão (1999).

¹⁶ Os Diários Associados são um grupo de comunicação ao qual pertencia a TV Mariano Procópio, objeto de nossa pesquisa. Adiante abordaremos detalhadamente a história destas empresas.

primeiras emissoras brasileiras não transmitiam apenas adaptações da cultura popular, ainda que advindas do rádio, do circo e do teatro, elas pertenciam ao povo das cidades, que queria ver televisão e que em muitos casos financiou a instalação das antenas e transmissores para que o sinal chegasse até eles. Com exceção dos grandes centros, as emissoras que vão surgindo pelo país são frutos do esforço de pioneiros apaixonados e visionários.

O crescimento das grandes redes de televisão ocasionou a diminuição da exibição de programas locais, transformando as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo nas grandes detentoras do capital simbólico nacional. Ao mesmo tempo a precursora Tupi, cujos programas das diversas emissoras possuíam um forte caráter regional, começa a desaparecer, restando pouco para que as identidades regionais pudessem se manifestar e coexistirem com as identidades nacionais, elaboradas a partir dos grandes centros.

3.1 A CONSTRUÇÃO DE UMA REDE

Até os anos 1930, o café era o produto brasileiro que mais interessava aos compradores internacionais, a economia era baseada na exportação agrícola. Mas terminada a década, o país começa a sofrer “uma série de transformações econômicas, centradas na industrialização urbana, o que contribuiu para a intensificação do processo de modernização de nossas cidades” (SODRÉ, 1977, p.86).

Segundo o pesquisador Sérgio Mattos (2000), depois da Segunda Guerra e durante o Estado Novo, a indústria passa a exercer uma influência significativa na economia brasileira. O governo de Getúlio Vargas¹⁷ orientava-se pela substituição de importação de bens de consumo não duráveis pelos fabricados no Brasil. Valendo-se desta bandeira de uma política nacionalista, o governo investe na indústria pesada e começa a criar a infraestrutura necessária para que o país possa produzir bens de consumo duráveis.

¹⁷ Getúlio Dornelles Vargas foi um político brasileiro, chefe civil da Revolução de 1930, que pôs fim à República Velha (1889-1930) depondo seu último presidente Washington Luís. Vargas foi por duas vezes presidente da república do Brasil: na primeira vez, de 1930 a 1945, governou o Brasil em três fases distintas: de 1930 a 1934, no governo provisório; de 1934 a 1937, no governo constitucional, eleito pelo Congresso Nacional; e de 1937 a 1945, no Estado Novo. Na segunda vez, de 1951 a 1954, governou o Brasil como presidente eleito por voto direto (JORGE, Fernando. Getúlio Vargas e seu Tempo. São Paulo: Editora T. A. Queirós, 1986. 2 v.).

E é na década de 1940 que se pode observar a presença de uma série de atividades ligadas a uma cultura de massa no Brasil. Para o escritor Renato Ortiz (1988), a sociedade urbano-industrial se consolida nesse período e se moderniza em diferentes setores.

A velha sociologia do desenvolvimento costumava descrever essas mudanças sublinhando fenômenos como o crescimento da industrialização e da urbanização, a transformação do sistema de estratificação social com a expansão da classe operária e das camadas médias, o advento da burocracia e das novas formas de controle gerencial, o aumento populacional, o desenvolvimento do setor terciário em detrimento do setor agrário. É dentro desse contexto mais amplo que são redefinidos os antigos meios (imprensa, rádio e cinema) e direcionadas as técnicas como a televisão e o marketing. Sabemos que é nas grandes cidades que floresce este mundo moderno (ORTIZ, 1988, p. 38-39).

Mas apesar das mudanças causadas pela industrialização na sociedade brasileira, ela se restringe a fronteiras bem delimitadas. Ainda segundo Ortiz, neste período: “a ‘indústria cultural’ e a cultura popular de massa emergente se caracterizam mais pela sua incipiência que pela sua amplitude” (1988, p.45).

Devido ao grande número de analfabetos, o mercado de livros, que teria surgido em meados dos anos 1930, apresenta ainda uma penetração pequena junto a população. Tendo inclusive o número de editoras no país, entre 1948 e 1953, diminuído de 280 para 144 (ORTIZ, 1988, p. 46). Havia poucas possibilidades de um crescimento real da indústria do livro, já que era mais barato importá-los que imprimi-los. O cinema, apesar das empreitadas para que fosse criado um polo nacional de produção, vê a falência da Vera Cruz¹⁸ em 1954 e também de empresas menores como a Maristela. O rádio era certamente o meio de comunicação mais popular, mas devido ao subdesenvolvimento da sociedade brasileira, tinha dificuldades para se expandir. Nos anos 1940 e 1950 a teia de comunicação por rádio era bastante fraca em grande parte do território nacional, e uma parcela expressiva da população estava excluída.

Só o recenseamento de 50 propiciou o conhecimento dos dados estatísticos relativos à radiodifusão. Saint-Clair Lopes menciona que em 1945 existiam pouquíssimas estações no Brasil (acreditamos, pelo montante que conseguimos levantar, que já havia, em 1950, perto de 200) e que 10 anos depois em 1955, se arrolavam 300 estações, [...] Sessenta por cento das emissoras se situavam no Sul, vindo depois o Leste, com 30,3%, portanto, havia concentração de cerca de 95% das estações no Sudeste (FEDERICO, 1982, p.81).

¹⁸ A Companhia Cinematográfica Vera Cruz foi criada em 1949, apoiada pela elite financeira paulista e contando com o apoio da intelectualidade da época. Propiciou a criação de duas outras grandes Companhias, a Cinematográfica Maristela (1950-1957) e a Multifilmes (1952-1955), que têm curta duração (RAMOS, FERNÃO; MIRANDA, Luiz Felipe. Enciclopédia do Cinema Brasileiro. São Paulo: Editora SENAC, 1997).

A pesquisadora Maria Elvira Federico destaca ainda que a radiodifusão sonora, na época da implantação da tevê (1950), era ainda “um veículo em expansão e desenvolvimento”, mas do qual já se reconhecia o grande poder junto ao público. Possivelmente inspirado pelas técnicas utilizadas pelo partido nazista, que se valia dos meios de comunicação de massa para divulgar as suas ideias, o político Getúlio Vargas, desde o dia 10 de novembro de 1937, quando se instalou o Estado Novo, “compareceu aos microfones, passando a utilizar o rádio efetivamente em função do seu governo” (FEDERICO, 1982, p.65).

O pesquisador Francisco José Paschoal ao se debruçar sobre o marketing político utilizado por Getúlio Vargas, destaca:

Getúlio Vargas, aprendiz dos regimes autoritários europeus da década de 30, que lançaram moda a partir da fundação do Ministério da Propaganda liderada por Goebells na Alemanha nazista, teve exata noção da importância do papel do sistema de propaganda para a manutenção do apoio político, principalmente das massas. Em seu séquito é possível identificar germanófilos como Filinto Muller e Lourival Fontes, este diretor do DIP, embebidos dos preceitos nazi-fascistas de uso da propaganda (PASCHOAL, 2007, p.2).

Em virtude do alto índice de analfabetismo, buscou-se difundir o uso do rádio nas escolas, estabelecimentos agrícolas e industriais, juntamente com o Cinejornal Brasileiro, que fazia, segundo Paschoal (2007), a crônica cotidiana da política nacional, recorrendo-se ao forte impacto dos recursos audiovisuais, exibida obrigatoriamente antes das sessões de cinema. Através da propaganda política e pessoal de Getúlio Vargas, a construção simbólica do líder do governo, como *pai dos pobres*, alcança o auge. O DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), órgão criado por Getúlio para o controle e uso da censura na imprensa, passa atuar em diversas frentes. Possuía setores de divulgação, radiodifusão, teatro, cinema, turismo, imprensa e literatura social e política. Era sua função:

[...] coordenar, orientar e centralizar a propaganda interna e externa, fazer a censura ao teatro, cinema e funções esportivas e recreativas, organizar manifestações cívicas, festas patrióticas, exposições, concertos musicais, conferências e projetos monográficos sobre a História do Brasil, estimular a produção de filmes educativos nacionais e classificá-los para a concessão de prêmios e favores e dirigir o programa de radiodifusão oficial do governo. Vários estados possuíam órgãos filiados ao DIP, os chamados “*Deips*”. Essa estrutura altamente centralizada permitia ao governo exercer o controle da informação, assegurando-lhe o *domínio da vida cultural do país* (PASCHOAL, 2007, p.5, grifo nosso).

Mas o sonho do Estado totalitário de construir um sistema radiofônico em nível nacional se desfaz diante da impossibilidade material de realização. Renato Ortiz (1988)

explica que a radiodifusão brasileira não adquire forma de rede, o que estimula o crescimento da radiofonia local. As emissoras mais potentes se limitavam a irradiar seus programas a partir de sua base geográfica, mas elas “não se constituíam em centro integrador da diversidade nacional” (ORTIZ, 1988, p.43). Simplesmente podiam ser captadas de acordo com o padrão da recepção de cada lugar. Podemos citar como exemplo a Rádio Nacional, que praticamente não era ouvida na cidade de São Paulo, onde operavam a Rádio Record e a Difusora numa frequência de ondas que bloqueava sua penetração. Assim, a exploração comercial dos mercados se fazia regionalmente, não possuindo o rádio brasileiro da época a dimensão integradora característica das indústrias de cultura.

Os impressos, o rádio e o cinema, em virtude das limitações tecnológicas - como falta de energia elétrica - e das grandes distâncias, só conseguiam estabelecer pequenas *redes* ao redor dos grandes centros. A indústria cultural que se constituía no sudeste permanecia não dialogando com grande parte dos *Brasis* existentes no território nacional, de maioria analfabeta, sem acesso a livros, revistas, cinema e ao rádio. Tanto para ampliar mercados consumidores, como para atingir os eleitores, um país interligado em rede, ainda era um sonho a ser realizado. Este quadro da indústria cultural vai se estender também à primeira década da televisão no país, que possuía também um forte caráter regional.

3.2 A LUTA PIONEIRA DA TUPI

Segundo o jornalista David Nasser (1961), quando Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, em 1924, assume a direção de O Jornal, no Rio de Janeiro, começava ali “um império de palavras”. Depois de passar por alguns jornais do Recife e do Rio de Janeiro, no mesmo ano que se torna diretor do impresso carioca, Chateaubriand consegue comprá-lo, graças ao dinheiro fornecido por barões do café, orientados por amigos do jornalista.

A vinda de Assis Chateaubriand para o Rio de Janeiro era em busca de um “cenário mais amplo para o desenvolvimento de seu plano de vida” (CARNEIRO, 1990, p.74), que foi acelerado pela aprovação do jornalista no concurso para professor de Direito Romano e de Filosofia de Direito da Faculdade de Direito de Recife, em 1915. Em busca da nomeação para o cargo, Chateaubriand foi procurar apoio na capital Federal, mas apesar dos convites para permanecer no Rio de Janeiro, regressa vitorioso para Recife, após estabelecer uma série de

laços com escritores, empresários e jornalistas que conseguiram o apoio do Presidente da República para a nomeação.

Mas o jornalista acaba não assumindo o cargo de professor em Recife e volta para o Rio de Janeiro, já com o projeto de adquirir um jornal. Depois de ter feito viagens pela Europa e Estados Unidos e conhecido as empresas de comunicação que se constituíam nestes países, já manifestava seu desejo de constituir uma rede: “A conjugação de veículos jornalísticos, agrupados em um só organismo econômico e político, informativo e doutrinário, abrangendo, numa visão imensa, aspirações e interesses das suas respectivas nações e impérios” (CHATEAUBRIAND apud CARNEIRO, 1999, p.90).

As sucursais em São Paulo e Belo Horizonte vieram logo depois do jornal carioca. Em 2 de junho de 1925, adquire o primeiro jornal em São Paulo, o Diário da Noite. Em 1929, as Associadas já contavam com seis jornais e duas revistas. Getúlio Vargas e Chateaubriand se aliam neste período. Desta aliança nasce a revista O Cruzeiro, que segundo Carneiro chegaria nos anos 1950 a uma tiragem de 720 mil exemplares. Antes disso, vieram, em 1929, o Diário de São Paulo, o Estado de Minas, em Belo Horizonte, o Diário da Noite, no Rio de Janeiro, e em 1930 o Diário de Notícias, do Rio Grande do Sul. Em 1931, surge o Diário da Tarde em Belo Horizonte e o Diário de Pernambuco é anexado às Associadas. No mesmo ano é inaugurada a primeira agência de notícias brasileira, A Meridional. Em 1936 assumia o jornal Estado da Bahia.

O desejo de Chateaubriand de constituir uma rede dá um grande passo em 25 de setembro de 1935, com a inauguração da Rádio Tupi PRG-3, que anos depois vai fornecer grande parte do *cast* inicial da TV Tupi. Segundo o escritor Glauco Carneiro, a partir da pioneira Tupi, os Diários e Emissoras Associadas, chegariam a possuir dezenas de emissoras em todo o país, “difundindo nos céus do Brasil notícias, música, entretenimento e conhecimento” (1999, p.187).

A presença dos Diários Associados em crescente número de unidades federativas decorreu da aceitação do seu programa de interligar os estados pela comunicação voltada para o culto da idéia nacional, *assumindo uma responsabilidade mais de governo do que de iniciativa privada* (CARNEIRO, 1999, p. 236, grifo nosso).

O império de Chateaubriand não parou de crescer pelo país. Segundo o diretor de televisão João Lorêdo, quando em 1950 as Associadas inauguram a TV Tupi Difusora – canal 3, já contavam com 23 jornais, 28 emissoras de rádio, as duas revistas mais importantes para adultos do país (O Cruzeiro e A Cigarra), 12 revistas infantis, agência de notícias, indústrias químicas, laboratórios farmacêuticos, um castelo na Normandia, dez fazendas espalhadas pelo

Brasil e a maior coleção de arte jamais vista no país (2000, p.16). A era Chateaubriand coincide com a decolagem do jornalismo como indústria de massa:

[...] o moderno fenômeno da cultura de massa só foi viabilizado como desenvolvimento do sistema de comunicação por media, ou seja, com o advento e a multiplicação vertiginosa dos veículos de massa – o jornal, a revista, o rádio, o filme, a televisão, dentro de um quadro social propício (SODRÉ, 1972, p.13).

3.2.1 TV Tupi – O empreendimento

Em 1944, o jornalista Assis Chateaubriand em visita a empresa de produtos eletrônicos RCA, nos Estados Unidos, para comprar material a fim de ampliar suas emissoras de rádio, é apresentado aos equipamentos de televisão produzidos pela empresa e já manifesta seu interesse em adquirir duas emissoras de televisão, uma para o Rio de Janeiro e outra para São Paulo. Na ocasião, fez questão de registrar a primeira ordem de compra de emissoras de televisão fora dos Estados Unidos. Mas faltava o dinheiro, o que Chateaubriand consegue de grandes empresas¹⁹ brasileiras, em troca de longos contratos de publicidade. Em 1947, volta aos Estados Unidos, paga a primeira parcela e encomenda a RCA os equipamentos necessários para as duas emissoras (CASTRO, 2000, p.25).

O jornalista, desde que encomendara os equipamentos de televisão, estava entusiasmado com a palavra imagem, uma solução possível para quebrar as barreiras que seus impressos e rádios enfrentavam. O componente visual da mensagem televisiva prescinde, em princípio, do domínio prévio de algum código pelo telespectador, possibilitando que esta imagem se torne uma linguagem universal. A televisão para Chateaubriand era o instrumento que sinalizava com a possibilidade de permitir aos Associados, no futuro, atuarem como construtores e conformadores de realidade em todo o território nacional, superando muitas das dificuldades que suas empresas encontravam para se expandirem.

Seduzidos pela imagem desde a compra do material para as emissoras de televisão, Chateaubriand e Oduvaldo Viana²⁰ decidiram fazer pequenos filmetes para tornar conhecidos do grande público os rostos do elenco radiofônico de São Paulo, até aí famosos apenas pela

¹⁹ Segundo a pesquisadora Vida Alves, os quatro patrocinadores foram: Antartica Paulista, Sul América Seguros, Moinho Santista e Organização Francisco Pignatari, que receberam ordens de inserção de anúncios por 12 ou 18 meses (ALVES, 2008, p.53).

²⁰ Oduvaldo Viana era o diretor artístico da Rádio Difusora de São Paulo e que trouxe para o Brasil o gênero de novelas de rádio, que havia conhecido na Argentina (ALVES, 2008, p.27).

voz – já que como dissemos anteriormente os jornais e revistas tinham circulação limitada. Além disso, passando nos cinemas do interior, acreditavam que aumentaria a venda do jornal Diário de São Paulo, que era voltado para o público interiorano (prefeituras e fazendas), e cujas vendas não iam bem (ALVES, 2008, p.27).

O documentário *Chuva de Estrelas*, feito em 16mm, contou com muitos dos grandes astros do rádio: Lia de Aguiar, Vida Alves, Helenita Sanches, Hebe Camargo, Ivon Curi e a cantora portuguesa Arminda Falcão, além de mostrar os bastidores da notícia – as rotativas dos Associados, os ensaios e a vida dos radioatores e radioatrizes, o trabalho dos contraregras e sonoplastas, além de outros recursos utilizados nos estúdios de rádio. Posteriormente o filme foi fracionado em videoclipes com as músicas dos cantores de sucesso, que passaram a ser exibidos pelo país antecedendo as sessões de cinema. Um dos mais famosos é o que apresenta a cantora Hebe Camargo e o cantor Ivon Cury, interpretando a canção *Pé de Manacá* de Hervê Cordovil e Marisa Pinto Coelho (ALVES, 2008, p. 27).

O diretor Oduvaldo Viana, entusiasmado, convenceu Chateaubriand a fazer um filme de 35 mm. Em 1949, *Quase no Céu*, estrelado por Lia de Aguiar e Paulo Alencar, foi lançado em 12 cinemas pela Columbia com grande sucesso de público. Segundo o diretor de televisão Walter Avancini – que atuou como um ator mirim na produção, aos treze anos de idade – em depoimento à Associação dos Pioneiros, Profissionais e Incentivadores da Televisão Brasileira em 28 de novembro de 1998, “os cinemas que exibiram o filme tiveram suas portas arrebitadas, tamanhos eram o volume e a ansiedade do público que queria ver no cinema os mais famosos radioatores daquele momento” (AVANCINI, 2004, p.161). Pensaram em montar os Estúdios Cinematográficos Tupi e realizar outros filmes, mas logo depois chega a televisão e os projetos de cinema são esquecidos.

De acordo com o pesquisador David José Lessa Mattos (2002), o segundo filme dos Estúdios Tupi seria *O homem e a terra*, de autoria e direção do mesmo Oduvaldo Vianna, mas o filme não chega a ser produzido. Anos mais tarde, os atores da TV Tupi seriam utilizados pelos diretores Walter George Durst e Cassiano Gabus Mendes, no filme *O Sobrado*, baseado na obra *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo. Segundo Mattos, este “é o único documento hoje existente sobre o trabalho dos artistas pioneiros da televisão no Brasil” (2002, p.199) – profissionais que atuaram apenas na TV ao vivo.

No dia 1 de fevereiro de 1950, atracou no Porto de Santos o cargueiro *Momacyord* trazendo os equipamentos para a TV Tupi. Mas os caixotes só foram liberados no dia 23 de março, quase dois meses depois do desembarque, quando os caminhões carregados seguiram

em cortejo pela Rodovia Anchieta até o alto do Sumaré, onde ficava a *Cidade do Rádio*²¹. Em 31 de maio de 1950 tem início a montagem da pesada antena *Superturstyle* no alto do edifício do Banco do Estado de São Paulo, a 140 metros do solo. Todas estas etapas foram notícias de destaque nos veículos das Associadas, levando a uma grande expectativa da população (CASTRO, 2000, p.55).

Em meados de agosto daquele ano, começaram os testes. Inicialmente foi exibido o sinal padrão²² da RCA, depois imagens paradas, filmes documentários, voz em *off*²³ sobre o padrão para ajuste da imagem. Monitores espalhados em vitrines de grandes lojas permaneciam ligados e a curiosidade sobre aquela caixa mágica ia aumentando. A transmissão experimental do Frei José Mojica²⁴ cantando os boleros *Besame Mucho*, *Dos Sapatios* e *Solamente una vez*, dentre outros, foi patrocinada pela marca de produtos alimentícios Peixe, a partir do auditório do Museu de Arte Sacra de São Paulo, na noite de 4 de julho de 1950. Atraiu milhares de expectadores para os dois monitores colocados em plataformas no centro de São Paulo e outros dois no saguão do edifício dos Diários Associados. Segundo o ator Lima Duarte, também um dos pioneiros da televisão, apesar do sucesso do Frei cantor, a apresentação do religioso, clamando por beijos e abraços nas letras dos boleros, muitos de sua autoria, era uma estranha maneira de se dar início à televisão no país (MATTOS, 2002, p.122).

Outras transmissões experimentais se seguiram, até que na segunda-feira 18 de setembro entra no ar a TV Tupi. Para destacar a importância que – segundo os pioneiros e os impressos da época (quase todos ligados às Associadas) – alcançaram estas transmissões experimentais, nos valem das pesquisas de José de Almeida Castro (2000, p.58), também um pioneiro da Tupi. Segundo Castro, desde que começaram as transmissões experimentais, não parava de chegar cartas à redação dos Associados. Muitas elogiando a qualidade das imagens transmitidas ou protestando contra estas mesmas imagens, contra desenhos falados em inglês, a falta de artistas do rádio se apresentando e até mesmo pelo fato de não estarem

²¹ O alto do Sumaré em São Paulo, onde ficava o prédio especialmente construído para abrigar a Rádio Difusora e que mais tarde abrigaria a Rádio Tupi e também a TV Tupi, era conhecido como *Cidade do Rádio*. (FÍGARO, Roseli. *A nossa próxima atração*. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/Comedu/article/viewFile>>. Acesso em 10 out. 2009).

²² O padrão (uma espécie de logomarca da empresa) para ajuste de imagem da RCA, que irá se tornar conhecido no início da televisão, constava de algumas círculos e linhas em tons de cinza, onde aparecia também a cabeça de um índio americano velho (MATTOS, 2002, p.66).

²³ Chamamos de texto em *off* aquele em que o locutor não aparece, ficando apenas a narração coberta por imagens.

²⁴ O Frei José Mojica, era um tenor mexicano de grande sucesso, que mesmo em 1942 se tornando religioso, continua sua carreira como cantor.

tratando da sucessão presidencial, já que a campanha eleitoral que elege Getúlio Vargas em 1950 estava em andamento.

Ao contrário da TV norte-americana, que se desenvolveu através do apoio da forte indústria cinematográfica, a do Brasil apoiou-se e, segundo o pesquisador Sérgio Mattos (2002, p.49), teve de submeter-se à influência do rádio, valendo-se da sua estrutura, formato de programação, técnicos e artistas. A TV que nasce em São Paulo é marcada pela precariedade, improvisado, e por valer-se do elenco e da mão de obra radiofônicos. E foi por esse motivo considerada pelos artistas de teatro uma arte menor, ficando estes profissionais de fora daquele início conturbado. Só nos anos 1960 a TV vai buscar um caminho próprio e consegue desvencilhar seus programas das marcas deixadas pelo rádio.

A inauguração chegou a ser adiada algumas vezes. Segundo o escritor José de Almeida Castro, “a própria televisão anunciou primeiro para dia 5 de setembro, depois para 16 e somente no dia 13 confirmou a data oficial, 18 de setembro, à noite” (2000, p.58). Um dos adiamentos ocorreu depois que um técnico americano que trabalhava na instalação da emissora constatou que não havia aparelhos de TV para assistir à programação na cidade. O que Chateaubriand resolveu contrabandeando 200 aparelhos, que chegaram a tempo e foram espalhados em locais estratégicos da cidade (MATTOS, 2002, p.80). Dois dos primeiros aparelhos que recebeu foram dados de presente, um para sua secretária Vera Faria e outro para o Presidente da República Eurico Gaspar Dutra, que irão permanecer como peça de decoração até que chegasse a televisão no Rio de Janeiro. Horas antes do show de estreia, repleto de artistas do rádio, entrou no ar o locutor Homero Silva, apresentando o bispo auxiliar paulistano, D. Pedro Rolim Loureiro, que a seguir abençoou os estúdios da emissora. Depois da bênção e dos discursos proferidos por Chateaubriand e pela poetisa Rosalina Coelho Lisboa, madrinha da TV Tupi de São Paulo na cerimônia de inauguração, o canal saiu do ar, permanecendo música de fundo e o padrão da emissora exibidos até as 21 horas quando começaria a programação artística. O primeiro dia da televisão brasileira chama atenção pelas soluções criativas que tiveram que ser encontradas – e que irão marcar os primeiros anos da TV – pois horas antes da emissora começar a transmitir, um problema na geração de imagens fez com que a equipe da RCA desaconselhasse a inauguração. Mas os técnicos do rádio, encarregados das transmissões da TV, não desistiram e conseguiram resolver o problema. Uma das três câmeras também não funcionou, ainda assim, a inauguração foi mantida (CASTRO, 2000).

Terminada a primeira transmissão, ficava o problema: o que colocar no ar no dia seguinte? Segundo Alves (2008) foi o diretor de televisão Cassiano Gabus Mendes que ainda

durante a festa de comemoração da inauguração manifestou a preocupação, já que os dias que antecederam à inauguração foram dedicados apenas aos ensaios para a estreia. Ele pediu a seus auxiliares para que no dia seguinte fossem aos consulados, pegando todo tipo de filmes, documentários, desenhos, inclusive os produzidos pelo estúdio da comunicação Marshall MacLuhan, para que fossem exibidos através do aparelho de telecinagem²⁵.

Tanto em virtude do alto preço dos primeiros aparelhos de televisão quanto em função de ter que se apelar para os filmes oficiais de países estrangeiros para preencher a programação, o ator Lima Duarte, em depoimento concedido para a atriz Vida Alves (2008), destaca a sofisticação da programação: “Saímos correndo pros consulados, pra pegar os filmes [...] Tinha filmes de cientistas fazendo experiências, tinha filmes sobre desintegração das amebas da Polinésia [...] a biologia não sei lá de quê. Ficava passando esses filmes todas as noites (DUARTE apud ALVES, 2008, p.71).

Dois dias depois do nascimento da televisão, em 20 de setembro de 1950, entra no ar o primeiro telejornal do país, o *Imagens do Dia*. Segundo o escritor Guilherme Jorge de Rezende (2000, p. 105) era uma pequena equipe formada pelo redator e apresentador Ruy Resende e os cinegrafistas Jorge Kurjian, Paulo Salomão e Afonso Ribas, que produziam um noticiário que apresentava uma sequência de filmes dos últimos acontecimentos locais. Um desfile cívico-militar nas ruas da capital paulista teria sido a primeira reportagem filmada a ser exibida pela TV brasileira. O noticiário foi substituído em 1952 pelo *Telenotícias Panair*, e, a partir de 17 de junho de 1953, pelo *Repórter Esso*, apresentado por Gontijo Teodoro até 31 de dezembro de 1970.

O pesquisador Sérgio Mattos (2000, p. 78-79) divide os primeiros anos da televisão em fase elitista (1950 a 1964), populista (1964-1975) e a fase do desenvolvimento tecnológico (1975-1985). Segundo o autor a televisão foi considerada um luxo até meados dos anos 1960 e a programação refletia isso. Concordamos em parte, já que o preço dos aparelhos distanciava as massas de trabalhadores da televisão, mas acreditamos que a programação sempre foi híbrida, como destaca Renato Ortiz:

[...] a totalidade da programação da época era composta por programas populares, e não por peças de cunho cultural; por exemplo, shows de auditório, programas humorísticos, música popular, telenovela. [...] A televisão brasileira recrutava a maioria de seus quadros entre os antigos profissionais do rádio, onde este tipo de programação já havia se consagrado como popular. Vamos encontrar programas considerados como mais legítimos de um lado, teatro e teleteatro, e mais populares de outro, produzidos segundo o antigo esquema do rádio (ORTIZ, 1988, p.73).

²⁵ Equipamento que transforma os filmes em película e eslaides em imagem de televisão. Explicaremos detalhadamente adiante.

De acordo com Mattos (2002), o teleteatro, ao lado dos programas de variedades e shows musicais, eram a base da programação artística das emissoras de televisão. O escritor Inimá Simões (1986) destaca os seguintes (todos ao vivo): TV de Vanguarda (teleteatro) que para muitos se tornará a própria definição dos anos 1950, Grande Teatro Tupi (teleteatro), Clube dos Artistas (artes/variedades), Almoço com as Estrelas (musical/variedades), Alô Doçura (seriado sobre a história de um casal), Sítio do Picapau Amarelo (infantil), O Céu é o Limite (prêmios), além das transmissões esportivas. Simões (1986) destaca ainda, que ao mesmo tempo em que a TV é inaugurada em São Paulo surgem inúmeras iniciativas culturais lideradas pela burguesia industrial paulista: TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, as Bienais, os Museus, numa época em que a cultura burguesa vigora como *a cultura*. O programa TV de Vanguarda – apresentando clássicos do teatro – terá significação diferenciada, por se juntar ao projeto cultural da elite paulista.

Até a segunda metade da década de 1950, a maior parte da população brasileira vivia no campo. O panorama econômico só começa a mudar quando o setor industrial supera o primário na participação da renda nacional, favorecido inclusive pela inauguração da Companhia Siderúrgica Nacional em 1956. Este cenário amplia também as possibilidades para o desenvolvimento da televisão.

Mas a TV só vai começar a se constituir como um meio de comunicação de massa e passar a atrair verbas publicitárias que possibilitavam o seu aperfeiçoamento técnico, artístico e mesmo para ampliar a sua capacidade de irradiar a programação na segunda metade dos anos 1960. A TV Tupi vai ser extinta antes que possa usufruir das imensas possibilidades que irão conquistar as grandes redes de televisão. Do fértil laboratório que foi a emissora para uma geração de pioneiros, usufruíram as tevês que vieram posteriormente, pois o exercício constante de superação, improviso e criatividade na primeira TV do Brasil, funcionou como uma grande escola para os profissionais que por ali passaram.

3.3 A EXPANSÃO DAS AFILIADAS

Utilizaremos a denominação afiliada para nos referirmos às emissoras que faziam parte dos Diários Associados, embora não se enquadrem na moderna denominação de

afiliada²⁶ utilizada pelas redes de comunicação. Estas empresas consideram como filiadas aquelas emissoras do mesmo proprietário da cabeça de rede e que retransmitem o seu sinal, aquelas que retransmitem o sinal, mas têm proprietários diferentes, são consideradas afiliadas. Ocorre que as emissoras de TV ligadas às Associadas que vão surgindo pelo país, como ainda não havia o videoteipe e o sinal de cada uma delas atingia uma área pequena, em torno de 100 Km, mesmo reproduzindo os formatos de programação da Tupi São Paulo, acabam por produzirem programação independente, permanecendo desconectadas da sede em São Paulo. No entanto, o que parecia um problema, vai fomentar experiências televisivas nos quatro cantos do país, que resultarão em vários programas de sucesso (PURRI NETO, 2008).

Mas antes de tratarmos das dezenas de afiliadas espalhadas pelo país, analisaremos inicialmente a TV Tupi do Rio de Janeiro, que na verdade seria uma segunda emissora cabeça de rede, construindo desde o início uma trajetória diferente, que vai se entrelaçar com a história da TV Mariano Procópio, como verificaremos no capítulo quatro. Em 1974, quando a TV Tupi torna-se uma rede de emissoras ligadas por satélite, a TV carioca passa a ser oficialmente uma afiliada²⁷ à cabeça de rede em São Paulo, terminando a produção da maior parte de seus programas.

Pesquisar sobre a TV Tupi carioca é tarefa árdua, já que o pioneirismo ficou com a Tupi Paulista, a primeira a entrar no ar no país. A originalidade também, pois a emissora do Rio é inaugurada tendo que repetir formatos de programas apresentados em São Paulo. Assim, os pioneiros cariocas se calaram e as obras sobre a história da televisão no país dedicam, na maioria das vezes, uma frase, um parágrafo, dificilmente extrapolando algumas poucas páginas, sobre a emissora. A forte presença da Globo no Rio de Janeiro, inimiga da TV Tupi, que denunciava os favorecimentos governamentais e o capital estrangeiro presente nos primeiros anos da emissora, e que irá absorver grande parte dos talentos oriundos da Tupi,

²⁶ As redes e suas afiliadas formalizam seus laços econômicos através de um contrato de afiliação. Nele se estabelece que todas as afiliadas devem ter um comportamento uniforme e uma programação artística e comercial padrão, sob a coordenação única da *cabeça* do sistema, sediada em São Paulo ou Rio de Janeiro. Cada rede pode ter apenas uma afiliada em cada cidade. Pelo contrato a rede provê as afiliadas com uma programação que é compulsoriamente retransmitida, no horário determinado, não sendo permitida, em nenhuma hipótese, qualquer alteração. Esta programação contém janelas, equivalente a mais ou menos 15% da programação total, nas quais a afiliada introduz seus programas locais, inclusive noticiários. Os intervalos destinados à publicidade local são divididos meio a meio entre a afiliada e a *cabeça* do sistema, tendo esta prioridade na distribuição de anúncios. Na verdade, a cabeça age como um distribuidor, comprando as audiências locais e regionais, agregando-as e revendendo-as para anunciantes nacionais (JAMBEIRO, 2001, p.109).

²⁷ Em 1972, a Rede Tupi de Televisão começa a ser formada. Houve várias divergências sobre qual canal seria a cabeça da rede: o canal 4 paulistano ou o canal 6 carioca. Houve duas tentativas para que ambas comandassem a Rede Associada. Na primeira, a estação carioca comandaria as emissoras do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, enquanto que a emissora de São Paulo controlaria os canais do Sul e Sudeste. Na segunda, a Tupi paulista ficaria responsável pela produção de telenovelas, e a Tupi do Rio se encarregaria pelos shows e programas de auditório. Mas as duas ideias não vingaram, e a rixa entre as diretorias das duas estações agravaram a situação da Tupi (HOINEFF, 1996).

levará estes profissionais ao silenciamento sobre o passado. A pesquisadora Marialva Carlos Barbosa (2007) quando destaca que a Rede Globo, ao rememorar certos fatos históricos, torna-se guardiã da lembrança do próprio passado brasileiro, pois ao selecionar um fato em detrimento de outro, vai promover o esquecimento do que foi deixado de lado, como acreditamos que aconteceu com a Tupi no Rio.

Há que se considerar a existência de memórias dominantes e memórias dominadas. Dentro de um mesmo grupo, opera-se, pois, o processo de visibilização de determinadas memórias, em detrimento de outras que são silenciadas, a quem não se permite organizar sentidos (BARBOSA, 2007, p. 50).

As referências à segunda emissora do país, até mesmo nas obras publicadas pelos Associados recentemente, chamam atenção pelos silêncios dedicados à TV do Rio. Encontramos no livro da ex-atriz Vida Alves, em 2008, sobre o surgimento da televisão em São Paulo, uma das poucas citações referentes ao trabalho feito no Rio.

Devemos registrar que a TV Tupi do Rio espantou a todos, por suas ousadias. Toda a programação procurava ser mais descontraída, com muitas externas, muitas transmissões de jogos de futebol, de peças de teatro, diretamente dos palcos da cidade. Era a PRG3 TV Tupi (ALVES, 2008, p.119).

A atriz Fernanda Montenegro também se manifestou contra o descaso com que é tratada a história da segunda emissora do país:

Sempre se conta a história da TV no Brasil através e unicamente de São Paulo. Eu acho uma injustiça com o grande trabalho que foi desenvolvido na TV Tupi do Rio de Janeiro, totalmente independente da TV Tupi de São Paulo. Sempre há uma referência quase sacrossanta ao TV de Vanguarda (o teleteatro de maior sucesso em SP) e a todas as experiências que aconteceram lá. Na verdade, é preciso que alguém conte a história da TV no Rio de Janeiro. Uma experiência independente, criativa, rica ou até mais rica que a de São Paulo. Na verdade, o Rio de Janeiro, na sua televisão, conseguiu trazer para a TV todo o teatro musicado, todo o teatro de comédia da Cinelândia, toda a experiência do Teatro do Estudante Paschoal Carlos Magno. Esse bloco de gente foi amalgamado dentro da Tupi e então tivemos grandes espetáculos. Era tudo gravado direto, não tinha videoteipe na época. Dentro dos corredores da Tupi você convivia como mundo do espetáculo do Brasil (MONTENEGRO. A Televisão no Brasil – vídeo. 1993).

Não é ao acaso que profissionais presentes à fase inicial da TV admitem haver uma história da televisão no Rio, outra em São Paulo, outra em Belo Horizonte e assim por diante (SIMÕES, 1986, p.35). A pesquisadora Cristina Brandão (2005), em sua dissertação de mestrado sobre o Grande Teatro Tupi, um dos raros trabalhos a se dedicar sobre a história da

emissora carioca, destaca que existiam peculiaridades que davam a cada canal um perfil próprio. E que se manifestaram desde o início.

Embora a encomenda de equipamentos para a emissora carioca tenha sido feita no mesmo período da contratação da RCA para São Paulo, foi solicitada a outro fabricante, a General Electric. O padrão de fornecimento de energia no Rio de Janeiro era diverso do de São Paulo, enquanto na capital paulista utilizava-se o padrão de 60 ciclos, no Rio era de 50 ciclos. Vindo o Rio de Janeiro a adotar o padrão de 60 ciclos somente anos mais tarde. Assim, caso se optasse pela RCA, o equipamento deveria sofrer adaptações muito complicadas (CASTRO, 2000, p.110).

No dia 10 de setembro de 1950 começa a concretagem da base da torre da emissora carioca, no alto do morro do Pão de Açúcar, emoldurada por um dos cartões postais mais conhecidos no mundo. Como aconteceu com a Tupi paulista, também ficaram presos na alfândega os equipamentos da TV carioca. Embora a construção da base da antena já estivesse adiantada e os profissionais do rádio se ocupassem do treinamento para manusear os equipamentos de televisão, tiveram que esperar. Segundo Castro “inexplicavelmente ninguém foi ver o que se fazia em São Paulo” (2000, p.111).

Envolvidos pela cenografia do Rio de Janeiro, os equipamentos da torre de transmissão foram levados pelo bondinho do Pão de Açúcar, alguns dentro e outros valendo-se dos cabos de aço que sustentavam o pequeno vagão. A TV carioca começa mais organizada, no final de agosto de 1950 dá início a uma série de transmissões para treinar todo o pessoal artístico e técnico. O cronista Antônio Maria, em sua coluna do dia 20 de setembro de 1950, ao tratar dos programas apresentados em circuito interno afirma: “A televisão no Rio deu assim o seu primeiro passo. Daqui para frente, com a experiência a adquirir nos ensaios e tentativas, nascerá a televisão brasileira – uma arte feita à base de nossa maneira de sentir” (MARIA apud CASTRO, 2000, p.112). Os espetáculos a que se refere Antônio Maria foram dirigidos pelo então diretor da televisão José Mauro, mineiro de Volta Grande.

[...] O produtor José Mauro encenou uma revista de 30 minutos para que a plateia pudesse ter uma visão dos seus futuros programas televisados. Caras diante das câmeras, cenários, música e humorismo. Os estreates se mexiam bem ante “os olhos da TV” e Dircinha, Linda, Ribeiro Fortes, Orlando Drummond, Pixinguinha, Benedito Lacerda tiveram posição destacada. Quando o programa acabou, os anunciantes bateram palmas. Estavam satisfeitos e anteviam o êxito do novo veículo de publicidade (MARIA apud CASTRO, 2000, p.112).

Depois disso começa a ser disponibilizado em sinal aberto o padrão técnico da Tupi do Rio. Foram feitas ainda transmissões externas de jogos de futebol e de corridas do Jôquei

Clube. A emissora ainda não estava de fato no ar, mas a venda de receptores entre a elite carioca já acelerava para assistir os experimentos. Contrariando inclusive as orientações dos técnicos norte-americanos, até um espetáculo teatral foi transmitido do Teatro Recreio no dia 10 de dezembro de 1950. O espetáculo era a revista *Muié Macho Sim Senhor*, de Walter Pinto. Além dos espetáculos, a emissora experimental transmitiu alguns comerciais, valendo-se de eslaides parados e locutor em *off*, formato que será marcante na emissora dos Associados que surge em Juiz de Fora anos depois.

A fase experimental do Rio foi totalmente subvertida se compararmos com outras emissoras. O número de transmissões externas realizadas, primeiro de acontecimentos esportivos e logo depois de espetáculos de teatro²⁸, surpreendeu os observadores e inclusive os técnicos americanos.

No dia 20 de janeiro de 1951, quatro meses após a inauguração da TV em São Paulo, às 12h40min, no alto do Pão de Açúcar, são inaugurados os transmissores da TV Tupi, canal 6. Segundo o diretor de televisão João Lorêdo (2000, p.17) foi uma festa inesquecível, em que compareceram o presidente da República Eurico Gaspar Dutra e o então prefeito do Rio, general Ângelo de Moraes, que juntamente com sua esposa, Deborah Mendes de Moraes, ligaram os transmissores e apadrinharam a TV Tupi. O jornalista Assis Chateaubriand providenciou também para a festa um número de *macumba branca*²⁹, cantada e dançada por 19 *bugrinhos*³⁰ representando a população ribeirinha do São Francisco, para homenagear o presidente em agradecimento por obras no Vale do Rio São Francisco. “Trouxe estes *bugrinhos* do São Francisco para homenagear e agradecer ao Papai Grande, no Pão de Açúcar disse Chateaubriand com uma das crianças pela mão” (Chateaubriand apud CASTRO, 2000, p.116).

Depois de mostrar também imagens panorâmicas da praia de Copacabana, Botafogo e Flamengo, a transmissão foi interrompida³¹ para voltar às 21 horas, com um show artístico. Cantores, humoristas e até lutadores se apresentaram. Repetiu-se naquela noite, o que já se fazia na fase experimental, antes que fossem encerradas as transmissões, a locutora Haydée

²⁸ Além da revista *Muié Macho Sim Senhor* transmitida a partir do Teatro Walter Pinto no dia 10 de dezembro de 1950, outros foram transmitidos a partir dos teatros da Cinelândia, como a comédia francesa *A noiva deita-se às 11...* estrelada por Aimée no Rival. No estúdio em 27 de novembro, Luiz Jatobá apresentou o TV Teatro, com o original de Raimundo Magalhães Jr., interpretado por Beatriz de Toledo, Ribeiro Fortes e Edmundo Lopes. Na mesma noite o comediante Badu e cantores da Rádio Tupi se apresentaram num show de músicas carnavalescas (CASTRO, 2000, p.114).

²⁹ Acreditamos que foram chamados de macumba branca, cantos e danças indígenas, considerados profanos.

³⁰ Diversos grupos indígenas brasileiros eram chamados de bugres, palavra que se origina do francês *bougre* que significa herético.

³¹ A transmissão tinha que ser interrompida para que os equipamentos fossem desmontados, transportados e reinstalados nos estúdios, já que eram os mesmos utilizados para as transmissões externas e internas.

Miranda³², às 22h, anunciava a programação do dia seguinte que começaria às 16h, com um jogo de futebol. Mas o nome dos times não pode ser dito, pois os clubes, temerosos com diminuição na venda do número de ingressos, não desejavam a transmissão, que só foi assegurada pelo prefeito mediante a promessa da não divulgação do nome dos times. No segundo dia, além do jogo, foi apresentado um filme longa metragem.

Repetindo formatos apresentados em São Paulo e experimentando outros, crescia o sucesso da TV Tupi no Rio de Janeiro, a partir de novos programas, principalmente musicais e de variedades inspirados no teatro de revista, que irão se tornar uma diferença característica em relação a emissora paulista. A pesquisadora Cristina Brandão (2005) destaca a importância que estes musicais assumem neste período, em que a vida artística carioca, a partir do talento e da imaginação de seus artistas e principalmente dos produtores Chianca de Garcia e Walter Pinto, começava a se recuperar após o fechamento dos cassinos em 1946. Chianca de Garcia, mestre do teatro de revista, assume a direção artística da Tupi e leva o teatro cantado para a televisão. Segundo a pesquisadora Marta Klagsbrunn:

Na verdade, mais do que trazer para a TV a influência do aspecto musical das revistas, o que Chianca de Garcia traz é a cumplicidade, a aproximação do cotidiano, características do teatro de revista, os temas da “vida real” como sugere o título de uma telenovela que vai ao ar em 1953, escrita e dirigida por ele “Eu, a mulher e os filhos” (KLAGSBRUNN, 1991, p.23).

Ao contrário do distanciamento inicial que encontramos dos artistas de teatro em São Paulo em relação à televisão, no Rio, os artistas de teatro levaram para a televisão a bagagem cultural que interessava às emissoras. A atriz Fernanda Montenegro em depoimento à escritora Cristina Brandão destaca:

Neste Caldeirão da TV Tupi do Rio de Janeiro se juntaram todas as influências e todas as escolas de dramaturgia e de atuação que existiam no País. [...] Havia muitos shows, muitíssimo bem feitos, de Silveira Sampaio, e aquilo fervia. Eu trabalhei na TV com Colé, Grande Otelo, Chocolate, trabalhei com comediantes [...]. Eu devo à televisão o contato com esse mundo efervescente de extraordinários atores, comediantes, girls, dançarinos, vedetes de todo o tipo... (MONTENEGRO in BRANDÃO, 2005, p.296).

A Tupi seguia efervescente até quando no dia 15 de julho de 1955 surge a TV Rio, de propriedade do mesmo grupo da TV Record que havia sido inaugurada em São Paulo em 27 de setembro de 1953. Apesar da extrema precariedade – apenas uma câmera e um pequeno

³² A radioatriz Haydée Miranda, após ceder sua foto para que sua imagem servisse de prova para a TV que iria ser inaugurada, foi o primeiro rosto feminino da TV Tupi do Rio. A primeira imagem masculina foi a do locutor Luiz Jatobá (LORÊDO, 2000, p.68).

estúdio –, das dificuldades nos três primeiros anos e da curta duração, já que é extinta em 1977, a TV Rio retira a liderança da Tupi em vários horários, além de apresentar uma programação variada e de grande apelo popular, comandada pelo também pioneiro Walter Clark. Com a chegada da TV Excelsior em 1963, a TV Rio tem a sua primeira grande baixa, que de uma vez só leva quase todo o seu *casting*. A emissora produziu novelas, musicais e telejornais de sucesso. Em 1959 surge a TV Continental (1959-1972) que terá seu auge em 1960 com o programa exibido sábado à noite: *Figura de Francisco José*, estrelado pelo cantor português. A história da Continental mais tarde também irá se cruzar com a da televisão em Juiz de Fora como veremos no capítulo quatro.

Como destaca Cristina Brandão (2005), a televisão mesmo nos seus primeiros anos, não irá adotar, no Rio de Janeiro, uma programação elitizada. Os teleteatros da Tupi carioca permaneciam como um cartão de visitas, já que, segundo o escritor Renato Ortiz, conferiam “uma aura artística que os humorísticos e as novelas não possuíam” (1989, p.44), contrastando com um intuito puro e simples de divertimento ou de maximização da audiência, porque testemunhavam a existência de uma preocupação cultural por parte das emissoras, vindo o seu prestígio da encenação de obras da dramaturgia clássica. Para o filósofo Edgar Morin (1997), as fronteiras culturais são abolidas no mercado comum das *mass media* e a cultura industrial é o único grande terreno de comunicação entre as classes sociais.

Mesmo com o amadorismo e a improvisação que marcam a primeira década da televisão no país, surgiam novas emissoras³³.

Em 31 de janeiro de 1956, Juscelino Kubitschek assume a presidência da república, assinalando um novo padrão de acumulação capitalista que estabelece, entre novas prioridades, a produção de bens de consumo duráveis. Nesta época:

O automóvel, junto com o aparelho de TV será o índice mais claro da modernidade, do progresso social, impondo comportamentos aparentemente esdrúxulos, como o de adquirir uma antena muito antes da aquisição do aparelho, mas reveladoras das motivações e valores colocados como primordiais. O que importa é as pessoas, ao passarem na rua, atentarem para um lar bem-sucedido (SIMÕES, 1986, p.33).

Segundo levantamento do escritor Glauco Carneiro, em 1956, as Associadas já estavam presentes em todas as grandes cidades do país. Neste período, Juiz de Fora era a cidade do interior a possuir o maior número de empresas das Associadas, já aparecendo na

³³ Segundo Inimá Simões, até 1955 são as seguintes emissoras em funcionamento: TV Tupi (São Paulo, 18/09/1950); TV Tupi (Rio de Janeiro, 20/01/1951); TV Paulista (São Paulo, 14/03/1952); TV Record (São Paulo, 27/09/1953); TV Rio (Rio de Janeiro, 15/07/1955) e TV Itacolomi (Belo Horizonte, 08/09/1955) (SIMÕES, 1986, P.32).

listagem elaborada pelo autor a TV Mariano Procópio, cuja concessão foi solicitada naquele ano, mas que só realizará transmissões experimentais em 1961 (CARNEIRO, 1999, p.456-547).

A REDE ASSOCIADA EM 1956	
LOCAL	EMPRESAS
Rio de Janeiro	O Jornal, Jornal do Commercio, O Cruzeiro, A Cigarra, O Guri, Saci-Pererê, Luluzinha, Rádio Tupi, Rádio Tamoio, TV Tupi e Agência Meridional
São Paulo	Diário de São Paulo, Diário da Noite, Rádio Difusora, Rádio Cultura, TV Ribeirão Preto
Belo Horizonte	Estado de Minas, Diário da Tarde, TV Itacolomi, TV Alterosa, Rádio Guarani, Rádio Mineira
Juiz de Fora	Diário Mercantil, Diário da Tarde, Rádio Sociedade, TV Mariano Procópio
Rio Grande do Sul	Diário de Notícias, Rádio Farroupilha e TV Piratini, em Porto Alegre, e A Razão, em Santa Maria
Bahia	Estado da Bahia, Diário de Notícias, Rádio Sociedade da Bahia e TV Itapoan
Sergipe	Diário de Aracaju
Pernambuco	Diário de Pernambuco; Rádio Clube de Pernambuco; Rádio Tamandaré e TV Rádio Clube de Pernambuco
Paraíba	O Norte em João Pessoa; Diário da Borborema, Rádio Borborema, Rádio Cariri e TV Borborema em Campina Grande
Rio Grande do Norte	Diário de Natal, O Poti e Rádio Poti
Pará	A Província do Pará; Rádio Marajoara e TV Marajoara
Ceará	Correio do Ceará, Unitário, Ceará Rádio Clube e TV Ceará Rádio Clube, em Fortaleza e Rádio Araripe, na cidade do Crato
Maranhão	O Imparcial e Rádio Gurupi
Amazonas	Jornal do Comércio e Rádio Baré
Santa Catarina	A Nação e Jornal de Joinville
Espírito Santo	Rádio Vitória e TV Vitória
Piauí	Rádio Difusora de Terezina
Goiás	Folha de Goiás, Rádio Clube de Goiânia e TV Rádio Clube de Goiânia
Alagoas	Jornal de Alagoas e Rádio Progresso
Paraná	Diário do Paraná e TV Paraná, em Curitiba, e TV Coroados, em Londrina;
Estado do Rio de Janeiro	Monitor Campista, em Campos
Distrito Federal	Correio Braziliense, Rádio Planalto e TV Brasília
Acre	O Rio Branco
Rondônia	Alto Madeira
Mato Grosso	<i>Diário da Serra</i> , em Campo Grande

Neste período, Chateaubriand escreveria que “há em toda parte um fragmento vivo dos nossos esforços, no sentido de traçar novos rumos à sociedade brasileira”. (CHATEAUBRIAND apud CARNEIRO, 1999, p.456-457)

Embora restrita inicialmente a algumas dezenas de milhares de aparelhos em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, de uma faixa privilegiada da população que tinha acesso às imagens da televisão, em um momento em que a sociedade caminhava rumo à sociedade massa, a televisão assume apenas circunstancialmente o caráter elitista, já que, segundo Simões (1986), esta não é a sua índole. E à medida que o aparelho começa a se tornar popular surgem emissoras em cidades com realidades econômicas e sociais diferentes de Rio e São Paulo, ficando visível a transformação do conteúdo dos programas. O programa Clube dos Artistas é um bom exemplo. Inicialmente concebido para divulgar artes plásticas e reunir intelectuais e artistas, com o apresentador Homero Silva vestido a rigor, passa a ser apresentado pelo casal Airton e Lolita Rodrigues em traje de passeio e que, para sobreviver na televisão, deixa de ser uma reunião de gente elegante – característica inicial do programa em São Paulo – e vai se tornando um programa descontraído, recebendo os convidados em clima de reunião de clube do interior, com carinho e hospitalidade à brasileira. O programa que entra no ar em 1952 permanece em exibição até 1980 (SIMÕES, 1986, p.37).

Os primeiros programas vieram do rádio, outros de formatos consagrados na TV Americana, como Divertimentos Ducal, Essa é a sua Vida, Gincana Kibon, Sabatinas Maisena e outros. Alguns dos telefilmes cedidos por consulados ou órgãos culturais também contribuíram para o sucesso da Tupi, destaque especial para Rin Tin Tin (*Screem Gems*), que contava as histórias de um cachorro e seu fiel amigo, o cabo Rusty. Na primeira fase da televisão, o sistema de relações entre as emissoras e os anunciantes é submetido à inevitável ingerência destes através das agências ou não. “O interessado aluga o horário, paga as despesas e reina soberano sobre os eventuais interesses do prefixo” (SIMÕES, 1986, p.42). Os programas são orientados por políticas diversas e eventualmente conflitantes, daí o índice de continuidade muito baixo. O que só vai mudar com a chegada da TV Excelsior no início dos anos 1960, trazendo outra mentalidade empresarial, passando a organizar a programação em horários fixos, ideia que vai sendo adotada por todas as emissoras concorrentes.

As emissoras afiliadas que vão sendo inauguradas pelo país possuem alguma ou nenhuma estrutura. A maioria não dispende nem mesmo de uma câmera, valendo-se da criatividade para interferir no sinal que chegava nestas cidades. Segundo o diretor de televisão João Lorêdo, a TV Tupi do Rio estreou com apenas duas câmeras, um projetor de filme e um projetor de eslaides de 3 polegadas. Anos depois, a TV Rio entraria no ar com apenas uma

câmera, um telecine e um projetor de eslaides (LORÊDO, 2000, p.28). A partir destas dificuldades das cabeças de rede, observamos com facilidade que nas emissoras espalhadas pelo interior os problemas eram ainda maiores, poucas possuíam sequer um projetor de eslaides.

3.3.1 A TV Itacolomi – Um braço das Associadas

O jornalista Assis Chateaubriand, em 1951, já havia conseguido junto ao presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, a concessão para uma emissora em Belo Horizonte, mas que só entrou no ar em 1955. Segundo o ex-diretor da TV Itacolomi, José de Oliveira Vaz (2008), o motivo do atraso seria o mesmo Governo Federal, agora na figura de Getúlio Vargas, que dificultou a concretização do projeto da emissora. Para Vaz, a oposição que as Associadas fizeram ao segundo mandato de Vargas (1951-1954) foi a causadora das atitudes do governo para dificultar a execução do projeto em Minas, que cessaram somente quando assume Café Filho, para o seu curto mandato (1954-1955), permitindo a oficialização da concessão e a autorização para a compra de equipamentos, adiadas várias vezes pelo governo Vargas.

A licença de número 29.905/54 dizia que a emissora se chamaria TV Rádio Guarani, mas pouco antes da inauguração, Chateaubriand muda de ideia, provavelmente decidido a fazer uma homenagem ao pico que se eleva acima do horizonte na capital mineira, passando a emissora a se chamar TV Itacolomi, contrariando uma tendência da época, onde até mesmo nos Estados Unidos as emissoras mantinham os prefixos das rádios a que pertenciam. Antes da chegada da televisão a Belo Horizonte, os Diários Associados exerciam sua liderança nas comunicações com os jornais Estado de Minas, Diário da Tarde e as rádios Guarani e Mineira.

A inauguração da emissora às 19h30min do dia oito de novembro de 1955, no topo do edifício Acaiaca – na época, o mais alto de Belo Horizonte – fora precedida por transmissões experimentais iniciadas no dia 21 de abril, quando apareceu pela primeira vez na cidade uma imagem de televisão: Um teste feito pelo engenheiro Victor Purri Neto³⁴, mostrando o relógio

³⁴ O engenheiro civil Victor Purri Neto, pertencente a uma família de engenheiros mecânicos, sempre se interessou por eletrônica. Enquanto cursava a faculdade de engenharia trabalhava como técnico da Rádio Guarani, a curiosidade e o talento demonstrados por ele fizeram com que fosse convidado a assumir sem a assistência de técnicos americanos a montagem da primeira emissora de TV em Minas, além de nos anos seguintes ter atuado como professor universitário e como um dos diretores técnicos dos Associados (PURRI NETO, 2009). São famosas as soluções criativas inventadas por ele a fim de viabilizar as transmissões de

da Igreja São José, a partir do edifício Acaiaca, marcando cinco minutos para as três da tarde. Segundo Purri Neto (2009), a imagem só foi obtida depois de três dias de trabalho intenso, mas acreditamos que o objetivo era conseguir o resultado no dia 21 de abril, possivelmente a data mais importante para os mineiros, aludindo à morte de Tiradentes. A importância desta transmissão reside no fato de que apenas um funcionário havia presenciado como funcionava a televisão, em passagens rápidas pela Tupi de São Paulo e do Rio de Janeiro, aprendendo o mínimo necessário para orientar a equipe. Fernando Barroca Marinho, que se tornou um dos diretores da televisão, em 1954, fez um estágio de dois meses na TV Tupi de São Paulo e de um mês na do Rio. Depois desta transmissão houve um intervalo de dois meses para execução de outras obras, até que as experiências fossem retomadas.

Sabemos que os relatos dos pioneiros tendem a apresentar uma visão romântica da televisão que chegava, acentuando a importância e a visibilidade do evento, em uma cidade que nos anos 1940 e 1950 ainda começava a se industrializar e cuja imensa maioria da população era pobre. Vindo a televisão, nesse processo, contribuir para que a cidade deixasse o ar provinciano, conforme já citado anteriormente.

Segundo o ex-diretor da Itacolomi, José de Oliveira Vaz (2008), à medida que os trabalhos para a instalação da emissora avançavam, tanto a população como os comerciantes da cidade começavam a acreditar no empreendimento que, até então, era visto com ceticismo:

Embora as principais casas comerciais de Belo Horizonte tivessem começado a anunciar a venda de aparelhos de televisão, ainda durante o mês de abril, somente em junho foi vendido o primeiro aparelho. O fato foi tão festejado que mereceu da Mobiliadora Inglesa um anúncio no Estado de Minas, do dia 24 de junho, comunicando que acabara de vender um conjunto de rádio e televisão da marca Philco, um importado de alto luxo. Aliás, todas as principais marcas anunciadas, Copenhart, Pionner e Zenith, eram importadas dos Estados Unidos (VAZ, 2008, p.40).

Apesar da notícia veiculada no Estado de Minas, a TV realizava apenas testes esporádicos e o aparelho era caro para a maior parte da população, podendo o fato noticiado ser apenas parte da estratégia das Associadas a fim de chamar atenção para o novo empreendimento.

Mesmo com o medo que a montagem da antena da emissora no alto do edifício Acaiaca causava entre a população, que temia uma tragédia – caso a antena despencasse ou um avião se chocasse contra ela – era acompanhada passo a passo pela população curiosa. As

televisão a partir de cidades distantes de Belo Horizonte, bem como ainda na instalação da emissora (VAZ, 2008).

transmissões experimentais prosseguiram com filmes e desenhos animados cedidos por particulares, consulados, e mesmo alugados, narrados pelos locutores da Rádio Guarani. Como o raio da TV Itacolomi saía dos limites de Belo Horizonte, segundo Vaz (2008), em agosto já haviam aparelhos instalados em cidades do entorno de Belo Horizonte, Sabará, Caeté, Betim e Nova Lima. Vaz destaca ainda que no início de agosto de 1955 foram feitas transmissões para os detentos da Penitenciária de Neves e para os internos do asilo Cidade Ozanan. Embora seja difícil justificar o motivo de tal transmissão, acreditamos que temos aí uma amostra da vocação popular da televisão.

Antecedendo a inauguração oficial, Chateaubriand em visita a Belo Horizonte decide fazer uma pré-estreia do veículo, para desespero da equipe, que ainda não havia feito transmissões a partir do estúdio e com áudio ao vivo. Mas a transmissão aconteceu e deu certo. Segundo Vaz (2008), Chateaubriand iniciou sua fala elogiando a equipe técnica:

Mineiros televisionários de Belo Horizonte! Deveis estar ufanos da estação que os homens das rádios e televisão Associados vos deverão entregar dentro de algumas semanas. O time mineiro foi capaz de uma façanha: Desconheceram os que montaram as suas outras duas irmãs do Rio e de São Paulo, e fizeram tudo ao jeito mineiro. Tendes a mais moderna estação da América Latina. [...] Dei-lhes uma televisão tão moderna que já tem dispositivo para transmitir em cores, o que acontecerá muito em breve, pois nos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha já está em franca experiência. Para isto bastará apertar um botão e ligar uns poucos fios (CHATEAUBRIAND apud VAZ, 2008, p.45).

Pouco tempo depois realiza-se o último teste, com transmissão de uma prova de atletismo realizada entre moças de colégios de Belo Horizonte, feita a partir do moderno caminhão de externas.

Depois de pronta as estruturas técnica, administrativa e comercial, tem início a formação do *casting* artístico. Como naquele período o ponto forte da programação das tevês Tupi de Rio e São Paulo era o teleteatro, na Itacolomi não foi diferente, formou-se o elenco do teatro e toda a equipe da emissora, produtores, jornalistas, maquiadores, garotas-propaganda, orquestra, desenhistas, operadores, a maioria oriunda do rádio. Embora o elenco fosse de artistas mineiros, conhecidos do público de Belo Horizonte, para a estreia foram contratados artistas de renome de Rio e São Paulo, como: Rodolfo Mayer, Leny Eversong, Dalva de Oliveira, Sivuca, Jackson do Pandeiro, Eva Todor, Cacilda Becker, Ziembsky, Lolita Rodrigues, Erlon Chaves, Wilma Bentivegna e Ângela Maria, mediante um árduo trabalho do departamento comercial para que as lojas de Belo Horizonte patrocinassem a programação. O mineiro Ary Barroso, músico que já havia alcançado o sucesso no Rio de Janeiro, também participou.

O jovem engenheiro mineiro, Víctor Purri Neto, com a equipe formada por Aduino Machado, Omar Cirino, Dário Souza Assunção, Paulino de Oliveira e Antônio Dalseco, tornavam o sonho de Chateaubriand realidade. Sem a participação de técnicos americanos, ao contrário do que aconteceu no Rio e em São Paulo, instala no vigésimo terceiro e no vigésimo quarto andares do edifício Acaiaca, em Belo Horizonte, a emissora mais moderna da América Latina, deixando para trás as Tupis paulista e carioca. Segundo o ex-diretor da Itacolomi, José de Oliveira Vaz, as pioneiras das Associadas tentaram ficar com os equipamentos novos que chegavam a Minas, enviando os aparelhos já desgastados e ultrapassados para Belo Horizonte, mas Vaz diz a Chateaubriand que caso fosse enviado o equipamento velho para Belo Horizonte, ele deveria enviar também um diretor novo. Chateaubriand não interferiu e os equipamentos novos vieram para Belo Horizonte.

Com três câmeras no estúdio e três no caminhão de externas, estrutura excelente para a época, entra no ar a TV Itacolomi (PURRI NETO, 2009). O locutor Bernardo Grimberg atravessa e rompe um círculo de papel com o logo da RCA, dando início às transmissões da inauguração. Como nas demais, a Igreja representada através do bispo, deu a sua bênção para a emissora logo nos primeiros momentos da transmissão. Falaram o Presidente da República Juscelino Kubitschek, o diretor das Associadas (então Senador da República), a madrinha da emissora, Ana Amélia Faria, o banqueiro Cristiano Guimarães, dono do banco da Lavoura, que financiou a montagem da emissora, o governador Clóvis Salgado, o engenheiro Víctor Purri Neto e o diretor das Associadas em Minas, Newton de Paiva Ferreira.

Alguns intelectuais mineiros, como o escritor Mário Matos, na ocasião presidente da Academia Mineira de Letras, consideraram que o advento da TV no estado reforçaria a mineiridade:

Sabe-se que o mineiro, criatura isolada na montanha, é mais doméstico que social. Somos o homem da casa. Levar a emoção artística para o lar, é, sem dúvida, convidá-lo a admitir uma evolução notável, sem violentar-lhe o costume e a maneira de viver. Neste sentido, pode-se dizer que o desejo mais agradável para o homem das Minas é poder assistir a um espetáculo de arte, conferência ou concerto, metido no seu pijama e a fumar o seu cigarro de palha, no comodismo familiar. É a isso que chamamos cair a sopa no mel. A televisão é assim um fator de desenvolvimento artístico-social, segundo o estilo da mineiridade (MATTOS apud VAZ, 2008, p.53).

O diretor das Associadas em Minas encerrou a transmissão da solenidade explicando como os programas serão produzidos com esmero, dentro dos preceitos morais e cristãos. A ordem da programação que se seguiu foi a seguinte, às 20h50min – Coro Pró-Hóstia;

21h15min – Espetáculo dança apresentado pelo Ballet Minas Gerais; 21h45min – Honra ao Mérito; 23h10min – Minas por Minas, programa que mostrava as coisas e as artes de Minas.

Além da programação, o grande sucesso da noite foram os comerciais apresentados ao vivo, com garotas-propaganda que vieram especialmente da TV Tupi de São Paulo. Segundo os pioneiros, multidões permaneceram de pé, diante dos televisores espalhados na cidade. Mas embora pequeno o número de aparelhos vendidos, não paravam de crescer os *televizinhos* e *televisitas*, que tinham acesso aos afortunados que possuíam um aparelho de televisão. Carlos Fabiano Braga (2009), ex-funcionário da TV Itacolomi, destaca que formavam-se pequenas comunidades em torno daquelas casas que possuíam aparelhos de TV, muitas vezes assistidas do alto de um muro distante, mas que com a colaboração do vizinho que deixava o som da televisão mais alto, fazia a alegria da vizinhança. Para Vaz (2008), Belo Horizonte nunca mais seria a mesma.

As comemorações de inauguração foram até dia 15, com participação dos ídolos do rádio do Rio e São Paulo levando ao delírio a população que nunca havia presenciado tantos astros reunidos. Mas passado este período a Itacolomi começa a demonstrar a vocação que permeará toda a sua história, de ser uma TV regional, feita por artistas locais, e que por isso mesmo enfrentará dificuldades para conquistar a audiência da distante Juiz de Fora.

Mesmo durante a semana de estreia os programas com artistas locais aconteceram e não foram poucos. Vaz destaca o Balé Minas Gerais, os Coros Pró-Hóstia e Pio X, a Orquestra Sinfônica da Polícia Militar, o palhaço Muxiba (Florianô Andrade) e seus artistas além da peça O Cara de Aço, que teria feito grande sucesso. Duas missas solenes foram transmitidas pelo caminhão de externas nos dias 13 e 15 de novembro e apresentou-se também uma mesa-redonda com políticos locais. O teleteatro e os grupos de balé clássico marcaram o primeiro ano da emissora (VAZ, 2008). Acreditamos que no início da televisão do país, o balé clássico, ao lado do teleteatro, foram utilizados para manterem o vínculo com as elites, já que a programação, desde o primeiro momento, caminhava para o popular.

Passada a inauguração inicia-se também o telejornalismo, no mesmo padrão de Rio e São Paulo – o apresentador em uma mesa, lendo o texto das notícias; ilustrações com eslaides, *graytellop* (aparelho que fazia efeitos com cartelas de letras e desenhos), gravuras, fotos e mais tarde filmes de acontecimentos nacionais. O jornal Estado de Minas fornecia as notícias e as fotos.

O primeiro noticiário foi o Repórter Real, patrocinado pela Real Aerovias Brasil. Os jornalistas da TV Itacolomi reescreviam as matérias vindas da redação do Estado de Minas e, segundo Vaz, algumas vezes checavam. O segundo noticioso foi o Repórter Esso, trazido para

Belo Horizonte através da ligação entre Vaz e a McCann Erickson. O locutor escolhido por concurso foi Luiz Cordeiro. As notícias eram redigidas pelo jornalista Ramon Lago a partir dos telegramas *em inglês* enviados pelas agências.

Carlos Fabiano Braga (2009), que começou como porteiro na TV Itacolomi e logo assumiu as funções de ator, iluminador, técnico, datilógrafo, fotógrafo e, segundo ele, o que mais fosse necessário, discorda do ex-diretor da Itacolomi, José de Oliveira Vaz, que afirma que já em 27 de novembro de 1955, 19 dias após a inauguração, haviam sido vendidos mais de dez mil aparelhos para Belo Horizonte e região conforme publicado no jornal Estado de Minas. Para Braga foram vendidos no máximo 500 aparelhos. Como o Estado de Minas pertencia aos Associados é possível que tenha exagerado nos números.

Braga (2009) destaca a aglomeração de fãs em frente ao edifício sede da Itacolomi para ver os artistas do rádio que iam se apresentar na televisão, mas que continuavam estrelas do rádio, já que a maioria da população não sabia bem o que era e não tinha televisão. A programação que inicialmente era exibida das 19h às 22h, começa a se expandir aos domingos, entrando no ar às 10h com a transmissão da missa, futebol, teatro e vários programas menores para preencherem os espaços entre as montagens, desmontagens e deslocamentos do caminhão de externas. Segundo Braga, qualquer um com alguma experiência podia ser requisitado para entreter os telespectadores entre as mudanças de cenário, tendo a atriz Clausi Soares se tornado a especialista na função ou caso ocorresse alguma falha (BRAGA, 2009).

Tendo funcionado entre 1955 e 1980, quando a concessão da Tupi foi cassada, a Itacolomi, pertencente ao grupo da Tupi, passou por várias fases. Podemos considerar o primeiro ano como um período romântico, com destaque para a experimentação, e em que, segundo José Vaz (2008), a emissora trabalhou no vermelho, o que levou Chateaubriand, insatisfeito com o retorno do investimento, a trocar grande parte das chefias logo no início de 1956. Para Vaz, Chateaubriand “não mediu bem o mercado publicitário de Belo Horizonte ou julgou que os grandes anunciantes nacionais iriam programar a TV Itacolomi” (2008, p.77), o que não aconteceu, e como ele tinha feito empréstimos vultosos em bancos, acreditou que mudando a direção, todos os problemas seriam resolvidos. No entanto a TV seguia crescendo junto com o aumento do número de aparelhos, em ritmo lento. Mas a programação mineira alcançava sucesso. José de Oliveira Vaz, que assume a emissora em 1957, embora ainda não houvesse concorrência, já se preocupava com o que ocorria no Rio e em São Paulo, onde a TV Rio e a Record ameaçavam a liderança da Tupi e que não demorariam a chegar em Belo Horizonte. O superintendente da Itacolomi começa a tornar a estrutura mais profissional,

criando novas chefias e organizando melhor os diversos departamentos. A partir daí surgem novos programas e o número de transmissões externas feitas pelo caminhão cresce.

Chateaubriand adquire nos Estados Unidos, em 1956, nove estações, que se destinavam a Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Campina Grande, Fortaleza, São Luís, Belém e Goiânia, logo depois viriam Vitória e Brasília, o projeto da rede estava a todo vapor, além das pequenas emissoras que vão surgindo em diversas cidades do interior do país (SIMÕES, 1986, p.47).

O primeiro golpe na produção da Itacolomi acontece em 1959, quando foi inaugurado o *link* BH - Rio, com a ligação por micro-ondas entre o edifício Acaiaca, em Belo Horizonte, e o morro da Urca, no Rio de Janeiro, feita através de nove pontos de linha, sendo sete deles intermediários: Serra do Curral, Ouro Branco, Santos Dumont, Ressaquinha, Juiz de Fora, Paulo de Frontin e Sumaré. Programas locais de grande audiência tiveram que dar espaço para a produção de Rio e São Paulo. Segundo Vaz, inicialmente a emissora poderia optar entre exibir ou não um programa, que viesse a ocupar o espaço de um local de sucesso ou que não se adequasse, caso o programa tivesse características que “não teriam aceitação em Minas” (VAZ, 2008, p.102). Mas as telenovelas não foram recusadas.

Na década de 1960, a Itacolomi assume a administração da TV Alterosa, canal 2. Uma concessão feita a um grupo de jornalistas mineiros, liderados pelo repórter do Estado de Minas Nelson Sellman. Mas o grupo, verificando que não possuía recursos suficientes para implantá-la, repassa às Associadas a concessão, para que fosse montada e administrada pela empresa de Chateaubriand. A TV Alterosa passou a funcionar como uma emissora dos Associados e os proprietários recebiam uma parcela do faturamento. A vantagem do acordo foi impedir que chegasse mais um canal a Belo Horizonte. Embora a Alterosa nunca tenha alcançado boa audiência, apenas facilitando a disputa da Itacolomi pela liderança.

Em 1961, a Itacolomi se adequa ao decreto do presidente eleito Jânio Quadros, no qual as emissoras de televisão deveriam fazer seus intervalos comerciais com três minutos, no máximo, mas esta situação nova acaba gerando um período de grande criatividade na programação. Além disso, qualquer produção deveria ter duração mínima de cinco minutos³⁵.

³⁵ No caso dos programas, poderia haver, no início e no final, uma mensagem do patrocinador, cujo tempo não excedesse um minuto. Na prática, os intervalos comerciais no horário nobre, que chegavam a durar 45 minutos, continuaram a separar os grandes programas nesse mesmo lapso ou até superior. Mas os intervalos passaram a ter dentro de si programas rápidos, de aproximadamente três minutos. Ficou assim: Comercial do programa nobre – um min; intervalo comercial – três minutos, comercial do programa rápido – três minutos; Programa rápido – três minutos; comercial do programa rápido três minutos; intervalo comercial três minutos, Comercial do programa rápido um minuto; programa rápido três minutos (p.56). Com a renúncia de Jânio, cai o decreto mas alguns dos programas curtos, que surgem para serem exibidos durante os intervalos permanecem, Braga (2009) destaca Pingos de História e Aeronáutica e Espaço, tratando respectivamente da história universal e das

Em meados dos anos 1960³⁶ surge a TV Belo Horizonte, afiliada a TV Rio, reproduzindo a programação³⁷ do Rio de Janeiro, que veio se juntar aos programas produzidos pela Tupi Rio e veiculados através da Itacolomi, numa onda carioca. A emissora assume inicialmente a liderança no horário das 18h às 22h, em que estão as melhores verbas publicitárias. A partir daí, com programas mais bem feitos e grandes nomes conhecidos nacionalmente, dividirá com a Itacolomi, até a chegada da Globo, em 1968, a liderança da audiência em Belo Horizonte.

Segundo Braga (2009) “os modismos, como Leila Diniz começaram a invadir Belo Horizonte, como se a Savassi fosse Ipanema”, para ele “tanto foi bom trazer a evolução quanto foi mal destruir a tradição”. A reação dos mineiros às modernidades do Rio de Janeiro se dá através da mesma Itacolomi, que exibia os programas cariocas. A emissora, acentuando o regionalismo que irá marcar toda a sua história, investe nos *links* para o interior, restando inclusive para Juiz de Fora alternar o sinal da TV Tupi do Rio com o da Itacolomi, o que segundo Vaz (2008) deu certo, mas a Itacolomi já não estava mais sozinha na preferência do público de Belo Horizonte. Como enfatizou o ex-superintendente da TV Itacolomi:

Mas da análise que fiz para diminuir o avanço da TV Belo Horizonte, observei que se déssemos uma ênfase maior ao jornalismo, cobrindo principalmente os fatos do interior do Estado, onde a nossa concorrente não penetrava e mudássemos alguns horários de programas, poderíamos recuperar a liderança, já que a TV Itacolomi havia criado, nos dez anos em que atuou sozinha, um hábito nos telespectadores e não seria difícil trazê-los de volta ao canal 4 (VAZ, 2008, p.111).

Os juizforanos não prestigiaram o sinal da Itacolomi, como fizeram com a Tupi carioca. Esta e aquela passam a dividir a preferência dos telespectadores com a TV Juiz de Fora, afiliada da TV Rio, e com a TV Industrial – que chega em 1964, com programação

novidades da aeronáutica. Segundo o autor, no governo Quadros, os clipes com os cantores das Associadas, apresentados com o nome de Prata da Casa, Music Hall e outros, também alcançavam enorme audiência, além de recitais de piano e do singelo programa Bola Murcha, que mostrava uma crônica esportiva datilografada com um fundo musical, que deveria ser lida pelo próprio telespectador.

³⁶ Embora o livro de José de Oliveira Vaz faça referências à existência da TV Belo Horizonte apenas no período de 1965 a 1968, quando o canal é vendido para a Rede Globo, que passa a transmitir seu sinal na cidade, acreditamos que a emissora tenha começado a funcionar anteriormente, mas ainda não conseguimos localizar vestígios do canal afiliado à TV Rio. Segundo Vaz, em 1965 já estavam instaladas estações no percurso entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Além da estação em Belo Horizonte, já estavam instaladas as de Juiz de Fora e Conselheiro Lafaiete ligadas por *link* de micro-ondas ao Rio de Janeiro (VAZ, 2008, p.107). Com a falência da TV Rio, todas acabam passando para o domínio da TV Globo. De acordo com Alcir Henrique Costa, a Rio foi uma emissora tipicamente romântica, do amadorismo, que não resistiria (e não resistiu) ao impacto da TV Globo, emissora típica do modelo industrial (COSTA, 1986, p.129).

³⁷ Segundo entrevista do escritor Manoel Carlos à Funarte em 1981, a TV Rio funcionou como uma televisão local, e por muito tempo foi considerada televisão carioca mesmo, até tinha muita simpatia do público por causa disso.

inteiramente local. Restou à Itacolomi o sucesso na transmissão das partidas de futebol a partir de diversas cidades, principalmente aos domingos.

Esse era um dia em que éramos imbatíveis, por causa da Jornada Esportiva. Algumas vezes tínhamos um buraco; era exatamente no horário do jogo de futebol, caso ele fosse realizado em Belo Horizonte, já que nosso acordo com a Federação e os clubes não nos permitia transmiti-lo para a Capital. Quando o jogo era em outro Estado esse problema desaparecia porque transmitíamos direto; caso contrário o apresentávamos em videoteipe, às 21 ou 22 horas, sempre com grande audiência (VAZ, 2008, p.134).

Mas os mineiros não perdoam a cidade que não prestigiava a programação da Itacolomi. Segundo Braga (2009) “nós nos sentíamos agredidos com os juizforanos que se colocavam à frente do mineiro tradicional”, pois “o pessoal de Juiz de Fora não fica nem lá nem cá”, “uma garota de Juiz de Fora, era uma garota que não se resolveu”.

Contudo, em 1965, com a chegada do videoteipe, acontece o segundo golpe na produção da Itacolomi, pois embora os programas e comerciais passassem a ter mais qualidade para enfrentar a programação da TV Belo Horizonte, já que podiam ser gravados com antecedência, os programas produzidos no Rio e em São Paulo podiam ser trazidos e exibidos facilmente³⁸. Para o escritor Inimá Simões “Cada vez mais São Paulo e Rio de Janeiro determinam o que será visto nos aparelhos receptores de todo o país” (1986, p.77).

De acordo com Simões (1986), a chegada do videoteipe vai desnudar o quanto está conturbado o universo da televisão brasileira, em especial das emissoras do Condomínio Associado, situadas em outros estados, adquirindo indiscriminadamente teipes da Globo, Excelsior ou Record, deixando muitas vezes os programas gerados na Tupi do Rio ou São Paulo, além de abandonarem a produção local, como começa a acontecer em Belo Horizonte. A novela O Direito de Nascer, por exemplo, um enorme sucesso de audiência, produzida pela TV Tupi de São Paulo, no Rio será exibida pela TV Rio e não pela Tupi carioca.

Com a chegada da Globo, que compra o canal da TV Belo Horizonte, em 1968, a Itacolomi começa a perder a liderança definitivamente, mas não de imediato, já que no final da década de 1960, por exemplo, a Itacolomi exibiu a novela Beto Rockfeller, campeã absoluta de audiência em todo o país, além de outros programas que mantinham características regionais e agradavam ao telespectador. Mas os sucessos da Tupi não resistem

³⁸ Como os *links* da Tupi não funcionavam adequadamente e os desentendimentos entre os administradores do condomínio eram constantes, a solução encontrada foi comprar programas das tevês Record, Excelsior e Rio, “que tinham uma linha de shows muito boa, com artistas do porte de Elis Regina, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Edu Lobo, Caetano, Gil e Chico Buarque. Eles começavam a despontar e gozavam de grande prestígio junto ao telespectador jovem. Um outro programa de muito sucesso que apresentávamos era o do Chacrinha” (VAZ, 2008, p.134).

à programação que a Globo elabora com os artistas que tira das outras emissoras. O mineiro vê seu espaço na TV encolher, tanto na tela da Itacolomi que se abre cada vez mais aos programas de fora, quanto nos pequenos espaços que a Globo abre para a programação local.

4 A TELEVISÃO CHEGA A JUIZ DE FORA

Neste capítulo, acreditamos que tornamos possível a apreensão do momento histórico que envolve a chegada da televisão em Juiz de Fora e o que representaram as primeiras transmissões. O resgate desta memória foi possível a partir de dados obtidos nas hemerotecas da Biblioteca Nacional (RJ), da Biblioteca do Estado de Minas Gerais (BH), da Biblioteca Municipal Murilo Mendes (JF), além de coleções particulares, já que existem apenas publicações esparsas sobre a televisão em Juiz de Fora. Valemo-nos também da história oral, através do depoimento de pioneiros, que fizeram as primeiras transmissões, e de pessoas que as testemunharam.

Os pesquisadores Ana Paula Goulart Ribeiro e Micael Herschmann chamam nossa atenção para o fato de a história da comunicação do Brasil ser um campo em construção e para a necessidade do empenho dos pesquisadores na “articulação de diferentes informações, não só de diferentes esferas, sejam elas econômica, social, cultural e política, como também de distintos âmbitos – individual e coletivo” (RIBEIRO, 2008, p.17). O desafio de pesquisar a TV Mariano Procópio – que para muitos não chegou a existir, pois nunca obteve uma concessão legal, tendo permanecido apenas na memória dos pioneiros da emissora e em fragmentos encontrados nas publicações da época – demonstra a dificuldade da pesquisa neste campo, afinal, poucos vestígios restaram.

A televisão que chegou a Juiz de Fora veio sem explicação, mas o terreno já havia sido preparado pelos cinejornais de João Carriço, que mostravam a cidade nas sessões que antecediam a exibição de filmes nos cinemas, e pelas experiências públicas de transmissão do sinal de TV, feitas pelo técnico em eletrônica Olavo Bastos Freire.

Buscamos compreender como a TV Mariano Procópio surgiria numa época onde a televisão no Brasil ainda não havia se consolidado como expressão popular mas que, acreditamos, já começava a se constituir como construtora de realidades, o que motivou disputas políticas em nível municipal e federal para aquisição de um canal pelos Diários Associados em Juiz de Fora.

As Associadas se estabeleceram na cidade da Zona da Mata adquirindo, em 1932, o Diário Mercantil. O jornal matutino fora fundado em 23 de janeiro de 1912 por duas lideranças da região, Antônio Carlos de Andrada e João Penido Filho. Segundo a pesquisadora Márcia Regina Gonçalves Andreola (1995), era um típico jornal político que

atuava como órgão oficial do Partido Republicano Mineiro. Em 1932, não conseguindo superar dificuldades financeiras, passa ao controle das Associadas, que se valeram desta estratégia para adquirir também outros veículos de comunicação no país. A partir daí, de acordo com o jornalista Wilson Cid (2008), a direção do jornal gozava de autonomia para tomar decisões relativas ao noticiário local, mas quanto às páginas de política nacional, seguia a orientação das Associadas, que era destinada para toda a rede.

Em 1941, com o sucesso do Mercantil, mais elitista, o condomínio lança o primeiro jornal vespertino do município, o Diário da Tarde. Voltado principalmente para os operários das muitas fábricas existentes na cidade, era popular. Wilson Cid, que foi editor chefe do Diário Mercantil, chamou nossa atenção para o fato de que no Diário da Tarde “os crimes não podiam faltar” (CID, 2006). Era vendido por jornaleiros que anunciavam as manchetes pelos bairros de Juiz de Fora e, principalmente, na porta das fábricas, quando às 16h os operários encerravam sua jornada.

Também em Juiz de Fora, as Associadas assumem, em 1948, o controle acionário da rádio PRB-3, que ao se tornar parte do conglomerado recebe o apelido de Super B3. Segundo a pesquisadora Márcia Regina Andreola (1995), o apelido foi dado pelas *más línguas* em função do complexo de superioridade de Assis Chateaubriand. A emissora surgiu em 1º de janeiro de 1926, fundada por José Pinto Cardoso Sobrinho, um apaixonado pelo rádio. Foi a primeira de Minas Gerais, inicialmente com o prefixo PRA-J. Já em 1929, não suportando as despesas, Cardoso Sobrinho reúne um grupo de amigos e forma uma sociedade para colaborar na manutenção da emissora, que passa a se chamar PRB-3. Sem superar as dificuldades para se manter, quatro anos depois, o Estado se torna o maior acionista da emissora. Em 1946, a rádio muda novamente de mãos e é vendida para um advogado de Belo Horizonte, que transfere a emissora para o poderoso grupo de Assis Chateaubriand no ano de 1948. Andreola (1995) destaca ainda que, fazendo parte das Associadas, a emissora ganhou maior impulso e adquiriu novos aparelhos, toca-discos e mesa de som. De acordo com a pesquisadora Nair Prata (2004), a segunda emissora de rádio de Minas Gerais foi a Rádio Mineira, PRA-Q, que surgiu em fevereiro de 1927, e mais tarde também passou para o controle das Associadas.

Em 1958, envolto pela mística da Copa do Mundo da Suécia, chega o sinal de TV na cidade. Surgem os consórcios e as lojas especializadas, o número de aparelhos começa a crescer. Para muitos dos que entrevistamos não houve televisão em Juiz de Fora antes de 1958, ano em que chegou, improvisadamente, o sinal da Tupi. As experiências anteriores, feitas desde 1955 com o sinal da TV Rio, se dirigiram a um público muito pequeno, composto

basicamente por pessoas envolvidas em atividades ligadas à eletrônica, conforme nos relatou o jornalista Rubens Furtado (2009).

Ainda neste capítulo abordaremos a luta pela concessão de um canal de TV para Juiz de Fora, travada entre o empresário Sérgio Mendes e o jornalista Renato Dias Filho que representava os interesses das Associadas. Em Juiz de Fora, haveria um campo de batalha na luta pela permissão para o funcionamento do canal, onde o Partido Trabalhista Brasileiro, do presidente João Goulart, sairia vitorioso, permitindo que a concessão do canal fosse para o grupo concorrente de Assis Chateaubriand, capitaneado por Sérgio Mendes.

4.1 A SOCIEDADE JUIZFORANA NOS ANOS 1960

No início da década de 1960, Jânio Quadros é eleito Presidente da República com um discurso moralizante, materializado no slogan “varre, varre, vassourinha, varre varre a bandalheira”. Mas a expectativa gerada com a eleição, principalmente entre os populares, não é correspondida. O governo se mostrará contraditório, recebendo o apoio das elites (antes criticadas) e economicamente conservador, adotando rigorosamente as medidas indicadas pelo Fundo Monetário Internacional. Sem conseguir deter a inflação, deixava a população pagar o preço mais alto. A decepção dos eleitores e o temor do Comunismo que dominava a maior parte da sociedade foram acentuados depois que Jânio, em 16 de agosto de 1961, condecorou o revolucionário Che Guevara com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul³⁹. O fato deu início a violentos protestos que provocaram sua renúncia. Em carta ao Congresso Nacional, declarou ter sido “vítima de forças terríveis”. O vice, João Goulart, foi inicialmente impedido de assumir a Presidência. O parlamentarismo, que foi instalado durante quase dois anos (1961–1962) para limitar os poderes de Goulart, em 1963 não foi aprovado pela população através de plebiscito, levando-o a assumir a presidência no mesmo ano.

Segundo relato do sociólogo Gláucio Ary Soares (1994), no período que antecedeu o golpe, além do fantasma do Comunismo, o Brasil viveu o que os economistas chamam de estagflação – sem crescimento e com preços em elevação contínua. Depois de 1960, quando

³⁹ A Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul é uma comenda que o presidente da república pode atribuir a personalidades estrangeiras para homenageá-los pelos seus grandes feitos. Criada em 1822 por D.Pedro como Ordem Imperial do Cruzeiro do Sul, foi abolida pela Constituição republicana em 1891 e restabelecida em cinco de dezembro de 1932, pelo presidente Getúlio Vargas, com a atual denominação.

atingiram 26,3%, as taxas de inflação cresceram seguidamente, até chegarem a 78% em 1963, segundo dados da Fundação Getúlio Vargas.

Desde o fim da Segunda Guerra, o Brasil crescia de forma acelerada. Nos anos anteriores, o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) fora espetacular – 9,7% em 1960 e 10,3% em 1961. Mas a economia entra em crise e, em 1963, o PIB cresce apenas 0,6%, a menor taxa desde 1947. A elevação rápida dos preços no início 1964 dava a muitos setores a impressão de que Jango havia perdido o controle. O brasileiro entrava naquele ano, com menos dinheiro no bolso e preços em disparada (SOARES, 1994).

As reformas de base (agrária, tributária, administrativa, bancária e educacional), propostas pelo presidente, deixaram a classe média ainda mais temerosa, se unindo aos militares para depor o presidente em 30 de março, no Golpe de 64 – que partiu de Juiz de Fora, mobilizando tropas comandadas pelo General Olímpio Mourão –, dando início ao regime militar no Brasil, que irá perdurar até 1985.

Neste contexto, Juiz de Fora elege pela segunda vez um candidato oriundo das camadas populares, Olavo Costa, sucedido até o final da década por três políticos de classe média: Arlindo Leite, Ademar Rezende de Andrade e Itamar Franco. O prefeito populista Olavo Costa iniciou seu mandato distribuindo dentaduras, máquinas de costura, caminhões de areia e brita, ampliando a sua popularidade junto das faixas mais pobres da população (BRINATI, 2010).

Além das manifestações contra o perigo vermelho, um fato marcou politicamente a cidade: a prisão do sindicalista Clodesmidt Riani. Com base eleitoral em Juiz de Fora, teve seu mandato de deputado estadual cassado. De acordo com o pesquisador Alexandre Peixoto Heleno (2007), Riani foi preso em Belo Horizonte e em abril de 1964, transferido para o presídio de Ilha Grande, no Rio de Janeiro, onde ficou até março de 1971. Maria Tereza Kneip (2009), que testemunhou os acontecimentos, trabalhava na época como assistente social do SESI (Serviço Social da Indústria). Ela destaca em seu depoimento que a imensa maioria dos juizforanos tomou conhecimento do golpe pelos meios de comunicação já que não houve grande mobilização popular, permanecendo a maior parte da população sem saber o que acontecia. Kneip (2009) chama nossa atenção para o fato de ser muito comum a presença das tropas pelas ruas de Juiz de Fora, na época, sede da 4ª Região Militar. Desta forma, dificilmente se poderia perceber algum movimento extraordinário do exército. A assistente social tomou conhecimento e acompanhou os fatos devido à prisão dos sindicalistas Nery Mendonça e Adalberto Landau, seus vizinhos, que foram presos no quartel general por

alguns dias, mas que segundo Kneip (2009), “sem segurança rigorosa e recebendo além de visitas da família, roupa de cama, travesseiros e alimentação”.

O aposentado Vicente de Paula Teixeira (2009), no período funcionário da Fábrica de Estojos e Espoletas para Artilharia no bairro Benfca, estava saindo do Cine Auditorium, que ficava em um salão da própria fábrica, quando viu os tanques passando, mas também como Kneip, só depois soube do que se tratava. Acreditamos que o fato do golpe ter partido de Juiz de Fora, vem assumindo papel de destaque na narração recente da cidade, através das escolhas feitas por jornalistas, historiadores e escritores – especialistas da produção simbólica (BARBOSA, 2007, p.29).

As dificuldades financeiras que assolavam o país marcavam também a vida dos operários no município, pois além da inflação crescente e dos salários baixos, as tradicionais empresas de fiação e tecelagem vinham em um processo de retração, que segundo o jornalista Renato Dias Filho (1980) iniciou-se ainda na década de 1930. Mas Kneip (2009) afirma que nos anos 1960 não faltavam empregos nas tecelagens da cidade - até aí as maiores empregadoras - que só irão ter uma redução expressiva na década de 1970, com o fechamento de várias indústrias.

Mas é neste período que a cidade vai deixando para trás a sua vocação industrial, tornando-se prestadora de serviços. O depoimento de Renato Dias Filho, diretor dos Diários Associados em Juiz de Fora, que iniciou seu trabalho à frente do Diário Mercantil em 1932, quando este passou ao controle das Associadas, lança luz sobre nossa pesquisa. Ele enumera diversos fatores que colaboraram para que o município deixasse de ser um dos mais industrializados do país.

[...] a partir de 1932, justamente na ocasião quando começamos a nossa vida mais intensa no jornal, com a intervenção federal do estado, todos os esforços foram logicamente empregados para dar desenvolvimento condigno a nossa capital. Reforços enormes, financeiros, foram canalizados para Belo Horizonte. Estradas de ferro e de rodagem foram construídas e reconstruídas para ligar aquela capital às zonas produtoras. Ligaram Lafaiete a Belo Horizonte pela bitola larga [...]. Ligou pela estrada de ferro, Ponte Nova, transferindo o comércio da Zona da Mata para Belo Horizonte. A estrada de ferro, a grande estrada de ferro do oeste de Minas, um dos fortes baluartes do comércio a Juiz de Fora, foi ligada [...] a capital mineira, deslocando aquele grande comércio do oeste de Minas para Belo Horizonte. Construíram a Rio - Bahia. A Rio - Bahia desviou o resto do comércio da Zona da mata para o Rio de Janeiro, estava completo o círculo de ferro de morte em torno da cidade de Juiz de Fora, e um fator importante veio também nos prejudicar, com a construção, quase nunca lembrada, da Cia. Siderúrgica Nacional. Esta iniciativa, tão combatida na ocasião, foi um verdadeiro sugador das forças ativas e profissionais de nossa cidade. Pois ali todos iam buscar, encontrar melhores rendimentos. Deve-se a isso o extraordinário desenvolvimento de toda a região do Vale do Paraíba. Prejudicando, portanto, Juiz de Fora (DIAS FILHO, 1980).

O processo será reforçado pela criação da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 1960, que ampliou o acesso a formação superior – antes restrita às tradicionais faculdades particulares, que ofereciam os cursos de medicina, farmácia, odontologia e filosofia – e que veio se juntar aos tradicionais colégios que já existiam no município. A UFJF começa a receber e formar pessoas que passam pela cidade, mas que depois de formadas, seguem em direção aos grandes centros ou aos mercados de trabalho emergentes.

Mas se o dinheiro era pouco para a quase totalidade da população, a cultura fervilhava. Apesar da ditadura - para uma elite intelectual - aconteciam eventos variados “mostras de filmes, espetáculos de grupos teatrais de vanguarda, exposições de artes plásticas e festivais de música” (MUSSE, 2006, p.125). Mas embora houvesse agitação cultural, o professor Gilvan Procópio, em entrevista a Musse (2006), destaca que a cidade tinha poucas opções de lazer. Os intelectuais e estudantes de Juiz de Fora transformavam a Rua Halfeld e seus bares e cafés em território de discussão da política e da cultura, na cidade, no país e no mundo.

Enquanto a classe média permanecia imersa na cidade idealizada pelas elites e para as elites nas páginas do Diário Mercantil – que apresentavam uma Manchester Mineira mítica, modelo de modernidade e ordenamento –, a massa operária – moradora de bairros distantes da Halfeld e que segundo a professora e tecelã na década de 1960, Áurea Gabriela Lins Rodrigues (2009), pouco frequentava o centro – não se contentava com a visão da cidade através das páginas do jornal diário.

Neste período ainda não eram perceptíveis nos impressos de Juiz de Fora as reformas que aconteceram nos jornais cariocas uma década antes, nos anos 1950. Sobre estas reformas, a pesquisadora Ana Paula Goulart Ribeiro (2007) destaca:

A imprensa abandonou definitivamente a tradição de polêmica, de crítica e de doutrina e a substituiu por um jornalismo que privilegiava a informação (transmitida -"objetiva" e "imparcialmente" na forma de notícia) e que a separava (editorial e graficamente) do comentário pessoal e da opinião (RIBEIRO, 2007).

Segundo o pesquisador Paulo Roberto Figueira Leal (2007), nos anos 1960, a fronteira entre jornalismo e opinião ainda se misturava nos Diários de Juiz de Fora:

A cobertura política do Diário Mercantil em 1965 se caracterizava por dois traços perenes: associação entre conteúdo jornalístico e opinião (principalmente na defesa do golpe e do regime militar) e pouca ênfase em questões locais. A prevalência de temas políticos nacionais – e conseqüentemente, escassa participação de temas locais – pode ser demonstrada até pelas opções editoriais no uso da fotografia: apesar de, em média, o jornal publicar em 1965 duas fotos diárias nas capas, as fotografias referentes à política local representaram apenas 7,9% do total, menos do

que as fotografias de pontos turísticos, carnaval e eventos culturais realizados no Rio de Janeiro - 9% do total (LEAL, 2006).

Somente no início da década de 1970 é que começam a ser notadas nos jornais da cidade as transformações que tiveram início nos anos 1960, quando se instalou a Universidade Federal de Juiz de Fora, formando profissionais em jornalismo que irão pouco a pouco substituir os antigos jornalistas por vocação⁴⁰. Começa a mudar a cara das redações e “o jornalismo se constitui como um campo específico, com um certo grau de autonomia em relação ao campo literário e ao político” na cidade (RIBEIRO, 2007).

A forte presença das Associadas no município atuará também no sentido de fazer o juizforano sentir-se como parte de algo maior do que a pequena Juiz de Fora. O golpe de 1964, que partiu de Juiz de Fora, certamente se guiou também pelas manchetes das Associadas e sobre como se desenrolavam os eventos políticos no país. Se antes do movimento, o principal tema tratado pelo Diário Mercantil foi o perigo do Comunismo, no período após a instauração da ditadura, o jornal se preocupou em demonstrar alinhamento com o regime militar recém instalado.

O vespertino Diário da Tarde, também pertencente às Associadas, se valia da utilização de apelos sensacionalistas para chamar atenção dos populares. No impresso, segundo o jornalista Wilson Cid (2008), voltado para o público masculino, encontrávamos matérias de esporte (principalmente futebol) e policiais, além de apresentar uma mulher bonita e sedutora, diariamente na capa. Ao contrário do Diário Mercantil, cujas manchetes apresentavam uma cidade ordeira e intelectualizada, o Diário da Tarde dava lugar aos crimes e às mazelas das camadas mais carentes.

Acreditamos que a aura policialesca que envolvia o Diário da Tarde fazia parte de um projeto maior utilizado pelas Associadas, para fazer com que a classe operária considerasse a necessidade de segurança e ordenamento que só o rigor do regime militar poderia oferecer. Mas apesar do caráter ideológico presente também no jornal vespertino, de acordo com nossas pesquisas, o Diário da Tarde abriu mais espaço para a cobertura dos assuntos da cidade, principalmente quando se tratavam de crimes de notório interesse da população, enquanto o Mercantil espelhava as questões nacionais, fazendo das páginas de cultura o território

⁴⁰ A profissão de jornalista só passou a ser reconhecida, com exigência de registro profissional e de curso superior para o seu exercício, no Ministério do Trabalho a partir do decreto-lei 972, de 17 de outubro de 1969. Admitiu-se ainda que, aqueles que não tivessem o diploma do curso de jornalismo, pudessem exercer a profissão, através de um registro precário. As exigências para a obtenção do registro precário, que caracterizava os jornalistas provisionados, foram regulamentadas pelo decreto-lei 83.284, de 13 de março de 1979 (MUSSE, 2008).

adequado para a conformação do ideário da cidade imaginada. De acordo com anúncio publicado na revista juizforana O Lince, tratando de pesquisa realizada pelo instituto Marplan no ano de 1966: “Em Juiz de Fora dos que leem jornais, 49% leem o Diário Mercantil e 50% leem o Diário da Tarde” (O Lince, abril/maio de 1967, p.20). Segundo o jornalista Wilson Cid, a tiragem do Diário Mercantil era de oito mil exemplares para as bancas, fora assinaturas e a do Diário da Tarde, que não possuía assinantes, era bem maior (CID, 2006).

Os bairros da cidade irão consumir avidamente o Diário da Tarde, vendido em bancas e principalmente por jornaleiros, que anunciavam aos gritos as trágicas manchetes do vespertino. Segundo pesquisas que realizamos anteriormente a esta dissertação, as notícias anunciadas pelos jornaleiros marcavam a vida das pessoas, mesmo as de quem não comprava o jornal, já que tinham suas discussões agendadas pelas manchetes. A ex-tecelã Áurea Gabriela Lins Rodrigues destaca uma das que mais chocou-a durante sua juventude, “foi quando os jornaleiros anunciaram que um homem havia sido assassinado e seu corpo jogado no Rio Paraibuna dentro de um saco cheio de pedras. Acho que as famílias Mitheroffer ou Hansen estavam envolvidas...” (RODRIGUES, 2009).

Interferindo na construção do imaginário popular na cidade nos anos 1960, destacavam-se ainda, além dos Diários da Tarde e Mercantil, os jornais A Noite (RJ), Diário da Noite (SP), Tribuna da Imprensa (RJ), A Tarde (JF), Diário de Notícias (RJ), A Luta Democrática (RJ) e com grande sucesso, as revistas O Cruzeiro (RJ), O Lince (JF), além das publicações da igreja católica, Família Cristã (JF), Lar Católico (JF), e O Lampadário (JF). Destacamos também, o sucesso do rádio em Juiz de Fora desde os anos 1950.

A Rádio Nacional (RJ) dividia a audiência com Industrial (JF) e com a PRB3 (JF) pertencente às Associadas, que arrastava multidões para participarem de seus programas de auditório. Segundo Rodrigues (2009), no início dos anos 1960, pela manhã, os populares ouviam o programa de esportes do radialista Mário Helênio, à tarde, o jornalista José Carlos de Lery Guimarães e à noite, os irmãos Céu Azul Soares e Oceano Soares na PRB-3, programas pertencentes às duas emissoras da cidade.

Apesar das grandes transformações que ocorriam na década, como a mudança do transporte urbano, a extinção dos bondes e a abertura de espaço para os automóveis nas ruas onde antes passavam os bondes, a cidade possuía muros invisíveis que separavam as classes sociais através de uma rígida estratificação social, discriminação e o racismo.

De acordo com Kneip (2009) a Rua Halfeld - da Santo Antônio até a Batista de Oliveira - era reservada para os encontros e compras da classe média (estudantes, intelectuais, homens de negócios). A Halfeld, entre a Rua Batista de Oliveira e Av. Getúlio Vargas, era

reservada para os negros, os pobres, e mulheres que não eram *de família*. Apenas aos domingos, quando os Diretórios Acadêmicos de Engenharia e Medicina realizavam matinês dançantes no salão do Palace Hotel, ocorria um dos raros momentos em que os estudantes de classe média podiam se misturar a indivíduos oriundos de outros setores da sociedade. Por exemplo, uma moça operária ou os frequentadores da gafeira *Quem pode, pode* – próxima do Cine Palace – que chegavam para a diversão no mesmo horário em que terminava a matinê. A Av. Getúlio Vargas, era destinada ao comércio popular, já a parte baixa da Rua Halfeld (depois da Getúlio, até a Praça da Estação) era considerada território perigoso para as famílias, livre apenas para os negros, viajantes, carroceiros e para as mulheres que arriscassem a sua segurança e fama. Segundo Rodrigues (2009), uma mulher que frequentasse aquelas imediações não seria bem vista.

No lazer, encontramos um dos espaços mais divididos entre as classes e gêneros. A Churrascaria José Weiss, por exemplo, recebia famílias de classe média nos fins de semana, mas na maior parte do tempo, era um território masculino, para homens com algum dinheiro (comerciantes e empresários). Já os cinemas e teatros do centro da cidade recebiam moradores, na maioria das vezes, das áreas próximas. Em função da pobreza que atingia a maior parte da população, o Centro não se tornava atraente. Os problemas de saúde eram resolvidos pelos farmacêuticos dos bairros; as poucas compras, feitas nas *vendas* e ambulantes também dos bairros e igualmente o lazer, como veremos a seguir. Ir ao Centro era caro e difícil, já que as famílias eram numerosas e o transporte público deficiente, além da iluminação precária, que tornava a cidade perigosa. A coluna do jornalista Salvador de Moura Fontes na revista *O Lince* publicou: “Outro problema que desacredita os títulos que honram nossa cidade. E anda por aí aos quatro cantos, é o convite: ‘Visitem Juiz de Fora’ ou ‘Conheça Juiz de Fora’. É bom acrescentar: Mas não anoiteçam lá!” (*O Lince*, maio de 1966, p.32).

Uma das exceções para a população da periferia era ir até os programas de auditório das rádios no centro da cidade. Mas segundo Rodrigues (2009), fazer visitas, ficar na janela e colocar cadeiras na calçada - para longas conversas e fofocas - até que chegasse a hora de ouvir o jornal e as novelas do rádio, eram os maiores passatempos, juntamente com o cinema.

Juiz de Fora possuía 14 cinemas: Cine-Theatro Central, Palace, Excelsior, São Luiz, Popular e Cine Glória no centro; São Mateus e Cine Paraíso no bairro São Mateus; o Rex no Mariano Procópio; Auditorium e Salão Paroquial Pio XI em Benfica; Paratodos no bairro Borboleta; Real no Bonfim; e o Salão São Geraldo no Morro da Glória, que entretinham principalmente os moradores do entorno de cada um deles. Os cinemas também eram um

território mapeado de acordo com as classes sociais, em função da localização ou do preço do ingresso.

Segundo depoimento de Rodrigues (2009), o Raffa's, o Clube Juiz de Fora, o Clube Olímpico e o Vasquinho faziam os bailes noturnos que excluía os negros e os que estavam vestidos inadequadamente. Os mais jovens se divertiam nas matinês promovidas pelos Diretórios Acadêmicos de Engenharia e Medicina ou pelos clubes Marianinho (bairro Mariano Procópio) e Montesinas (Manoel Honório), além das promovidas no espaço social da Fábrica de Estojo e Espoletas de Artilharia, em Benfica.

Para as mulheres de classe média estava reservado o espaço do lar e as funções de mãe e esposa. Embora o formato fosse idealizado e devesse ser repetido pelas famílias operárias, para estas mulheres que ainda crianças começavam a trabalhar nas fábricas da cidade, ou como lavadeiras e empregadas, havia uma maior permissividade, desde que o comportamento não rompesse com os papéis estipulados para elas. Já as de classe média, como Maria Tereza Kneip, que em 1950 se formou cirurgiã dentista e em 1960 se formou assistente social, a sociedade permitia um trânsito maior entre os diversos meios, sob olhar vigilante da família e da sociedade, mas cujo território do lar era considerado o mais adequado.

Na década de 1960, o curso era o tradicional desfile dos endinheirados em seus automóveis conversíveis, trajando fantasias bem cuidadas, assistidos pelos populares durante o carnaval. Mais tarde chegaram as escolas de samba, que realizaram, mesmo em condições diferenciadas, a mistura entre ricos e pobres. O jornalista José Carlos de Lery Guimarães, então radialista, escreveu e produziu em 1964 uma revista musical de grandes proporções, com centenas de figurantes, no Sport Clube Juiz de Fora, misturando o batuque negro do morro com números de dança mais afinados com a cultura erudita. O carnaval das escolas de samba neste período, dava maior destaque ao mestre-sala e à porta-bandeira, além dos foliões vestidos de baianas e do personagem que não faltava, o *malandro carioca* (KNEIP, 2009).

José Carlos de Lery Guimarães promoverá na Semana Santa de 1964 o espetáculo Cristo Total, uma representação teatral de grandes proporções apoiada pela Igreja Católica, que irá reunir milhares de pessoas no Sport Clube Juiz de Fora. Se por um lado, a instituição religiosa apoiava o golpe, como por exemplo através destes espetáculos e passeatas organizadas em vários municípios brasileiros, inclusive em Juiz de Fora, por outro lado nesta mesma época existiam setores comprometidos com a causa operária, que na cidade toma forma através de pastorais: JUC (Juventude Universitária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JOC (Juventude Operária Católica) e a JAC (Juventude Agrária Católica) (MUSSE, 2006).

O cinema, o jornal e principalmente o rádio, pautavam as discussões da população e preparavam terreno para a chegada da televisão. A ânsia pela informação e pelo entretenimento já não era mais atendida pelas possibilidades destes veículos. Ao contrário, através deles era fomentado o desejo pela imagem dos artistas e dos fatos que marcavam as manchetes do rádio e dos jornais, atendido em parte pelos cinejornais nacionais e da juizforana Carriço Films (MEDEIROS, 2008). Estes cinejornais locais, apesar de terem assumido durante algum tempo o papel de informar, característico dos telejornais, em virtude das dificuldades e do intervalo de tempo necessário para produzi-los, já que eram filmados em película, nos anos 1960 passaram a não saciar mais o desejo pela imagem e pela informação. A televisão não podia ser mais um privilégio dos personagens do cinema Aladim e Flash Gordon que possuíam objetos capazes de mostrar imagens (BRAGA, 2009) e dos cariocas.

4.2 A ORIGEM – UM TEMPO DE AMOR E ENTUSIASMO

Na historiografia que temos sobre a televisão brasileira, são raras as referências às transmissões feitas, em Juiz de Fora, pelo técnico em eletrônica Olavo Bastos Freire. Consideramos que a televisão na América Latina teve início a partir dessas transmissões, realizadas na década de 1940. Mesmo tendo cursado apenas o primeiro ano ginásial, esse juizforano, apaixonado por eletrônica, deu início à experimentação, utilizando esquemas⁴¹ para construção de um conjunto de TV (câmera-transmissor-receptor), publicados nos meses de maio, junho e julho de 1941, pela revista americana QSP, voltada para radioamadores. Segundo Freire (2001), que não era radioamador e teve acesso às revistas na oficina onde trabalhava, a montagem foi possível com a ajuda de um dicionário de inglês, já que não dominava o idioma, e ainda, graças a um kit para construção do equipamento, trazido dos Estados Unidos pelo amigo carioca, Eduardo Ferreira Rocha⁴². O técnico destaca ainda, que o equipamento só previa a transmissão de imagens, pois para o envio do som, os radioamadores utilizariam os próprios radiotransmissores. De acordo com Freire, as primeiras experiências

⁴¹ De acordo com o dicionário Michaelis, esquemas seriam desenhos lineares que mostram como são feitas as ligações elétricas de uma máquina, aparelho ou qualquer dispositivo (Disponível em: <<http://www.michaelis.com.br>>. Acesso em 10 de janeiro de 2009).

⁴² Segundo Freire (2001), o carioca Eduardo Ferreira Rocha, funcionário da Companhia de Aviação Panair que ia frequentemente aos Estados Unidos, também era técnico, tendo chegado a montar um equipamento antes dele, mas que não deu prosseguimento, provavelmente por falta de apoio no Rio de Janeiro. Olavo declara que ele, ao contrário, seguiu adiante. Aperfeiçoando e ampliando a capacidade dos aparelhos.

foram realizadas sem som. Somente a partir de 1948, o técnico fez uma adaptação que permitiu que o som também fosse transmitido.

O equipamento, que em 1948 proporcionou a primeira demonstração pública de TV da América Latina, começou a ser construído dois anos antes. De junho a dezembro de 1946, tendo comprado o primeiro iconoscópio⁴³, Olavo construiu a câmera; de janeiro a junho de 1947, o receptor de 3 polegadas; e de julho a dezembro de 1947, o transmissor. Depois do equipamento pronto, o técnico começou suas experiências⁴⁴ de transmissão de imagens.

A primeira experiência de transmissão feita em circuito aberto, cujos indícios indicam tenha sido em 1947, assim que os equipamentos ficaram prontos, foi a partir da oficina onde Freire trabalhava, na Rua Marechal Deodoro, 373, realizada com a ajuda de um amigo, Ademar Fernando Ribeiro que morava em frente.

Eu coloquei um receptor lá no fundo do quintal dele e o transmissor ficou ali... A câmera ficou na janela da minha oficina no 373 e eu focalizando o bonde passando ali, o pessoal passando na Rua Marechal... e ele foi ver a imagem lá no fundo, né? Foi a primeira transmissão que eu fiz de televisão em circuito aberto, circuito aberto é quando a imagem é irradiada por ondas hertzianas, porque tem o circuito fechado que eu vou explicar pra você. Em circuito fechado, a câmera é ligada ao transmissor por um cabo, chamado cabo coaxial, então o sinal vai com aquele cabo... Sem o cabo eu não tenho imagem. [...] Até chamei o Ademar lá, ele viu, ele foi o primeiro a ver a transmissão à distância, uma distância pequena, 10m, 20m, até o fundo do quintal [...] Depois eu comecei a fazer experiências em distâncias cada vez maiores (FREIRE, 2001).

Deixando muitas vezes o transmissor e a câmera ligados em sua oficina na região central de Juiz de Fora, Freire ia com o receptor para lugares distantes, a fim de verificar até onde era possível captar as imagens, que segundo o técnico, só não chegava ao bairro Benfica, separado por morros e a 13 Km do centro da cidade (FREIRE, 2001).

Só em 1948 acontece a primeira experiência pública, registrada pelo jornal vespertino Diário da Tarde, no mesmo dia da transmissão, em 28 de setembro: “Juiz de Fora, pioneira da televisão no Brasil” com o “magnífico êxito nas experiências realizadas hoje pela manhã” onde estavam presentes “altas autoridades civis e militares”. As transmissões de Olavo Bastos Freire foram realizadas “entre o Clube Juiz de Fora, onde fora instalada a estação transmissora

⁴³ O iconoscópio, conhecido como olho da câmera, foi o equipamento que tornou possível a televisão. Criado pelo russo Vladimir Zworykin em 1922, através de tubos de raios catódicos, é o olho humano reproduzido eletronicamente. A partir desta invenção, Zworykin foi convidado pela RCA, a encabeçar a equipe que produziria o primeiro tubo de televisão, chamado Orticon, que passou a ser produzido em escala industrial a partir de 1945 (PURRI, 2009).

⁴⁴ Na primeira página da edição do dia 29 de setembro de 1948, o Diário da Tarde noticiou uma experiência ocorrida em agosto de 1947, em que Freire teria transmitido a imagem de uma tela de pintura com prédios da cidade, mas da qual em nossa pesquisa, não localizamos outros registros (Diário da Tarde, 29 de setembro de 1948, p.1).

e a Casa do Rádio, na Av. Getúlio Vargas, local em que ficou o aparelho receptor” (Diário da Tarde, 28 de setembro de 1948, p.1).

O artigo do historiador José Luiz Stehling, no Diário Mercantil, publicado alguns anos depois, registrou o acontecimento:

Com o salão do Clube cheio de convidados, foi dado início à demonstração. Foram televisionados os presentes, mas o Sr. General Onofre (sic) ainda não se convencera da realidade. Ao ser televisionada a Av. Rio Branco, pelo telefone, fez a seguinte pergunta para os assistentes da Casa do Rádio: - “O que vocês estão vendo?” Resposta: - “Um bonde parado no ponto!” – “Qual o nome que está na taboleta?” Resposta: “Tapera...” Muito bem, disse ele, mas vamos ver o receptor. Depois de ver no cinescópio as imagens, S. Exa. convenceu-se de que não fora ludibriado (STEHLING, 1961, p.2).

A opção pela Casa do Rádio, que possuía uma excelente estrutura técnica, foi um pedido de Freire ao proprietário, Ademar Rezende de Andrade. Segundo Stehling, “aflito, procurou o Dr. Ademar Rezende de Andrade na Casa do Rádio, pedindo-lhe a sua cooperação, para as demonstrações públicas que ia fazer em breve, antes dos técnicos franceses fazerem a deles no Rio de Janeiro” (STEHLING, 1961, p.2). A edição de 14 de agosto de 1947 do Diário da Tarde, já fazia referência ao *perigo francês*, que preocupava o pioneiro Freire, ao tratar da visita de um cientista europeu ao Brasil, denominado pelo jornal como *pai da televisão*.

Esperando no Rio o “Pai da Televisão”. Rio, 14 (Meridional) - Está sendo esperado aqui o sábio francês René Barthelemy, conhecido como o "pai da televisão", o qual fará várias conferências nesta capital, sendo a primeira na próxima terça-feira, no auditório da A.B.I., sobre televisão (Diário da Tarde, 14 de agosto de 1947, p.1).

No dia seguinte à transmissão pioneira de Freire, 29 de setembro de 1948, a cobertura do jornal Diário da Tarde foi ainda maior, contando a história da vida do técnico, então com 32 anos e dando detalhes da experiência, além de anunciar o prosseguimento das transmissões a pedido do jornal e da Câmara Municipal. O legislativo aprovou a oficialização da transmissão e uma subvenção, para que Freire pudesse dar continuidade a suas experiências, construindo um transmissor maior (Diário da Tarde, 29 de setembro de 1948, p.1). Em seu depoimento, Freire não faz referência ao recebimento de verbas públicas, tendo financiado suas experiências com recursos próprios e com a colaboração de amigos e empresas particulares. Situação que é reforçada no artigo do historiador Stehling, publicado no Diário Mercantil:

Para a consumação de seu ideal fez os maiores sacrifícios financeiros, privando-se até do indispensável para viver e assim, conseguia o dinheiro para importar os materiais de que necessitava. Dotado de grande força de vontade e rara habilidade, fazia e adaptava peças para sua aparelhagem. As mais importantes eram fabricadas na Escola de Engenharia. Juntamente com seu auxiliar, Teófilo Pereira Bastos, e outros amigos, dava início a uma série de experiências secretas (STEHLING, 1961, p.2).

Dentro do caráter incipiente que marca as experiências de Olavo Bastos Freire, acreditamos que tenham existido outras, testemunhadas apenas por ele e pessoas que o ajudavam, consideradas secretas por Stehling (1961, p.2). Uma das que ficaram mais conhecidas entre os pesquisadores foi a transmissão de um jogo de futebol, durante a comemoração do primeiro centenário de fundação do município de Juiz de Fora, em 1950, embora na época da realização tenha sido ignorada pela imprensa local.

[...] televisionou do campo do Tupi F.C., no bairro de Santa Terezinha, no dia 21 de maio deste ano, o jogo com o Bangu A. C., do Rio de Janeiro. Fazia parte da delegação o cronista esportivo de “A Noite” e da rádio Nacional – Sr. Antônio Cordeiro que, depois do jogo, transmitiu seu resultado pelo telefone – Tupi 3 a 2, e a notícia de que o mesmo fora televisionado. Nessa noite, o “Repórter Esso” noticiou que em Juiz de Fora fora televisionado, pela primeira vez no Brasil, um jogo de futebol (STEHLING, 1961, p.2).

Sobre as transmissões, colhemos depoimento com o empresário Affonso Celso Reis Oliveira Castro (2009), na época com 10 anos, que foi levado por familiares para assistir às imagens no aparelho de televisão instalado na Rua Halfeld. A curiosidade gerada pela transmissão não se limitava às pessoas que passavam pelo local, mas fez com que estas se mobilizassem para levar outras, a fim de desvendar o mistério da *caixa mágica*. De acordo com a pesquisadora Christina Ferraz Musse (2008), neste período, a experiência televisual era envolvida pela aura do mistério, do exotismo e da exceção.

Dentre as pessoas que presenciaram as transmissões, estava uma das que tiveram a sua história marcada por estas imagens, o engenheiro Víctor Purri Neto, que veio à cidade a convite dos padres redentoristas, para instalar os amplificadores de som da Igreja Nossa Senhora da Glória, em 1948. Hospedado no extinto Palace Hotel, no centro da cidade, no dia 21 de setembro, deparou-se com as transmissões feitas por Freire, a partir da câmera colocada no alto do Clube Juiz de Fora transmitindo para um aparelho no centro da cidade, vendo pela primeira vez imagens de televisão. Segundo o engenheiro, fascinado pela eletrônica: “foi uma realização genial” (PURRI NETO, 2009). Apesar de não confirmar, acreditamos que o encantamento pela tela mágica motivou Purri Neto a se dedicar aos estudos sobre televisão que, anos depois, vão fazer dele um dos técnicos mais qualificados do país, encarregado de

trazer o sinal e instalar sem a ajuda de profissionais americanos, a terceira emissora de televisão do Brasil, a TV Itacolomi de Belo Horizonte, se tornando mais tarde o superintendente da emissora, como já relatamos.

Em 28 de setembro de 1950, dez dias após a inauguração da TV no Brasil, Olavo Bastos Freire transmitiu o primeiro programa de TV em Minas Gerais. Segundo Freire, foi o programa da Rádio Industrial, Noticiarista T9⁴⁵, patrocinado pelas Indústrias Químicas Carlos Pereira, realizado nos estúdios da emissora, no 11º andar do Edifício Baependi, no centro da cidade. De acordo com o técnico, ele recebeu do patrocinador Cr\$ 6.000,00, suficientes apenas para cobrir o gasto com o equipamento e a equipe, embora houvesse solicitado mais: “Eu pedi Cr\$ 10.000,00, mas ele achou muito” (FREIRE, 2001). O programa foi apresentado pelo repórter José Carlos de Lery Guimarães e teve a participação da cantora Oswaldina Siqueira. Sobre a experiência, o Diário Mercantil faria nos anos 1970 uma reportagem especial onde registrou:

[...] imagem e som chegavam em condições normais à antiga Casas Pernambucanas, na Rua Halfeld, onde se improvisara um receptor para permitir a uma pequena multidão aglomerada, ver o que se passava no estúdio da emissora” (Diário Mercantil, 28 de setembro de 1973, p. 3).

Antes mesmo da inauguração da televisão no país, parte dos cidadãos juizforanos⁴⁶ já estava encantada com as imagens transmitidas por Olavo Bastos Freire, mas com o início das transmissões da Tupi, no fim de 1950, Freire se muda para o Rio de Janeiro, onde foi trabalhar como técnico de aparelhos de TV da marca Admiral, já que era um dos raros profissionais no país com conhecimento da novidade eletrônica.

Cinco anos depois da mudança do pioneiro Olavo, de acordo com nossas pesquisas, outros se empenham em trazer o sinal de televisão para Juiz de Fora, e mais tarde tornar o município gerador de sua própria programação: os jornalistas Luiz Antônio Horta Colucci, José Carlos de Lery Guimarães, Rubens Furtado, o colunista social Décio Cataldi, o comerciante Celso Borelli Moreira, o empresário Oldemar Schmitz e os técnicos em eletrônica Maurício Panisset e Sérgio Magela Pereira.

Luiz Antônio Horta Colucci (2009), cuja família comprou o primeiro aparelho de TV da cidade, garante que não era possível trazer inicialmente o sinal da Tupi, pois a antena

⁴⁵ O programa da emissora de rádio tinha o nome de Noticiarista T-9, numa alusão ao prefixo da emissora, Rádio Industrial ZYT-9.

⁴⁶ O centro da cidade, onde se deram as experiências de Olavo Bastos Freire, possuía áreas demarcadas em função de raça, sexo e posição social, não sendo frequentado, portanto, por grande parte da população operária, como já detalhamos.

estava situada no Morro do Pão de Açúcar no Rio de Janeiro, o que inviabilizava que as imagens chegassem até aqui, pois não se podia enxergar⁴⁷ o morro. Somente após a inauguração da TV Rio, em 1955, cuja antena estava situada no Morro do Sumaré, tornou-se possível captar o sinal de televisão para Juiz de Fora, ainda que de maneira artesanal, já que a cidade não possuía equipamento para reforçar o sinal.

A partir daí, um pequeno grupo de entusiastas passou a se reunir, munido de coragem e espírito de aventura, para escalar os morros e subir nos prédios mais altos, a fim de conseguir captar o melhor sinal possível da emissora carioca.

De acordo com Colucci (2009), depois das arriscadas experiências iniciais de recepção, um dos diretores da fábrica de aparelhos de TV Emerson, Oldemar Schmitz, que veio naquela data até Juiz de Fora, foi apresentado a Luiz Antônio Horta Colucci, durante as festividades de inauguração do Cine Excelsior, em 1958, que fora equipado com projetores da Emerson. Colucci manifestou para Schmitz seu desejo de trazer o sinal de TV para Juiz de Fora. A partir desta proposta, o representante da fábrica ofereceu um transmissor de baixa potência, em troca da abertura de uma loja que venderia exclusivamente aparelhos da Emerson. Em sociedade, uniram-se Schmitz (representando a Emerson), Colucci, o técnico em eletrônica Sgt. Sérgio Magela Pereira e o comerciante, Celso Borelli Moreira, que também já iniciara suas experiências de recepção do sinal em Juiz de Fora, para abrir a TV Service, uma loja inaugurada na Rua Batista de Oliveira, 656, especialmente para venda de aparelhos Emerson (COLUCCI, 2009). Sobre o início destas transmissões, o colunista social Décio Cataldi publicou:

Nossos aplausos! Domingo, depois das 13 horas, a aparelhagem de TV foi ligada no morro do Cristo Redentor e retransmitiu para a cidade - O Colucci que movimentou isto tudo, pegou os técnicos e um aparelho portátil e levou-os, em carro, circulando pela cidade, procurando captar, em qualquer ponto as imagens. Vários postos (casa comerciais que preparam os receptores), ligaram para o público na noite de domingo. Como resultado, boa (excelente mesmo) imagem e igual som - Lá em cima, no morro, as instalações foram feitas em definitivo e para as mesmas, já há manutenção e zelador permanente (Diário Mercantil, 29 de abril de 1958, p.4).

Fazendo parte inicialmente da sociedade, Celso Borelli Moreira, não aceitou a exclusividade da marca Emerson, e, portanto, rompeu com o grupo. Em 14 de maio de 1958, inaugurou na Rua Batista de Oliveira, 561, a sua própria loja, a Rádio Serviço Moderno, vizinha da concorrente TV Service, “especializada na venda de rádios, eletrolas, aparelhos de

⁴⁷ Em conversa informal, o gerente técnico da TV Panorama, afiliada da Rede Globo em Juiz de Fora, Henrique Corbelli (2009), disse que uma das primeiras condições para que se realizem transmissões do sinal de televisão sem fio, é o fato de a antena transmissora ter contato visual com a receptora.

televisão e de artigos correlatos” (Diário Mercantil, 15 de maio de 1958, p.3). A loja, inaugurada depois da TV Service, abriu suas portas valendo-se do transmissor instalado pela concorrente, que irradiava na cidade o sinal da TV Rio e apresentou ao público o sinal da emissora carioca, em um aparelho de TV da marca Mullard, colocado na vitrine da loja.

O fato acirrou os ânimos na briga pelo mérito do sucesso inicial das transmissões. Os jornais dos Diários Associados entraram na briga tomando partido em favor do jornalista Horta Colucci, que trabalhava para as Associadas e publicou nota irônica, que atacava o concorrente na coluna social de Décio Cataldi:

Ao pé do ouvido. ...e colocaram azeitona no pastel dos outros. É isto o que está acontecendo. Colucci, com um grupo do Rio, montou em Juiz de Fora a firma TV Service. A referida firma teve a iniciativa, o trabalho e o que é mais importante, o capital para instalar, no morro do Cristo Redentor, a aparelhagem chamada "intensificador de sinais", a qual permitiu, hoje, captar a televisão carioca. Isto tudo, para, em seguida, com a TV Service, vender os aparelhos da Emerson, o que estão fazendo... e é o que estão fazendo outros comerciantes, agora, com este novo ramo. Os outros, sem trabalho algum, acompanharam a coisa, viram a oportunidade de pegar a "casquinha" e zaz. A TV Service, embora ofereça, além de tudo, a manutenção está... colocando azeitona no pastel alheio (Diário Mercantil, 14 de maio de 1958).

O comerciante Celso Borelli Moreira rebateu as provocações da concorrência, publicando no dia 15 de maio de 1958, data em que foi inaugurado o transmissor que melhorava o sinal da TV Rio na cidade (fornecido pela empresa Emerson), uma entrevista (possivelmente paga), intitulada “Pioneira da televisão em Juiz de Fora a firma Rádio Serviço Moderno”. Na reportagem, conta que desde 1956 vinha lutando com experiências de transmissão, mas destaca que o pioneirismo foi de Olavo Bastos Freire:

O trabalho do Sr. Olavo Bastos Freire foi deveras tomado por amor à arte, pois nenhum interesse comercial o animava naquela época. Depois dessas experiências foi que surgiu a TV Tupi, realizando um bom trabalho sobre televisão. Daí para cá surgiram as primeiras experiências concretas e em primeira mão pela nossa casa (Rádio Serviço Moderno), independente de trabalhos avulsos e esporádicos que vinham fazendo determinados curiosos, isso no ano de 1956. Portanto, desde aquela época que venho lutando pela televisão em Juiz de Fora, sempre com plenos conhecimentos sobre o oportuno assunto, mas devido à demora na instalação definitiva da aparelhagem exigida, outra organização instalou no alto do Morro do Redentor uma bem montada aparelhagem e que, segundo soubemos, de importação, fazendo quase imediatamente a captação da imagem da TV Rio para a nossa cidade. [...] Fui convidado para fazer parte da referida organização, não tendo aceitado pelas razões expostas. Por aí os caros leitores poderão sentir que a "Rádio Serviço Moderno" estava em condições de pertencer à referida organização, e se não o fez foi porque não nos foi possível aceitar as condições exigidas. Confesso que me sinto bastante envaidecido em ter sido o primeiro a levantar os trabalhos iniciais para trazer a televisão para Juiz de Fora (Diário Mercantil, 15 de maio de 1958, p.3).

A partir de anúncios publicados no Diário da Tarde e no Diário Mercantil, verificamos que o comércio local entrou na batalha pela conquista dos consumidores, começando também a vender aparelhos, entre eles a Casa do Rádio, de propriedade do então prefeito Ademar Resende de Andrade, as Lojas Dabhar, a Rádiolessa e a importadora Rio Rápido.

Segundo anúncio publicado no jornal Estado de Minas, em 1961, um rádio da marca Philips custava Cr\$ 13.430,00, enquanto que uma TV da mesma marca de 21" custava Cr\$ 97.900,00, ou seja, sete vezes o valor do rádio (Estado de Minas, 1º de outubro de 1961, p.4). O salário mínimo em 1958 era de R\$ 3.800,00⁴⁸ passando a R\$ 6.000,00 em 1º de janeiro de 1959 e a Cr\$ 9.000,00 em 1961. Ou seja, um aparelho de TV custava mais de dez salários mínimos, o que em uma cidade operária como Juiz de Fora, de maioria assalariada, tornava a aquisição de uma TV, no início dos anos 1960, um sonho distante, mesmo os aparelhos já sendo vendidos em prestações como observamos em anúncio publicado no jornal Estado de Minas, apresentando uma TV Emerson de 21" por Cr\$100,00 de entrada e Cr\$ 3.500,00 mensais (Estado de Minas, 17 de abril de 1960, p.3), as parcelas representavam mais da metade do salário mínimo na época, Cr\$ 6.000,00.

Consideramos na nossa investigação, este momento da chegada do sinal de televisão, ou seja, o período em que recebíamos apenas o sinal da TV Rio, como a primeira fase da televisão em um município fora do eixo Rio - São Paulo, mesmo restringindo-se a um grupo muito pequeno de receptores. Eram telespectadores de alto poder aquisitivo e que se encantavam mais com a novidade tecnológica do que com o conteúdo dos programas. Caracterizamos como a segunda fase, a da chegada da TV Tupi, da qual falaremos a seguir.

Apesar do movimento causado no comércio em virtude da chegada do sinal da TV Rio, Colucci destaca a precariedade das transmissões no final dos anos 1950:

Nós pegávamos, recebíamos o sinal da TV em um canal e retransmitíamos em outro. Devido à fragilidade do equipamento de transmissão a gente usava essa expressão de que uma antena não podia enxergar a outra. Uma antena ficava virada de um lado do Morro lá para o Rio de Janeiro, a outra antena, logo abaixo da Igreja, dirigida para a parte central da cidade. E um equipamento de pouquíssima potência, apenas 300 milivolts a potência irradiada. Com isso, nós alcançávamos apenas o centro de Juiz de Fora, mas conseguíamos prolongar a imagem da TV Rio em Juiz de Fora. E eu, pertencendo na época ao Diário dos Associados, fui chamado pelo Sr. Renato, até para puxar minha orelha: "O Colucci, por que você não retransmite o sinal da Tupi?" (COLUCCI, 2009).

No período que o número de aparelhos começa a aumentar chega também o sinal da Tupi, iniciando a segunda fase da TV em Juiz de Fora. O sinal, trazido artesanalmente pelo

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.trf4.jus.br>>. Acesso: 20 de dezembro de 2009.

técnico em eletrônica Sérgio Magela Pereira, sócio da TV Service, logo após a inauguração do sinal da TV Rio, foi financiado através de um consórcio, montado por Pereira com militares e funcionários civis do exército, que adquiriram aparelhos da marca Emerson contando com a chegada do sinal da emissora Associada, para assistirem a Copa.

Realizada na Suécia, a Copa do Mundo de 1958 deu o pontapé inicial nas investidas do comércio para agilizar a instalação do sinal da TV Tupi do Rio de Janeiro, que já anunciava a cobertura dos jogos. A moradora do bairro Fábrica, Maria Tereza Kneip (2007), pertenceu a uma das importantes famílias juizforanas que adquiriram um aparelho de TV através de consórcio para assistir a Copa. Em seu depoimento, nos revelou que os jogos chegavam a Juiz de Fora, transmitidos pela Tupi carioca, com atraso de três dias.

Mas apesar da expectativa gerada com a transmissão do primeiro jogo pela Tupi, a primeira partida da copa entre as seleções de Brasil e Áustria foi televisionada pela TV Rio. Conforme verificamos no artigo do jornalista colombiano Néelson Varón Cadena:

A televisão, então sem maior estrutura, se fez presente, através de um acordo celebrado entre o jornalista Almeida Castro, representando a TV Tupi, e a TV sueca. O cinegrafista Ortiz Rúbio foi credenciado a cobrir os jogos, mediante o pagamento de US 5.000,00, imagens que deveriam ser despachadas, logo que revelados os filmes, via aérea, para ser exibido com três, quatro dias de atraso no Brasil. De fato as imagens do jogo de estreia foram ao ar, mas não pela TV Tupi, e sim através da TV Rio, que recebeu os rolos por engano e imaginou, e repercutiu essa informação, que fosse uma cortesia da TV sueca. Não era. O pacote viera com a inscrição "Para a TV-Rio-Brasil", induzindo a repartição dos Correios e Telégrafos ao erro (CADENA, 2008).

O sinal de televisão, que chegou improvisadamente nos anos 1950, dez anos mais tarde começa a ser transmitido de forma sistemática, conforme depoimento do jornalista Wilson Cid:

Antes dos anos 60, era reduzido o número de receptores de televisão na cidade porque era uma cidade industrial, uma cidade operária, quando ela se transforma numa cidade prestadora de serviços, ela ganha mais recursos, veio a Universidade, em 61, isso tudo ajudou a cidade a dinamizar-se e também ampliar seu interesse em função do noticiário, em função de conhecer o mundo e o Brasil melhor (CID, 2009).

De acordo com reportagem publicada no Diário Mercantil, a partir de fevereiro de 1960, o sinal da TV Tupi passou a ser transmitido regularmente com a instalação da torre no Morro do Arado:

Até o próximo dia 15 de fevereiro próximo, o Canal 10 da Televisão Tupi estará espalhando a sua imagem e som para os telespectadores de Juiz de Fora, que aguardam ansiosamente a programação da emissora de TV dos Diários Associados pelo sistema de Micro-ondas, o que de melhor existe em matéria de transmissão e recepção (Diário Mercantil, 12 de janeiro de 1960, p.6).

O sinal da TV Rio, só no fim de 1960, passou a ser transmitido oficialmente em Juiz de Fora. Segundo Roberto Larcher (2009), funcionário da TV Rio e operador responsável pela manutenção do sinal na cidade, a emissora instalou um transmissor de 1 KW, da marca Sarkes Tarzian. Mas de acordo com o técnico, a luta era diária para manter um bom sinal no ar, pois embora o transmissor fosse bom, o sinal que chegava até aqui era ruim. Ele diariamente tinha que subir no alto da torre para fazer o alinhamento com o sinal da TV Rio no Sumaré, e chama atenção também para os grandes problemas com raios, que às vezes queimavam tudo. Além de Roberto Larcher, a TV Rio mantinha em Juiz de Fora um funcionário administrativo, chamado Américo Barros. Larcher destaca que a cidade era considerada pela emissora carioca como o “Presépio da TV Rio” por ser “pequena e bem cuidada” (LARCHER, 2009).

Em 1960, o juizforano podia assistir a 3 emissoras de televisão, todas cariocas. TV Tupi – canal 10 (RJ), TV Rio – canal 13 (RJ) e à TV Continental – canal 9 (RJ), esta transmitida irregularmente pelo comerciante Celso Borelli Moreira (LARCHER, 2009), como abordaremos a seguir.

4.2.1 As experiências da TV Continental

A TV Continental teve uma passagem meteórica na história da televisão brasileira e carioca, conforme esclarece a jornalista Edna Savaget (1976), ex-funcionária da emissora, em seu livro *Silêncio no Estúdio – O árduo caminho que conduz à Luz, Câmara, Ação!* Savaget afirma que, apesar da curta existência (1959-1972), a emissora do Rio de Janeiro teve em 1960 seu auge, logo em seguida entrando em decadência. A jornalista usou nomes fictícios para falar sobre a empresa e seus proprietários: “Homens de ação e não de negócios. Muita confiança nos outros, mas pouco discernimento em relação às múltiplas atividades”. (Savaget, 1976, p. 88)

A emissora carioca entrou no ar oficialmente em 30 de junho de 1959, às 19 horas, com sede no Rio de Janeiro, seguindo o rito criado pelas anteriores. As instalações foram

abençoadas por representantes da Igreja Católica e contou com a presença do então presidente da república, Juscelino Kubitschek, segundo o escritor Ricardo Xavier:

Terceira emissora de TV no Rio de Janeiro. Fruto da perseverança de três nordestinos: o deputado Rubens Berardo e seus irmãos Carlos e Murilo. Com a fusão da ORB (Organização Rubens Berardo S.A., dona das rádios Continental e Metropolitana) com a Companhia Cinematográfica Flama, estava dado o passo para a fundação da TV Continental. A emissora se situava na Rua das Laranjeiras, 291, onde antes funcionava a Flama. O estúdio A era então o maior do Brasil, medindo 15m x 28m e com uma piscina que lhe serviria para inúmeras situações cênicas. O veterano Dermival Costa Lima vinha da TV Paulista para organizar a estação. A Continental chegou a ser apelidada de “Recreio dos Bandeirantes”, por ter trazido para sua equipe dezenas de profissionais de São Paulo. A pré-estreia foi no Maracanã, com a transmissão do jogo Brasil 2 x 0 Inglaterra, em 13/05/59 (XAVIER, 2000, p.236).

A jornalista Edna Savaget descreve assim o sucesso inicial, alcançado pela emissora:

Durante um ano inteiro a *Intercontinental* foi magnífica: os melhores teleteatros, os maiores cantores brasileiros, os mais bonitos shows, os melhores produtores, os mais expressivos apresentadores. Como foi lamentado o seu declínio. Os salários, começaram a atrasar, a grande maioria recorreu à Justiça do Trabalho, até que a Organização foi forçada a uma manobra decente para não entrar em falência.” (SAVAGET, 1976, p. 89)

E é no período áureo da Continental que a história da emissora se cruza com a da televisão em Juiz de Fora. O colunista social juizforano, Décio Cataldi, que escrevia para o *Diário Mercantil*, fora convidado a participar de um programa no canal carioca no dia 15 de dezembro de 1959. Sobre a participação Cataldi publicou:

Convido os amigos para um encontro, hoje, às 20 horas, no canal 9 – TV Continental, com este comentarista. Dentro do tempo que disponho naquela emissora, pretendo dizer um pouco da nossa cidade, de nossa gente e mostrar, especialmente ao povo carioca, alguns aspectos, filmados, da vida desta comunidade. *Como nos jornais cariocas, nos quais trabalho, minha preocupação é mostrar, como é boa, mesmo, a nossa Juiz de Fora. Este programa, amigos, bem como outros que virão, e que estão sendo estudados no Rio, serão feitos para vocês. Não falte ao nosso encontro, logo mais!* (*Diário Mercantil*, 15 de dezembro de 1959, p.4, grifo nosso).

De acordo com Cataldi, devido ao sucesso, ficou resolvido que o colunista iria apresentar naquele canal, a partir de janeiro de 1960, um programa nas noites de domingo, tratando da vida econômica e social de Juiz de Fora. O convite para apresentação do programa sobre Juiz de Fora foi feito por Ricardo Linhares, um dos diretores da emissora. Seriam mostradas entrevistas que ele faria com pessoas do município e convidados (*Diário Mercantil*,

17 de dezembro de 1959, p.4). A partir da proposta, ele passou a divulgar em sua coluna social quais seriam as atrações que pretendia levar ao programa:

Todos os fabulosos cantores da nossa terra: os fabulosos Pequenos Cantores de São Domingos, dois ou três excelentes intérpretes do nosso rádio, (vocês, por exemplo, já ouviram falar do Teixeira Neto no monólogo “Rua do Pobre”? É maravilhoso, o monólogo, é claro!); o coral do Conservatório; Edmundo V. Cortes; as escolas de sambas; as representações universitárias e os homens políticos tudo isso, estará desfilando no meu programa aos domingos, às 20 horas, pela TV Continental, Canal 9. E começarei neste domingo (Diário mercantil, 8 de janeiro de 1960, p.4).

No dia dez de janeiro de 1960, estreia pela TV Continental o programa “Depois das Montanhas”, apresentado por Cataldi e pelo jornalista José Carlos de Lery Guimarães. Com este especial, a TV Continental tornou-se a primeira emissora a mostrar a cidade⁴⁹ para os juizforanos e para o Rio de Janeiro. As imagens feitas por um cinegrafista que veio até Juiz de Fora, especialmente para as filmagens, “impressionaram muito o público carioca” (Diário Mercantil, 18 de dezembro de 1959, p.4).

Mas a cobertura sobre a transmissão, que se esperava fosse publicada amplamente no Diário Mercantil no período que sucedeu a apresentação do programa, não aconteceu. Cataldi fez apenas elogios à participação de Lery Guimarães e falou do convite que este jornalista recebeu para trabalhar no Rio de Janeiro. Agradeceu também àqueles que trabalharam para que o sinal fosse transmitido na cidade, já que dois dias antes do programa Depois das Montanhas ser exibido, a emissora havia saído do ar por problemas técnicos, retornando apenas 40 minutos depois do horário marcado para a exibição.

Um agradecimento muito especial aos Srs. José Lessa, Hércules de Oliveira e João Pinto Aguiar que, desde sábado, procuraram dar a melhor assistência a aparelham de retransmissão da TV do Morro do Imperador. Às 20,40 horas, o meu programa, afinal, foi captado em Juiz de Fora, depois de uma interrupção havida no Rio (Diário Mercantil, 12 de janeiro de 1960, p.4).

O sinal, transmitido de maneira improvisada em Juiz de Fora, era ruim e a insatisfação com a emissora era grande. Muitos se dirigiam aos revendedores de aparelhos para reclamarem das transmissões da Continental, possivelmente, frustrados por não poderem ver as imagens anunciadas pela coluna social de Décio Cataldi. (Diário Mercantil, 4 de janeiro de 1960, p.6)

⁴⁹ A cidade, mostrada pelo colunista social Décio Cataldi através da Continental, era a cidade idealizada pelas elites através das páginas do Diário Mercantil, produzida e direcionada para classe média.

Como já dissemos anteriormente, nos dias subsequentes à exibição do primeiro programa, muito pouco foi publicado pelo Diário Mercantil, não havendo nenhuma alusão ao possível sucesso que a transmissão possa ter obtido e à realização de outros programas seguintes tão alardeados por Cataldi. Ocorre ainda, que na edição do Mercantil do dia seguinte à transmissão do programa da Continental, o jornal abriu amplo espaço para noticiar a chegada do sinal da TV Tupi a Juiz de Fora. Acreditamos que Cataldi foi silenciado logo que retornou da emissora carioca. O início do sinal da Tupi na cidade, aos cuidados das Associadas, fez com que estas reduzissem o espaço dedicado para as emissoras concorrentes, além de não verem com bons olhos as participações de Cataldi na TV Continental, levando para a emissora carioca verbas publicitárias que poderiam ser destinadas ao condomínio.

O jornalista Décio Cataldi faz alusão a uma participação que fez entre os dias quinze de dezembro e 10 de janeiro de 1960 na Continental, datas dos programas que teria de fato se apresentado, mostrando As Sete Mulheres Mais Elegantes de Juiz de Fora (Diário Mercantil, 28 de dezembro de 1959), mas a notícia publicada em sua coluna social, sem fotos, é o único vestígio da transmissão que foi repercutida superficialmente em sua coluna. Acreditamos em nossas pesquisas que as Associadas já haviam se manifestado no sentido de reduzir as notícias sobre a emissora de televisão concorrente da TV Tupi, pertencente ao grupo.

Depois da curta passagem do colunista social pela Continental, não localizamos mais notícias sobre outras edições do programa Depois das Montanhas nem sobre a emissora nos jornais dos Diários Associados em Juiz de Fora.

4.2.2 TV Mariano Procópio – Os primeiros passos

No dia 21 de abril de 1960, Brasília foi inaugurada e as solenidades transmitidas pela TV Tupi para toda a região Sudeste. A fim de tornar possível esta transmissão, a emissora montou uma estrutura grandiosa, os esforços e recursos empreendidos para tal intento receberam das Associadas o nome de Operação 21 de Abril (Estado de Minas, 3 de abril de 1960). A primeira parte constou da ligação entre o Rio de Janeiro e Belo Horizonte e a segunda, da ligação de Belo Horizonte a Brasília, ambas através de links de micro-ondas.

Segundo o ex-superintendente da TV Itacolomi, Víctor Purri Neto (2009), Juiz de Fora foi um dos sete locais escolhidos para receber uma antena de retransmissão, por possuir uma montanha com altitude adequada, o Morro do Arado. Purri Neto, que participou como

engenheiro geógrafo do projeto intitulado *Radar Profile Study*, feito por uma empresa americana para a *Radio Corporation of Americ* (RCA), que forneceu o equipamento para instalação das torres, detectou e fotografou os lugares onde deveriam ser fixados os pontos de linha de transmissão.

Dentro da Operação 21 de Abril, que seguia instalando as antenas de retransmissão da Tupi a partir do Rio de Janeiro, os trabalhos em Juiz de Fora foram concluídos em fevereiro de 1960. A partir daí a cidade começou a receber oficialmente o sinal da emissora Associada, deixando para trás as experiências feitas até aquele momento com a transmissão da Tupi⁵⁰.

Víctor Purri Neto (2009) não confirma, mas com a aproximação do dia da inauguração da nova capital (21 de abril de 1960), não houve tempo suficiente para a construção de outras torres até Brasília, dessa forma, o link de transmissão entre Belo Horizonte e Brasília que possibilitou a transmissão das solenidades de inauguração, foi feito por aviões da VASP.

Equipados com moderna aparelhagem de recepção e transmissão de micro-ondas, em pleno funcionamento, três aviões da VASP estão sobrevoando desde ontem, a rota Belo Horizonte-Brasília, desempenhando importante papel no esquema de cobertura e interligação da TV Tupi, canal 6, Rio; TV Ribeirão Preto, canal 8; e TV Itacolomi, canal 4. Os três aparelhos que se vêm reabastecendo normalmente nesta capital, voam em círculos e em distâncias pré-fixadas, numa altitude de 4.000 metros. Um deles se mantém sobre Brasília, ao passo que os dois outros cruzam o espaço entre a nova capital brasileira e Belo Horizonte (Estado de Minas, 21 de abril de 1960, p.3).

4.2.3 As primeiras negociações para o canal

As Associadas, em 22 de dezembro de 1956 (em virtude do sucesso alcançado pela Tupi e já com pretensão de formar uma rede no país), já haviam protocolado, junto ao Governo Federal, um pedido de concessão para uma emissora de tevê geradora de sinal em Juiz de Fora, e que seria a primeira do interior do país. O que foi feito graças à projeção como cidade industrial, que Juiz de Fora ainda possuía. Mas o projeto de Chateaubriand só se torna concreto graças à Operação 21 de Abril, que instalou o transmissor no alto do Morro do Arado, tornando Juiz de Fora a partir de fevereiro de 1960, capaz de receber com qualidade, o sinal da Tupi vindo do Rio ou Belo Horizonte, e irradiar sinais de TV, valendo-se da torre

⁵⁰ A capital mineira, só no dia 2 de abril de 1960 começou a receber o sinal do Rio, inaugurada no domingo 17 de abril de 1960 (Estado de Minas, 14 de abril de 1960, p.10).

retransmissora. Começava a se criar a estrutura para a TV Mariano Procópio, que recebeu este nome “numa deferência especial à memória do grande brasileiro Mariano Procópio, construtor da primeira rodovia do Brasil” (Estado de Minas, 12 de abril de 1960, p.2).

Em nossa pesquisa, verificamos que foi publicado pelo Diário Mercantil do dia 20 de janeiro de 1960, antes mesmo do sinal da Tupi chegar oficialmente, notícia sobre a instalação em Juiz de Fora da TV Mariano Procópio, através de uma sociedade anônima:

Juiz de Fora, cidade pioneira em diversos setores de atividade, caminha agora a passos largos para ocupar a vanguarda em outro grande empreendimento: a concretização da instalação e funcionamento da TV Mariano Procópio, Juiz de Fora será a *primeira cidade interiorana* (excetuando-se as capitais) a possuir uma estação de televisão. E todos sabem o que isso significará para o nosso progresso. Para a exploração da estação de televisão, que dentro de pouco tempo estará transmitindo os acontecimentos locais e nacionais de maior relevo e importância, está sendo constituída uma poderosa sociedade anônima, cujo capital atingirá à quantia de quinze milhões de cruzeiros, sendo de se notar que até a instalação definitiva a TV Mariano Procópio contará com uma camioneta com equipamento especial no valor de mais de oito milhões. Do capital da sociedade anônima a organização "associada" do Brasil contribuirá com parcela superior a sete milhões de cruzeiros, que já foram subscritos. O restante do capital será conseguido com a venda de ações no valor nominal de Cr\$ 1.000,00 e que brevemente estarão no mercado (Diário Mercantil, 20 de janeiro de 1960, p.8, grifo nosso).

O jornalista das Associadas, Rubens Furtado, em depoimento a nós concedido lembra-se como foi convidado por Renato Dias Filho, então diretor dos Diários Associados em Juiz de Fora, a participar do projeto de televisão na cidade:

Rubens, o Chateaubriand quer que eu faça uma televisão em Juiz de Fora, eu não tenho dinheiro para isso; o Diário Mercantil faturava muito pouco e a Rádio Sociedade também, o Chateaubriand é maluco, ele quer de qualquer maneira uma televisão aqui. E custa segundo o cálculo do Chateaubriand... Eu não me lembro, mais ou menos eu precisava de uns 500 ou 600 mil dólares para montar uma televisão. Então, eu vou fazer o seguinte, vou criar uma empresa e vou vender ações em Juiz de Fora. [...] e aí, bom, ele lançou a TV Mariano Procópio no jornal (FURTADO, 2009).

Segundo o jornalista Wilson Cid (2009) a estratégia não deu certo e pouquíssimos assinaram, Cid, na época, trabalhava na Rádio Industrial que era concorrente das Associadas, vindo se juntar às empresas do conglomerado de Chateaubriand somente em 1963. Mas de acordo com anúncio publicado no Diário Mercantil de oito de maio de 1960 sobre o lançamento da TV Mariano Procópio, consta que até o dia 29 de abril, “5 dias da data do seu lançamento, foram subscritos Cr\$ 1.164.000,00 de ações preferenciais” (p.8). Observamos que dentre as 284 pessoas que adquiriram o primeiro milhão em ações da emissora, estavam jornalistas, empresários, comerciantes e políticos, como o mineiro Tancredo Neves, então

secretário de finanças de Minas Gerais e o prefeito da cidade, Olavo Costa. Mas passada a empolgação inicial e como as transmissões não começavam, de acordo com notícias publicadas pelos jornais da época, os subscritores foram deixando de pagar as prestações relativas às ações.

TV MARIANO PROCÓPIO. Prorrogação dos pagamentos em atraso. De acordo com a resolução da assembleia geral dos senhores subscritores, de 21 de agosto de 1961 e o artigo 74, parágrafo 1 do Decreto-Lei 2627 de 26 de setembro de 1940, ficam os senhores subscritores da TV Mariano Procópio convidados a pagarem as prestações em atraso até 10 de outubro próximo, sob pena de perderem a entrada e as prestações pagas, ficando estas constituídas em mora. Os recibos acham-se em poder dos mesmos Bancos em que os senhores subscritores começaram a fazer o pagamento. Aqueles que não receberam o aviso bancário, poderão se dirigir ao telefone 1166, para quaisquer informações. Juiz de Fora, 21 de setembro de 1961. Renato Dias Filho – Eládio Lopes e José Aureliano de Hollanda – fundadores (Diário da Tarde, 2 de outubro de 1961, p.5).

A partir da edição do Diário Mercantil do dia 22 de novembro até 31 de dezembro de 1961, localizamos convocações para os fundadores da emissora, indicando que a situação começava a melhorar.

TV Mariano Procópio. Entrega de Cautelas. Convidam-se os senhores subscritores de ações da TV Mariano Procópio, para trocarem seus recibos provisórios pela Cautela de ações preferenciais da Rádio Sociedade de Juiz de Fora S.A., de acordo com a resolução da assembleia geral extraordinária dos subscritores da TV Mariano Procópio, realizada em 21 de agosto de 1961. Os portadores destas Cautelas são considerados fundadores da TV Mariano Procópio. As referidas cautelas já dão direito aos juros de 12% ao ano, correspondentes ao segundo semestre de 1961, se integralizadas neste ano. Deverão trazer os recibos de pagamentos e uma certidão de casamento ou nascimento para comprovar a nacionalidade junto ao MVOP, como exige a regulamentação das sociedades anônimas de rádio e televisão. A entrega far-se-á das 9 as 12 e das 14 às 16 horas na sede própria dos DIÁRIOS, RÁDIO E TELEVISÃO ASSOCIADOS de Juiz de Fora, à Av. Rio Branco, 1906 (defronte ao Cinema Excelsior). Informes pelo telefone 1160. Juiz de Fora, 23 de novembro de 1961. TV MARIANO PROCÓPIO. RENATO DIAS FILHO diretor (Diário Mercantil, 23 de novembro de 1961, p.1).

Segundo nos revelou o jornalista Rubens Furtado (2009), como a venda de ações não aumentava e alguns compradores estavam em débito, o diretor das Associadas na Cidade, Renato Dias Filho, pede novamente ajuda a Furtado. E a partir de soluções criativas encontradas pelos jornalistas, entra no ar em caráter experimental a programação TV Mariano Procópio, ancorada no sucesso da Tupi e recorrendo ao apoio técnico da TV Itacolomi, de Belo Horizonte, como veremos no próximo capítulo.

4.2.4 A luta pela legalização da emissora

Quando foi protocolado o pedido para a concessão de uma emissora de televisão em Juiz de Fora, no ano de 1956, Juscelino Kubitschek era o presidente da República. Segundo a pesquisadora Adriana Hassin Silva (2002), as relações entre Chateaubriand e Juscelino eram formais, o jornalista Adolpho Bloch e seu grupo de comunicação eram os preferidos do presidente, que não podia desprezar o poderio das Associadas. Mas a relação não era tranquila, o que podemos observar através das campanhas feitas pelas Associadas, contra a construção de Brasília, por exemplo. Segundo o escritor Ronaldo Costa Couto, “Assis Chateaubriand, o poderoso e influente rei da imprensa brasileira, dono dos Diários Associados, considerava a construção de Brasília uma loucura de Kubitschek e um crime contra o país” (COUTO, 2001, p.216).

Durante a conturbada relação de Chateaubriand com Juscelino, que governa o Brasil até 1961, a concessão para a TV Mariano Procópio não acontece, mas as parcerias ocorreram, como acreditamos que aconteceu com a gigantesca estrutura montada pelas Associadas para a transmissão da inauguração de Brasília. Nossas pesquisas indicam que a empreitada foi financiada por recursos federais, por que interessava a Kubitschek e também a Chateaubriand, que teve na inauguração da capital federal a chance de ampliar o seu império, estendendo o sinal da TV Tupi através da criação de novas emissoras pelo interior do país.

Com a ascensão de Jânio Quadros e pouco tempo depois do seu vice, João Goulart, começa outro período tenso entre Governo Federal e Diários Associados, favoráveis⁵¹ ao golpe, que irá depor João Goulart em 1964. O jornalista Wilson Cid (2009) acredita que devido à demora na concessão para Juiz de Fora, Chateaubriand estivesse já se desinteressando pelo projeto da emissora, mas o diretor das Associadas na cidade, Renato Dias Filho, não desanimou.

Somando-se aos problemas das Associadas, fortalecia-se na cidade outro grupo de comunicação. Wilson Cid destaca:

Havia uma luta de prestígio político. Era o grupo dos Diários Associados e formava-se um outro grupo, que não era comandado por Juiz de Fora. O grupo do Sérgio Mendes da Rádio Industrial, da Rádio Difusora que agregava outros interesses políticos nacionais, não só de Minas, mas nacionais, para fazer frente ao Diário dos

⁵¹ Para a pesquisadora Iluska Coutinho (2005), todas as publicações das Associadas sempre estiveram contra o governo João Goulart, exigindo a “queda dos comunistas” e a “ascensão de forças democráticas” (COUTINHO, 2005).

Associados. É a razão porque o Sérgio Vieira Mendes obteria depois, com grande facilidade, um canal que seria então a TV Industrial. Isso se deveu basicamente ao ministro Francisco Clementino de Santiago Dantas, que era um homem de prestígio no governo, mineiro, vinha muitas vezes em Juiz de Fora e ele se empenhou muito com isso (CID, 2009).

Segundo o pesquisador Frederico Belcavello, a incursão da família de Sérgio Mendes havia começado em 1954, quando o empresário adquiriu, nos últimos dias do governo Getúlio Vargas, concessão para explorar uma rádio no município de Matias Barbosa. No entanto, a Rádio Difusora Minas Gerais só entrou em operação em 1955, quando a família conseguiu a transferência da concessão para Juiz de Fora. Em 1956, os Mendes adquiriram também a Rádio Industrial e formaram a cadeia Dial (Difusora e Industrial) de rádio que, em 1962, recebe a concessão de um canal de televisão para Juiz de Fora entregue a Sérgio Mendes, que em 1964 iria inaugurar a TV Industrial (BELCAVELLO, 2008).

Acreditamos que a habilidade política do grupo do empresário Sérgio Mendes teve papel importante para evitar que a concessão saísse para as Associadas na cidade, pois no período entre a solicitação feita pelo condomínio (1956) e a entrega do canal para o grupo de Mendes (1963), as Associadas obtiveram concessões para emissoras em outros lugares, como a TV Piratini, em Porto Alegre (1959); TV Itapoan, em Salvador (1960); TV Paraná, em Curitiba (1960); TV Brasília (1960), TV Rádio Clube, em Recife (1960); TV Cultura SP (1960), TV Rádio Clube de Goiânia (1961), TV Vitória (1961), TV Ceará, em Fortaleza (1961); TV Marajoara, em Belém (1961); TV Florianópolis (1961), TV Campo Grande (1961), TV Aracaju (1961), TV Alterosa, em Belo Horizonte (1962); além das tevês Triângulo, em Uberlândia (1964); e Borborema, em Campina Grande (1966) (CARNEIRO, 1999, p.425-426).

Desta forma, observamos que a retaliação às Associadas se deu em nível local. O jornalista Rubens Furtado (2009), considera que o conglomerado estava dividido no apoio ao presidente da república João Goulart (filiação ao PTB) e que em Juiz de Fora, o próprio diretor das Associadas, Renato Dias Filho, sepultou a possibilidade de que um canal fosse cedido para a cidade.

Contam que na época, o Renato, brigou com o pessoal do Jango, do PTB daqui, que era por sinal meu parente, meu amigo... E a concessão que deveria ser da Mariano Procópio, foi dada pro Sérgio Mendes, então a Mariano Procópio morreu, porque sem concessão, fazer o que? (FURTADO, 2009)

O próprio depoimento de Renato Dias Filho (1980) nos dá indícios de que naquele momento, embora as Associadas em Juiz de Fora seguissem orientação de Chateaubriand

relativas às questões nacionais muitas vezes as questões locais resultaram em embaraços e prejuízos para Condomínio, como acreditamos que aconteceu com a concessão para a TV Mariano Procópio. Sobre as questões da política nacional o ex-diretor das Associadas declarou:

Nós seguíamos a orientação do Chateaubriand, ele sempre me dizia quando perguntava a ele qual é a orientação política dos Diários Associados: –Segue O Jornal. E O Jornal era governista. Então, nós sempre fomos governistas (DIAS FILHO, 1980).

A relação corrupta⁵² que as Associadas mantinham com o executivo municipal já havia criado problemas em outras ocasiões. Renato Dias Filho (1980) enumera em seu depoimento problemas ocorridos com os ex-prefeitos: Rafael Cirigliano (repassou para a Gazeta Comercial concorrência que teria sido ganha pelas Associadas), Pedro Américo de Almeida (segundo ele muito pão-duro) e Ademar Rezende de Andrade (para quem só existiria o grupo rival das Associadas chefiado por Sérgio Mendes). Todos foram personagens de campanhas difamatórias feitas através dos Diários Associados e das quais, segundo Dias Filho, Ademar Rezende de Andrade foi o mais prejudicado já que “se amasiou com Sérgio Mendes e tudo era pro Sérgio Mendes” (DIAS FILHO, 1980).

Mas outro episódio que também colaborou para complicar a situação das empresas Associadas em Juiz de Fora se deu com o ex-prefeito Olavo Costa do PSD, que governou a cidade em dois períodos, o segundo deles (31/01/1959 a 24/11/1962), época em que foi concedido o canal de televisão para o grupo da Rádio Industrial.

O político mineiro Antônio Maria Alkmin, na época vice-líder do PSD na Câmara Federal, partido do prefeito de Juiz de Fora, Olavo Costa, foi pressionado a intervir na campanha difamatória promovida pelos Associados contra o chefe do executivo municipal. Sobre a campanha Dias Filho esclarece:

O Olavo Costa também foi um... Todo mundo sabia que ele não estava agindo honestamente, falaram que ele... Falaram uma imensidade de coisas contra ele. Então nós *resolvemos não apoiá-lo e nos voltamos contra Olavo Costa*, é um fato muito interessante até. Um dia Chateaubriand me passou um telegrama e disse: Renato espere por mim que nós vamos falar com o Ministro Alkmin⁵³. Chegamos lá

⁵² Segundo a pesquisadora Ana Paula Goulart Ribeiro, mesmo com o aumento da publicidade comercial, que ocorreu depois da II Guerra “a maioria das empresas jornalísticas ainda era deficitária e utilizava de técnicas de administração e gestão extremamente tradicionais. Em muitos casos, *os velhos métodos de clientelismo e chantagem e o apoio do governo ainda garantiam a sobrevivência da empresa*” (RIBEIRO, 2002, grifo nosso).

⁵³ O político José Maria Alkmin durante o governo Jânio Quadros (jan/ago de 1961) foi vice-líder do bloco parlamentar de oposição formado pelo PSD, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e pelo Partido Social Progressista (PSP), e um dos principais críticos da política econômico-financeira governamental. Durante a

no ministério, ele era ministro das finanças, e nós entramos, e nós fomos entrando, engraçado é que os contínuos iam abrindo as portas e gritando, Dr. Assis, Dr. Assis. Ele ia entrando, como se fosse um funcionário, um elemento lá do ministério. Nós fomos entrando, sentamos na sua frente, quando acabou ele me chamou. Chateaubriand falou pro Alkmin: –Fala pro Renato o que você quer. –Renato, eu quero ser Governador do Estado, e eu preciso da cidade de Juiz de Fora, [...] e eu não posso [...] tendo o Olavo contra mim. O que eu preciso fazer para contar com a cidade de Juiz de Fora. Ele disse que Chateaubriand decidia. A partir daí Chateaubriand pediu para que eu fosse diminuindo devagarzinho a campanha contra Olavo. Malhava-se o Olavo e os vereadores dele. O Olavo ficava amigo e inimigo da gente conforme a precisão. Mas ele nunca brigou com a gente, ele sempre prestigiou a gente (DIAS FILHO, 1980, grifo nosso).

Os Diários Associados, inconformados com a perda da concessão para o grupo de Sérgio Mendes em 1963, lutaram judicialmente por alguns anos, mas não conseguiram reverter o ato presidencial.

Se fomos os primeiros a requerer, fomos também os escolhidos, pois no despacho de 22/06/1962, o Exmo. Sr. Presidente do Conselho de Ministros, entre seis empresas solicitantes, escolheu a Rádio Sociedade de Juiz de fora, levando em conta, naturalmente, os bons serviços que a emissora Associada vem prestando ao público. Há tanto tempo, eis que teve concessão em 1º de outubro de 1937. Ressalta-se ainda que, antes do despacho do Sr. Presidente dos Conselhos de Ministros, a Comissão Técnica de rádio, que era órgão coordenador do assunto, manifestando-se, opinou favoravelmente ao pedido da Rádio Sociedade, que era o mais antigo. Depois disso, então, *integrando-se ao esquema político da época*, é que o Sr. Presidente do Conselho dos Ministros, através do despacho de 29/08/1962 atendeu o recurso da Rádio Industrial, outorgando-lhe a concessão do Canal – que era e, possivelmente, é nosso (Diário da Tarde, 6 de abril de 1964, p.5).

Com essa decisão, o destino da TV Mariano Procópio foi decidido: ela nunca deixaria de ser experimental, pois na época não havia outros canais disponíveis para a região. As transmissões deveriam ser suspensas. A TV Industrial entrou no ar oficialmente em 1964. Não havia mais possibilidades de recursos jurídicos. A decisão era irreversível.

A partir daí, o jornalista Renato Dias Filho, inconformado, mais uma vez inovou. E deu continuidade à produção da Mariano Procópio para manter Juiz de Fora no ar. Só que desta vez, enviando o material produzido pela equipe para ser veiculado através da poderosa TV Tupi Carioca (CID, 2006), como veremos no próximo capítulo.

presidência de João Goulart, continuou a exercer a vice-liderança do PSD, tendo participação destacada no debate sobre as questões econômicas e financeiras. Em 1962, reelegeu-se deputado federal por Minas Gerais, ainda pelo PSD (*Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001).

5 TV MARIANO PROCÓPIO

Nos anos 1960, a televisão que era feita no Rio de Janeiro e em São Paulo já não estava mais subordinada totalmente aos interesses e estratégias dos patrocinadores, como aconteceu na primeira década. E pouco a pouco ia substituindo os programas ao vivo pelos gravados em videotape, produzidos com maior qualidade, além de começar a construir uma linguagem própria, deixando de lado a herança radiofônica (PRIOLLI, 1985, p.22-23). Mas se esta modernização ia aos poucos atingindo as emissoras das grandes capitais, isto não ocorria no interior.

A TV Mariano Procópio, surgida e extinta na década de 1960 e que neste período realizou inúmeras produções de material audiovisual, desaparece sem usufruir do aperfeiçoamento tecnológico que vai tomando conta da televisão brasileira. Os eslaides e filmes efetivados pela emissora, exibidos a partir de Juiz de Fora, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, caracterizavam-se pela forma artesanal, feita na base da criatividade e do empenho de homens fascinados pelas possibilidades que se abriam através do sinal da televisão. O escritor Gabriel Priolli, ao tratar da enorme precariedade que ocorria nos programas ainda nos anos 1950, destaca que os produtores eram forçados a uma improvisação que oscilava entre a genialidade e o ridículo (PRIOLLI, 1985, p.22-23) e que, acreditamos, nos anos 1960 ainda marcava a televisão feita em Juiz de Fora.

Mas se tecnicamente a emissora apresentava graves problemas, os juizforanos gostavam de se ver representados na programação da TV (CID, 2009), elaborada por grandes nomes do jornalismo das Associadas na cidade, os pioneiros da TV Mariano Procópio, Jorge Couri, Rubens Furtado e Wilson Cid, além do publicitário Waltencyr Mattos. Eles afirmam que a emissora tratava de assuntos diversos, o que em nosso levantamento verificamos que realmente acontecia, mas reproduzindo em imagens de televisão o discurso da cidade idealizada nas páginas do Diário Mercantil.

5.1 A PRODUÇÃO LOCAL - DA GRAVAÇÃO À VEICULAÇÃO

Como já dissemos anteriormente, a Tupi protocolou o pedido de concessão de um canal de TV para Juiz de Fora em 1956, mas em nossa pesquisa, acreditamos que a ideia de se

criar uma emissora local tomou forma entre os dias 12 e 20 de janeiro de 1960. Chegamos a esta conclusão a partir da publicação do Diário Mercantil, no dia 12, de uma matéria⁵⁴ sobre a instalação e a chegada do sinal da TV Tupi a Juiz de Fora, sem fazer qualquer referência à existência de uma emissora Associada na cidade (1960, p.8). A primeira notícia⁵⁵ sobre o canal de televisão juizforano (que se tornou possível em função da chegada do sinal da Tupi), aparece oito dias depois, na edição de 20 de janeiro, informando que “a cidade irá ter sua emissora de televisão” (1960, p.8). Assim, acreditamos que a decisão da montagem da emissora em Juiz de Fora foi tomada após a instalação da torre da Tupi. A partir da publicação desta notícia, que além de anunciar o canal juizforano falava também sobre a constituição de uma sociedade anônima a fim de tornar possível a instalação do canal, teve início a venda de ações da TV Mariano Procópio S.A.. Consideramos importante ressaltar, que embora tenha sido instalado na cidade o retransmissor e a antena ligando Juiz de Fora à Tupi Rio e à Itacolomi de Belo Horizonte, o que possibilitava receber e enviar sinais de TV para ambas as emissoras, isto não era suficiente para produzir e transmitir programação de TV local, já que não havia nenhum outro equipamento na cidade, nem ao menos as câmeras.

No ano seguinte ao lançamento da sociedade anônima, o diretor das Associadas em Juiz de Fora, Renato Dias Filho, se reuniu com o jornalista Rubens Furtado a fim de encontrarem formas para obterem maior apoio dos comerciantes, industriais e particulares. Adquirindo ações da TV Mariano Procópio, estes tornariam possível a montagem da emissora, levando aqueles que já haviam adquirido as cotas a não desistirem do investimento. Pois, passada a euforia inicial do lançamento, as vendas estagnaram (FURTADO, 2009).

Até aí, dando como certa a concessão do canal para Juiz de Fora e a fim de criar um impacto na cidade, Dias Filho e Furtado decidem fazer o programa de inauguração⁵⁶, contando com o apoio técnico da TV Itacolomi de Belo Horizonte, que possuía um moderno caminhão para reportagens externas, já que a TV Mariano Procópio um ano depois da fundação “não tinha nada, nem um fio” (FURTADO, 2009).

⁵⁴ Veja anexo 5.

⁵⁵ Veja anexo 6.

⁵⁶ Embora as Associadas tenham publicado em diversas ocasiões datas como sendo da inauguração da emissora, esta nunca ocorreu, já que somente poderia acontecer após o recebimento da concessão do Governo Federal.

5.1.1 O primeiro programa – Boa Vizinhança

Renato Dias Filho conseguiu os técnicos e os equipamentos e acertou a realização do programa especial de inauguração, que iria se chamar Boa Vizinhança⁵⁷. Mesmo sem que a data fosse definida, o Diário Mercantil começou a publicar anúncios convidando os telespectadores para a inauguração da emissora, destacando a importância para a cidade de possuir um canal de televisão, remetendo à visão mítica da *Juiz de Fora Industrial* do fim do século XIX.

TV MARIANO PROCÓPIO. Canal 10. Uma realidade. Aguardem a inauguração. TELEVISÃO é sinônimo de progresso e índice de cultura. Só é possível em cidades adultas, de indústria e comércio amadurecidos. A TV MARIANO PROCÓPIO – realidade palpável – é o diploma de maturidade da Manchester Mineira (Diário Mercantil, 20 de agosto de 1961, p.3, grifo nosso).

A partir do dia 26 de agosto, os anúncios já mostravam a data da transmissão do Boa Vizinhança:

AGUARDEM! TV ITACOLOMI – CANAL 4. TV MARIANO PROCÓPIO – CANAL 10. Irmanadas no grande programa de BOA VIZINHANÇA no dia 12 de setembro próximo. Diretamente de Juiz de Fora a Itacolomi irradiará para Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Juiz de Fora, em colossal cadeia com a TV Tupi, do Rio de Janeiro, TV Tupi de São Paulo e TV Mariano Procópio o grande programa da "BOA VIZINHANÇA", na maior promoção tele-radiofônica já feita de Juiz de Fora para o Brasil, em simpática e justa homenagem à Indústria, ao Comércio e à Sociedade da "Manchester" Mineira e prestigiando a TV MARIANO PROCÓPIO, em organização. AGUARDEM A PROGRAMAÇÃO. Será retransmitida pela Rádio Sociedade de Juiz de Fora (Diário Mercantil, 26 de agosto de 1961, p.5).

No entanto, a transmissão foi adiada algumas vezes em função do deslocamento do caminhão de externas da TV Itacolomi para colaborar em outras cidades, já que o equipamento instalado no veículo possibilitava enviar o sinal ao vivo de locais distantes da sede das emissoras, fundamental para a realização do programa em Juiz de Fora, que não dispunha dos aparelhos necessários. Sobre o último adiamento, o Diário Mercantil justificou publicando que a aparelhagem havia sido enviada para a TV Brasília, a fim de possibilitar a “transmissão da exposição dos planos de governo do Conselho de Ministros” (2 de outubro de 1961, p.1) e que não conseguiria retornar em tempo hábil a fim de tornar possível a irradiação em Juiz de Fora, que só ocorreria no dia dez de outubro.

⁵⁷ Segundo Furtado (2009) o nome do programa foi um agradecimento ao apoio da TV Itacolomi de Belo Horizonte.

O jornalista Rubens Furtado (2009) disse que foi o responsável por montar o roteiro do programa Boa Vizinhança, depois que Dias Filho conseguiu o caminhão de externas. A TV Itacolomi participou apenas com a estrutura e pessoal técnico. O jornalista contou com a ajuda do colunista social do Diário Mercantil, Décio Cataldi, “que conhecia Deus e todo mundo, para arranjar umas 50 entrevistas, já que todo mundo na cidade queria aparecer com ele” (FURTADO, 2009). Para participarem da transmissão, foram convidados os principais nomes das Associadas em Juiz de Fora:

[...] Sob a chefia de Rubens Furtado, e com a colaboração de Décio Cataldi, Mário Helênio, Cláudio Temponi, José Hollanda e Luis Colucci que comandarão, por sua vez, diversos setores da reportagem. Os seguintes locutores da PRB-3, tomarão parte: Ivan Costa, José de Barros, Waldir Pinto, Geraldo Martins, Enéas Ferraz e Helena Bitencourt. Os operadores serão José Costa, Antônio Gonçalves e, na técnica, estará Francisco Barbosa. Portanto, estará completa a equipe associada local, para a certeza de uma programação que agrade e cativa realmente o público (Diário Mercantil, 10 de outubro de 1961, p.1).

Antecedendo a transmissão, o Diário da Tarde, a partir do dia dois de outubro, passa a publicar anúncio⁵⁸ cobrando dos assinantes da emissora as prestações em atraso. Na página ao lado, era impresso o roteiro⁵⁹ do especial de inauguração da TV Mariano Procópio, que se realizaria no dia 10 de outubro, das 9h50min até as 24h (Diário da Tarde, 3 de outubro de 1961, p.3-4). Fica visível nas publicações das Associadas que antecederam o programa, o verdadeiro papel desta primeira transmissão: a de ser um grande comercial para chamar a atenção dos acionistas e motivar a adesão de outras pessoas.

Os equipamentos adquiridos pela TV Mariano Procópio para que a transmissão pudesse ocorrer, foram apresentados em fotografia na capa do Diário da Tarde, edição de sete de outubro de 1961. De acordo com o vespertino, os projetores *scanis-invictus* começariam a funcionar no dia da inauguração e seriam “o começo da grande arrancada da TV Mariano Procópio de JF” (Diário da Tarde, 7 de outubro de 1961, p.1). Na mesma edição, o jornal destaca a participação de diversos setores da sociedade juizforana e da TV Tupi do Rio de Janeiro nas transmissões:

Será a primeira vez na história que Juiz de Fora se projetará pelo vídeo numa grande área do Brasil, absorvendo um dia inteiro da TV Tupi do Rio de Janeiro, da TV Itacolomi, de Belo Horizonte e da TV Tupi de São Paulo, o que, sem dúvida constitui um privilégio sem par. [...] De acordo com o programa que está sendo divulgado, no dia 10, todos os setores locais serão focalizados, a começar pelo Sindicato dos Empregados, a polícia, esportes, comércio, indústria, autoridades

⁵⁸ Veja anexo 13.

⁵⁹ Veja anexo 14.

civis, militares, religiosas, escolas, faculdades, centros artísticos, desfile de debutantes, sociedade, encerrando-se com o grande baile e "show" no Clube Juiz de Fora [...] Deve-se destacar, especialmente, a participação da TV Tupi do Rio de Janeiro, que, agora também, deslocará para Juiz de Fora, na próxima terça-feira, uma equipe de técnicos e uma aparelhagem de micro-ondas, equipe essa que, com ponto de apoio nesta cidade, irradiará, simultaneamente, para Belo Horizonte e o Estado da Guanabara. Assim teremos, irradiando diretamente de Juiz de Fora, a TV Itacolomi e a TV Tupi (Diário da Tarde, 7 de outubro de 1961, p.1).

Além de destacar que no programa Boa Vizinhança, através do vídeo, os costumes dos juizforanos seriam levados a centenas de cidades num acontecimento que marcaria época, o Diário da Tarde publicou matéria explicando qual seria o papel de cada emissora, para que em cadeia realizassem a transmissão. O sinal gerado pela Itacolomi seria enviado para a torre da TV Mariano Procópio, no bairro Linhares, e daí transmitido em todo o Estado, valendo-se das estações instaladas nas cidades de Santos Dumont, Conselheiro Lafaiete, Serra do Curral, e nas proximidades da capital. A TV Tupi do Rio de Janeiro também estaria presente com seus equipamentos e “adestrada equipe”, enviando também o sinal para a torre da Mariano Procópio, de onde seria irradiado para Rio e São Paulo, a partir de antenas de retransmissão instaladas nos municípios de Paraíba do Sul, Paulo de Frontin e Sumaré, chegando o sinal, gerado em Juiz de Fora, até a cidade de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo. Destacava-se ainda que aquele era um esforço para “elevar bem alto” o nome da cidade e dar uma “amostra do que será, no futuro, a nossa estação televisora” (Diário da Tarde, 9 de outubro de 1961, p.1).

De acordo com Furtado (2009), o salão do Clube Juiz de Fora, no Centro da cidade, foi transformado em um estúdio. Sobre o programa, ele reiterou: “entrevistei jogador de futebol, entrevistei prefeito, vereadores, artistas e cantores de Juiz de Fora, levei tudo lá” (FURTADO, 2009). O jornalista destaca que “a cidade parou toda para ver Juiz de Fora... Pela primeira vez a Mariano Procópio entrou no ar” (FURTADO, 2009). Apesar de todo o alarde em torno do que seria a inauguração da emissora, oficialmente, ainda não havia concessão para o canal. A própria direção nacional das Associadas admitiu que a TV Mariano Procópio funcionava em caráter experimental, em nota publicada na edição do Diário Mercantil de 21 de outubro de 1961⁶⁰.

O jornalista Décio Cataldi publicou, durante alguns dias, em sua coluna social, fotos⁶¹ dos bastidores da primeira transmissão, mostrando os grupos musicais e personalidades que estiveram presentes. Na capa do Diário Mercantil do dia 13 de outubro, além de fotografia do

⁶⁰ Veja anexo 22.

⁶¹ Veja anexos 18, 19 e 20.

evento, também constava um texto fazendo elogios ao sucesso das transmissões:

Autêntico sucesso o programa Boa Vizinhança em Juiz de Fora. Como se esperava, foi um sucesso sem precedentes a transmissão conjunta da TV Itacolomi e TV Mariano Procópio. Juiz de Fora viveu um grande dia, na última terça-feira. A iniciativa dos "Diários Associados" foi coroada de pleno êxito, tendo a "Manchester Mineira" lavrado um tento no campo da televisão. [...] Os telespectadores mineiros tiveram oportunidade, durante um dia inteiro, de apreciar a cultura, o desenvolvimento, as coisas e pessoas de Juiz de Fora (Diário Mercantil, 13 de outubro de 1961, p.1).

De acordo com Mário Manzolilo de Moraes (2010), ex-jornalista da rádio PRB-3 (pertencente às Associadas em Juiz de Fora) e que apresentou um telejornal junto com Rubens Furtado, dentro do especial Boa Vizinhança, a programação foi um sucesso, embora não considere ser possível verificar em que proporção isto ocorreu em virtude da falta de registros quanto ao número de aparelhos de TV que existiam na cidade.

De acordo com o jornalista Rubens Furtado (2009), o sucesso da transmissão inicial não foi o suficiente para alavancar a venda de ações. Coube novamente a Furtado, juntamente com Renato Dias Filho, a partir da frágil estrutura que possuía a TV Mariano Procópio – apenas um projetor⁶² de eslaides e um transmissor de baixa potência⁶³ - criar um programa para ser transmitido regularmente pela emissora. Nasce, então, o Telefoto Jornal, como veremos a seguir.

5.1.2 O primeiro telejornal da cidade

A precariedade técnica da TV Mariano Procópio converteu-se em criatividade para a elaboração do formato daquele que consideramos o primeiro telejornal de Juiz de Fora. O improvisado é a marca das primeiras produções televisivas, não só na cidade, como exemplifica o ex-diretor da TV Tupi do Rio de Janeiro, João Lorêdo:

⁶² O jornal Diário da Tarde publicou em 1961 que a TV Mariano Procópio já possuía projetores da marca *Scanis-Invictus*, mas em nossas pesquisas não localizamos estes modelos ou tipos de equipamento. Mas, segundo o técnico em eletrônica Roberto Larcher (2009), se tratavam de projetores de eslaides. Até o fechamento deste trabalho não foi possível confirmar quantos projetores eram.

⁶³ De acordo com o jornalista Mário Manzolilo de Moraes (2010) em virtude da baixa potência do transmissor o sinal era ruim em boa parte da cidade.

As dificuldades sempre foram muitas no início: o canal 6 do Rio de Janeiro, estreou com duas câmeras, um projetor de filmes e *um projetor de slides* com dispositivos de 3 polegadas. Quando se exibia um filme, o operador tinha de fazer malabarismos para trocar os rolos. [...] na TV Rio, canal 13, o problema foi ainda maior. Ela entrou no ar com apenas uma câmera, um telecine e *um projetor de slides*” (LORÊDO, 2000, p.28, grifo nosso).

Mesmo com o surgimento das câmeras portáteis, o processo ainda era demorado e caro, pois, após a filmagem, a película deveria ser revelada e montada⁶⁴.

Quando ouvimos pela primeira vez as palavras *Telefoto Jornal*⁶⁵, durante depoimento concedido a nós, em 2006, pelo ex-fotógrafo dos Diários Associados, Jorge Couri, consideramos ser impossível localizar vestígios e provar a existência dessa produção. Pensamos também que pudesse ser um engano, pois se tratava de um evento de quase cinquenta anos atrás e que por se basear na memória do depoente, os acontecimentos ou impressões relatados poderiam estar distorcidos, como nos ensina a escritora Maria Tereza Frota Haguette (1992).

Localizamos anúncios no Diário Mercantil convidando os telespectadores da cidade de Juiz de Fora para assistirem às reportagens que seriam mostradas logo após o *Repórter Esso*⁶⁶, no *Telefoto Jornal*. A partir desses anúncios encontrados nos jornais das Associadas em Juiz de Fora, e unindo essas informações ao depoimento de Jorge Couri, pudemos verificar que, nos anos 1960, através da antena da Mariano Procópio no alto do bairro São Benedito⁶⁷ e do projetor de eslaides instalado no mesmo local, era exibido, durante cerca de cinco⁶⁸ minutos, às oito e quinze da noite, o *Telefoto Jornal*, cujo slogan era “Uma síntese fotográfica dos acontecimentos da cidade” (Diário da Tarde, 1961, p.5).

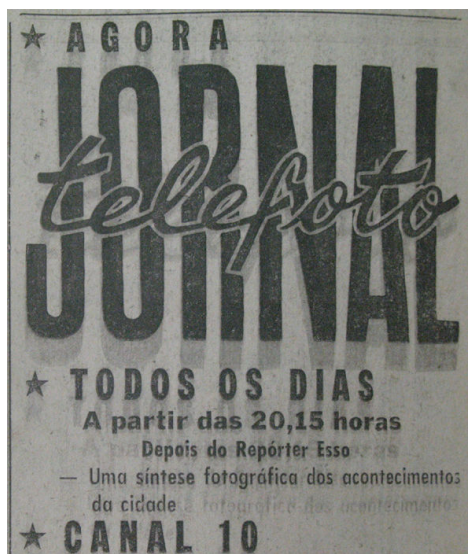
⁶⁴ Esse processo aconteceu até o final dos anos 1960, quando surgiu o sistema Ampex, que usava fitas acondicionadas em estojo e que não precisavam ser reveladas após a filmagem. O sistema demorou a chegar na maioria das emissoras de tevê espalhadas pelo país, em virtude do alto custo. Assim, durante a década, as filmagens em película foram pouco a pouco substituídas pelas fitas em estojos.

⁶⁵ A palavra *Telefoto Jornal* soou muito estranha no nosso primeiro contato, acreditamos que Jorge Couri (2006) estivesse falando de um telejornal. Mas, nas outras entrevistas, quando Couri (2009) começou a explicar que utilizavam *Radiofoto* e *Telefoto* no Diário Mercantil, os fragmentos começaram a fazer sentido. A *radiofoto* se tratava da foto transmitida pelo rádio, que já era usada pelo jornal O Globo em 1936, e a *telefoto* consistia na transmissão de imagens ou fotos à distância, associada à telegrafia. “Um pincel luminoso explora todos os pontos da imagem que uma célula fotoelétrica traduz em correntes variáveis para serem transmitidas à estação receptora, onde, em sincronismo, por processo inverso, se reconstitui o original” (COURI, 2006).

⁶⁶ O *Repórter Esso* foi adaptado pela Tupi de um rádio-jornal de grande sucesso, transmitido, na época, pela United Press International (UPI), sob a responsabilidade de uma agência de publicidade, que entregava o programa pronto. Segundo Sérgio Mattos (2002), *a TV Tupi limitava-se a colocá-lo no ar*. O noticiário tinha grande credibilidade junto ao público e foi exibido na TV Tupi de 1953 a 1964, quando passa para a Record e é exibido até 1970.

⁶⁷ O bairro São Benedito até os anos 1950 era conhecido como Arado.

⁶⁸ Jorge Couri (2009) acredita que o jornal tinha 5 minutos, mas o ex-jornalista das Associadas em Juiz de Fora, Mário Manzolilo de Moraes, afirmou em depoimento a nós, que o jornal tinha em média 15 minutos. (MORAIS, 2009)



Segundo Jorge Couri (2009), tanto o material jornalístico como a publicidade eram fotografados por ele, seguindo a orientação de Furtado. Os textos eram do jornalista Rubens Furtado e a narração também, que nessa função se revezava com o radialista Cláudio Temponi, além do também radialista Geraldo Basdon⁶⁹, que fazia a locução dos comerciais. Como trabalhamos com história oral, estamos sujeitos a flutuações da memória, assim, Jorge Couri (2009) não tem certeza de como era feita a interrupção da programação da Tupi para a entrada do Telefoto Jornal. Ele se lembra apenas de que o sinal da Tupi era interrompido quando aparecia a imagem do “indiozinho” (símbolo da emissora) na tela. A partir daí, apresentavam-se alguns eslaides⁷⁰ com notícias e publicidade. Sobre a rotina da produção, Furtado destacou:

Fazia um texto, gravava e depois eu pegava as fotos e fazia sequência das fotos. Então o operador ia no transmissor ligava ele e ia colocando as fotos na medida que dava a notícia. Por exemplo: O prefeito Olavo Costa Foi hoje inaugurar um novo sistema de água no Jardim Glória e aí aparecia ele inaugurando na foto (FURTADO, 2009).

Não existe documentação sobre os equipamentos da emissora, apenas vestígios⁷¹ nos

⁶⁹ De acordo com o jornalista Mário Manzolilo (2010), Geraldo Basdon trabalhava no departamento comercial das Associadas e fazia locuções esporádicas, como na transmissão da missa, por exemplo. Por ter interesse na veiculação dos anúncios que vendia ele acabava atuando como motorista, indo sozinho ao Morro do Arado para ele mesmo exibir o jornal e fazer a locução ou levando os radialistas Cláudio Temponi ou Rubens Furtado. Segundo Moraes, o funcionário das Associadas José Costa Neto revezava com Geraldo Basdon para levar o material até a antena da TV Mariano Procópio.

⁷⁰ Não foi possível verificar quantos eslaides eram exibidos, mas de acordo com Moraes (2010) o jornal apresentava diariamente várias notícias.

⁷¹ Encontramos na primeira página do Diário da Tarde de sete de outubro de 1961 e na página seis do Diário Mercantil de dez de maio de 1960 os únicos vestígios relativos aos equipamentos da TV Mariano Procópio.

jornais da época, mas que pecam pela descrição dos nomes e dos modelos, como pudemos verificar, em uma época em que não havia familiaridade com a novidade tecnológica e a rotina da produção para TV. Tudo era novo para todos. De acordo com Couri (2009), o Telefoto Jornal foi feito inicialmente com eslaides sem acompanhamento de som, depois com locução ao vivo e, mais tarde, valendo-se de um gravador⁷² adaptado, quando os textos puderam seguir prontos para serem exibidos no Morro do Arado. Em seguida, cortava-se novamente para a programação da Tupi do Rio, que era o sinal retransmitido na cidade.

Destacamos o ineditismo do formato do telejornal produzido em Juiz de Fora. Willians Cerozzi Balan (2007), que pesquisa a evolução técnica da tevê no Brasil, não chegou a identificar modelo semelhante de telejornal, embora os eslaides já fossem utilizados recorrentemente para anunciar e informar durante a programação. Este recurso, inclusive, funcionava como um “socorro”, a fim de possibilitar que, nos intervalos, fossem feitas as mudanças no estúdio ou montados cenários para a publicidade ou outros programas, em uma época em que a programação era feita essencialmente no estúdio e ao vivo. Nas interrupções das transmissões por problemas técnicos, muito comuns nos primeiros anos da televisão, eles também entravam no ar mantendo-se por horas e horas até a volta do sinal da emissora.

O Telefoto Jornal vigorou, segundo Couri (2009), por quase três anos (1961-1963), embora os anúncios encontrados nos jornais da época dessem conta da existência do jornal apenas entre 24 de novembro de 1961 e 2 de dezembro do mesmo ano. Em suas pesquisas sobre o pioneirismo da televisão em Juiz de Fora, Livia Fernandes (2010) confirma que a produção do Telefoto Jornal aconteceu por cerca de três anos, mas que não é possível precisar as datas de início e de encerramento, já que os anúncios sobre a produção da TV Mariano Procópio ocorreram apenas nos últimos meses de 1961.

Embora Moraes (2010) e Couri (2009) divirjam sobre quanto tempo durava o jornal no ar, ambos deixam claro que as notícias eram variadas:

Esportes, por exemplo, seguidos de um anúncio da Casa do Atleta. E podia ser mais de uma notícia sobre o assunto, dependendo do que estivesse acontecendo no dia [...] O Telefoto tinha outras coisas, tinha festas, eventos, acho que na parte social entrava o Décio, a “Notícia Social do Dia”. Notícias de polícia não me lembro, mas devia dar sim (MORAIS, 2009).

⁷² Segundo o jornalista Rubens Furtado (2009), era um gravador que hoje já não existe mais, registrando o som numa espécie de fio. De acordo com nosso levantamento acreditamos que tenha sido um gravador de fio modelo 268-1, fabricado em 1948 pela Webster, Chicago, EUA.

Todos os pioneiros da Mariano chamam a atenção para o fato de terem sido apresentadas notícias diárias sobre a administração do então prefeito, Olavo Costa⁷³, que, de acordo com Couri (2009), foi um dos que anunciaram no jornal em troca da visibilidade, já que a programação da TV Mariano Procópio era exibida em brechas da Tupi carioca. Para Furtado (2009), o Telefoto Jornal tinha dupla finalidade:

Primeiro a TV Mariano Procópio se apresentava para mostrar aqui na televisão de Juiz de Fora um telejornal no ar e, segundo, arrecadava o dinheiro da prefeitura para mostrar o prefeito inaugurando as obras dele, porque todo dia tinha uma notícia sobre a prefeitura. [...] O Telefoto jornal era um sucesso, a prefeitura pagava bem por que todo dia a gente punha o prefeito no Telefoto; uma notícia pelo menos do prefeito; e ele dava um dinheiro qualquer por aquele sucesso (FURTADO, 2009).

Porém, de acordo com Morais (2010), durante a existência do Telefoto Jornal não foram publicadas apenas notícias favoráveis sobre Olavo Costa, o que coaduna com o depoimento do diretor das Associadas Renato Dias Filho (1980), que destaca a relação das Associadas com os políticos em Juiz de Fora. Desta forma, acreditamos que o Telefoto Jornal, apesar de ter sido produzido para a moderna plataforma audiovisual que era a televisão, reproduzia o modelo utilizado pelas Associadas, isto é: sem manter distância suficiente dos personagens políticos (RIBEIRO, 2007).

Embora desde a primeira transmissão de TV no Brasil os patrocínios tenham existido⁷⁴, evidencia-se o apoio por parte da Prefeitura para o Telefoto Jornal (COURI, 2009), mas que acreditamos tenha sido obtido através do fantasma das campanhas realizadas pelas Associadas em Juiz de Fora, como vimos no capítulo anterior.

O sucesso do telejornal da emissora juizforana pode ser medido pelas inúmeras visitas que o engenheiro da TV Itacolomi de Belo Horizonte, Víctor Purri Netto, teve de fazer a Juiz de Fora para melhorar o sinal do canal dez:

Ele vinha aqui... ia lá pra cima... vinha cá pra baixo. O Renato falava com ele: No bairro Bom Pastor está todo mundo reclamando que não está ouvindo... e o que não estava ouvindo exatamente era esse jornal, porque não tinha o que ver, se não este jornal. [...] Eu me lembro, uma bela noite apareceu o Renato, eu morava no Alto dos Passos na rua Machado Sobrinho, mais pra parte alta, então eu tinha uma antena mais ou menos boa pra época, né! Eu tinha uma imagem ótima da Tupi, muito boa mesmo. Ele foi lá em casa e ainda falou: Podia melhorar essa imagem... Ele é perfeccionista o Víctor... podia melhorar essa imagem, o problema é da televisão! Mas eu disse pra ele, a televisão é nova, eu acabei de comprar. Era um modelo Philco Predicta, com tela giratória (MORAIS, 2010).

⁷³ Olavo Costa, além de *investir* em publicidade na televisão, foi o mesmo que, em 1962, comprou parte do acervo do cineasta João Carriço para a prefeitura.

⁷⁴ Segundo João Lorêdo (2000, p.10), no dia 29 de julho de 1950, antes mesmo da estréia oficial da TV, foi apresentado um concerto com o Frei José Mojica, patrocinado pela fabricante dos produtos marca Peixe.

A transmissão inicial do programa Boa Vizinhança, em parceria com a Itacolomi, e do Telefoto Jornal, fez parte da estratégia utilizada por Renato Dias Filho e Rubens Furtado para convencer a classe média a investir na TV Mariano Procópio S.A. Mas, Couri (2009), Cid (2009) e Morais (2009) relataram também em seus depoimentos a importância de outras transmissões, feitas esporadicamente, em datas comemorativas, como veremos a seguir.

5.1.3 Os programas episódicos

Desde o início das nossas pesquisas, os pioneiros da TV Mariano Procópio fizeram referência a transmissões que ocorreram em datas especiais, realizadas com o objetivo de mostrar que era possível fazer televisão em Juiz de Fora, mas das quais localizamos apenas vestígios. Estes programas foram realizados tanto no período experimental (1961-1963) da TV Mariano Procópio quanto após a decisão do Governo Federal de entregar a concessão para o grupo do empresário Sérgio Mendes⁷⁵.

Sem a permissão, a TV Mariano Procópio não podia mais veicular programas a partir de Juiz de Fora, somente em casos especiais como, por exemplo, se a equipe da TV Tupi carioca viesse até aqui e retransmitisse um programa a partir da cidade, para a cidade e também toda a região Sudeste do país. Neste caso, Juiz de Fora se tornava a sede da TV Tupi, o que era permitido pela legislação.

É o que aconteceu, por exemplo, em outubro de 1963. Por ocasião da visita do presidente João Goulart a Juiz de Fora, as emissoras Associadas do Rio de Janeiro e Belo Horizonte estabeleceram-se na cidade para transmissões ao vivo sobre a passagem de Jango. O jornalista Luís Antônio Horta Colucci, que teve um agência de publicidade e chegou a fazer reportagens para a TV Mariano Procópio, destaca:

Fui como um dos repórteres lá, ao vivo. Anteriormente, nós tínhamos feito aqui a cobertura de uma visita do presidente João Goulart e as coisas eram diferentes: agora eu estava com a câmera no meio da rua, as coisas ligadas. [...] Sr. Renato me deu um monte de jornais que era a edição comemorativa do Diário Mercantil: “Colucci, você tem que entregar isso ao presidente”. Falei: “Ah eu vou ser preso”. Mas o carro aberto do presidente vinha descendo a Rio Branco na contra-mão eu pulei na frente, tem a fotografia publicada no jornal do Rotary, interrompi (olha que coisa absurda que a gente podia fazer naquela época), parei o carro do presidente, entreguei a ele, fiz uma entrevista e depois ele prosseguiu. Hoje eu estaria cumprindo uma “cana” aí daquelas... hoje eu até apanhava no meio da rua, levava uma boa coça... (COLUCCI, 2009).

⁷⁵ Conforme explicamos no item 4.2.4.

De acordo com o jornalista Wilson Cid (2009), também quando da saída das tropas do General Olímpio Mourão Filho de Juiz de Fora em direção ao Rio de Janeiro, que deu início ao Golpe de 1964, foi feita uma reportagem posteriormente enviada para Belo Horizonte, a fim de ser exibida em todo o Sudeste pela Itacolomi. Cid fora contratado pelos Diários Associados de Juiz de Fora em 1963⁷⁶, tendo atuado como repórter e editor chefe, além de ter feito parte das equipes de reportagem da rádio PRB-3 e da TV Mariano Procópio, juntamente com o fotógrafo Jorge Couri.

O jornalista chama atenção para uma entrevista que fez com João Calmon⁷⁷, quando este visitou Juiz de Fora. Na época, além de vice-presidente das Associadas, ele era também deputado federal (Diário da Tarde, 9 de novembro de 1964, p.3). A visita foi anunciada amplamente pelos veículos das Associadas e repercutida posteriormente. Cid (2009), ao tratar do sucesso desta transmissão, chama nossa atenção para a importância do apoio do jornal e da rádio Associados:

Quando, por exemplo, eu fui lá para a torre para entrevistar o João Calmon, aí o Diário Mercantil dava: “Hoje, às vinte horas, no canal 5, o senador João Calmon vai falar sobre isso... Sobre Juiz de Fora... Sobre os grandes projetos que ele tinha de reforma da educação”, ele foi homem importante nesse campo. A rádio também fazia chamada: “Vamos ligar hoje no canal 5, o senador João Calmon vai falar”. Como se fazia no tempo pioneiro da Rádio Sociedade PRB3, que o Cardoso Sobrinho transmitia aqui da casa dele na Tiradentes e era preciso antes ele ir de casa em casa falando: “Ó liga a galera aí que eu vou falar às oito horas da noite, vou ler um... evangelho de São Mateus, enfim, essas coisas” (CID, 2009).

Devido ao fato da TV Mariano em 1964 já ter perdido a concessão para a Industrial, o discurso de Calmon na Câmara Municipal – quando recebeu o título de Cidadão Honorário de Juiz de Fora – e a palestra que ele proferiu através da TV Mariano Procópio trataram essencialmente do fato do Golpe de 1964 ter partido de Juiz de Fora, deixando de lado o tema televisão. O Diário da Tarde, publicado no dia 10 de novembro de 1964, destacou um trecho do discurso de Calmon na Câmara Municipal:

Daqui partiu uma centelha do pensamento que mobilizou as consciências no Fórum 1963. Daqui partiu a ação das Forças Armadas sob o comando do general Olímpio Mourão Filho em março de 1964. O Fórum não está encerrado. Continuamos em sessão permanente, discutindo, sugerindo como é normal nas autênticas democracias. Conclamo-vos meus concidadãos de Juiz de Fora a que não ensarilheis vossas armas gloriosas na luta pelas reformas cristãs e democráticas. Em vez do silêncio do imobilismo, da inércia acomodada - o debate livre e construtivo. Melhor

⁷⁶ Até 1963, quando foi contratado pelas Associadas, Cid era funcionário do grupo concorrente, que pertencia ao empresário Sérgio Mendes.

⁷⁷ O jornalista João Calmon presidiu os Diários Associados de 1968 a 1980. Foi eleito deputado federal em 1962 e senador em 1970, 1978 e 1986 (Agência Senado, 12 de janeiro de 1999).

apoio é a crítica sincera e bem intencionada do que o silêncio tímido ou comedido. Em Juiz de Fora não há, nunca houve, nunca haverá nem a timidez nem comodismo. Sobretudo quando está em jogo o destino da Pátria e o bem estar de seus filhos. Por isso, orgulho-me de estar hoje aqui junto a vós, cercado do vosso carinho e da vossa fraternal compreensão. Poucas honrarias me têm envaidecido tanto quanto esta, de ser um dos vossos, de ser também um cidadão de Juiz de Fora (Diário da Tarde, 10 de novembro de 1964, p.5).

Acreditamos que o fato de Calmon ter se aventurado de jipe pela trilha que levava até a antena de transmissão da TV Mariano Procópio⁷⁸, no alto do Morro do Arado (onde foi realizada a entrevista pelo repórter Wilson Cid), teve também o objetivo de mostrar que mesmo sem a concessão, perdida para o grupo de Sérgio Mendes, as Associadas de Juiz de Fora não desistiram.

Segundo os pioneiros da TV Mariano Procópio, aparecer na Tupi carioca, mesmo em uma época em que a emissora já havia perdido a liderança no Rio⁷⁹, mas que permanecia líder em Juiz de Fora⁸⁰, era sinônimo de sucesso de público e comercial (MATTOS, 2009). O que não acontecia com o sinal da TV Itacolomi de Belo Horizonte na cidade, que segundo o fotógrafo Jorge Couri (2009) encontrava resistência, pois “o pessoal de lá não gostava daqui. E o pessoal daqui não gostava de assistir o pessoal de lá” (COURI, 2009). Mas apesar do desinteresse do público pelo sinal de TV oriundo da capital mineira, de acordo com depoimento do jornalista Wilson Cid, foram feitos vários programas em nome da TV Mariano Procópio veiculados através das tevês Associadas de Belo Horizonte, Itacolomi e Alterosa:

[...] Aniversário da cidade montamos aqui um programa especial sobre a história da cidade, sobre a velha União e Indústria, participaram o Natálio Luz, o Cláudio Temponi, o Aparício De Vitta e eu. Lá na velha reitoria da Universidade Federal. Fizemos ali o programa. Fizemos outro no Clube Juiz de Fora (CID, 2009).

O programa, realizado em comemoração ao 118º aniversário da cidade no dia 31 de maio de 1967, foi transmitido para os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro:

Com programação inteiramente ao vivo, de locais diversos, com o possante carro comando da TV Itacolomi, TV Tupi e TV Alterosa. Sempre na liderança projetando para Minas Gerais e todo o Estado da Guanabara. Dia 31 de maio. Reportagens, notícias, esportes, universidade, tudo pelas tevês Tupi e Alterosa, dando ampla cobertura de todas as festividades sob o patrocínio do comércio e da indústria de Juiz de Fora. Direção Geral: Equipe de TV Associada de Juiz de Fora (Diário Mercantil, 27 de maio de 1967, p.1).

⁷⁸ Veja anexo 25.

⁷⁹ No início dos anos 1960 a Tupi perdeu a liderança em vários horários para a TV Rio, em seguida para a TV Excelsior e na segunda metade da década para a TV Globo (SIMÕES, 1986, p.139).

⁸⁰ De acordo com pesquisa do instituto Marplan publicada na edição do Diário da Tarde (21 de fevereiro de 1967, p.2), em 1967 a Tupi ainda era líder absoluta de audiência em Juiz de Fora.

Foram mostrados, através da TV Tupi do Rio de Janeiro e da TV Alterosa de Belo Horizonte, o encerramento do 1º Seminário de Prefeitos da Zona da Mata, entrevistas, shows, desfile das escolas de samba de Juiz de Fora e "milhares de atrações onde a estrela principal é a sua cidade" (Diário Mercantil, 28 e 29 de maio de 1967, p.10). O programa foi exibido a partir das 9 da manhã, em Juiz de Fora, pelo canal 8.

O sinal das Associadas de Belo Horizonte (Itacolomi e Alterosa) substituiu o da Tupi do Rio de Janeiro em Juiz de Fora nas tentativas que as emissoras fizeram de expandir o sinal para o interior do estado, mas que acabaram por sucumbir com a troca feita paulatinamente da programação produzida em Belo Horizonte pela realizada no Rio de Janeiro e em São Paulo, exibida através de fitas de videoteipe ou ao vivo, pelo *link* que unia as emissoras.

Em nosso levantamento, localizamos uma transmissão especial feita no dia 20 de dezembro de 1967, sobre a qual os pioneiros não fazem referência:

Canal 8 apresentará programação de Juiz de Fora. Hoje, quarta feira, às 20 horas e 30 minutos, a rede TV Tupi-Alterosa - Canal 8 - apresentará uma longa programação especial sobre Juiz de Fora, na qual serão focalizados os aspectos comerciais, artísticos e industriais de nossa cidade. Trata-se de um importante acontecimento para a divulgação de Juiz de Fora, patrocinado pela Vidraçaria Pestana e Têxtil Kirillos e co-patrocinado pela Vidraçaria Pestana e Têxtil Kirillos e co-patrocinado pela União de Bancos Brasileiros S.A., Empresa Unida, Drograria Americana, Supermercado Tremendão, Cia. Cervejaria José Weiss, Empresa Lord, Fábrica de Doces Souvenir, Cia. Mineira de Cervejas, Babio & Basic, Viação Dias, Viação Santa Luzia e Gino Restaurante (Diário Mercantil, 20 de dezembro de 1967, p.8).

Sobre a importância da visibilidade na Tupi carioca, o publicitário juizforano Waltencyr Mattos⁸¹ (2009) pontua que era um bom negócio anunciar na emissora do Rio de Janeiro. Em 1967, por exemplo, Mattos (2009) fez das empresas juizforanas RS Móveis, Tecidos J. Serrano, Vulcan e Piraspuma, as patrocinadoras das transmissões do carnaval do Rio de Janeiro, retransmitido também em Juiz de Fora. O Diário Mercantil publicou na coluna social do jornalista Décio Cataldi:

O amigo Agostinho Pestana, através de sua indústria RS Móveis, patrocinou uma das maiores coberturas da televisão com relação ao carnaval carioca. Vocês viram, certamente pela TV Tupi, o que resultou: *Uma grande propaganda para Juiz de Fora*. Os grandes espetáculos do carnaval, os concursos, especialmente, tudo foi feito com uma cobertura em alto estilo, sob o nome de RS Decorações e Móveis (Diário Mercantil, 9 de fevereiro de 1967, p.3, grifo nosso).

Ressaltamos no texto de Cataldi (1967) o destaque com que é tratado o fato de Juiz de Fora ter aparecido na programação da Tupi carioca, mesmo através de um patrocinador. E

⁸¹ Informações obtidas em conversa por telefone com o publicitário Waltencyr Mattos (2009).

também, uma empresa local, que poderia estar patrocinando a baixo custo na cidade transmissões de carnaval da TV Industrial, por exemplo, ter optado pelo investimento no Rio de Janeiro. Que acreditamos, se justifique pelas pretensões da fábrica de móveis juizforana de se estabelecer no Rio de Janeiro e também devido às aspirações políticas do proprietário da RS Móveis, Agostinho Pestana, mais tarde eleito prefeito da cidade.

De acordo com o publicitário Waltencyr Mattos (2009), era difícil a venda de anúncios em Juiz de Fora para serem veiculados nas emissoras de Belo Horizonte. Mas na segunda metade dos anos 1960, quando muitos programas passaram a ser gravados em videoteipe, além do *link* que já existia entre Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, a programação das Associadas na capital mineira começou a dar lugar aos programas produzidos em Rio e São Paulo (VAZ, 2008). O que neste período gerava confusão para os telespectadores sobre que canal estavam assistindo, pois as emissoras podiam comprar inclusive programas de outros canais para exibirem em suas programações.

De acordo com o Diário Mercantil, também o carnaval de 1968 foi transmitido pela Tupi e Alterosa:

TV Tupi - TV Alterosa: Show na cobertura do Carnaval. Milhares de metros de filmes foram consumidos. Quase trinta companheiros foram requisitados para formar a equipe que fez a cobertura nos clubes, nas ruas e onde estivesse a notícias. No calor dos salões, no frio da avenida, debaixo do sol e da chuva, toda uma equipe se movimentou durante os quatro dias de Momo, interessada somente em oferecer aos telespectadores em verdadeiro show de carnaval. Nunca o carnaval de Juiz de Fora teve tanta projeção e foi tão visto e admirado como este ano. Centenas de cidades puderam acompanhar durante uma semana, pela imagem da TV Tupi e TV Alterosa, a alegria intensa que reinou em JF no período momesco. Nunca, também, uma equipe se desdobrou tanto para cumprir sua missão. Um exemplo: quando se utilizava um rolo de filme, ele era imediatamente enviado ao nosso laboratório, onde se processava a revelação, cópia e montagem. Era preciso ganhar tempo. Com isto - um corre-corre tremendo: em todos os lugares ao mesmo tempo. Waltencyr Mattos comandou essa equipe. Tarimbado, profundo conhecedor do assunto, sorria sempre ao término de uma "tomada". E partiam para novo "take". Foi assim, onde o prazer do trabalho se mesclava com a alegria do ambiente, que a equipe funcionou. Com o apoio de cinco importantes firmas locais (RS Móveis, Fábrica natal de Artefatos de Papel, Tremendão Cerais - Depósito das Fábricas - Cia. Cervejaria José Weiss). A TV Tupi e a TV Alterosa promoveram altamente o nosso carnaval - sem dúvida alguma dos mais animados do Brasil (Diário Mercantil, 21 de março de 1968, p.1 - caderno especial de carnaval).

Apesar da iniciativa da equipe da TV Mariano Procópio, grande parte destas transmissões só foi possível com o apoio técnico das Associadas de Belo Horizonte, que além de mostrarem a programação para Minas Gerais, disponibilizavam o sinal também para o Rio de Janeiro.

5.1.4 Filmando Juiz de Fora

Como a TV Mariano Procópio nunca deixou de ser experimental, e não se constituiu de fato como uma empresa de comunicação, tendo sido organizada apenas através de Sociedade Anônima com fins comerciais, todas as decisões quanto ao início ou fim da exibição de programas, bem como seu formato, viabilidade e exibição, não foram documentadas e aconteceram informalmente entre jornalistas do grupo em Juiz de Fora, chefiados por Renato Dias Filho e os publicitários da cidade. Se caracterizaram pela oralidade, o que dificulta ainda mais a nossa pesquisa, cuja análise documental é restrita, em virtude dos poucos dados disponíveis e, sobretudo, pelo fato de nem todas as lacunas serem preenchidas através dos depoimentos memoráveis daqueles que foram os pioneiros desta televisão. Assim, neste capítulo, nossas referências são notadamente depoimentos orais, pois se a história oficial omitiu a existência da TV Mariano Procópio, cabe a estas memórias “marginalizadas” que prosseguiram “seu trabalho de subversão no silêncio” (POLLAK, 1989, p. 3-15) contribuírem para ocupar as lacunas da memória nacional. Desde que a concessão para um canal de televisão em Juiz de Fora foi entregue ao empresário Sérgio Mendes, houve um silenciamento das Associadas sobre a TV Mariano Procópio, até a entrada da TV Industrial no ar, em 29 de julho de 1964 (BELCAVELLO, 2008).

O jornalista Luís Antônio Horta Colucci (2009) acredita que os eslaides com publicidade tenham continuado a ser exibidos dentro da programação da Tupi na cidade, a partir da torre existente no Morro do Arado. Localizamos vestígios destes patrocínios em anúncios das transmissões de futebol publicados no Diário Mercantil e Diário da Tarde:

Assista mais um grande espetáculo pelo canal 8. Hoje, a partir das 15 horas. Bonsucesso vs. América (diretamente do Maracanã). Gentileza exclusiva em JF das Lojas Dorex - Halfeld, 365. Locução Comercial em JF de Antônio Carlos. Trabalhos Técnicos de Antônio Gonçalves Netto. *TV Mariano Procópio. Retransmitindo TV Tupi do Rio de Janeiro* (Diário da Tarde, 4 de outubro de 1964, p.7, grifo nosso).

O diretor das Associadas em Juiz de Fora, Renato Dias Filho, não desanimou e pouco tempo depois da entrada no ar da concorrente convida o ex-senador João Calmon para vir a Juiz de Fora e falar pela TV Mariano Procópio, como já vimos anteriormente. Naquele momento, a emissora estava proibida de gerar programação, devendo atuar apenas como uma repetidora de sinal. Para a transmissão da entrevista de Calmon na TV, foi feito acordo com a Itacolomi, que forneceu a estrutura técnica.

Em agosto de 1966, Renato Dias Filho comunica a Couri que seria produzido um novo telejornal sobre Juiz de Fora, veiculado a partir da Tupi do Rio de Janeiro, deixando para trás o formato do Telefoto Jornal. Sobre o comunicado, Couri nos revelou em depoimento:

Eu pensei... Pode ser de eslaide... Mas eles disseram que não, ia ser filmado. Aí eu pensei, como é que eu vou fazer isso, não sei filmar, não tenho máquina, não tenho condições de revelar e filmar isso aqui e montar, eu não tenho nada. Mas eles disseram que iam dar um jeito (COURI, 2009).

Couri recebe de Renato Dias Filho uma velha filmadora 16 mm⁸², capaz apenas de produzir imagens em preto e branco, sem som. Ocasão em que vai até a TV Tupi do Rio e é orientado sobre o funcionamento da câmera. Voltando a Juiz de Fora, constrói improvisadamente a estrutura para revelação dos filmes.

Eu comecei a fazer umas tiras de madeira, devia ter uns noventa centímetros de altura por 20 de largura, toda ela coberta com asfalto, para não vazar. [...] Era um tanque assim, 90 cm de altura e 120 cm de largura, no qual eu tive que mandar fazer na carpintaria uma espécie de tear na marcenaria, que você colocava o filme que já tinha sido gravado, enrolado nesta parte assim, pra emergir no revelador (COURI, 2009).

Couri (2009) destaca a dificuldade que teve inicialmente, “já que fotografar é uma coisa, filmar é outra”. Assim, o fotógrafo das Associadas vai buscar nos filmes de Flash Gordon, exibidos em capítulos nos cinemas da cidade e nos cinejornais da Carriço filmes, a inspiração para fazer as imagens da TV Mariano Procópio, recorrendo inclusive ao próprio cineasta João Carriço e à sua equipe de cinegrafistas para obter dicas da maneira adequada de trabalhar (COURI, 2009).

Eu tinha dois amigos lá, eles filmavam, quebrava o galho. Porque eles filmavam em 35 mm e eu em 16 mm. Aí eles me davam umas explicações, aí eu fui aperfeiçoando até chegar a um ponto, que dava pra quebrar o galho, primeiro porque o maquinário não era grande coisa. E o segundo era o problema de você fazer, porque se você for fazer uma filmagem noturna ou em um lugar que não tenha luz, você tem que levar uma cruzeta de madeira com três lâmpadas acopladas, lâmpadas que se chamavam refletoras. Era uma luz clara, ligava aquele troço na tomada, aí tinha que levar um cara para iluminar. Entendeu? Aquilo era um calor. É o que você vê hoje nas filmagens de casamentos. Quem iluminava pra mim era o Waltencyr Mattos⁸³ (COURI, 2009).

Resolvidos os problemas técnicos, no dia 26 de setembro de 1966, entra no ar na TV

⁸² Na época um formato já considerado amador, mas que seria a única solução para quem desejasse filmar e não pudesse arcar com os altos custos do formato profissional 35mm.

⁸³ O publicitário Waltencyr Mattos atuava também como ator, apresentador e repórter de TV. Segundo Mattos (2009) “todo mundo fazia tudo, éramos uma equipe”.

Tupi do Rio de Janeiro o Filmando Juiz de Fora, transmitido para todo o Estado do Rio de Janeiro e parte de Minas Gerais:



Diário Mercantil, 23 de setembro de 1966, p.4

Sob a supervisão do publicitário Waltencyr Mattos e mais uma vez com o patrocínio da fábrica juizforana RS Móveis, começou a ser exibido o noticiário, “diariamente filmando e fotografando todos os acontecimentos da cidade para levar ao Brasil, pela estupenda imagem do Canal 6 - TV Tupi - *a vida trepidante da Manchester Mineira*” (Diário Mercantil, 23 de setembro de 1966, p. 4, grifo nosso). Embora o jornalista Wilson Cid (2009) se refira à existência de um outro programa, chamado Juiz de Fora em Foco, exibido diariamente pela TV Tupi do Rio com notícias de Juiz de Fora, acreditamos que seja o mesmo Filmando Juiz de Fora, já que os períodos de existência dos programas, segundo os depoimentos, coincidem, e só localizamos, até agora, vestígios do Filmando Juiz de Fora.

O programa era exibido dentro do Jornal da Tarde⁸⁴, com a narração dos locutores da Tupi (Carlos Frias, Waldo Moreira, Dalvan Lima e outros grandes nomes da emissora) e

⁸⁴ Além de constar na programação de TV publicada em O Jornal, a única referência ao Jornal da Tarde – que estreou no dia primeiro de setembro de 1966 às 16h45min – encontramos em O Jornal, de fevereiro de 1968, destacando que o noticiário estava sob o comando de Correia de Araújo (O Jornal, 1º de fevereiro de 1968, p.1). Acreditamos que a pouca visibilidade do noticiário ocorria em virtude do desprestígio dos programas no horário da tarde, como destaca Mattos (2009).

redação dos juizforanos Wilson Cid, Laiz Velloso, Mário Helênio, Ricardo Martins, Ismair Zaghetto. As filmagens eram feitas por Jorge Couri, Jaime Santos e Edy Vasques.

Inicialmente, o *Jornal da Tarde*⁸⁵ era exibido de 16h às 17h. Ocorre que no início da televisão, a grade de programação não era rígida⁸⁶ e os horários de exibição dos programas variavam. Já na estreia, o *Filmando Juiz de Fora* não foi apresentado no horário anunciado:

Foi ao ar ontem, pela primeira vez, no "Jornal da Tarde", da TV Tupi, o informativo "Filmando Juiz de Fora", com uma síntese noticiosa de importantes fatos ocorridos na cidade, nestes últimos dias. Na oportunidade em que registramos a primeira edição do jornal falado sobre Juiz de Fora, queremos solicitar as devidas desculpas aos telespectadores pela mudança brusca no horário, pois em virtude da Lei Eleitoral, o horário de 16 às 17 horas, marcado para a apresentação do "Jornal da Tarde" foi ocupado por candidatos políticos nas próximas eleições. Em virtude de tal fato, "Filmando Juiz de Fora" teve o seu horário antecipado, indo ao ar por volta de 15:15. Não houve, infelizmente, aviso antecipado ao público sobre a alteração do horário, motivo pelo qual esta explicação se justifica (*Diário da Tarde*, 27 de setembro de 1966, p.5).

Segundo Waltencyr Mattos, o *Filmando Juiz de Fora* tinha cerca de 15 minutos, com três ou quatro quadros, dos quais ele se lembra principalmente do *Dois Minutos de Mulher*, que mostrava diariamente reportagens e dicas sobre moda e beleza (MATTOS, 2010). Os anúncios do programa dão conta de que ele apresentava também entrevistas e reportagens sobre polícia, política, esporte, sociedade e artes, tudo de Juiz de Fora, o que, segundo Cid, tempos depois seria a causa do fim da exibição do programa no Rio de Janeiro. Afinal, porque *Juiz de Fora*?

Mattos (2009) enfatiza o fato de não ter que pagar nada à Tupi, era só mandar as filmagens e o roteiro prontos que os locutores do canal se encarregavam de ler as notícias, em uma época em que as emissoras tinham dificuldades para preencher a grade de programação (SIMÕES, 1986). Mattos (2009) destacou ainda que a publicidade era cara para a época e que a preferência dos anunciantes era pelo horário noturno, o que facilitou para que fosse exibido o programa feito em Juiz de Fora. A concretização da ideia do programa só se tornou possível depois que Mattos conquistou patrocinadores suficientes para financiar a realização, já que

⁸⁵ Em 1968, quase dois anos após estreia, o *Jornal da Tarde*, passou a ser exibido às 13h (*O Jornal*, 1 de fevereiro de 1968, p.3).

⁸⁶ É comum encontrarmos testemunhos afirmando que o telespectador, por falta da existência de uma programação estruturada a ser levada ao ar, chegava a ver 30 minutos de propaganda seguida. Da mesma forma, os homens de publicidade se queixam que ninguém ligava muito se o anúncio previsto para 30 segundos acabasse tendo 40 ou 45 segundos (ORTIZ, 1988, p.62).

mesmo não sendo feitos pagamentos à Tupi, havia despesas com transporte, rolos de filme e com a equipe. Mattos se tornou o supervisor do programa.

No fim dos anos 1960, já não era muito comum nos grandes centros a coordenação de um programa estar nas mãos de um publicitário⁸⁷. Desde que a TV Excelsior entrou no ar, em 1960, apoiada em bases empresariais inovadoras, a relação entre a emissora e o anunciante havia mudado. Os programas passaram a receber apoio comercial, agora subordinado aos departamentos especializados das emissoras. Mas, no interior do país, onde ainda se fazia uma televisão amadora, permanecia a relação estabelecida entre emissora e anunciantes, nos moldes dos anos 1950 – o caso de Juiz de Fora:

Isso significava que os anunciantes e as agências de publicidade não eram meros vendedores de produtos, mas também produtores de cultura. Evidentemente uma cultura popular de massa, mas que produzida no contexto do pioneirismo brasileiro, conferia aos produtos anunciados uma aura que certamente eles desconheciam nas sociedades avançadas (ORTIZ, 1988, p.61).

A partir do levantamento que realizamos no Diário Mercantil, o Filmando Juiz de Fora passou por duas fases: da sua estreia, em 26 de setembro de 1966, até 13 de julho de 1967⁸⁸, quando foi exibido pela TV Tupi do Rio de Janeiro; e de 14 de julho de 1967 a 13 de março de 1968, quando foi veiculado pela TV Alterosa de Belo Horizonte.

Segundo nossas pesquisas, os sinais das duas emissoras não eram recebidos concomitantemente em Juiz de Fora; quando um estava sendo recebido o outro não era, já que se valiam da mesma antena de retransmissão. O sinal da TV Tupi do Rio chegava no canal 6 e os de Belo Horizonte (Itacolomi e Alterosa) utilizavam o canal 8. Embora não existam registros sobre como se dava a mudança do sinal de uma para outra emissora, o técnico de televisão Marciano Palmeira⁸⁹ (2010) explica que era possível fazer a troca, inclusive durante a programação, ou seja, a TV Mariano Procópio seguia exibindo em Juiz de Fora o sinal da Tupi do Rio e, no horário do jornal, passava a exibir o sinal da Alterosa ou Itacolomi, podendo retornar depois ao sinal do Rio.

Durante os 11 meses em que o programa foi exibido para Juiz de Fora e todo o Rio de Janeiro, segundo Cid (2009), onde houvesse um televisor ligado, as pessoas paravam para ver

⁸⁷ Waltencyr Mattos além de publicitário foi ator da TV Itacolomi, tendo feito centenas de papéis em novelas, teleteatros e especiais da emissora mineira. No ano de 1960 recebeu o troféu Ari Barroso como o melhor ator de televisão do ano (MATTOS, 2009).

⁸⁸ Os jornais da época não determinam a data exata em que o programa Filmando Juiz de Fora deixou de ser exibido pela Tupi, mas a primeira notícia sobre a presença do jornal na TV Alterosa de Belo Horizonte aconteceu no dia 14 de julho de 1967 (Diário Mercantil, 14 de julho de 1967, p.1).

⁸⁹ Informação obtida em conversa informal com o técnico da TV Panorama, afiliada da Rede Globo em Juiz de Fora, Marciano Palmeira (2010).

Juiz de Fora na TV. O detalhamento do conteúdo do Filmando Juiz de Fora não foi publicado nos impressos da época, durante o período de exibição no Rio de Janeiro. O que só passou a acontecer quando o informativo começou a ser exibido pela TV Alterosa⁹⁰ de Belo Horizonte.

A partir de levantamento nos periódicos da época, na capital mineira, verificamos que o Filmando Juiz de Fora perdeu⁹¹ o viés cultural, substituindo as matérias sobre moda e beleza, por exemplo, por notícias de política e economia. Em Belo Horizonte, passou a ser exibido às 18h40min. A mudança de horário teria sido favorável pois, até então, a exibição à tarde só permitia que crianças e donas de casa tivessem acesso ao programa, e com a alteração de horário, os trabalhadores do sexo masculino podiam assistir ao programa.

Embora estejamos sujeitos a imprecisões, de acordo com nossas pesquisas, o Filmando Juiz de Fora foi exibido até março de 1968, sendo possível que ainda tenham existido outras apresentações, já que o roteiro do programa deixou de ser publicado no Diário Mercantil, o que já havia acontecido antes, em pequenos intervalos de tempo como três ou quatro dias, mas não houve nenhum comunicado sobre o fim do programa.

O publicitário Waltencyr Mattos (2009), supervisor do programa, não tem certeza sobre qual o motivo do fim das transmissões, mas afirma que possivelmente deve ter acontecido devido a uma mudança na grade de programação das emissoras, já que a publicidade para televisão continuava a ser vendida, embora começasse a ser dividida com outros canais, como a Rede Globo, por exemplo, que começa a ser transmitida em Juiz de Fora no fim dos anos 1960.

5.2 FIM DA EMISSORA – UMA ILUSÃO PERDIDA NO AR

A empresa TV Mariano Procópio S.A., como já dissemos anteriormente, foi fundada em 1960 e veiculou programação durante a maior parte da década. Mas para alguns, como o

⁹⁰ A opção pela TV Alterosa, seguramente se deu devido à fragilidade e à precariedade da programação da emissora mineira (MATTOS, 2009), que abriu o espaço para Juiz de Fora, já que o programa não podia mais ser exibido a partir da Tupi do Rio.

⁹¹ Em 77 programas exibidos pelo canal de Belo Horizonte, que tiveram os assuntos divulgados pelo Diário Mercantil, observamos que o Filmando Juiz de Fora tornou-se conservador, e assuntos como moda e beleza – mais voltados ao público feminino e com grande destaque nas edições do Rio de Janeiro – desaparecem. Dos conteúdos analisados, constatamos que somente três programas, dentre eles o do dia 25 de outubro de 1967, mostraram assuntos relacionados ao universo feminino, como a eleição da Elegante Bangu. A partir do nosso levantamento, verificamos que a temática mais presente passou a ser economia, em 54 das 77 edições, seguida de política (48) e polícia (26).

radialista Geraldo Magela Tavares, funcionário das empresas do grupo de Sérgio Mendes – rivais da TV Mariano Procópio – embora o projeto fosse sério e ninguém duvidasse que Juiz de Fora teria sua emissora de televisão, “ela iniciou de forma tímida as transmissões e fez muito pouco” (TAVARES, 2008).

Mas Tavares se recorda de ter assistido ao jornal que era exibido colado ao Repórter Esso, ao programa Boa Vizinhança e a outras transmissões:

Foi muito alegre quando soubemos que ia ter uma emissora geradora em Juiz de Fora, foi muito alegre e gratificante quando vimos alguma coisa... Algumas entrevistas que faziam... Mas de repente eu já estava trabalhando na Industrial e vem a notícia, a TV Itacolomi saiu do ar e quem ganhou foi a Industrial e Sérgio Mendes é que ia colocar no ar. E botou no ar... (TAVARES, 2008)

Depoimentos como os de Tavares, sobre a TV Mariano Procópio, desestimulariam muitos pesquisadores, já que as realizações concretas através dos programas de TV foram temporárias, muitas vezes esporádicas e de difícil verificação. Mas acreditamos que se a contribuição da emissora pode ter sido tímida para a economia, política ou tecnologias da época, não o foi para o simbólico. Pois mesmo as Associadas, nos anos 1960, enfrentando inimigos vigorosos, como a Rede Globo que chegava, tinham inegável poderio para atuar construindo e modificando a realidade. O que pode ser verificado, por exemplo, através do sucesso das inúmeras campanhas das Associadas. O ex-funcionário dos Diários de Juiz de Fora, Rubens Furtado (2009) enfatiza algumas campanhas feitas na cidade:

Fiz grandes campanhas. No jornal, obriguei a prefeitura praticamente tratar a água em Juiz de Fora. A estrada daqui para a Zona da Mata também era muito ruim, era de barro, você para ir daqui a Leopoldina e Muriaé era um horror, levava horas, dias. Juiz de Fora começou a perder o comércio daqui para o Rio de Janeiro, então escrevi uma série de reportagens sobre a necessidade de fazer o asfaltamento daqui para Zona da Mata e tal, praticamente obriguei o Magalhães Pinto a fazer o asfaltamento da estrada daqui para Muriaé (FURTADO, 2009).

A TV Mariano Procópio não foi fechada, não encerrou as atividades, não faliu, mas desapareceu, assim como entrou no ar. Apesar da sua breve existência, mantida pela emoção de pessoas que queriam ver Juiz de Fora na TV, não é possível precisar a data do último programa, pois os pioneiros fazem referências a transmissões que teriam ocorrido e das quais não existem vestígios, sequer nos periódicos da época. Exibido durante quase dois anos o programa Filmando Juiz de Fora foi a mais importante realização da TV Mariano Procópio, atuando como uma afiliada, produzindo material jornalístico para ser exibido pela emissora cabeça de rede, a Tupi. Em julho de 1968, foi impresso no Diário Mercantil pela última vez o

roteiro do programa, que pode não ter sido o último produzido, já que a publicação já havia sido interrompida outras vezes. Mas desta vez ele não voltou, tornando-se o que acreditamos ser, a última produção da televisão Associada em Juiz de Fora. O nome TV Mariano Procópio, em homenagem ao pioneiro da construção de estradas por quem Chateaubriand nutria grande admiração (MORAIS, 2010), em muitos momentos da história da emissora não apareceu, pois as transmissões a partir de Juiz de Fora foram proibidas.

Quando nós, realizando pesquisas para o curso de especialização, descobrimos a existência da emissora, não acreditávamos que esta investigação pudesse se desdobrar tanto como tem acontecido, já que outros estudiosos também têm se interessado por ela e graças ao nosso levantamento, hoje, a emissora já figura entre as páginas que contam a história da televisão em Juiz de Fora. Mas a pesquisa documental não nos parecia satisfatória. Ocorre que agora, há poucos dias da entrega desta dissertação, localizamos pedaços de filmes com trechos da programação da Mariano Procópio, o que tornou possível realizarmos, no próximo capítulo, a análise de filmes produzidos pela TV, corroborando nossa proposta de que a emissora reforçou a identidade do carioca do brejo.

6 ANÁLISE FÍLMICA

O que conta na conservação de um filme não é tanto que ele fale deste ou daquele fato, mas sim, que o próprio filme exista e continue a existir no momento e no espaço. Que se torne memória de si mesmo e vença o possível esquecimento.

Fausto Colombo, 1991.

A produção da TV Mariano Procópio foi feita utilizando eslaides (10x15) e filmes 16 mm que desapareceram. Segundo o fotógrafo Jorge Couri, quando os Diários de Juiz de Fora faliram e foram lacrados pela justiça em 1983, nada pode ser retirado da sede. Os funcionários (entre eles Jorge Couri, que mantinha na sede do Diário Mercantil um arquivo completo desde 1950, com todas as fotos que fez e os filmes que realizou para a emissora Associada) foram impedidos de entrar: “Disseram que eram ordens de Belo Horizonte, puseram polícia na porta, não sei porque eles não doaram... Foi tudo embora, não sei se jogaram fora, inclusive meu arquivo...” (COURI, 2009).

Durante os anos de existência da TV Mariano Procópio foram realizados inúmeros eslaides e filmes, que na maioria das vezes seguiram para o Rio de Janeiro e Belo Horizonte, de onde eram exibidos. De acordo com Couri (2009), este material poucas vezes foi devolvido. Como a TV Itacolomi de Belo Horizonte foi extinta no dia dezoito de julho de 1980 (quando o Governo Federal cassou as concessões das emissoras ligadas à TV Tupi), procuramos a outra emissora Associada da capital mineira, a TV Alterosa, que não foi fechada, por resultar de uma parceria entre o Grupo de Chateaubriand e empresários não ligados ao condomínio, e onde também foram veiculados materiais produzidos em Juiz de Fora. Na emissora, não souberam informar o destino daquelas produções e nos encaminharam ao Centro de Documentação e Informação do Jornal Estado de Minas.

Carla Profeta da Luz (2010), coordenadora do Centro responsável pelo acervo dos Diários Associados, enfatizou o fato de que os Associados, em Minas, não possuem acervo de imagem, informando que os filmes produzidos no estado foram apagados ou reutilizados até que se deterioraram. Ainda de acordo com a coordenadora, a memória da televisão Associada em Minas só existe através de fotos. Os únicos filmetes disponíveis no acervo são de comerciais mudos e vinhetas da TV Itacolomi, comprados em 2003 de um colecionador. Nada restou da TV Alterosa e da TV Itacolomi em documento audiovisual e, portanto, do material da TV Mariano Procópio enviado para Belo Horizonte.

Recorremos também ao CRAV (Centro de Referência Audiovisual) de Minas Gerais, sediado em Belo Horizonte, onde fomos informados que em seus arquivos existem apenas alguns comerciais e vinhetas da TV Itacolomi e nenhum material da TV Alterosa⁹².

No acervo organizado e identificado do Arquivo Nacional (RJ) também não foram localizados filmes da TV Mariano Procópio, de acordo com informações⁹³ do coordenador de acesso e difusão documental da instituição, Antônio Carlos Gonçalves Valério (2010), que tem sob sua guarda o acervo da TV Tupi. Consultamos ainda a Cinemateca Brasileira, em São Paulo, onde fomos informados por Myrna Malanconi (2010), responsável pela pesquisa de som e imagem da instituição, que não existe nada no acervo sobre transmissões feitas em Juiz de Fora e/ou referentes à TV Mariano Procópio, destacando que se encontram sob o poder da Cinemateca apenas o que sobrou da TV Tupi de São Paulo. No início de 2010, já ao fim de nossa peregrinação em busca de vestígios da programação da TV Mariano Procópio, conseguimos obter com o ex-repórter da emissora, Wilson Cid, fragmentos filmicos que possibilitaram a análise a seguir.

O formato 16 mm, utilizado pela TV Mariano Procópio, surgiu em 1946 para possibilitar a produção filmica fora dos grandes estúdios, que utilizavam o caro formato 35 mm. Eram câmeras menores e mais leves que facilitavam a movimentação de quem as operava. Mas, no fim dos anos 1960, já haviam caído em desuso, em função também do seu alto custo, sendo substituídas pelo formato oito milímetros, que se popularizou entre os que faziam vídeo. Nos anos 1970 e 1980, o super oito tornou-se o formato preferencial para filmes de estudantes, filmes experimentais e mesmo para tentativas semi-profissionais de cineastas iniciantes, tomando o lugar antes ocupado pelo 16 mm. A partir daí, as câmeras e projetores neste formato foram escasseando, não sendo mais fabricados. Por isso, enfrentamos um grande desafio para reproduzir os fragmentos da TV Mariano Procópio.

Para assistirmos aos filmes, seguimos até o Rio de Janeiro, onde fomos atendidos por uma empresa de restauração, indicada pela Rede Globo de Televisão. Isso tornou possível a análise de conteúdo de parte do material. Mas ocorre que, mesmo nesta empresa, a exibição foi limitada, já que a maior parte dos filmes está ressecada, o que provoca o encolhimento dos mesmos, não possibilitando que se encaixem corretamente nos projetores para serem exibidos. Assim, o processo de restauração de todos os fragmentos não pode ser concluído antes do fim deste trabalho. Mas já elaboramos um projeto para recuperação dos filmes, que

⁹² Informações recebidas através de correio eletrônico enviado pelo pesquisador do CRAV Christiano Quadros, em 24 de fevereiro de 2010.

⁹³ Informações recebidas através do correio eletrônico identificado como AN/COACE/COADI nº 0354 / 2010 (KB), enviado pelo Arquivo Nacional em quatro de fevereiro de 2010.

posteriormente pretendemos tornar público, como parte de um documentário que produziremos em conjunto com a Prof^a Dra. Maria Cristina Brandão de Faria, sobre os primeiros anos da televisão Associada em Minas Gerais.

Os filmes da TV Mariano Procópio estão em formato negativo, tendo passado apenas por um processo de revelação, o que segundo o pesquisador Willians Cerozzi Balan pode ser explicado “pelo custo e agilidade, já que após a filmagem a película era revelada e editada na própria emissora e a imagem era invertida de negativo para positivo eletronicamente no próprio telecine⁹⁴ no momento da exibição” (BALAN, 2007). Caso os filmes fossem exibidos em projetores cinematográficos, deveriam passar por mais uma etapa de revelação, para que se tornassem positivos, o que aumentaria o tempo e o custo do processo.

Para a análise de conteúdo dos filmes produzidos pela TV Mariano Procópio, que desde a sua exibição nunca mais foram assistidos, recorreremos aos métodos da pesquisadora Sônia Virgínia Moreira (2005) que, em sua obra *Análise Documental como Método e Técnica*, destaca a necessidade de analisarmos quantitativa e qualitativamente o material, além de fazermos a contextualização.

Mas além da pesquisa da representação elaborada pela TV Mariano Procópio em suas reportagens, valendo das propostas de Moreira (2005), fez-se necessária a apuração simultânea de informações para complementar os dados coletados através de análise de livros, periódicos e recorrendo à memória dos pioneiros, a fim de colaborarem na identificação de datas, pessoas e fatos presentes nas filmagens. Mesmo desta forma, algumas imprecisões sobre datas e locais não puderam até agora ser esclarecidas. Mas, acreditamos, que com a análise do conteúdo feita a partir dos fragmentos a que temos acesso, embora se limitem a um curto período (1967-1968) dos quase dez anos de produção televisiva das Associadas na cidade (1961-1968), foi possível lançar luz sobre o processo de construção da identidade do carioca do brejo.

Nos fragmentos analisados, o nome do canal juizforano já não aparece, embora o repórter Wilson Cid e o cinegrafista Jorge Couri (equipe de televisão da TV Mariano Procópio) participem ativamente das reportagens que, acreditamos, repitam o formato utilizado pela TV juizforana desde as suas primeiras experiências.

⁹⁴ O telecine da época é um conjunto de equipamentos composto por dois projetores de filme bitola 16 mm, um projetor de eslaides duplo, que permitia a mudança de um eslaide para outro sem espaços pretos entre nas imagem e uma câmera de TV de alta qualidade, superior às câmeras de estúdio, que transformavam as imagens óticas em imagens eletrônicas que poderiam ser transmitidas. Além dos filmes de entretenimento que eram exibidos, este equipamento servia também para exibir os comerciais em filmes ou eslaides nos intervalos comerciais. O telejornalismo ganhou mais dinamismo com esta tecnologia (BALAN, 2007).

A partir do amplo levantamento que realizamos, foi possível verificar que os filmes que restaram se referem a duas transmissões distintas: um programa especial⁹⁵ sobre a cidade (gravado durante vários dias antes da transmissão) realizado no dia 20 de dezembro; e o carnaval de 1968, também gravado e transmitido no dia seis de março do mesmo ano (quarta de cinzas), às 18h30min. As duas programações foram produzidas com a colaboração e exibidas pela TV Tupi (RJ) e TV Alterosa (BH).

Analisaremos individualmente as reportagens. Para análise de conteúdo do material, valemo-nos dos fragmentos que estão em melhor estado de conservação e que foi possível assistir. Alguns destes rolos compõem reportagens isoladas e, outros, matérias montadas na sequência em que foram exibidas, como veremos a seguir. A fim de facilitar o nosso estudo, identificamos os filmes de um a cinco, complementando com o nome do programa de que fizeram parte.

6.1 FILME NÚMERO UM – CARNAVAL DE 1968

Produzido em película 16 mm com duração total de 8'59", o filme mudo apresenta o carnaval de Juiz de Fora nos clubes e na Av. Rio Branco, ainda hoje, a principal da cidade. A reportagem apresentou nos primeiros 2'25" imagens de um baile de carnaval para o público adulto. Logo em seguida, 27" de uma matinê infantil, 1'47" de carnaval de rua, 1'12" de mais um baile infantil – desta vez em outro clube – e 2'34" de um concurso infantil de fantasias de luxo.

Chama nossa atenção a distribuição de conteúdo na montagem do filme, já que a narrativa do carnaval juizforano, feita pela emissora, destinou a maior parte do tempo para mostrar o espetáculo de luxo da alta sociedade. O menor tempo foi destinado ao carnaval de rua que, no trecho nobre da Avenida Rio Branco, cedeu espaço para a população negra e pobre, que fantasiada tornava-se um espetáculo para as elites. Percebe-se que as imagens mostram, mesmo no período de carnaval, uma cidade ordeira e próspera, cujos papéis reservados aos diversos grupos estão bem delimitados.

Outro fator que consideramos de destaque foi o comportamento das pessoas diante da câmera, não demonstrando qualquer espécie de constrangimento ou curiosidade com a

⁹⁵ “Uma longa programação sobre Juiz de Fora, na qual serão focalizados os aspectos comerciais, artísticos e industriais da nossa cidade” (Diário Mercantil, 19 de dezembro de 1967, p. 4).

filmagem, se limitando a posar descontraidamente para o cinegrafista. Acreditamos que pelo fato dos grupos presentes nos bailes serem membros da classe média – possuidores de aparelhos de televisão já há algum tempo – as câmeras não assustavam os foliões, mesmo sendo acompanhadas de uma forte iluminação, fundamental para a obtenção de boas imagens com os equipamentos da época.

O grupo que aparece inicialmente no filme, fantasiado e dançando animadamente músicas de carnaval, é adulto e composto em grande parte por mulheres. As imagens, a maior parte do tempo em close, se alternam entre as mulheres bonitas e fantasiadas e as garrafas da cerveja e do choppinho José Weiss (ambos fabricados em Juiz de Fora e uma das empresas patrocinadoras da transmissão), consumidos pelos foliões, visivelmente orientados pela equipe de filmagem a mostrarem a marca do produto.

Logo após o baile é apresentado um pequeno trecho de uma matinê infantil lotada, seguido das imagens do animado carnaval de rua. Percebemos novamente um grande número de imagens feitas em planos fechados, o que ocorria em parte devido à dificuldade de iluminar uma área maior, mas também facilitava a captura de imagens mais cenográficas, deixando pouco espaço para a realidade ao redor, onde grupos de pessoas pobres se amontoavam para assistir os desfiles desconfortavelmente em uma rua cuja iluminação era deficiente. As imagens do carnaval dos clubes e de rua, mostradas pela televisão, não deixaram que fosse visto nada que não estivesse impecavelmente adequado à transmissão do espetáculo.

O mesmo ocorreu no trecho da matinê que é apresentado e, principalmente, no desfile de fantasias infantis de luxo, ainda em planos fechados, tornando visíveis os detalhes. São mostradas também em close as juradas, membros da elite juizforana, focalizadas individualmente. Algumas fantasias foram exibidas repetidamente na filmagem, já que se tratava de um grupo pequeno de pessoas e a única maneira de tornar as imagens impactantes para os telespectadores era através da repetição e preenchendo todo o vídeo, abrindo mão dos planos abertos que mostrassem o ambiente e os curiosos, embora o concurso tenha se realizado em um clube, cujo ambiente era fechado e restrito. Era visível também o sacrifício a que foram submetidas as crianças, algumas muito pequenas e que tiveram que ostentar adereços pesados, similares aos apresentados nos concursos de fantasia que aconteciam no Rio de Janeiro naquela época.

Embora Jorge Couri (2009) faça referências ao amadorismo com que se produzia e ao fato de ter recebido a colaboração de outros colegas menos afinados com as técnicas de filmagem, percebemos um trabalho cuidadoso na elaboração da montagem do filme (cortes e

emendas), que resultou numa reportagem capaz de chamar atenção dos telespectadores. O trabalho contou com a participação das emissoras de televisão Associadas parceiras do evento, de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro. O filme mudo era narrado⁹⁶ em *off* pelos locutores destes canais que exibiam as películas.

O pesquisador Elmo Francfort Ankerkrone destaca que “na década de 60, com a concorrência televisiva cada vez maior, quase todos os canais transmitiam o carnaval carioca (2001).” Assim, a transmissão do carnaval juizforano repetia o formato utilizado na cobertura do Rio de Janeiro onde, nos anos 1950 e 1960, os bailes e os concursos de fantasias do Teatro Municipal, do Hotel Glória e do Clube Monte Líbano faziam sucesso em todo o país, mostrados pela televisão e nas revistas O Cruzeiro e Manchete.

Para quem não conhece Juiz de Fora, as imagens apresentadas deixam dúvidas sobre onde acontecia aquele carnaval. Poucos elementos indicam que era uma festa na cidade. Cariocas desatentos à locução em *off* não teriam dúvidas de que eram imagens do Rio de Janeiro; e os juizforanos, por sua vez, se viam como cariocas, mostrados como parte da programação do Rio e utilizando linguagem semelhante. Os telespectadores mais atentos verificavam que as matinês e os bailes foram realizados no Salão do Sport Clube Juiz de Fora, que permanece ainda hoje na Avenida Rio Branco e também no Clube Sírio e Libanês, que havia sido inaugurado há três anos.

Observamos que as imagens das matinês infantis apresentam qualidade superior às outras produções, já que se beneficiaram do fato de terem ocorrido durante o dia, quando há maior incidência de luz, fundamental para que as câmeras obtivessem bom resultado.

6.2 FILME NÚMERO DOIS – ESPECIAL INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Realizado em película 16 mm, este filme sonoro, com duração de 10’32”, fez parte da programação especial exibida para todo o estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais no dia 20 de dezembro de 1967. Mostra um bate-papo entre o então prefeito Itamar Franco (pouco à vontade), o presidente do Condomínio Associado, Paulo Cabral de Araújo, e um homem chamado “Professor Alexis”. Estavam presentes também o diretor dos Diários Associados em Juiz de Fora, Renato Dias Filho, e mais três pessoas não identificadas. O tema da conversa foi

⁹⁶ Até o momento não localizamos os textos que foram narrados em *off*, relativos aos filmes mudos produzidos pela TV Mariano Procópio.

o levantamento socioeconômico encomendado por Itamar Franco a uma empresa carioca a fim de solucionar a “marginalização” pela qual Juiz de Fora estaria passando.

O filme começa com um plano aberto no qual se vê, durante 3” ao redor de uma mesa, sentados na cabeceira, o prefeito Itamar Franco e o presidente do Condomínio (os únicos a não se vestirem com ternos); do lado direito o homem chamado “Professor Alexis”, que parece ser o responsável pela execução do projeto, e ao lado dele um homem não identificado, que não se pode ver inteiramente. À esquerda, está o diretor das Associadas, que também não pode ser visualizado, e a seu lado mais dois homens, sendo um deles o empresário Agostinho Pestana (que sucederá Itamar Franco na prefeitura) e o terceiro, não identificado. O cenário, bastante despojado, adequado a um prefeito jovem e engenheiro, além de um mapa da cidade ao fundo, tem também vários mapas semi-enrolados sobre a mesa, mostrando ainda uma xícara de café servida ao jornalista Paulo Cabral e um maço de cigarros Marlboro, pertencente ao “Professor Alexis”. O pequeno microfone improvisado, suspenso por alguém através de uma haste, aparece várias vezes durante a filmagem, além de ter sua sombra projetada na parede, mas obtém um bom resultado na captação de áudio. O operador do microfone tipo *boom*⁹⁷ demonstrou dificuldades e falta de harmonia com o cinegrafista. Provavelmente o operador era alguém pouco acostumado à novidade.

Em seguida fecha a câmera no “Professor Alexis” que, à vontade, dá continuidade à explicação sobre o levantamento, durante 1’30”, chamando atenção para o caráter moderno da iniciativa do prefeito e para o fato da pesquisa sobre o perfil socioeconômico de Juiz de Fora ser realizada em duas etapas, a primeira em Juiz de Fora e a segunda no Rio de Janeiro, com sessenta pessoas envolvidas.

O “Professor Alexis” é o personagem melhor iluminado, beneficiando-se do fato de estar próximo das fortes lâmpadas utilizadas (chegando a ficar com sua imagem saturada em alguns momentos), já que se tratava de um ambiente interno. Itamar Franco e Paulo Cabral estão numa posição que recebe menos luz, mas o resultado da imagem é bom.

A partir daí, em plano novamente aberto utilizando 17”, Itamar pergunta ao presidente do Condomínio Associado “o que falta a Minas para despertar?”. Dando continuidade à crítica iniciada por Itamar Franco (que em vez de falar objetivamente sobre o levantamento estende seus comentários possivelmente ao governo do Estado), Paulo Cabral concorda e afirma que “Minas precisa deixar de cultivar a habilidade política para cultivar a dinâmica do desenvolvimento, a dinâmica da administração pública e a dinâmica no setor privado”.

⁹⁷ Utilizado em entrevistas sem microfones individuais, devendo ficar invisível aos diversos enquadramentos de câmera.

Embora Paulo Cabral em 1968 fosse presidente do Condomínio Associado, foi apresentado por Franco (e falou) na reportagem como ex-prefeito de Fortaleza (atividade que havia exercido entre 1951 e 1955), fazendo poucas alusões ao condomínio. Mas, ao fim do programa, Itamar agradece aos chefes das Associadas no país e na cidade pela cobertura dada à sua administração.

O enquadramento fecha e abre várias vezes, permanecendo a maior parte do tempo no “Professor Alexis” e no jornalista Paulo Cabral, que tiveram falas mais longas. Em momento algum Itamar é mostrado em close. Notamos na aparência informal do local onde foi realizada a filmagem e na própria fala do então prefeito e de Paulo Cabral uma crítica ao estilo mineiro de governar, baseado muito mais em articulações que em dados científicos. O “Professor Alexis” destaca também o fato da iniciativa privada estar financiando o levantamento idealizado por Franco.

O bate-papo, que tem a duração total de 10’37”, apesar de realizado num espaço pequeno e com apenas uma câmera, é conduzido com segurança por um cinegrafista experiente que em nenhum momento perde o foco. Possivelmente um profissional das tevês Tupi, Itacolomi ou Alterosa.

Mais que falar sobre o levantamento socioeconômico que estava sendo elaborado para a cidade, a tônica da conversa foi política, em tom de crítica. Por um lado, a censura ao estilo mineiro de governar; por outro, o destaque para a pesquisa compilada no Rio de Janeiro a fim de obter dados necessários para a implantação de um projeto de reconfiguração de Juiz de Fora no cenário nacional.

6.3 FILME NÚMERO TRÊS – ESPECIAL INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Neste trecho de filme, o jornalista Wilson Cid entrevista o empresário José Weiss. O jornalista se posicionou à vontade e de maneira elegante, apesar de ambos sentarem-se em cadeiras de madeira simples, tendo ao fundo um grande painel mostrando ruínas da cidade de Baalbek, no Líbano. A entrevista, feita no Clube Sírio e Libanês desejava mostrar “ao público brasileiro um dos industriais mais conhecidos do nosso país, o Dr. José Weiss”, conforme anunciou Wilson Cid.

O empresário, dono da cervejaria que levava o seu sobrenome, embora visivelmente tenso e dando respostas curtas, foi beneficiado pela maneira informal como Cid conduziu a

entrevista, que durou 3'55". O *zoom* foi o recurso utilizado nesta filmagem, também feita com uma câmera 16 mm. Durante a formulação das perguntas e das respostas, o cinegrafista manteve, na maior parte do tempo, Cid e Weiss em cena, fechando por duas vezes o *zoom* no rosto do empresário, a segunda delas para que este pudesse agradecer às Associadas pela cobertura. O cinegrafista que realizou esta entrevista mostrou-se hábil, já que teve o trabalho facilitado pela desenvoltura de Wilson Cid, que além de conduzir a entrevista, complementando e valorizando a fala de Weiss e o progresso da cervejaria, repetiu inúmeras vezes a participação da TV Tupi carioca e da TV Alterosa de Belo Horizonte.

A conversa, que já se inicia em tom comercial, é conduzida como uma propaganda institucional da cervejaria, patrocinadora constante das empreitadas da televisão Associada na cidade. Especial destaque é dado ao fato de 80% da cerveja produzida em Juiz de Fora ser consumida pelo Estado da Guanabara (atual cidade do Rio de Janeiro) e os outros 20% em Juiz de Fora. Estas informações, depois de ditas pelo empresário, foram repetidas por Cid, que retomou o assunto mais de uma vez durante a conversa. A maior parte do tempo, 2'37", é utilizada para as considerações sobre a empresa e a repetição da importância da transmissão em cadeia. É dado especial destaque ao fato da cervejaria ter sido fundada pelo imigrante alemão José Weiss, avô do empresário, que chegou a Juiz de Fora ainda no século XIX, fundando a empresa em 1878, que na época da entrevista completava 89 anos.

A reportagem institucional enfocou com maior destaque a relação comercial da fábrica de José Weiss com o mercado consumidor carioca, acentuando o caráter cosmopolita assumido pela cidade a partir de sua cervejaria (fundada por alemães) em contato constante com o Rio de Janeiro. Cid, ao tratar do bom desempenho da empresa, reforça o sucesso da indústria juizforana para o Rio de Janeiro e Belo Horizonte:

Este índice industrial estabelece assim para os telespectadores da TV Tupi e da TV Alterosa o coeficiente de crescimento de uma grande empresa de Minas Gerais, aliás com um sentido de pioneirismo dos maiores que registra a história industrial de Minas Gerais e principalmente de Juiz de Fora. A reportagem da TV Tupi e da TV Alterosa deseja transmitir para os senhores de Juiz de Fora alguma coisa de especial sobre a sua indústria que hoje representa o maior centro deste setor em todo o Estado de Minas Gerais (CID, 1967).

Ao final da entrevista, imediatamente repórter e entrevistado se levantam, dificultando o trabalho de quem faria a montagem final do programa para editar gestos que não convinhem ser exibidos.

6.4 FILME NÚMERO QUATRO – ESPECIAL INDÚSTRIA E COMÉRCIO

O rolo que identificamos como quatro mostra apresentações artísticas que fizeram parte do especial sobre Juiz de Fora. De acordo com anúncio publicado no Diário Mercantil, o especial mostraria aspectos, comerciais, industriais e artísticos da nossa cidade (Diário Mercantil, 19 de dezembro de 1967, p.4). O filme mostra jovens músicos assistidos por uma plateia que, embora não seja mostrada, demonstra empolgação com aplausos, gritos e assovios.

A gravação com ares de clipe e não de um show de televisão começa com o violonista Saul apresentando um *pout-pourri* de músicas do compositor Chico Buarque. A filmagem mostra um plano aberto focalizando o violonista sentado na beirada do palco, com os pés em uma cadeira, e duas moças: uma sentava-se numa cadeira de madeira próxima ao músico, e outra sentava-se também na beirada do palco. Atrás de Saul é possível ver diversos instrumentos musicais sobre o palco, possivelmente para serem utilizados pelos músicos que se apresentariam posteriormente. O clima é surpreendentemente informal e irreverente, possivelmente semelhante ao que se assistia, com todos muito à vontade.

O jornalista Mário Manzolilo de Moraes, sentado ao lado do violonista na beirada do palco, apresenta o músico de maneira objetiva: “Saul e Chico Buarque de Holanda”. Certamente, a maneira adequada em um lugar onde acreditamos que haveria um grupo de jovens afoitos por assistir ao show. Todos estavam vestidos informalmente, inclusive Moraes.

A película tem duração de 5’10”. Saul tocou primeiro a música “Quem te viu, quem te vê” (lançada em 1966), emendando com “Roda Viva” (1967) e “Noite dos Mascarados” (1966). Aos 45”, a câmera fecha o enquadramento no violão até 52”, quando abre novamente e fecha na jovem sentada que acompanha com atenção a interpretação, abrindo em seguida para mostrar Saul e a outra jovem sentada a seu lado, que sorria, aparentemente pelas brincadeiras que os colegas da plateia dirigiam a ela.

A apresentação de Saul dura 3’27”. Logo em seguida, um grupo de seis jovens, apresentado rapidamente como Capeta Cinco, faz sua exibição. Chama nossa atenção o fato do vocalista ser o único a não usar terno, dando a impressão de que não seria o cantor oficial do conjunto. A semelhança com o grupo inglês *The Beatles* ficou apenas no terno, gravata e nas guitarras, pois aos 3’30” eles apresentaram a música *Keep of running* da banda inglesa *Spencer David Group*, lançada em 1965. Os jovens músicos estavam bem à vontade, demonstrando intimidade com a plateia.

O único movimento de câmera é o *zoom*, que aos 4' fecha no rosto do cantor permanecendo até 4'20", quando retorna ao enquadramento aberto mostrando todo o conjunto, permanecendo assim até o final. Com exceção do cantor, os músicos do grupo não demonstraram incômodo com a presença da câmera, se comportando inclusive de maneira arredia, em nenhum momento preocupando-se com a *performance* para a televisão.

6.5 FILME NÚMERO CINCO – ESPECIAL INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Acreditamos que este filme mudo, com 52" de duração, seja um dos mais expressivos produzidos pela televisão em Juiz de Fora no período por nós estudado. A película tem uma montagem arrojada, que embora apresente imagens sem qualidade (possivelmente pertencentes ao arquivo de Jorge Couri), mostra temas diversos que resultam em um clipe que imprime à cidade um ritmo veloz, semelhante a qualquer grande centro mundial. Com duração média de 2" para cada plano, temos uma mistura de imagens que, além de construir sentido, estabelece sensações.

A primeira tomada aberta mostra um grupo de jovens mulheres corredoras, rompendo a linha de chegada de uma competição, seguida por uma imagem com duração de menos de 1" mostrando também um homem jovem correndo. Seria uma falha na montagem ou uma produção intencional?

Em seguida, um avião da força aérea brasileira se movimentando já em terra firme, com cerca de cinquenta militares fardados posicionados próximos a aeronave. Logo depois, a imagem de um homem não identificado tomando uma xícara de café, permanecendo em destaque o ato de se tomar o café.

Depois uma cena em movimento (panorâmica vertical) da cobertura ao térreo do Edifício Clube Juiz de Fora, chegando a mostrar o trânsito intenso próximo à entrada da moderna construção. A seguir, a imagem de um bebê que olha para alguma coisa que não pode ser vista pelo telespectador, depois mostra-se um outro bebê, japonês, no colo de uma menina brasileira.

Começam aí as imagens mais movimentadas: a primeira de pessoas no ponto de ônibus do Parque Halfeld, no centro da cidade, onde os coletivos chegam e saem ininterruptamente e as pessoas também não param. A segunda, um plano fechado no rosto de pessoas também se movimentando no parque Halfeld, tendo ao fundo a parede do prédio da

prefeitura.

Logo em seguida, atravessando a rua movimentada, uma mulher de mãos dadas a duas crianças junto a outra senhora que carrega pacotes, tendo ao fundo o tráfego intenso da Av. Rio Branco. Na cena aparece ainda um homem de bicicleta, possivelmente um padeiro, com a cesta coberta por um pano claro. Depois disso, duas mulheres em primeiro plano atravessando a rua movimentada tendo ao fundo a porta da prefeitura aberta. Seguida por uma imagem em close do ônibus quatro, onde consta no letreiro o nome do bairro Olga Burnier.

Seguem-se duas imagens curiosas, que focalizam principalmente o asfalto da rua principal da cidade. A primeira mostrando um trator passando por sobre o asfalto, e a seguinte com duas crianças e uma mulher correndo ao atravessar a rua, onde as cabeças são cortadas, dando-se destaque ao chão e aos pés e pernas.

A partir daí, imagens novamente com movimentação intensa, tendo as pessoas em primeiro plano atravessando a rua, e outras subindo no bonde que está estacionado. Depois, uma bela mulher de costas atravessando a rua, visualizada da cabeça aos pés (panorâmica vertical), chamando atenção para os quadris cobertos com roupa clara.

Em seguida, jovens estudantes carregando livros, esperando para atravessar a rua com movimento intenso quando, pela primeira vez, alguém olha para a câmera: um menino que esperava para atravessar. Na sequência, uma imagem de muitos carros passando pela rua, vendo-se ao fundo lojas do comércio local e outra com um guarda de trânsito no meio da rua tumultuada aplicando provavelmente uma multa.

Impressiona a imagem que aparece a seguir, com um grupo grande de policiais prendendo alguém e colocando na viatura da polícia, e uma segunda imagem onde no mesmo lugar os policiais parecem bater em alguém. Logo depois, três homens negros que parecem estar aliviados de se distanciarem da confusão, e um close de um dos homens que olha para a câmera e parece fazer um sinal de “legal”.

A partir daí vemos a imagem tranquila de um casal atravessando de mãos dadas o Parque Halfeld lotado, onde tremulam algumas bandeiras em mastros. Novamente é mostrada uma imagem do trânsito intenso de veículos e pessoas, tendo ao fundo as lojas igualmente movimentadas. Na sequência, pessoas caminhando, mas só os pés e pernas são focados, intensificando a ideia de movimento. Em seguida, dois planos rápidos feitos com panorâmicas verticais mostrando de cima para baixo a placa de ônibus com as linhas que paravam ali, terminando com a imagem do movimento destes ônibus ao lado da placa. Repete-se a panorâmica no Edifício Clube Juiz de Fora, embora desta vez o movimento seja cortado antes que se complete, provavelmente demonstrando preocupação para que não se notasse que era a

mesma imagem.

Novamente é exibido um plano com as bandeiras tremulando. Segue-se a tranquilidade do lago do Parque Halfeld, contrastando com o movimento da rua que se avista logo atrás. A partir daí, um plano aberto mostrando a Av. Rio Branco com trânsito movimentado e muitos prédios sendo construídos, encerrando a película.

O filme foi elaborado como o comercial de uma cidade cosmopolita, com vida urbana intensa, em alta velocidade, representada pelo seu trânsito, pelas construções e pelas pessoas que se movimentam sem parar. Embora não existam indícios, acreditamos que tenha sido usado para abrir ou encerrar a transmissão especial sobre a indústria e o comércio de Juiz de Fora, possivelmente acompanhado pela narração de um locutor, já que esta película resume a proposta observada no programa especial, demonstrando que a cidade é moderna, dinâmica, se movimentando no ritmo idealizado para os grandes centros do país.

Ainda hoje o filmete surpreende, pois a montagem frenética, mesmo a partir de imagens sem qualidade e com pouco contraste, chamou atenção para Juiz de Fora, que extrapola neste recorte todas as expectativas existentes quanto às características de uma cidade do interior de Minas Gerais, aproximando-se muito mais do dinamismo de um centro como o Rio de Janeiro.

O clipe elaborado pela TV Mariano Procópio sobre Juiz de Fora para ser exibido na Tupi exacerba uma narrativa de distanciamento do que poderia ser concebido, à época, como a identidade mineira. É um exemplo exímio da tentativa de incorporação de valores e modos de ser da vizinha Rio de Janeiro. O frenesi impresso ao filme revela a construção da proposta do carioca do brejo; retratação esta que poderia (ou não) ser incorporada pelos cidadãos juizforanos. Ora, a vida que passa numa fração de segundo urge o desenvolvimento tão necessário às sociedades dinâmicas, criando o atrativo necessário ao desejo de identificação com o novo, em detrimento à pacata mineiridade.

Se as imagens de TV têm o suposto poder de mostrar a realidade, qual não foi o impacto da narrativa construída sobre Juiz de Fora e seus cidadãos em uma época que a televisão era ainda muito mais um instrumento de encantamento? É principalmente através deste filme produzido pela TV Mariano Procópio que vemos sobressair-se a capacidade televisiva (mesmo nos primórdios da TV no Brasil) de fabricar modelos para projeção e identificação. No caso do objetivo de nosso estudo, comprovamos a proposição – via produção televisiva – de um mineiro atípico, ou “de fronteira”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O escritor Luiz Augusto Milanesi (1978), ao tratar dos efeitos causados pela chegada do sinal de televisão a uma cidade do interior, conta que algumas pessoas continuaram a colocar suas cadeiras e bancos na calçada, como faziam para se informar e se entreter antes do acesso à programação de TV. Só que, desta vez, com as costas para a rua e os olhos voltados para o aparelho que estava no interior da casa. Acreditamos que o ato de dar as costas para o mundo que passa pela rua, dirigindo olhares e atenção para a telinha, torna-se uma metáfora para a chegada da televisão à maior parte das cidades brasileiras, como Juiz de Fora.

Neste trabalho propusemo-nos a investigar a construção da identidade do carioca do brejo, uma vez que percebemos a proximidade física e de “valores” entre Juiz de Fora e Rio de Janeiro, sendo que a cidade mineira já se mostrava, na passagem do século XIX para o XX, muito mais afeita aos padrões cariocas que à mineiridade. Estudar a formação identitária do carioca do brejo justificou-se ainda quando a primeira emissora de televisão de Juiz de Fora (e também a primeira da América Latina) passou a enviar sua produção para exibição na Tupi do Rio de Janeiro, estreitando ainda mais os laços entre juizforanos e cariocas.

Para tanto, fizemos uma revisão bibliográfica sobre meios de comunicação e identidade, além de um resgate do contexto político, social e cultural das cidades do Rio de Janeiro e Juiz de Fora, mostrando suas semelhanças. Também resgatamos o histórico da TV no Brasil, especialmente das emissoras Associadas, a qual pertenceu a TV Mariano Procópio. Sobre a emissora de Juiz de Fora, elaboramos o que consideramos o primeiro histórico aprofundado da TV, já que não havia bibliografia sobre o tema e tivemos que nos apoiar em pesquisas em periódicos e coleta de depoimentos daqueles que foram os pioneiros da televisão na cidade.

Ao longo do trabalho detectamos que todos os documentos analisados, audiovisuais ou não, dão conta de que a produção televisual da TV Mariano Procópio foi regida inicialmente pela necessidade de se estabelecer no município. Seria mais uma experiência e demonstração da capacidade tecnológica de produção através do Telefoto Jornal, por exemplo. Quando a concessão é perdida para a TV Industrial, observa-se o fortalecimento da proposta de se fazer televisão na cidade, acentuada pela visibilidade que o veículo ganhava em meados dos anos 1960. Para lutar com o canal que recebeu a concessão oficial de TV em Juiz de Fora, embora entregue a um grupo que tinha dificuldades para explorá-la, a TV Tupi carioca tornava-se o veículo adequado. A partir daí, valendo-se muitas vezes do apoio também das emissoras

Associadas de Belo Horizonte e das ideias de publicitários locais atentos a ampliação das verbas publicitárias destinadas à televisão, surge o noticiário local veiculado inicialmente a partir do Rio de Janeiro (período do qual analisamos a produção a fim de estudar a formação da identidade do carioca do brejo), e mais tarde a partir de Belo Horizonte. Quando o telejornal passa a ser exibido a partir da TV Alterosa de Belo Horizonte, que não obtinha nem visibilidade nem sucesso comercial na cidade, acentuaram-se os programas episódicos, estes sim, veiculados para todo o estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Mas os programas episódicos não conseguiram produzir conteúdo ou mesmo uma identidade para a televisão feita em Juiz de Fora. Permanecem inteiramente subordinados a empresários, políticos e comerciantes. A TV Mariano Procópio passaria a ser um meio de arrecadação de dinheiro, disponibilizando espaço na poderosa Tupi (que permanecia líder de audiência na cidade) para que empresários, comerciantes e políticos dessem vazão às suas vaidades ou a seus projetos profissionais ou políticos.

Em função da falta de registros, temos dificuldade para mensurar a penetração alcançada pelas experiências da televisão Associada em Juiz de Fora. Mas, pelo número consistente de patrocinadores presentes em todas as transmissões, inclusive na produção do pioneiro Telefoto Jornal, acreditamos que obtinham sucesso, que foi se ampliando no correr dos anos 1960.

Da produção audiovisual que analisamos, o clipe de 52” exibido dentro da programação do especial dá uma amostra consistente da imagem que se queria construir para Juiz de Fora e do projeto identitário levado a cabo pela TV Mariano Procópio: a construção de uma cidade a partir da representação de seu dinamismo, pujança industrial e comercial e ritmo de vida acelerado. Juiz de Fora vista pelas lentes da TV era uma cidade em que o tempo passava depressa, afirmando-se a diferença com a Minas barroca e mais uma vez aproximando-se da vida moderna e dinâmica idealizada sobre o Rio de Janeiro.

Concluimos por tudo isso que os sinais da identidade híbrida do carioca do brejo permeiam toda a produção audiovisual da emissora como, por exemplo, informando que o principal mercado da cerveja produzida em Juiz de Fora era o Rio de Janeiro, para isto mantendo um intenso e ininterrupto contato com a cidade carioca, ou reproduzindo matrizes culturais elaboradas na construção de narrativas sobre o Rio de Janeiro, como verificamos na transmissão do carnaval de 1968, ou ainda no *show* musical apresentado no encerramento do especial sobre Indústria e Comércio.

A representação do carnaval feito na cidade, mostrado para Juiz de Fora, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, mais que apresentar o espetáculo para outras localidades, exibia

para o juizforano quem ele era, já que a partir destes modelos podia identificar-se. Pois a ideia que os indivíduos têm de si mesmos e do mundo é também formada através das representações midiáticas de indivíduos, grupos, instituições e acontecimentos que lhe são ofertadas (FREIRE FILHO, 2006). Se no carnaval de rua, nos bailes e concursos de fantasia de Juiz de Fora repetiam-se moldes utilizados para a representação do carnaval carioca, o juizforano, a partir destes eventos, irá fortalecer a sua identidade que, moldada no convívio com o cosmopolitismo do Rio de Janeiro, através das histórias contadas sobre a capital cultural do país, corrobora na acentuação da diferença com as demais cidades mineiras – que moviam-se num ritmo mais lento, cujos sinos das igrejas barrocas organizavam a rotina da população.

A opção por abrir o bloco cultural do programa especial sobre indústria e comércio com músicas recém-lançadas de Chico Buarque revela que a cidade estava atenta às últimas tendências dos festivais de MPB, divulgadores dos artistas que despontavam no cenário musical, distanciando o município do ideário de cidade periférica. Sinaliza também através da escolha de um artista com “perfil suspeito” (NAPOLITANO, 2004, p.2) para o governo militar, que a lua-de-mel das Associadas com o regime já havia acabado.

A direção artística do programa, com isso, dá sinais de que também norteava-se com vistas à uma audiência imaginada como proveniente de uma elite intelectual, pois o artista não era popular, tendo sua obra mais conectada à juventude universitária do que à massa jovem da cidade, em sua maioria operária. Se as canções de Buarque estabeleciam o elo com a juventude de classe média, o outro número musical, com canções em inglês, também na moda, interpretadas por jovens, assumem o papel de reforçar a identidade cosmopolita de Juiz de Fora, idealizada inicialmente a partir da forte presença de imigrantes de diferentes nacionalidades ainda no alvorecer do município. A ausência de qualquer manifestação cultural originária naturalmente da cidade dá maior relevo ao perfil identitário do juizforano, híbrido e deslocado geograficamente. A produção de sentido feita a partir da interpretação que os artistas locais dão aos sucessos nacionais e internacionais, que estão no topo das paradas musicais, traduz o desejo que perpassa toda a programação: a afirmação da diferença e do caráter moderno de Juiz de Fora.

Os entrevistados para compor o programa se resumiam aos patrocinadores do evento que, na verdade, recebiam um espaço para aparecer na programação das tevês Tupi, Itacolomi e Alterosa em troca das verbas que aplicavam, se limitando a reforçar o discurso do pioneirismo industrial da cidade.

No Rio de Janeiro, acreditamos que juntamente com outras emissoras, a TV Globo promoveu o esquecimento da adversária Tupi, absorvendo os profissionais oriundos do canal, para quem restou o silêncio; já em Juiz de Fora, a falência do grupo Associado, aliada a forma improvisada como foram realizadas as experiências de transmissão, corroboraram para o esquecimento da emissora. Mas destacamos o caráter mnemônico das escolhas feitas pela TV Mariano Procópio na construção de narrativas sobre a cidade e que agora, quando descobrimos a sua existência e nos debruçamos sobre a história da emissora, volta a assumir o papel de senhora da memória e do silêncio (BARBOSA in FREIRE FILHO, 2006), através das representações elaboradas pelo canal, que agora produzirão novas significações. Assim, confirmamos a construção da identidade do carioca do brejo via produção da TV Mariano Procópio exibida pela TV Tupi.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no império. In: _____ (org). *História da Vida Privada no Brasil*. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ALVES, Vida. *TV Tupi: uma linda história de amor*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência Nacional*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.
- ANDREOLA, Márcia Regina Gonçalves. *Diário Mercantil: um marco no jornalismo de Juiz de Fora*. Monografia (Graduação em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1995.
- ANUARIO HISTORICO-CHOROGRAPHICO DE MINAS GERAES. Belo Horizonte: 1909.
- ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- AVILA, Affonso. *O barroco e uma linha de tradição criativa*. In: _____. *O poeta e a consciência crítica*. Petrópolis, Vozes, 1969.
- AZEVEDO, André Nunes de. A Capitalidade do Rio de Janeiro: Um exercício de reflexão histórica. In: _____ (org.). *Rio de Janeiro: Capital e Capitalidade*. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/NAPE/DEPEXT/SR-3-UERJ, 2002.
- BARBOSA, Marialva. *Percursos do Olhar: comunicação, narrativa e memória*. Niterói: EdUFF, 2007.
- _____. Percursos do olhar: televisão, narrativa e universo cultural do público. In: FREIRE FILHO, João; VAZ, Paulo (orgs). *Construções do tempo e do outro: representações e discursos midiáticos sobre a alteridade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *História de Minas*. Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1979.
- BARROS, Nicélio do Amaral. *Etnia e proto-industrialização: história e historiografia da participação dos imigrantes alemães no desenvolvimento econômico de Juiz de Fora - 1856/1887*. Revista Ágora, vol. 7. Vitória: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.
- BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: *Teoria da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BELCAVELLO, Frederico. TV Industrial: a representação de Juiz de Fora na TV nos anos 60 e 70. In: I Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação de Minas Gerais, 2008, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2008.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A construção Social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOMENY, Helena. *Guardiães da razão – modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Edições Tempo Brasileiro, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.

BRANDÃO, Cristina. *O grande teatro Tupi do Rio de Janeiro: o teleteatro e suas múltiplas faces*. Juiz de Fora: Editora da UFJF – OP.COM, 2005.

BRINATI, Francisco. *Jornalismo político identificação eleitoral: a construção da imagem de Carlos Alberto Bejani pelos jornais impressos de Juiz de Fora - MG*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo, 1997.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2006.

CARNEIRO, Glauco. *Brasil, primeiro – História dos Diários Associados*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura – volume I*. 3. ed. Trad. Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Iná Elias de. *O mito da necessidade*. Discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.

CASTRO, José de Almeida. *Tupi: pioneira da televisão brasileira*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2000.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *“Europa dos pobres”*: a belle-époque mineira. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.) *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006.

DULCI, Otávio Soares. As elites mineiras e a conciliação: a mineiridade como ideologia. In: *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Editora Cortez, 1984.

ESTEVES, Albino. *Álbum do município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915.

ESTEVES, Albino. O teatro em Juiz de Fora (Apontamentos). *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLV, n. 163, p.1, 13 jul. 1919.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. *História da Comunicação: rádio e TV no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERNANDES, Livia. Telejornalismo na TV Mariano Procópio: primeiros passos do noticiário na TV do interior do país. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 2009.

FERNANDES, Millôr. O carioca É. Antes de Tudo. In: *Que País é Este*. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1978.

FRANÇA. Jean M. Carvalho (org). *Visões do Rio de Janeiro Colonial: antologia textos, 1531-1800*. Rio de Janeiro: Eduerj/José Olympio, 1999.

FREIRE FILHO, João; VAZ, Paulo (orgs). *Construções do tempo e do outro: representações e discursos midiáticos sobre alteridade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

GIROLETTI, Domingos. *Industrialização de Juiz de Fora: 1850 a 1930*. Juiz de Fora: EdUFJF, 1988.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

HABERMAS, J. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000).

HELENO, Alexandre Peixoto. *Revisitando as memórias de Clodesmidt Riani: a trajetória de um líder trabalhista nas grandes lutas sociais que antecederam o golpe civil e militar de 1964*. Dissertação de mestrado. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 3.ed.rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 1992.

HOINEFF, Néelson. *A nova televisão: desmassificação e o impasse das grandes redes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

JAMBEIRO, Othon. *A TV no Brasil do século XX*. Salvador: Edufba, 2002.

JARDIM, Rachel. *Os anos 40: a ficção e o real de uma época*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 2003.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. São Paulo: EDUSC, 2001.

KLAGSBRUNN, Marta; REZENDE, Beatriz (orgs). *A telenovela no Rio de Janeiro 1950-1963*, Quase Catálogo n 4. Rio de Janeiro: CIEC–UFRJ–MIS, 1991.

LEAL, Paulo Roberto Figueira et al. *O Diário Mercantil de Juiz de Fora e as transformações da imprensa brasileira nos anos 50 – a cobertura política entre 1955 e 1965*. In: XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, 2007, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora: UFJF, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LORÊDO, João. *Era uma vez... a televisão*. São Paulo: Alegro, 2000.

MAIA, Aline S. C. *Telejornalismo e identidade: estudo de recepção do jornal nacional entre jovens da periferia de Juiz de Fora-MG*. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*. São Paulo: Scipione, 1994.

MARINS, Paulo César Garcez. *Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MATTOS, Sérgio. *A televisão no Brasil: 50 anos de história [1950-2000]*. Salvador: Editora PAS-Edições Ianamá, 2000.

_____. *História da televisão brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATTOS, David José Lessa. *O espetáculo da cultura paulista – Teatro e TV em São Paulo: 1940-1950*. São Paulo: Códex, 2002.

_____ (org). *Pioneiros do Rádio e da TV no Brasil*. São Paulo: Códex, 2004.

MEDEIROS, Adriano. *Cinejornalismo Brasileiro: uma visão através das lentes da Carriço Film*. Juiz de Fora: FUNALFA, 2008.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007.

MILANESI, Luiz Augusto. *O paraíso via Embratel*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MONTENEGRO, Fernanda. *Fernanda Montenegro: depoimento [mai. 1997]*. Entrevistadora: Maria Cristina Brandão de Faria. In: BRANDÃO, Cristina. *O grande teatro Tupi do Rio de Janeiro: o teleteatro e suas múltiplas faces*. Juiz de Fora: Editora da UFJF – OP.COM, 2005.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e técnica. In: DUARTE, Jorge; e BARROS, Antônio (org). *Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX. Neurose 9. ed.* Rio de Janeiro: Forense, 1997. v 1.

MUSSE, Christina Ferraz. A imprensa e a memória do lugar: Juiz de Fora (1870/1940). In: XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, 2007, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora: UFJF, 2007.

_____. *Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora*. Tese de doutorado. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. *Seguindo a canção, engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969)*. São Paulo: Annablume, 2001.

NASSER, David. *O velho capitão e outras histórias reais*. Rio de Janeiro: Editora O Cruzeiro, 1961.

NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NORA, Pierre. *Memória, esquecimento e silêncio*. In: Estudos Históricos 2(3). Rio de Janeiro, 1989.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

OLIVEIRA, Paulino de. *História de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Companhia Dias Cardoso S.A., 1953.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. *Cidade dos artistas: cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PASSAGLIA, Luiz Alberto do Prado. *A preservação do patrimônio histórico de Juiz de Fora: medidas iniciais*. Juiz de Fora: Instituto de Pesquisa e Planejamento da Prefeitura de Juiz de Fora, 1982.

PAULA, Ricardo Zimbrão Affonso de. *História de Juiz de Fora: da vanguarda de Minas Gerais à "industrialização periférica"*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos 3. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

_____. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

PRIOLLI, Gabriel. *Televisão e Vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

REZENDE, Guilherme Jorge de Rezende. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Adriana Sardinha. *João do Rio e Olavo Bilac cronistas: duas visões da Belle Époque carioca*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2008.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos Anos 50*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

_____; HERSCHMANN, Micael (Orgs). *Comunicação e História: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.

ROCHA, Simone Maria. *A “mineiridade em questão”*: do discurso mítico ao discurso midiático. Tese de doutorado. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

RODRIGUES, Flávio Lins. Telefoto Jornal: O elo perdido entre o cinejornal e o telejornalismo em Juiz de Fora. In: VII Congresso Nacional de História da Mídia, 2009, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2009.

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na república. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 3 v.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano*. Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SAVAGET, Edna. *Silêncio no estúdio: o árduo caminho que conduz à luz, câmara, ação!* Rio de Janeiro: Record, 1976.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. O golpe de 64. In: _____; D'ARAÚJO, Maria Celina (Orgs.). *21 anos de regime militar: balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

STEHLLING, Luiz José. Primeira demonstração pública de TV na América do Sul. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 4 nov. 1961. p.2.

SEVCENKO, Nicolau (org). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Terezinha V. Zimbrão da (org). *Murilo Mendes & Chronicas Mundanas*. Juiz de Fora: UFJF, 2004.

SIMÕES, Inimá; Costa, Alcir Henrique da; KEHL, Maria Rita. Um país no ar: história da TV brasileira em três canais. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SODRÉ, Muniz. *A Comunicação do Grotesco, um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1972.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

TRINTA, Aluizio Ramos. *Por uma identificação da Identidade*. Juiz de Fora. 2009.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1980.

VAZ, José de Oliveira. *TV Itacolomi: sempre na liderança*. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2008.

XAVIER, Ricardo. *Almanaque da TV: 50 anos de memória e informação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000).

FURTADO, Fernando Fábio Fiorese. *Juiz de Fora* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <educatorinfo@gets.org > em 12 maio 1998.

PERIÓDICOS

DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados. Edições: jan. a dez. 1948. De jan. a dez. 1958. De jan. a dez. 1959. De jan. a dez. 1960. De jan. a dez. 1961. De jan. a dez. 1962. De jan. a dez. 1963. De jan. a dez. 1964. De jan. a dez. 1965. De jan. a dez. 1966. De jan. a dez. 1967. De jan. a dez. 1968. 28 nov. 1973.

DIÁRIO DA TARDE. Juiz de Fora, MG: Diários Associados. Edições: jan. a dez. 1948. De jan. a dez. 1958. De jan. a dez. 1959. De jan. a dez. 1960. De jan. a dez. 1961. De jan. a dez. 1962. De jan. a dez. 1963. De jan. a dez. 1964. De jan. a dez. 1965. De jan. a dez. 1966. De jan. a dez. 1967. De jan. a dez. 1968.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, MG: Diários Associados. Edições: de jan. a dez. 1960. De jan. a dez. 1961. De jan. a dez. 1964. De jan. a dez. 1965. De jan. a dez. 1966. De jan. a dez. 1967. De jan. a dez. 1968.

O JORNAL. Rio de Janeiro, RJ: Diários Associados. Edições: de jan. a dez. 1961. De jan. a dez. 1966. De jan. a dez. 1967. De jan. a dez. 1968.

O LINCE. Juiz de Fora, MG. Edições: abr. 1965. Abr/mai. 1967. Abr. 1970. Jul. 1966. Jun. 1970. Set. 1962. Jan. 1967. Nov. 1965. Mai. 1966. Jul. 1965. Jun. 1966. Jun. 1964. Out. 1966. Mai. 1969. Jan. 1968. Ago. 1967. Jan. 1970. Mai. 1970.

REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro, RJ. Edições: de 08 jan. 1966 a 14 mai. 1966.
MATERIAL EM SUPORTE ELETRÔNICO

ANKERKRONE, Elmo Francfort. *Folia na telinha*. São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.sampaonline.com.br/colunas/elmo/coluna2001ffev23.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2009.

ASSIS, Machado. *Quem conta um conto...* Rio de Janeiro, 1873. Disponível em: <<http://www.dominipublicogov.br>>. Acesso em: 10 mai. 2009.

_____. *O caso do Romualdo...* Rio de Janeiro, 1884. Disponível em: <<http://www.dominipublicogov.br>>. Acesso em: 10 mai. 2009.

AZEVEDO, Aluísio de. *O Cortiço*. Rio de Janeiro, 1890. Disponível em: <<http://www.dominipublico.gov.br>>. Acesso em: 10 mai. 2009.

AZEVEDO, Djalma Alves de. *A imprensa do Brasil nasceu em Minas Gerais*. Disponível em: <<http://openlibrary.org>>. Acesso em: 15 ago. 2009.

CADENA, Nelson Varón. *A cobertura da Copa de 1958*. Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: <<http://portalimprensa.uol.com.br/colunistas/colunas/2010/02/02/imprensa601.shtml>>. Acesso: 23 mai. 2009.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes. *Perspectivas teóricas acerca da leitura e análise de relatos de viajantes: Hercules Florence, narrador*. Maringá, 2005. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br>>. Acesso em: 13 mar. 2009.

FONSECA, Rubem. *O mar, a praia e o sol*. Disponível em: <<http://portalliteral.terra.com.br/imprimeartigo/pensamentos-imperfeitos-o-mar-a-praia--o-sol>>. Acesso em: 15 set. 2008.

MARTINUZZO, José Antônio. *Mídia e memória: Estudantes de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo escrevem a história da comunicação capixaba*. Disponível em: <<http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd3/jornal/joseantoniomartinuzzo.doc>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

MENDES, Jairo Faria. *Em Minas, o nascimento tardio*. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=331MCH001>>. Acesso em: 18 set. 2008.

MUSSE, Christina Ferraz. *Telejornalismo e imaginário urbano: a cidade na TV*. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/NAU/article/view/5352/4924>>. Acesso em: 10 mar. 2009.

OLIVEIRA, Cláudia. 2004. *Fotografia e a representação do Rio de Janeiro moderno em Fon-Fon! Selecta e Para Todos... (1907-1930)*. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/15/06.html?studium=index.html>>. Acesso em: 10 mar. 2009.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. *Caminho novo: o circuito das riquezas e dos privilégios no processo de ocupação das Vertentes e Mata Mineira*. Disponível em: <http://www.mestradohistoria.ufjf.br/download_artigo.php?cd_noticia=MTM3>. Acesso em: 10 mai. 2009.

PASCHOAL, Francisco José. *Getúlio Vargas e o DIP: a consolidação do “marketing político” e da propaganda no Brasil*. Disponível em: <<http://www.virtu.ufjf.br/artigo%207a14.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2009.

PINTO, Carlos Inácio. *O caminho das Minas de Goiás*. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra12/caminhosgoias.html>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

PRATA, Nair. *O rádio mineiro e a cobertura do suicídio de Getúlio Vargas*. Florianópolis, 2004. Disponível em: <<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1315.html>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *A década das grandes mudanças*. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=438a_ZL006>. Acesso em: 10 dez. 2008.

RODRIGUES, Cláudia. *A cidade e a morte: a febre amarela e seu impacto sobre os costumes fúnebres no Rio de Janeiro (1849-50)*. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701999000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 fev. 2009.

RODRIGUES JÚNIOR, Francisco. *Por que carioca é cari-oca?* Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://pt.shvoong.com/humanities/1776517-por-que-carioca-%C3%A9-cari/>. Acesso em: 10 jun. 2009.

SILVA, Adriana Hassin. *A construção da modernidade: Brasília e a imagem do Brasil Moderno*. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/>>. Acesso em: 30 jul. 2009.

SCHULTZ, Kirsten. *Perfeita civilização: a transferência da corte, a escravidão e o desejo de metropolizar uma capital colonial - Rio de Janeiro, 1808-1821*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n24/a02v1224.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2009.

VIEIRA, Marcos Vinicius; MOURA, Rachel de Almeida. *A cidade do Rio de Janeiro e suas representações na/da paisagem: beleza e medo*. Curitiba, 2006. Disponível em: <<http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-1/comunicacoes/rachel-marcos.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2009.

MATERIAL GRAVADO EM ÁUDIO

CASTRO, *Affonso Celso Reis Oliveira*. *Affonso Celso Reis Oliveira Castro*: depoimento [nov. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 1 fita cassete (60min): estéreo.

CID, Wilson. *Wilson Cid*: depoimento [out. 2006]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2006. 1 fita cassete (60min): estéreo.

DIAS FILHO, Renato. *Renato Dias Filho*: depoimento [jun. 1980]. Entrevistadores: Arides Braga, Almir de Oliveira, Robertson Plishke, Celina Braga Dias. Juiz de Fora, 1980. 3 fitas-cassetes (180min):estéreo.

FREIRE, Olavo Bastos. *Olavo Bastos Freire*: depoimento [jun. 2001]. Entrevistadores: Nilo de Araújo Campos e Hilda Rezende Paula. Juiz de Fora, 2001. 1 mini-disk: estéreo.

LARCHER, Roberto Larcher. *Roberto Larcher*: depoimento [nov. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 1 fita cassete (60min): estéreo.

NETTO, José Paulo. *José Paulo Netto*: depoimento [nov. 2004]. Entrevistadora: Christina Ferraz Musse. Rio de Janeiro: 2004. 2 fitas micro-cassetes (120min): estéreo.

TEIXEIRA, Vicente de Paula. *Vicente de Paula Teixeira*: depoimento [dez. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 1 fita cassete (60min): estéreo.

MATERIAL GRAVADO EM ÁUDIO/VÍDEO

BRAGA, Carlos Fabiano. *Carlos Fabiano Braga*: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Belo Horizonte, 2009. 3 fitas mini-DV (60 min).

COLUCCI, Luiz Antônio Horta. *Luiz Antônio Horta Colucci*: depoimento [set. 2008]. Entrevistadora: Christina Ferraz Musse. Juiz de Fora, 2008. 1 fita mini-DV (60min).

COURI, Jorge Constantino. *Jorge Constantino Couri*: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 1 fita mini-DV (60min).

CID, Wilson. *Wilson Cid*: depoimento [set. 2008]. Entrevistadora: Christina Ferraz Musse. Juiz de Fora, 2008. 1 fita mini-DV (60min).

FURTADO, Rubens. *Rubens Furtado*: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 2 fitas mini-DV (120min).

KNEIP, Maria Tereza. *Maria Tereza Kneip*: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 2 fitas mini-DV (120min).

MORAIS, Mário Manzolilo. *Mário Manzolilo de Moraes*: depoimento [jan. 2010]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 2 fitas mini-DV (120min).

PURRI NETO, Víctor. *Víctor Purri Neto*: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Belo Horizonte, 2009. 3 fitas mini-DV (60 min).

RODRIGUES, Áurea Gabriela Lins. *Áurea Gabriela Lins Rodrigues*: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 1 fita mini-DV (60min).

TAVARES, Geraldo Magela. *Geraldo Magela Tavares*: depoimento [dez. 2008]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2008. 2 fitas mini-DV (120min).

ANEXO 1 - Diário da Tarde, 28 de setembro de 1948, 1ª página.

Orgão dos DIÁRIOS ASSOCIADOS, fundado em 1942
 JUIZ DE FORA — TERÇA-FEIRA, 28 DE SETEMBRO DE 1948

JUIZ DE FORA, PIONEIRA DA TELEVISÃO NO BRASIL

Com a presença dos srs. general Demerval Peixoto, comandante da 4.ª Região Militar; Dilermando Cruz Filho, prefeito municipal de Juiz de Fora; do chefe do Estado Maior Regional e de oficiais da guarnição; dos vereadores à Câmara Municipal e de outras altas autoridades civis, foi levada a efeito, hoje pela manhã, nesta cidade, a primeira experiência oficial já realizada no Brasil, com aparelhos de televisão.

Juiz de Fora, pioneira no tocante ao aproveitamento da energia hidráulica para o fornecimento de eletricidade, posto que aqui foi instalada a primeira usina hidro-elétrica na América do Sul, o é também agora, relativamente à televisão, uma das últimas aquisições da ciência mundial.

As experiências alcançaram o mais completo êxito, tendo as pessoas presentes externado o seu entusiasmo e admiração pelo que lhes foi dado presenciar.

Realizaram-se elas entre o Clube Juiz de Fora, onde fora instalada a estação transmissora, e a Casa do Rádio, na avenida Getúlio Vargas, local em que ficou o aparelho receptor.

O conjunto — transmissor-receptor — foi inteiramente construído nesta cidade pelo técnico Olavo Bastos Freire. Embora de dimensões reduzidas, dado que seu idealizador não dispõe de grandes recursos, a transmissão se fez com a máxima nitidez, ponto mais uma vez à prova a capacidade empreendedora de nossa gente.

No decorrer das solenidades, fizeram-se ouvir os srs. general Demerval Peixoto, prefeito Dilermando Cruz Filho e o presidente do Clube Juiz de Fora, sr. José Maria Monteiro Mendes, todos manifestando sua satisfação pelo êxito das experiências, que foram patrocinadas pelo Clube Juiz de Fora e pela Casa do Rádio.

Em seu discurso, o sr. José Maria Monteiro Mendes ressaltou "o esforço, a competência, a tenacidade e o dinamismo, a capacidade criadora e o idealismo de um moço, pobre em recursos materiais, porém, riquíssimo nas citadas virtudes, Olavo Bastos Freire. Nascido em Leopoldina, mas juizdeforano de coração, aqui reside, empregando a sua atividade, há mais de vinte anos. E por seu esforço, Juiz de Fora, pioneira das grandes iniciativas, onde se instalou a primeira usina hidro-elétrica da América do Sul; onde empreendimentos de relevo nacional têm encontrado o seu berço, vá hoje funcionar, pela primeira vez no Brasil, um aparelho de televisão, já vitoriosa na América do Norte e que dentro em breve dominará o mundo".

Magnífico êxito nas experiências realizadas hoje pela manhã — Presentes as altas autoridades civis e militares

QUEM É O CONSTRUTOR DO APARELHO
 No decorrer das solenidades, fizeram-se ouvir os srs. general Demerval Peixoto, prefeito Dilermando Cruz Filho e o presidente do Clube Juiz de Fora, sr. José Maria Monteiro Mendes, todos manifestando sua satisfação pelo êxito das experiências, que foram patrocinadas pelo Clube Juiz de Fora e pela Casa do Rádio.

Misterio em torno de Gottwald
FOI PASSAR AS FERIAS NA RUSSIA E NÃO REGRESSOU
 PRAGA, 28 (U. P.) — Revelou-se que o presidente...

STALIN TER SER O CHI

PROTEÇÃO DIRETA
 Pela conclusão, mesmo teórica que se pode ter do resultado...

ANEXO 3 - Diário Mercantil, 11 de maio de 1958, p. 5.

Obrigado, Juiz de Fora!

LINHA de OURO

TV Emerson 2158 o mais fino que se pode comprar...

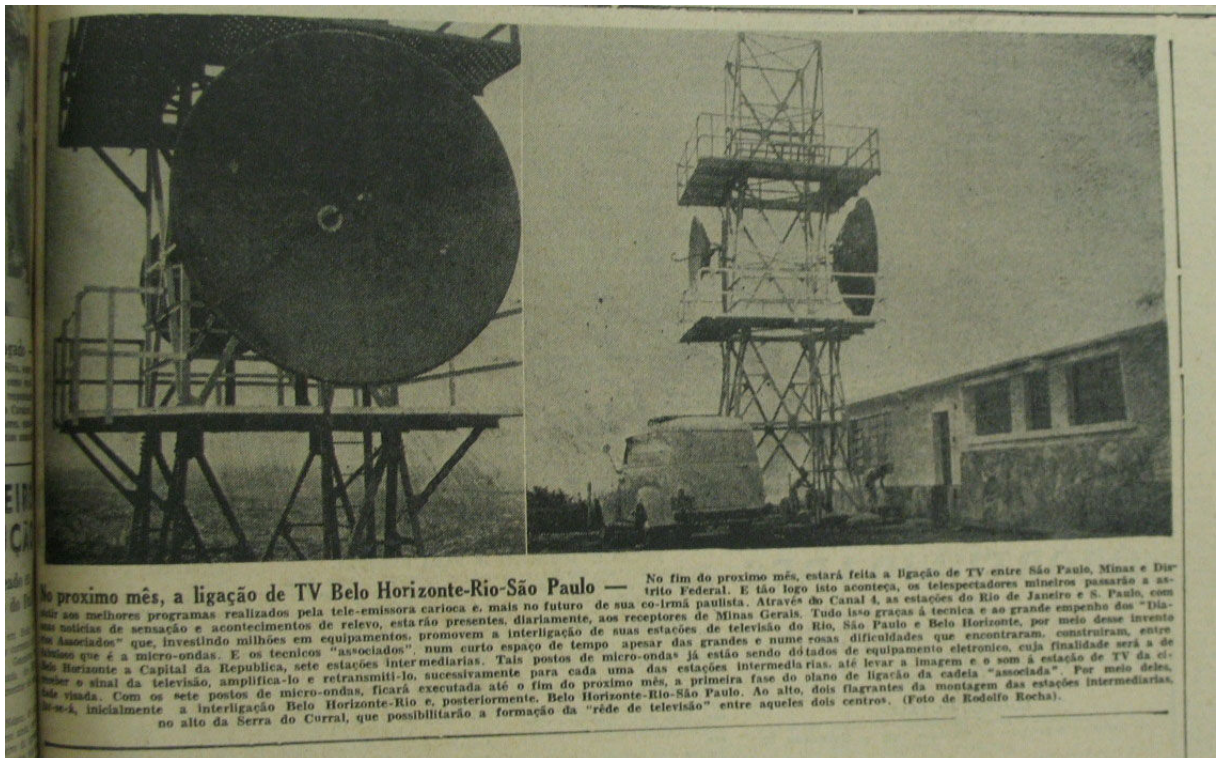
Gratos estamos, pela preferência extraordinária que está sendo dispensada ao Televisor EMERSON.

Tendo ao seu dispor o mundo de maravilhas que só a Televisão pode oferecer, a cidade mais progressista do Estado de Minas Gerais terá também a seu serviço uma organização dedicada à garantia e manutenção dos receptores EMERSON.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXPOSIÇÃO A CARGO DA
TV-SERVICE LTDA. - Rua Batista de Oliveira, 656



ANEXO 4 - Estado de Minas, 24 de novembro de 1959, 1ª página.



No próximo mês, a ligação de TV Belo Horizonte-Rio-São Paulo — No fim do próximo mês, estará feita a ligação de TV entre São Paulo, Minas e Distrito Federal. E tão logo isto aconteça, os telespectadores mineiros passarão a assistir aos melhores programas realizados pela tele-emissora carioca e, mais no futuro de sua co-irmã paulista. Através do Canal 4, as estações do Rio de Janeiro e S. Paulo, com notícias de sensação e acontecimentos de relevo, esta rádio presentes, diariamente, aos receptores de Minas Gerais. Tudo isso graças à técnica e ao grande empenho dos "Diários Associados" que, investindo milhões em equipamentos, promovem a interligação de suas estações de televisão do Rio, São Paulo e Belo Horizonte, por meio desse invento que é a micro-ondas. E os técnicos "associados", num curto espaço de tempo apesar das grandes e numerosas dificuldades que encontraram, construíram, entre Belo Horizonte a Capital da República, sete estações intermediárias. Tais postos de micro-ondas já estão sendo dotados de equipamento eletrônico, cuja finalidade será a de receber o sinal da televisão, amplificá-lo e retransmiti-lo, sucessivamente para cada uma das estações intermediárias, até levar a imagem e o som à estação de TV da cidade visada. Com os sete postos de micro-ondas, ficará executada até o fim do próximo mês, a primeira fase do plano de ligação da cadeia "associada". Por meio deles, inicialmente a interligação Belo Horizonte-Rio e, posteriormente, Belo Horizonte-Rio-São Paulo. Ao alto, dois flagantes da montagem das estações intermediárias, no alto da Serra do Curral, que possibilitarão a formação da "rede de televisão" entre aqueles dois centros. (Foto de Rodolfo Rocha).

ANEXO 5 - Diário Mercantil, 12 de janeiro de 1960, p. 8.

A imagem e o som da TV-Tupi para os telespectadores de Juiz de Fora

Visita de inspeção de engenheiros e técnicos



Até o dia 15 de fevereiro próximo, o Canal 10 da Televisão Tupi estará espalhando a sua imagem e som para os telespectadores de Juiz de Fora, que aguardam ansiosamente a programação da emissora de TV dos "Diários Associados" pelo sistema de micro-ondas, o que de melhor existe em matéria de transmissão e recepção.

INSPEÇÃO PROVEITOSA
Acompanhando a visita que técnicos e engenheiros da GLOBAR e da TV-Tupi realizaram no alto da colina do Linhares — Arado, para uma inspeção dos trabalhos que ali vêm sendo realizados, pôde o DIÁRIO MERCANTIL que a instalação da aparelhagem es á praticamente concluída, pois falta apenas entrar em funcionamento.

ENGENHEIROS E TÉCNICOS

Concluídos os trabalhos de instalação da torre do Linhares-Arado — Até 15 de fevereiro a aparelhagem estará funcionando e o Canal 10 penetrará nos televisores da nossa cidade

Trinta anos de imprensa completa Nello Gervason

A data de hoje — 12 de janeiro de 1960 — é das mais gratas para toda a família "Associada" de Juiz de Fora: Nello Gervason completa 30 anos de vida jornalística. A satisfação com que registramos esse acontecimento é muito grande e, certamente, o será também em toda a imprensa local.

Durante esse lapso de tempo, os companheiros de Nello Gervason sempre viram nele um profissional dedicado, conhecedor profundo das lides jornalísticas e um amigo. A dedicação, o amor ao jornalismo, a perseverança de Nello Gervason fizeram-no um profissional atento aos interesses da imprensa, um homem identificado com os interesses do leitor, o conhecimento das normas disciplinadoras da imprensa, da técnica jornalística, do manejo com o material do jornal e do conteúdo jornalístico Nello Gervason o possui aliado a essa sua dedicação que voltamos a destacar.

Sua dedicação constante a esse mister levou-o a fundar, em 1932, o "Diário da Tarde" vespertino que o povo de Juiz de Fora não dispensa.

Como homem de imprensa, sempre procurou destacar e manter o ponto de vista que consulta o interesse do público leitor, contribuindo no sentido de os órgãos "Associados" de Juiz de Fora emprestarem sua colaboração ao progresso da cidade e na defesa do povo. Além do mais, para seus colegas jornalistas, sempre tem demonstrado interesse em servir. Como presidente do Sindicato de nossa classe, conseguiu surgir a entidade, dando outro exemplo de bom trabalho. Os jornalistas de Juiz de Fora não se esqueceram disso.

DIÁRIO MERCANTIL
Orgão do DIÁRIOS ASSOCIADOS, fundada em 1912
ANO XLVI:II JUÍZ DE FORA — Terça-feira, 12 de Janeiro de 1960 N. 14.077

A homenagem de despedida a Tibério Celso Ciampi
O estimado radialista, funcionário da SUMOC, foi transferido para o Rio de Janeiro — O que foi o festivo almoço realizado domingo último na Churrascaria Palácio

História da Literatura Ocidental
Esta monumental obra de Otto Maria Carpeaux acaba de ser lançada

A cidade irá ter sua emissora de televisão

A TV-Mariano Procopio será instalada em Juiz de Fora

Vés de uma poderosa sociedade aérea

A referida sociedade terá um capital de quinze milhões de cruzeiros - Vai ser iniciada, em breve, a venda de ações ao público - A Comissão Executiva constituída para a emissão de títulos de empréstimo já está trabalhando para a conclusão dos planos necessários

DIÁRIO MERCANTIL

Órgão dos DIÁRIOS ASSOCIADOS, fundado em 1912

ANO XLVIII JUIZ DE FORA - Quarto-feira, 20 de Janeiro de 1960 N. 14.084

Caderno de viagem - IX

Como surgiu a primeira Escola Técnica de Eletrônica da América do Sul

Orgulho de uma cidade que deve muito a uma mulher: d. Sinhá Moreira - Assis Chateaubriand chamou-a de "barranqueira do Sapucaí" - Juscelino colaborou com o peso de seu governo - A sede "provisória"... parece definitiva! - Onde entra Rachel de Queiroz

Texto de ANDRÉ KALLAS



ESTE É O PRÉDIO "PROVISÓRIO" DA ESCOLA: É simplesmente fabuloso o conjunto de edifícios (cuja construção se iniciou brevemente) que abrigará a primeira Escola Técnica de Eletrônica da América do Sul. No moderno prédio da fotografia a Escola está funcionando provisoriamente já em seu segundo ano. As instalações são perfeitas.

NOTA: - Esta reportagem foi posta no Correio a 13 do corrente sendo recebida em nossa redação somente ontem dia 18. O autor da mesma chegou antes.

Este proza, outra vez, a "eficiência" dos Correios...
Sinhá Rita do Sapucaí, 11 de janeiro de 1959 - Em 11 de dezembro de 1958, o presidente Juscelino Kubitschek, pronunciou um discurso em Juiz de Fora, quando parabenizava a primeira turma de formandos da Faculdade de Medicina, referindo-se às mudanças que seu governo vinha tomando para ampliação

KEGEL CLUB JUIZ DE FORA

Assembleia Geral

Convoquei todos os associados do Kegel Club Juiz de Fora, para a Assembleia Geral a realizá-la em sua sede social, à Rua Evanchuk da Câmara, em 18 horas do dia 27-1-1960, em convocação, para as eleições da nova Diretoria.

O Presidente, Paulo Orlindo Henri

(1959)

DAR ESMOLA NA RUA E AUXILIAR A VADIAGEM



exclusivos para os associados de Juiz de Fora

O homem já foi atropelado duas vezes quando em estado de embriaguez

Há tempos, escapou milagrosamente de ser morto por um trem - E, agora, foi colado por um caminhão - Mas, ainda desta feita, tornou a escapar da morte

Um homem de 39 anos de idade, conhecido por Prônio Socorro, onde ele trabalha como curativo, permanecendo internado por mais algumas horas de observação.

ENCONTRO DO CAMINHÃO

Na tarde de 29 horas. Após sofrer de uma queda

A cidade irá ter sua emissora de televisão

A TV-Mariano Procopio será instalada em Juiz de Fora

Vés de uma poderosa sociedade aérea

Juiz de Fora, cidade planejada em diversos setores de atividades, caminha agora a passos largos para ocupar a vanguarda em outro grande empreendimento: a concretização da instalação e funcionamento da TV-Mariano Procopio, Juiz de Fora será a primeira cidade interiorana que se orgulha de ter sua emissora de televisão, que dentro de pouco tempo será transmitindo os acontecimentos locais e nacionais de maior relevância e importância, está sendo constituída uma poderosa sociedade anônima, cujo capital atinge à quantia de quinze milhões de cruzeiros, sendo de seu total que será a instalação definitiva a TV-Mariano Procopio contará com uma comissão com equipamento capital no valor de onze milhões.

SUBSCRIÇÕES

Do capital da sociedade anônima a organização "associada" do Brasil contribuirá com parcela superior a sete milhões de cruzeiros, que já foram subscritos. O restante do capital será conseguido com a venda de ações no valor nominal de Cr\$ 1.000,00 e que brevemente estarão no mercado.

DIREÇÃO GERAL

A constituição da Sociedade Anônima "Mariano Procopio" que montará na cidade a primeira estação interiorana de televisão, está sob a direção geral do sr. Edison Varela, que contará com a assessoria do sr. Renato Dias Filho, diretor da

Em momentos de grande pavor os passageiros de um ônibus que se dirigia subscrito para o centro da cidade, quando o mesmo "afogou" sobre as trilhas da E. F. C. O momento quando se aproximava uma trem.

O ônibus que tem a placa n.º 61.64.84 e pertence à Viação L'Or, linha de Bonfim, foi procedida daquele bairro, cerca das 15.30 horas, numa de suas viagens regulares. Entretanto, devido pela avenida da Rio Branco e pretendia ultrapassar a passagem de nível nas proximidades do Sueri Clube, quando o motor "morreu" justamente sobre a linha.

ABALROADO PELA MÁQUINA

Os passageiros verificaram com horror que justamente naquele momento aproximava-se a máquina n.º 454 da Estrada de Ferro Central do Brasil, em manobra. Não houve tempo de a máquina Sueri Club, parada na estação de Jurema, parada n.º 134.882, parar o coletivo a tempo, sendo baleado assim, forte abaloamento da máquina contra a fresta do coletivo.

Em consequência, o ônibus foi atropelado para um lado, e rebatendo a cerca de 10 metros para o lado da direita, com várias vítimas.

UMA VÍTIMA

Uma guarda-costas de Raulo Teixeira, alguns minutos depois compareceu ao local e verificando que, infelizmente, havia ocorrido o acidente de trânsito. José Valdir Moraes, residente na Vila de Santa Rita de Cálias, saiu machucado, com escoriações nas duas pernas, tendo sido atendido no SAMDU e se recuperou logo para seu domicílio.

O motorista do ônibus foi baleado e levado para o Hospital de Trauma e Acidentes

ANEXO 7 - Estado de Minas, 12 de abril de 1960, p.2.

Juiz de Fora terá também uma estação de televisão

Terá o nome de Mariano Procópio, em homenagem á memoria do grande pioneiro rodoviario — Metade das ações para subscrição do povo

Os Diários, Rádios e TV Associados deverão instalar, brevemente, em Juiz de Fora, uma nova estação de televisão, para integração no circuito de micro-ondas que liga São Paulo, Rio e Belo Horizonte e que constitui um dos mais arrojados empreendimentos técnicos já executados no país. Será esta a primeira estação de tv a ser instalada em cidades do interior e assinalará a concretização de antigo compromisso assumido pela alta direção associada com o povo juizdeforano. Numa deferência especial á memória do grande brasileiro Mariano Procópio, construtor da primeira rodovia do Brasil, a estação receberá o nome de "TV Mariano Procópio S. A.". Os planos para a inclusão de Juiz de Fora na cadeia televisora associada, acham-se em fase bastante adiantada, já tendo sido convocada a participação do público para a formação do capital necessário á realização, segundo orientação que vem sendo adotada com inteiro sucesso pelos dirigentes da cadeia associada em diversos pontos do país.

AÇÕES A VENDA

Cerca de 15.200 ações ordinárias nominativas e 14.800 ordinárias nominativas, no valor de Cr\$ 1.000,00 cada uma, foram colocadas á venda para a formação do capital de 30 milhões de cruzeiros da nova sociedade. Até o momento, poucos dias após o seu lançamento, foram subscritas as 14.800 ações preferenciais pelos srs. Assis Chateaubriand, João Calmon, Gilberto Chateaubriand, Fernando Chateaubriand, Edison Varella, Nereu Bastos, Jean Paul Henry Compéné, Vito Purri, Edmundo Monteiro, Renato Dias Filho, José Aureliano de Holanda, Eládio Lopes Mário Moraes, Nello Gervason, Aride Braga, Oswaldo Gouveia, Hipolito Caron de Assis e Délio Cattaldi. As ações ordinárias, igualmente, vêm apresentando grande aceitação por parte da população juizdeforana e de inúmeras cidades vizinhas, fato que assegura total êxito para mais esta iniciativa dos Associados.

Está circulando
"O CRUZEIRO"

GRANDE INVERSAO DE CAPITAL

A rede de micro-ondas que forma o triangulo Rio-São Paulo-Belo Horizonte, representou para a organização associada, só em equipamentos técnicos, um investimento da ordem de 3.500 mil dólares até o momento de sendo o custo total do empreendimento atingir a casa de 1 bilhão de cruzeiros, aproximadamente. Com a instalação da TV Mariano Procópio, terá Juiz de Fora também as imagens e o som produzidos nos estúdios das tvs. do Rio, São Paulo e Belo Horizonte.



Integrando a Missão Econômica Brasileira, embarcou para Caracas, Venezuela, pelo «Britania» da Transcontinental, o Sr. Eugen Baemann, Gerente Geral da «Vulcan Material Plástico S. A.» Essa Missão, organizada pelo Hamarati, tem por objetivo estabelecer entendimentos com o Governo e Comércio de Venezuela, visando um incremento das nossas transações principalmente no que se refere á exportação de produtos manufaturados no Brasil.

ANEXO 8 - Estado de Minas, 17 de abril de 1960, p.7

OS "DIÁRIOS E EMISSORAS ASSOCIADOS" ATINGEM AS METAS TRAÇADAS POR ASSIS CHATEAUBRIAND

Contando, já, com 34 jornais, 21 emissoras de rádio, 5 emissoras de televisão e 10 revistas de circulação nacional — além de "O Cruzeiro Internacional", editado em castelhano para toda a América Latina

— a cadeia Associada reafirma sua crença no fabuloso futuro do Brasil, anunciando com orgulho o cumprimento das metas traçadas por seu criador, Assis Chateaubriand, para concretização este mês.

ABRIL DE 1960

17 DE ABRIL

INTERLIGADAS PELA TELEVISÃO RIO, SÃO PAULO, BELO HORIZONTE, RIBEIRÃO PRÊTO

A inauguração da cadeia de microondas concretiza a rede de televisão Associada entre as quatro cidades — levando a milhões de telespectadores, em toda a região, a imagem que parte de qualquer uma delas.

20 DE ABRIL

MICROONDAS LIGAM BRASÍLIA À REDE ASSOCIADA DE TELEVISÃO

Inauguração da rede de microondas que liga a nova Capital a Belo Horizonte, Rio, São Paulo e Ribeirão Preto.

20 DE ABRIL

LANÇAMENTO DO PRIMEIRO JORNAL EDITADO EM BRASÍLIA

Feito em Brasília para todo o Brasil, o "Correio Braziliense" é o único jornal diário composto e impresso na nova Capital.

20 DE ABRIL

"DIÁRIO DA NOITE" EM TABLÓIDE - O ÚNICO VESPERTINO CARIOCA

Ganha o Rio seu primeiro autêntico vespertino: o novo "Diário da Noite" em tablôide, que circulará às 16:00 horas, apresentando hoje as notícias de hoje.

20 DE ABRIL

NO AR A "TV-BRASÍLIA"

A "TV-Brasília" lança ao ar sua imagem. É a presença da eletrônica, no século da eletrônica, na mais nova e moderna cidade do mundo.

30 DE ABRIL

CAMPANHA DAS 100.000 ASSINATURAS DE "O JORNAL", DO RIO DE JANEIRO

Inicia-se a campanha que tornará o órgão líder dos Diários Associados o matutino de maior circulação do Brasil.

...E ANUNCIAM OS OUTROS NOVOS E GRANDES EMPREENDIMENTOS DAS METAS DESTES ANO

No curso de 1960, serão inauguradas estações Associadas de Televisão em **FORTALEZA RECIFE SALVADOR - CURITIBA**

E um segundo canal de TV, da cadeia Associada, em cada uma das seguintes capitais:

RIO: TV. Mayrink Veiga
SÃO PAULO: TV Cultura
BELO HORIZONTE: TV. Alterosa

O espírito criador de Assis Chateaubriand construiu os "Diários e Emissoras Associados" que contribuem agora, como há trinta anos, para consolidar a unidade nacional

ANEXO 9 - Diário Mercantil, 8 de maio de 1960, p.9.

DIÁRIO MERCANTIL — Domingo, 8 e Segunda-feira, 9 de Maio de 1960

PRIMEIRO MILHAO DE CRUZEIROS

Subscrito no início da venda das ações da

TV MARIANO PROCÓPIO S.A.



Iniciou com aplausos e apoio do povo de Juiz de Fora a TV MARIANO PROCÓPIO S. A.

Em 5 dias da data do seu lançamento, foram subscritos CR\$ 1.164.000,00 de ações preferenciais.

Mapa dos portadores das ações tomadas até 27 de abril de 1960.

<p>Abelino Biffini Aldo Couri Alvaro Carlos Corrêa Saraiva Antônio Chaffin Antonio Firjan Filho Antonio José Rebel Antonio Passarini Júnior Antonio Paturu Zaka Antonio R. de Lima e Mendonça Dr.</p> <p>Antônio Vieira Gomes Fraga Antonio Salles Duarte Antonio Nicolau Lagrotta Antonio Coelho Costa Antonio Baccelli Gomes Antonio José de Freitas Antonio Pádua Antonio Campos Pandevani Antonio Gilson Antonio Soares Moutinho Antonio Simões Alves-Str. Antonio José Dias Antonio Rodrigues Antonio Maita Antonio Duarte Antonio Favalto-Dr. Antonio José Carama Antonio José Quastrotti Antonio Nolasco Antonio Falcão Antonio Pereira de Andrade Antonio Estácio Junqueira-Dr. Antonio Gomes Virelli Antonio Ernesto Antonio Ernesto de Andrade-Dr. Antonio de Zaluski-Dr. Antonio Américo R. de Costa Antonio Vilela de Castro Antonio Lobato Magalhães Antonio Motta Antonio Belfini Antonio Chaffin Antonio José Nunes Pereira Antonio Vilela de Andrade</p>	<p>Benedito Vileta de Silva Bolívar Guimarães Diniz Carlos Jureas Belfort Arantes Carmélia Tassinari Marzemp Ciro Sampão Cordeiro Celso Cardoso Pinto Carlos Fereszaco Fagundes Castro Brandt Celli Raed Carlos Mauro de Oliveira Carlos Magnavaca Eduar Gomes Carina Alberto Lott Cláudio Gerani Cláudio Martins Sena Cláudio Vilela de Andrade Celso Brandt Moreira Castelar Modesto Guimarães-Dr. D. D. Bisognin Djalma De Landa Demerval Moreira de Andrade Décio Rezende de Andrade Dilmarino Cruz Filho-Dr. David Dabbat David Pinheiro Guerra Eduardo Zaccaro Rosa Edgard Lagrotta Ernani Vicente Lavrotta Rodrigo Teófilo Pires-Deputado Eduardo Almeida de Meneses Evandro de Landa Eugenio José Maia Eduard Berto Salgado Eduardo Alvares Emanuel de Oliveira Araújo Edson Gonçalves Edgard Ribeiro de Castro Elias Dabbat Eliete Vilela de Andrade Francisco de Paula Alvares Cordeiro-Dr. Francisco Marangon Netto Francisco Vieira Francisco Soldati Francisco de Carvalho Pisses</p>	<p>Francisco da Cruz Frederico Francisco Castro Côtes Francisco Queiroz Cappato Francisco Coelho da Silva Francisco Malvesta Fulvio Marcos de Landa Júnior Felipe Cotery Jabor Fernando Jorge Fagundes Netto Fábio Florentino de Lima Fábio Gustavo Rodrigues Gefalino Gomes de Azevedo Gustavo José Moutinho Gurildo Miranda Campos Gildo Leonel Gervásio Cardoso de Mello Gedeão Biffini Genery Guimarães-Dr. Gustavo José de Souza Gurildo Côtes Costa Geneci Diniz Costa José Simão Geraldo Piacentini Geraldo Ribeiro de Valle-Dr. Graciano Mello Galdino Pereira de Carvalho Gustavo Nogueira de Carvalho Hamilton Magalhães Hamilton Bastos de Oliveira Heitor Gonçalves da Silva Heitor de Paula Heraldo Guerra Peixe Hugo Elias Mascarenha Helena Mascarenha Ribeiro Heloisa de Faria Medeiros Mermínio Rodas Martins-Dr. Ibal Silveira Casali Ivan de Landa Ivano Pereira Iriske de Paula-Dr. Ivan Forzasser Cavallieri-Dr. Jorge Antonio Jair de Oliveira Lessa Judith Felix de Lado-Dr. Jairo Coelho Júnior Jairo Toledo Lima-Dr. Jorge Elias Alves João Basso Loureiro João Meneses Filho João Lopes João da Silva Braga</p>	<p>João Alves de Medeiros-Dr. João Leite Alves Valadiz-Dr. João Pittella-Dr. João Marcel Bitencourt João Passarini João Rodrigues da Silva João Teixeira da Silva José Fereira de Matos José Villar de Oliveira José Sabino Filho José Picinelli Filho José Alberto Matta Reis José Carlos de Castro Barbosa-Dr. José Lúclav José Fonseca Soares-Dr. José Grewingheri José Guimarães Júnior José Galli Alencar José Nuno Primo José Simão José Oceano Soares José Antonio Kemper José Roberto Matta Reis José Magalhães Monteiro Viana José Pereira Coelho Magalhães José Mariano Borges de Moraes-Dr. José Barbosa de Castro-Dr. José Cândido Côtes Villalá-Dr. José Machado Pontes-Dr. José Belo da Silva José de Oliveira Lessa Leiz Pinto do Couto Leiz Brant Fortia Leiz Carlos Carvalho Leiz Sá Alves Leiz de Campos Barros Leiz Rosa Maximiliano Júnior Leiz de Rocha Viana Leiz Olivato Brandão Leiz Sousa Gibera Lécia Sfeir Firjan Leandro Pinto Alvares Manoel Lamas de Andrade-Dr. Manoel Borges da Silveira Manoel Loures Maurício de Campos Bastos-Dr. Maurício José de Araújo Maurício de Landa</p>	<p>Milton Romanelli Marcos Aurélio Machado Sobrinho Maurício Raul Zappi Mário Antônio Maia Márcio Gomes Fraga Mário Heleno de Lery Santos-Dr. Milton Erasz de Priva-Dr. Mário Hugo Ladeira-Deputado Mauro Mascarenha Ribeiro-Dr. Mário Annoni Firjan Maurício de Valle Aguiar Nicolino Bianco Nino Pires Alves Nestor Vasconcelos Nelson Miguel Jacob Nicolau Nolasco Nadir Adriano Nelson Oliveira Castro Norval Viccini Olavo Costa Oceano de Souza Oswaldo Palato Hargreaves Odilon Pires Alves Oswaldo Horta Orlando Delmonte Orlando Clampi Orlindo Bonato Orestiano da Silva Ramalho Oswaldo Costa Orlando José de Faria Oswaldo Pinto Correa Oswaldo Horta Júnior Oscar Pereira Lopes Oliveiro José Teixeira Omar Furtini Teixeira Oleg Nichevsk Estevaz Ornilde Maia Filho-Dr. Olavo Cruz-Dr. Olavo Jaime de Andrade Paulo da Silva Lima Paulo Delmonte Paulo Machado Lima Brandão Paulo Lemos Barros Paulo Roberto Chaffin Paulo Vieira Marques-Dr. Pedro Augusto Frazuel Pantaleão Arcuri Netto-Dr. Plicínio de Magalhães Gomes-Dr. Zezariza Rafael</p>	<p>Pedro Machado de Souza Pedro Dabbat Pedro José Hellack Reinaldo Francisco Miranda Romão J. Delmonte Ronald Delmonte Romão Delmonte Roberto Berta Reis Ricardo Arcuri Rafael Antonio Jorge Ricardo Antonio Firjan Roberto Medeiros-Dr. Roberto Dabbat Sibyllus Delmonte Sylvio Machado-Dr. Sebastião Geraldo Carnivalli Silviano Franceschi Sebastião Friberto de Castro Sebastião H. Pezade Sebastião Antonio de Souza Sérgio Guimarães Júnior Teodósio Alves de Assis-Dr. Tarciso Neves-Dr. Tales Costa-Dr. Théo Sobrinho Viana Miana Viana de Landa Viana Cappato Monachel Václava Cristoforo Monachel Virginia Cappato Monachel Vicente Boti-Dr. Vital Pinheiro de Souza-Dr. Victor Zarentonello Wanderkolk Moreira-Dr. Waldemar Sotias Waldor Rozende de Almeida-Dr. Waldir Novellino da Silva-Dr. Waldir Ferreira Bessa Waldir Mascarenha Telles Waldir de Oliveira Walter Lazarini Walter Nogueira Waldemar Santos Bastos-Dr. Wadi Ayob Wilson Couty Jabor Wilson Brandão-Dr. Wanilda Ferraz de Costa Reis Wanilda Fernandes Costa Reis William Couty Jabor Waldir Abdó Farah</p>
--	--	---	--	---	--

QUEM A VENDA COM Renato Dias Filho, Dr. Eládio Lopes, Dr. Mário César Morais, José Aureliano Holanda, Décio Cataldi, Nelo Gervason, Oswaldo Gouvêa, Hipólito Caron e Arides Braga.

AUTORIDADES QUE JÁ SUBSCRVERAM AÇÕES: — Tarciso Neves, Secretário das Finanças; Olavo Costa, prefeito Municipal; Abel Biffini, deputado Federal; Eudécio dos Pires e João Navarro, deputados estaduais; Assis Ribeiro de Valle, José Machado Penido e Pedro Machado Souza, líderes da Coligação; Francisco Frederico e Elias V. Andrade, presidentes das Associações Comercial e Turista.

ANEXO 11 - Diário Mercantil, 20 de agosto de 1961, p. 3.

AGORA

TV

MARIANO PROCOPIO
canal 10

UMA REALIDADE

AGUARDEM A INAUGURACAO

TELEVISÃO é sinônimo de progresso e índice de cultura. Só é possível em cidades adultas, de indústrias e comércio amadurecidos.

A TV-MARIANO PROCOPIO — realidade palpável — é o diploma de maturidade da "Manchester Mineira".

ANEXO 12 - Diário Mercantil, 16 de setembro de 1961, p. 3.



TV ITACOLOMI
canal 4

TV MARIANO PROCÓPIO
(RETRANSMITINDO)

MARIANO PROCÓPIO
canal 10

AGUARDEM!

TV ITACOLOMI

IRMANADAS NO GRANDE PROGRAMA DE
BOA VIZINHANÇA
NO DIA 12 DE SETEMBRO PRÓXIMO

Diretamente de Juiz de Fora a TV ITACOLOMI irradiará para Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Juiz de Fora, em colossal cadeia com a TV Tupi, do Rio de Janeiro, TV Tupi de São Paulo e TV Mariano Procópio (retransmitindo) o grande programa da "BOA VIZINHANÇA", na maior promoção tele-radiofônica já feita de Juiz de Fora para o Brasil, em simpática e justa homenagem à Indústria, ao Comércio e à Sociedade da "Manic hester" Mineira e prestigiando a TV MARIANO PROCÓPIO, em organização.

AGUARDEM A PROGRAMAÇÃO
SERÁ RETRANSMITIDA PELA RÁDIO SOCIEDADE DE JUIZ DE FORA

ANEXO 13 - Diário da Tarde, 4 de outubro de 1961, p.3.

TV MARIANO PROCÓPIO
PRORROGAÇÃO DOS PAGAMENTOS EM ATRASO

De acordo com a resolução da Assembleia Geral dos subscritores, de 21 de agosto de 1961 e o artigo 74, parágrafo 1.º do Decreto-Lei n.º 2627 de 26 de setembro de 1940, ficam os senhores subscritores da TV Mariano Procópio convidados a pagarem as prestações em atraso até 10 de outubro próximo, sob pena de perderem a entrada e as prestações pagas, ficando estas constituídas em mora.

Os recibos acham-se em poder dos mesmos Bancos em que os senhores subscritores começaram a fazer o pagamento.

Aquêles que não receberam o aviso bancário, poderão se dirigir ao telefone 1160, para quaisquer informações.

Juiz de Fora, 21 de setembro de 1961

aa) Renato Dias Filho — Eládio Lopes e José Aureliano de Hollanda —
FUNDADORES

ANEXO 14 - Diário da Tarde, 5 de outubro de 1961, p.6.

PROGRAMA DA BOA VIZINHANÇA

GRANDE IRRADIAÇÃO DA TV ITACOLOMI DE

JUIZ DE FORA PARA O BRASIL

A TV Itacolomi transmitirá de Juiz de Fora em cadeia com a TV Tupi do Rio e a TV Tupi de São Paulo e a TV Mariano Procópio retransmitindo, a seguinte programação, no dia 10 de outubro.

9,50 — Sindicato dos Empregados e os seus problemas — Ismair Zaguetto
 10,00 — A Polícia — por José Aureliano de Holanda
 10,20 — Esportes através dos tempos — por Arides Braga
 10,40 — A Cidade e a sua força pecuarista — por José dos Reis Meireles
 10,55 — Educandário Carlos Chagas e seus problemas — Por Rubens Furtado
 11,15 — Comércio progressista de Juiz de Fora — Por Francisco Frederico
 11,35 — Esportes — Na palavra de Mário Helênio

IRRADIAÇÃO DIRETA DE BELO HORIZONTE

Cadeia conjunta — Rio-São Paulo-Belo Horizonte-Juiz de Fora

12,00 — A Indústria, esta vanguardeira de nossas atividades — Por Antônio Firjan, narração de Rubens Furtado

IRRADIAÇÃO — BELO HORIZONTE-JUIZ DE FORA

13,35 — O Sindicato Patronal e suas realizações — A cargo de Adauto Lemos
 13,55 — A Sociedade de Medicina e sua ação em Juiz de Fora — Por Décio Cataldi
 14,10 — Saudação do Prefeito Olavo Costa — Por Rubens Furtado
 14,20 — Saudação do Sr. General da 4a. Região Militar — Por Luis Colucci
 14,30 — Saudação do Sr. Bispo Diocesano — Por Geraldo Basdon
 14,40 — Broadcasting — Por Rubens Furtado
 15,15 — A Cidade Universitária — Décio Cataldi
 15,25 — Os advogados na Ordem do Dia — Por Rubens Furtado
 15,40 — Conservatório Estadual de Música — Por Luis Colucci
 15,55 — Conservatório Brasileiro de Música — Por Luis Colucci
 16,10 — Pequenos Cantores de São Domingos — Por Décio Cataldi
 16,50 — Ballet — Conservatório Brasileiro de Música — Por Luis Colucci

IRRADIAÇÃO EXCLUSIVA DE JUIZ DE FORA

19,00 — Desfile de debutantes — Por Luis Colucci
 19,35 — Academia de Acordeon — Por Luis Colucci
 19,50 — Broadcasting — Por Cláudio Temponi

21,00 — Grande baile e "show" no Clube Juiz de Fora
 Três conjuntos musicais
 "Meia Noite" — "Copacabana" — "Raffa's"
 Coral Alvorada
 Edmundo Villani e sua música
 Lauro Cataldi e sua Escola de Violão
 Artistas da B-3
 Conjuntos Regionais

SURPRESAS

Tôda irradiação será apresentada pela equipe de locutores da TV Itacolomi de Belo Horizonte e da Rádio Sociedade de Juiz de Fora.

OBS. — Esta irradiação só foi possível por nimia gentileza da TV Itacolomi de Belo Horizonte, que trará a Juiz de Fora seu carro de reportagens e todo equipamento necessário para uma transmissão de Juiz de Fora.

ANEXO 15 - Diário da Tarde, 7 de outubro de 1961, 1ª página.

ormaram, no
que dirigiram
o aos seus
que foram
no sua tarefa
Millo Rossi
senhora da Lar
José Avila
rua Vinte
Tup, a que
que diversos
lo ébrio fosse
os e que, en
ste no local
ando sua con
aturamente
am á disposi
autoridades.

9) Abrigo pa
Dam Bone pa
scesso para
Fora que abri
nistrado de
gados, emp
segalhos pa
no ou emp
ganalho, pa
Marchal
on pelo

A TV-Itacolomi e a TV-Tupi irradiarão diretamente de Juiz de Fora

Será um sucesso o programa da "Boa Vizinhança"



Finalmente, na próxima terça-feira, dia 10 de outubro, Juiz de Fora será vista por milhões de brasileiros nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara e São Paulo, através da cadeia associada de TV, que transmitirá diretamente desta cidade o programa de boa vizinhança.

Várias equipes de técnicos e de aparelhagem se deslocarão do Rio e de Belo Horizonte para o perfeito trabalho diretamente de Juiz de Fora, irradiando simultaneamente para todos os pontos da cadeia de TV.

CONFIRMADO

Conforme foi por nós noticiado anterior-

mente, a transmissão deveria ter sido realizada há alguns dias, no entanto, à vista de motivos supervenientes foi transferida para o dia 10, o que agora se confirma "in totum".

TODOS OS SETORES DA CIDADE

Será o primeiro vez na história que Juiz de Fora se projetará pelo vídeo numa grande área do Brasil, observada em dia inteiro do TV-Tupi do Rio de Janeiro, da TV-Itacolomi, de Belo Horizonte e do TV-Tupi de São Paulo, a que, sem dúvida constitui um privilégio sem par.

De acordo com o programa que está sendo divulgado, no dia 10, todos os setores locais serão focalizados, a começar pelo Sindicato dos Empregados, a polícia, esportes, comércio, indústria, autoridades civis, militares, religiosas, escolas, faculdades, centros artísticos, desfile de debutantes, sociedade, encerrando-se com o "grande ball e" show no Clube Juiz de Fora.

A irradiação e a transmissão estarão a cargo de locutores da TV Itacolomi de Belo Horizonte e da Rádio Sociedade de Juiz de Fora.

PARTICIPAÇÃO DIRETA DA TV-TUPI

Deve-se destacar, especialmente, a participação da TV-Tupi do Rio de Janeiro, que, agora também, dedicará para Juiz de Fora, na próxima terça-feira, uma equipe de técnicos e uma aparelhagem de primeira linha, equipe esta que, com pontos de apoio nesta cidade, irradiará, simultaneamente, para Belo Horizonte e o Estado de Guanabara. Assim também, irradiando diretamente de Juiz de Fora, a TV-Itacolomi e a TV-Tupi.

OS PROJETORES "SCANS-INVICTES" — Tercos-Feira proxima, estarão em pleno funcionamento os projetores "Scans-Invictes" que são vistos ao lado. Será o começo da grande atuação da TV-Maria, Projeto de JE.

ANEXO 16 - Diário Mercantil, 10 de outubro de 1961, 1ª página.

suas florestas! da. retirados da embaixada de (Continua na 7.ª Pág.º Page.

Juiz de Fora é hoje a capital da televisão

Com curiosidade justificada, ontem, a cidade presenciou a chegada da aparelhagem de transmissão das TVs Itacolomi e Tupi. Era o passo decisivo para concretização do que acontecerá hoje: Juiz de Fora a partir das 9 horas estará ao vivo, nos televisores que captam a poderosa cadeia "associada" formada por emissoras de Belo Horizonte, Rio e São Paulo. E o acontecimento é mesmo de júbilo para todos aqueles que amam verdadeiramente esta terra, que confirma, mais uma vez, ser centro de progresso constante.

PRIVILEGIO

A TV Itacolomi trouxe a Juiz de Fora um material raro (são poucas as emissoras que o possuem) e no valor de vários milhões de cruzeiros. Como a Tupi, trouxe o mais completo equipamento de micro-ondas, e uma equipe de técnicos perfeita, a fim de que sejam levadas aos televisores de grande área do País, as mais nítidas imagens. E o ideal tornou-se realidade, num privilégio para a "Manchester" Mineira: a programação será levada a efeito conforme planejada. Juiz de Fora é hoje a capital da televisão.

ESFORÇO CONJUNTO

Tudo isso vem demonstrar os esforços dispendidos pela TV Mariano Procópio, que agindo em conjunto com as "associadas" Itacolomi e Tupi, levará bem alto o renome de Juiz de Fora, com a mostra que dá hoje de suas coisas e sua gente. Em fase de organização, demonstra o que será no futuro, que se delinea bem próximo. Os recursos que as capitais proporcionam, foram dados às equipes belorizontina e carioca. Transmissões serão feitas por moderníssimo carro de reportagem, enquanto nos salões do Clube Juiz de Fora funcionará um estúdio em miniatura.

PROGRAMA DE REAL INTERESSE

Personalidades políticas, religiosas, militares e autoridades locais, participarão desde às 9 horas de palpitantes entrevistas. Assuntos de interesse geral serão abordados de um modo que o espectador se sinta participante real da conversa. A Universidade recém-criada figura entre os assuntos. Com música a cargo de nomes exponenciais e obrigatórios desta arte, desfiles, noticiário, esportivo e policial e reportagens de rua, prosseguirá durante

todo o dia de hoje a fabulosa realização "associada". Com um fêcho de ouro, terminará a transmissão à zero hora, nos salões do Clube Juiz de Fora, por ocasião do baile em benefício do Educandário Carlos Chagas. Dali será televisionada, numa mensagem ao vivo, a "Noite da Boa Vizinhança", primeiro elo formado através das TVs "associadas", entre Juiz de Fora e todas as cidades que captam a imagem perfeita da cadeia "Associada".

GRANDE EQUIPE

A partir das 9 horas será iniciada a programação geral, sob a chefia de Rubens Furtado, e com a colaboração de Décio Cataldi, Mário Helênio, Cláudio Temponi, José Hollanda e Luis Colucci que comandarão, por sua vez, diversos setores da reportagem. Os seguintes locutores da PRB-3, tomarão parte: Ivan Costa, José de Barros, Waldir Pinto, Geraldo Martins, Enéas Ferraz e Helena Bitencourt. Os operadores serão José Costa, Antônio Gonçalves e, na técnica, estará Francisco Barbosa. Portanto, estará completa a equipe associada local, para a certeza de uma programação que agrade a cativa realmente o público.

ANEXO 17 - Diário Mercantil, 10 de outubro de 1961, 1ª página.



Quando o carro de reportagens da TV-Itacolomi chegou em frente à redação "associada", foi colhida a foto. Aparecem a equipe de técnicos e elementos da organização. Está tudo pronto para a transmissão de hoje.

ANEXO 18 - Diário Mercantil, 12 de outubro de 1961, p.4.



O FLAGRANTE DO MOMENTO — Assim começou o “show” para as câmeras da TV-Itacolomi, para os telespectadores de Belo Horizonte (com excelente recepção na capital mineira), para os telespectadores da TV-Mariano Procópio (o nosso transmissor trabalhou direitinho, dia e noite, sem qualquer problema), enfim, para a sociedade de JF — presença das mais finas — que afluíu à bonita **NOITE DA BOA VIZINHANÇA**, momento vivido em benefício do Educandário Carlos Chagas. A foto nos mostra o excelente **CORAL ALVORADA**. (Foto de Jorge Couri, dos “associados”) ..

ANEXO 19 - Diário Mercantil, 12 de outubro de 1961, p.4.



ANEXO 20 - Diário Mercantil, 14 de outubro de 1961, p.3



ANEXO 21 - Diário Mercantil, 14 de outubro de 1961, 1ª página.

Expressiva carta de elogios à TV-Mariano Procópio

Entre as muitas cartas de felicitações pela transmissão de TV do dia 10 do corrente, levada a efeito pela TV Mariano Procópio, em conjunto com a TV Itacolomy, recebidas pelos "Diários Associados", está a do sr. Geraldo Kneipp de Oliveira, que teceu vastos elogios à atuação dos elementos do "Diários Associados". Em certo trecho de sua missiva, diz o sr.

Geraldo: "Estamos certos e confiantes de que, brevemente, nossa cidade estará enriquecida com a tão esperada TV Mariano Procópio".

Agradecemos ao missionista e asseguramos não só a êle, mas como a todos os juizeforanos que a TV Mariano Procópio deixou de ser uma esperança para ser uma realidade.

MISSÃO CUMPRIDA!



JÁ ESTÁ NO AR...

A 14ª EMISSORA ASSOCIADA DE TV

A TV-MARAJÓARA DE BELÉM DO PARÁ

EIS O QUE É ATUALMENTE A GRANDE CADEIA DE EMISSORAS ASSOCIADAS DE TV:

Canal	Inaugurada em:	Investimento	Canal	Inaugurada em:	Investimento		
1.º TV-Tupi Difusora	S. Paulo	4 - 18.9.50	200.000.000,00	9.º TV-Cultura	S. Paulo	2 - 20.9.60	50.000.000,00
2.º TV-Tupi	Rio de Janeiro	6 - 20.1.51	150.000.000,00	10.º TV-Itapoaia	Salvador	5 - 19.11.60	30.000.000,00
3.º TV-Itacolmi	Belo Horizonte	4 - 8.11.55	70.000.000,00	11.º TV-Ceará	Fortaleza	2 - 26.11.60	30.000.000,00
4.º TV-Piratini	Porto Alegre	5 - 20.12.59	50.000.000,00	12.º TV-Paraná	Curitiba	6 - 24.12.60	30.000.000,00
5.º TV-Tupi Difusora	Ribeirão Preto	3 - 25.1.60	15.000.000,00	13.º TV-Marajóara	Belém	2 - 30.9.61	30.000.000,00
6.º TV-Mariana Procópio	Juiz de Fora	10 - 15.4.60	15.000.000,00 *	14.º TV-Rádio Clube	Goiania	4 - *	
7.º TV-Brasília	D. F.	6 - 20.4.60	30.000.000,00				
8.º TV-Rádio Clube	Recife	6 - 4.6.60	30.000.000,00				

* NO AR, EM CARÁTER EXPERIMENTAL SERÃO INAUGURADAS OPORTUNAMENTE

E IS A NOSSA NOVA MISSÃO: ESTAMOS INSTALANDO ESTAÇÕES SATELITES NO INTERIOR DOS ESTADOS QUE POSSUEM EMISSORAS GERADORAS DE PROGRAMAS! COM ISSO, CHEGAREMOS AOS MAIS LONGINQUOS RE-CANTOS DO TERRITÓRIO NACIONAL, COM A MAIS NÍTIDA IMAGEM ONDE HOUVER UM RECEPTOR DE TV NO BRASIL, HÁ SEMPRE PRESENTE A IMAGEM DE UM CANAL ASSOCIADO!

ANEXO 23 - Diário Mercantil, 28 de novembro de 1961, p.3.

★ **AGORA**

JORNAL
telefoto
JORNAL

★ **TODOS OS DIAS**
A partir das 20,15 horas
Depois do Repórter Esso

— Uma síntese fotográfica dos acontecimentos
da cidade

★ **CANAL 10**

ANEXO 24 - Diário da Tarde, 11 de outubro de 1963, p.3.

TV MARIANO PROCÓPIO

JUROS DE AÇÕES

Ficam convidados os senhores subscritores de ações integralizadas da S.A. Rádio Sociedade correspondente ao investimento de TV MARIANO PROCÓPIO para receber juros à razão de 12% ao ano, correspondentes ao 1.º Semestre deste ano, de acordo com resolução das assembleias de 21 de agosto de 1961 e 30 de abril de 1962, das nossas organizações.

No recebimento dos referidos juros, torna-se obrigatória a apresentação da prova de nacionalidade para aqueles que ainda não o fizeram, para fins da lei que regula o funcionamento das emissoras em geral, podendo ser apresentada certidão de nascimento, casamento ou certificado de reservista.

O pagamento está sendo feito em nossa sede própria à Av. Rio Branco, 1.906, diariamente, das 14,00 às 17,00 horas. Informes fone 1160.

Juiz de Fora, 9 de outubro de 1963.

Rádio Sociedade de Juiz de Fora S.A.

RENATO DIAS FILHO — diretor.

ANEXO 25 - Diário da Tarde, 9 de novembro de 1964, p. 3.



ANEXO 26 - Diário Mercantil, 23 de setembro de 1966, p. 4.

23 de setembro de 1966

A PARTIR DE 2ª FEIRA, DIA 26

PELA

TV TUPI

FILMANDO JUIZ DE FORA

— Agora, diariamente, das 16,00 às 17,00 hs. —



JORNAL DA TARDE

o mais completo vespertino da televisão brasileira

APRESENTARÁ

FILMANDO JUIZ DE FORA



ENTREVISTAS	REPORTAGENS
POLÍTICA	ARTES
ESPORTES	POLÍCIA
SOCIEDADE	NOTICIÁRIO

Diariamente filmando e fotografando todos os acontecimentos da cidade para levar ao Brasil, pela estupenda imagem do CANAL 6 — TV TUPI — a vida trepidante da

MANCHESTER MINEIRA!

INEDITO — SENSACIONAL

NARRAÇÃO
CARLOS FRIAS — WALDO MOREIRA — DALVAN LIMA e outros grandes nomes da TUPI!!

REDAÇÃO — Wilson Cid — Laiz Velloso — Mario Helênio — Ricardo Martins e Ismair Zaghetto

CINEMA — Jorge Couri — Jaime Santos — Edy Vasques

SUPERVISÃO — Waltencyr Mattos

Patrocínio exclusivo de **RS MÓVEIS**

RS MÓVEIS QUE O BRASIL COMPRA PORQUE CONHECE

GRANDE PROMOÇÃO DAS "EMISSORAS E DIÁRIOS ASSOCIADOS" DE JUIZ DE FORA

PROJETANDO A "MANCHESTER MINEIRA" NO CENÁRIO NACIONAL! ★

ANEXO 27 - Diário Mercantil, 27 de setembro de 1966, p. 5.

"FILMANDO JUIZ DE FORA"

Primeira edição foi levada ontem ao ar pela TV-Tupi

Foi ao ar ontem, pela primeira vez, no "Jornal da Tarde", da TV-Tupi, o informativo "Filmando Juiz de Fora", com uma síntese noticiosa de importantes fatos ocorridos na cidade, nestes últimos dias.

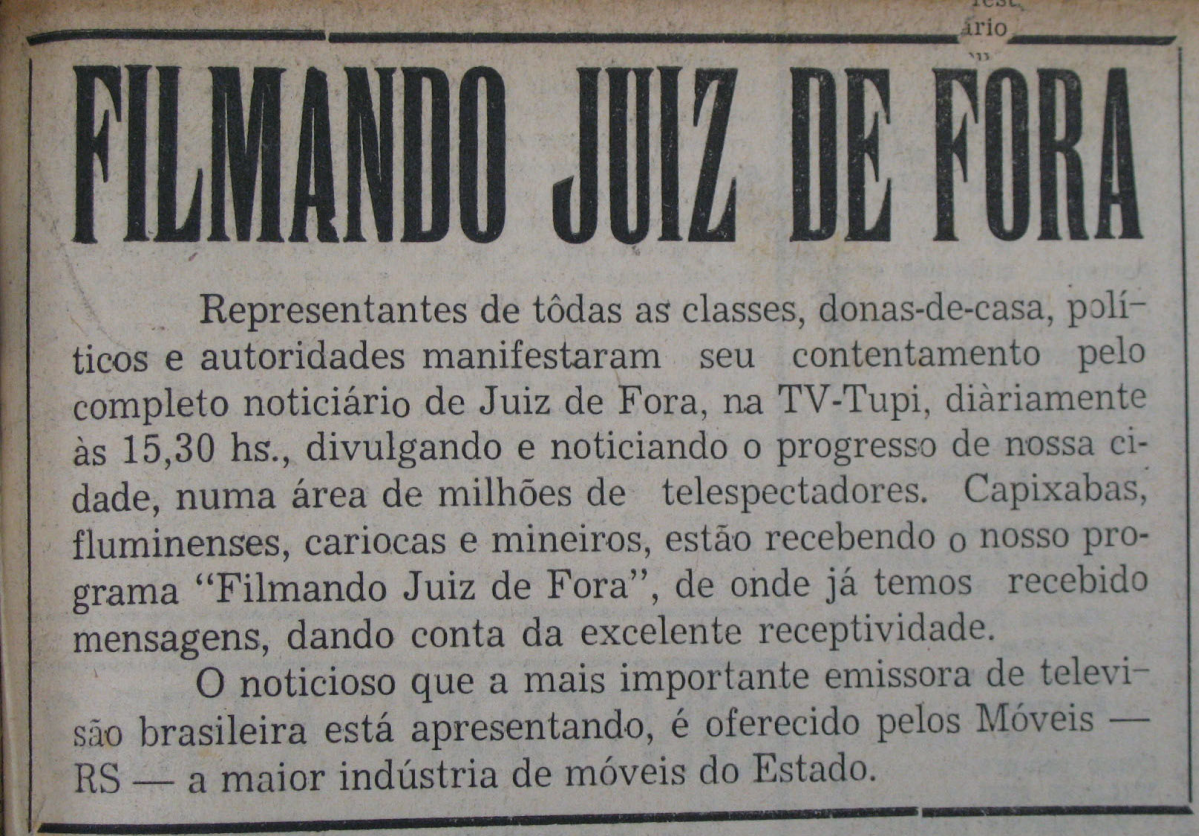
Na oportunidade em que registramos a primeira edição do jornal falado sobre Juiz de Fora, queremos solicitar as devidas desculpas aos teles-espectadores pela mudança brusca de horário, pois em virtude da Lei Eleitoral, o horário de 16 às 17 horas, marcado para a apresentação do "Jornal da Tarde" foi ocupado por candidatos políticos nas próximas eleições. Em virtude de tal fato, "Filmando Juiz de Fora" teve o seu horário antecipado, indo ao ar por volta de 15,15. Não

houve, infelizmente, aviso antecipado ao público sobre a alteração do horário, motivo pelo qual esta explicação se justifica.

"Filmando Juiz de Fora" em sua primeira edição agradou bastante, pelo seu noticiário farto e oportuno, com a projeção de filmes e "slides" e magnífico material informativo. As mensagens de congratulações chegadas à direção do jornal, após o programa de ontem, muito nos desvaneceram.

O patrocínio de "Filmando Juiz de Fora" é de RS, Móveis e Decorações, devendo sua apresentação ser de segunda a sexta-feira, excepcionalmente no horário de 15 horas, face estar o período de 16 às 17 cedido para programas políticos.

ANEXO 28 - Diário Mercantil, 2 de outubro de 1966, 1ª página.



FILMANDO JUIZ DE FORA

Representantes de tôdas as classes, donas-de-casa, políticos e autoridades manifestaram seu contentamento pelo completo noticiário de Juiz de Fora, na TV-Tupi, diàriamente às 15,30 hs., divulgando e noticiando o progresso de nossa cidade, numa área de milhões de telespectadores. Capixabas, fluminenses, cariocas e mineiros, estão recebendo o nosso programa "Filmando Juiz de Fora", de onde já temos recebido mensagens, dando conta da excelente receptividade.

O noticioso que a mais importante emissora de televisão brasileira está apresentando, é oferecido pelos Móveis — RS — a maior indústria de móveis do Estado.

ANEXO 29 - Diário Mercantil, 21 de outubro de 1966, p.3.

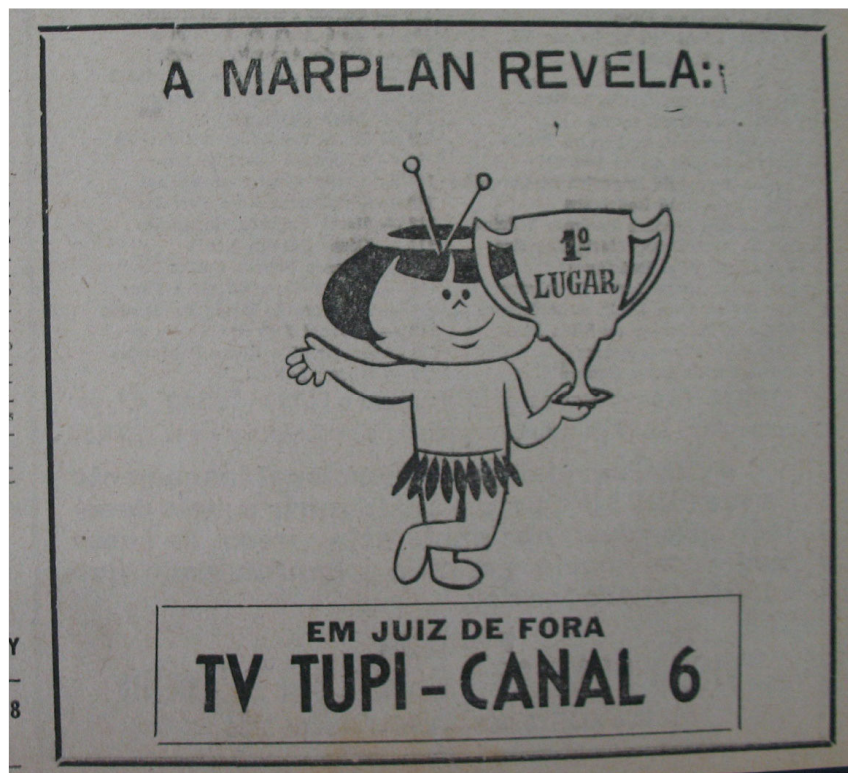


ANEXO 30 - Diário Mercantil, 5 de fevereiro de 1967, p. 3.

→ O AMIGO Agostinho Pestana, através de sua indústria RS-Móveis, patrocinou uma das maiores coberturas da televisão com relação ao carnaval carioca. Vocês viram, certamente, pela TV-Tupi, o que resultou: uma grande propaganda para Juiz de Fora. Os grandes espetáculos do carnaval, os concursos, especialmente, tudo foi feito com uma cobertura em alto estilo, sob o nome de RS-Decorações e Móveis.

* * *

ANEXO 31 - Diário Mercantil, 23 de abril de 1967, p.5.



ANEXO 32 - Diário Mercantil, 1º de maio de 1967, p. 8.

MARPLAN-66

revela:

em Juiz de Fora dos que lêem jornais

49%
LÊEM O DIÁRIO MERCANTIL

50%
LÊEM O DIÁRIO DA TARDE

O 2º jornal de Juiz de Fora tem um índice de 6,2%

Você deve anunciar na
Tábela Conjunta: D.M. e D.T. para atingir a
totalidade dos que lêem jornais

DIÁRIO MERCANTIL / DIÁRIO DA TARDE
caminho certo para vender mais

ANEXO 33 - Diário Mercantil, 28 de maio de 1967, p.2.

DUAS NOVAS E GRANDES ATRAÇÕES
PARA COBERTURA DAS FESTAS EM JF

TV TUPI E TV ALTEROSA



Com programação inteiramente ao Vivo, de locais diversos, com o possante carro comando da
**TV ITACOLOMI
TV TUPI E TV ALTEROSA
SEMPRE NA LIDERANÇA**

projetando para Minas Gerais e todo o Estado da Guanabara

DIA 31 DE MAIO

REPORTAGENS, NOTÍCIAS, ESPORTES, UNIVERSIDADE, TUDO PELAS TVs TUPI E ALTEROSA, dando ampla cobertura de tôdas as festividades sob o patrocínio do comércio e da indústria de Juiz de Fora

com **DIREÇÃO GERAL**

EQUIPE DE TV ASSOCIADA DE JUIZ DE FORA

ANEXO 34 - Diário Mercantil, 4 de junho de 1967, p.15.

JUIZ DE FORA — Domingo, 4 e Segunda-feira, 5 de junho de 1967

DIÁRIO MERCANTIL



Uma nota marcante das festividades do dia 31 em Juiz de Fora foi dada, e, em dúvida, pela presença da TV "Associada" de Minas Gerais, que acompanhou todos os grandes eventos, levando aos espectadores de nosso Estado e de Guanabara as primeiras imagens em televisão do momento de nossa cidade, como pode ser

constatado nesta ampla visualização que a página 2 mostra.

Creio ao apelo de todos os órgãos da comunidade e a indústria de Juiz de Fora a cobertura de vídeo, imprensa e TV das festas, esta grata homenagem foi sempre feita de maneira sempre mais aprimorada.

Através da TV-Tupi e da TV-Altavoz, os grandes eventos do IIIº aniversário de Juiz de Fora foram transmitidos ao vivo, numa seqüência de grandes reportagens, comandadas

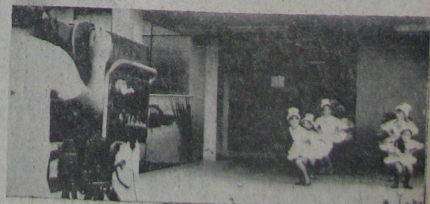
pelos talentos e pela capacidade de elaboração como Wilson Cid, Claudio Tomasi, Paulo Emeryk, Ismar Saccato, Ivan Costa, Mario Hirsano, Walter de Mattos, Heitor Bittencourt, Aparício de Vilhena, Antônio Carlos e outros. Uma seqüência de reportagens foi transmitida e cumprida à risca levando aos telespectadores imagens vibrantes e oportunas em momentos sempre mais aprimorados e as reportagens mais atualizadas.

TV "Associada" deu "show" de reportagem

É de se esperar a preferência a elegância profissional da brilhante equipe de reportagem experiente da TV "Associada", responsável pelo excelente trabalho desenvolvido durante todo o dia 31, dia mais difíceis em pontos da cidade, sob o comando de Pedro Euzébio, homem da primeira linha da TV em Minas Gerais, "superman", que sabedoria e iluminação da TV-Itacolomi mostraram-se prestes a serem eufônicas, assegurando uma transmissão perfeita, seja pelo som limpo, seja pela imagem nítida, seja pela técnica aprimorada.

A direção dos órgãos de Juiz de Fora se sente orgulhosa em não mais ter sido superada por nenhuma outra equipe de reportagem, cobrindo todos os acontecimentos de importância. Seja presente à Universidade Federal de Juiz de Fora, quando da sessão solene de encerramento do I Seminário de Desenvolvimento Integrado da Zona da Mata, seja no terreno do Clube Juiz de Fora, competido, uma vez mais, agradável e interessante, seja em pleno auge da Avenida Rio Branco, na festa popular que deu à cidade um verdadeiro carnaval em julho.

Foi um autêntico "show" que a cidade assistiu no dia 31 através da TV-Altavoz e da TV-Tupi, numa colaboração notável dos órgãos associados de Juiz de Fora e de Minas à gratíssima efeméride que



ANEXO 35 - Diário Mercantil, 1º de novembro de 1967, p.3.

**mais cedo
do que
vocês
esperavam**



12.40.HS

Agora, a Tupi está próxima de você muito mais cedo, com uma programação viva, atual e dinâmica.

Às 12:40 - JORNAL DA TARDE - Às 13:30 - NO REINO DA MÚSICA - Às 15:00 - BOA TARDE -

TV

TUPI canal 8

ANEXO 36 - Diário Mercantil, 8 de novembro de 1967, 1ª página.



FILMANDO JUIZ DE FORA

H O J E , no mais completo telejornal de Juiz de Fora, às 18,50 — Canal 8 — os seguintes assuntos:

Festival Mineiro da Canção transfere-se para Juiz de Fora — Israel criticado pelo abandono a que relegou a cidade — desaparece conceituado comerciante — D. Geraldo vai ao Rio, para a conferência dos Bispos brasileiros — Justiça do Trabalho tem novo juiz — Associação dos Diabéticos reelege presidente — carioca é o ganhador dos Jogos Florais — cidade em segundo lugar em Minas — prefeito homenageado pelos cegos.

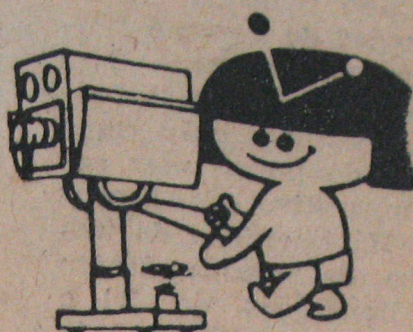
Este telejornal é apresentado pela AV ALTEROSA, de Belo Horizonte.

ANEXO 37 - Diário Mercantil, 20 de dezembro de 1967, p. 8.

Canal 8 apresentará longa programação de Juiz de Fora

HOJE, 4a. feira, às 20 horas e 30 minutos, a rede TV TUPI-ALTEROSA — Canal 8 — apresentará uma longa programação especial sobre Juiz de Fora, na qual serão focalizados os aspectos comerciais, artísticos e industriais de nossa cidade. Trata-se de um importante acontecimento para a divulgação de Juiz de Fora, patrocinado pela Vidraria Pestana e Têxtil Kirillos e co-patrocinado pela União de Bancos Brasileiros S.A., Empresa Unida, Drogaria Americana, Supermercado Tremendão, Cia. Cervejaria José Weiss, Empresa Lord, Fábrica de Doces Souvenir, Cia. Mineira de Cervejas, Bábio & Basic, Viação Dias, Viação Santa Luzia e GINO Restaurante.

ANEXO 38 - Diário Mercantil, 13 de março de 1968, 1ª página.



FILMANDO JUIZ DE FORA

Hoje, no mais completo telejornal de Juiz de Fora, às 18,40 — Canal 3 — os seguintes assuntos:

Vestibular volta a movimentar estudantes insatisfeitos — Temporal cobriu muitas ruas de lama — Cidade Industrial e infraestrutura — Arcebispo vai a Bicas — Israel pode reiniciar Palácio da Justiça a 31 de maio — convênio para usina de asfalto com capital alemão — Justiça Militar tem novo Conselho — aula inaugural na Universidade — defesa da encosta do Morro do Redentor.

Este telejornal é apresentado pela TV Alterosa, de Belo Horizonte.

ANEXO 39 - TV Tupi – TV Alterosa: show na cobertura do carnaval. Carnaval 68. Diário Mercantil, 31 de março de 1968, p.7.



**DE CARNAVAL
A CARNAVAL**
Continuação da página 19)

Círculo Militar, Dom Pedro II, Mariano Procópio, A. A. Vasco da Gama, Associação dos Sargentos, Sport Club Juiz de Fora, Tupi F. C., Tupinambás F. C., Gaícaras, Olímpico A. C., Elite Clube, Sindicato Têxtil, Mineira de Eletricidade, Pálace Hotel, Dreams Clube, A. A. Glória, Industrial Mineira, Associação dos Empregados do Comércio, S. C. Borboleta, C. A. FEBA, Flamengo F. C., Sport Club Floresta, Ginástico, etc etc. Talvez, quem sabe, tantos bailes carnavalescos, sejam os responsáveis pelo chamado "fracasso do Carnaval de rua". Fica no ar a pergunta: O Carnaval de rua está morrendo?

Ao encerrar, nós dizemos apenas isto: Carnaval é Povo e Povo é Carnaval. Enquanto houver um samba para se cantar, uma marchinha para se pular e a necessidade de extravasamento das amarguras e dificuldades por que se passa durante todo o ano, o Carnaval não morrerá nunca; há de permanecer sempre na lembrança, a saudade de uma mascarada e a emoção de uma melodia que dentro da folia carnavalesca nos retemperaram as energias para continuarmos a en-

TV Tupi-TV Alterosa: Show na cobertura do Carnaval



Milhares de metros de filmes foram consumidos. Quase trinta companheiros foram requisitados para formar a equipe que fez a cobertura nos clubes, nas ruas e onde estivesse a notícia. No calor dos salões, no frio da avenida, debaixo do sol e da chuva, toda uma equipe se movimentou durante os quatro dias de Momo. Interessada somente em oferecer aos telespectadores em verdadeiro SHOW DE CARNAVAL.

NUNCA o carnaval de Juiz de Fora teve tanta projeção e foi tão visto e admirado como este ano. Centenas de cidades puderam acompanhar, durante uma semana, pela imagem da TV TUPI e TV ALTEROSA, a alegria intensa que reinou em JF no período momesco. Nunca, também, uma equipe se desgobrou tanto para cumprir sua missão. Um exemplo: quando se utilizava um rolo de filme, ele era imediatamente enviado ao nosso laboratório, onde se processava a revelação, copia e montagem. Era preciso ganhar tempo. Com isto — um corre-corre tremendo: em todos os lugares ao mesmo tempo. Waltencyr Mattos comandou essa equipe. Tarimbado, profundo conhecedor do assunto, sorria sempre ao término de uma "tomada".

E partiam para novo "take". Foi assim, onde o prazer do trabalho se mesclava com a alegria ambiente, que a equipe funcionou. Com o apoio de cinco importantes firmas locais (RS-MOVEIS — FABRICA NATAL DE ARTIFATOS DE PAPEL-TREMENDÃO CEREJAS — DEPOSITO DAS FABRICAS — CIA. CERVILJARIA JOSE WEISS), a TV TUPI e a TV ALTEROSA, promoveram altamente o nosso carnaval — sem dúvida alguma dos mais animados do Brasil.



Nas câmeras de Jorge Couri, Edy Vasques e Jaime Santos ficaram registradas as mais belas cenas do Carnaval de 1968. Depois, pelas TVs Alterosa e Tupi, milhões de mineiros tiveram oportunidade de conhecer a grande festa que o juizforano viveu, o que também ajudou a divulgar a nossa cidade.

Carnaval dos Têxteis